

O MAR É INDOMÁVEL



WERE WORLD

TEMPESTADE DE TUBARÕES

"Game of Thrones para adolescentes."

School Library Journal



CURTIS JOBLING

Benvirá



WEREWORLD



TEMPESTADE DE
TUBARÕES

CURTIS JOBLING



TEMPESTADE DE
TUBARÕES

Tradução
Alexandre Boide

Benvirá



Avenida das Nações Unidas, 7221 - 1º andar, Setor B
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP: 05425-902

SAC

0800-0117875

De 2ª 6ª, das 8h00 às 18h00

www.editorasaraiva.com.br/contato

Presidente	Eduardo Mufarej
Vice-Presidente	Cláudio Lensing
Diretora editorial	Flávia Alves Bravin
Editores	Débora Gutterman, Paula Regina Carvalho, Lúgia Maria Marques, Tatiana Vieira Allegro
Produção editorial	Deborah Mattos, Rosana Peroni Fazolari
Comunicação e produção digital	Mauricio Scervianinas de França, Nathalia Setrini Luiz
Suporte editorial	Juliana Bojczuk Fermino
Produção gráfica	Liliane Cristina Gomes
Preparação	Alessandra Miranda de Sá
Revisão	Laila Guilherme e Maria Fernanda Alvares
Diagramação	Johannes C. Bergmann
Imagem de capa	Andrew Farley

ISBN: 978-85-5717-057-5

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Jobling, Curtis

Tempestade de Tubarões / Curtis Jobling ; tradução de Alexandre Boide. – São Paulo : Benvirá, 2016.

384 p. (Wereworld, 5)
ISBN: 978-85-5717-057-5
Título original: *Wereworld - Storm of Sharks*

1. Literatura inglesa - Ficção. I. Título. II. Boide, Alexandre

16-0834
CDD-823
CDU-82-3 (410)

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa - Ficção

Copyright © Curtis Jobling, 2013.
Copyright das ilustrações © Andrew Farley, 2013
Publicado originalmente na Inglaterra em língua inglesa por Penguin Books Ltd.
Título original: *Wereworld – Storm of Sharks*
Todos os direitos reservados à Benvirá, um selo da Saraiva Educação. www.benvira.com.br

1ª edição, 2016

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Saraiva Educação. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

CL 670704

A Matilda Rose Cullen

LYSSIA

E OS SETE REINOS



- | | |
|----------------------------|----------------------|
| 1 ILHAS CLUSTER | 12 PORTO DE BALE |
| 2 MAR BRANCO | 13 DENTES |
| 3 BAÍA DE TODOS OS SANTOS | 14 RIO STEPPEN |
| 4 COSTA GÉLIDA | 15 PORTO DE STALLION |
| 5 TERRAS ÁRIDAS | 16 MAR DE SABRE |
| 6 GRANDE ESTRADA OCIDENTAL | 17 BAÍA DO SANGUE |
| 7 RIO REDWINE | 18 RIO SILVER |
| 8 ESTRADA DYMLING | 19 COSTA RUBRA |
| 9 BAÍA DA SAFIRA | 20 RIO ROBBEN |
| 10 CABO GALA | 21 LAGO ROBBEN |
| 11 ESTREITO DA LYSSIA | 22 BAÍA DA MISÉRIA |

Sumário

PARTE I - PASSAGEM PERIGOSA

1. Lacaios e serviçais
2. Emissário da morte
3. Agraciado
4. À mesa da capitã
5. Foras da lei
6. Conspiradores

PARTE II - SEM DEFESA

1. Os tentáculos do Kraken
2. A Mãe de Icegarden
3. Olhos mortos
4. O emissário
5. Cortejo
6. Pesca acidental

PARTE III - MARES ESCARLATE

1. Sob a superfície
2. O Piloto
3. O Tubarão, as algemas e uma canção
4. Estranho conselho
5. Banquete para a noiva
6. Grito de Lobo
7. O enfrentamento
8. A justiça do rei

PARTE IV - REVIDE

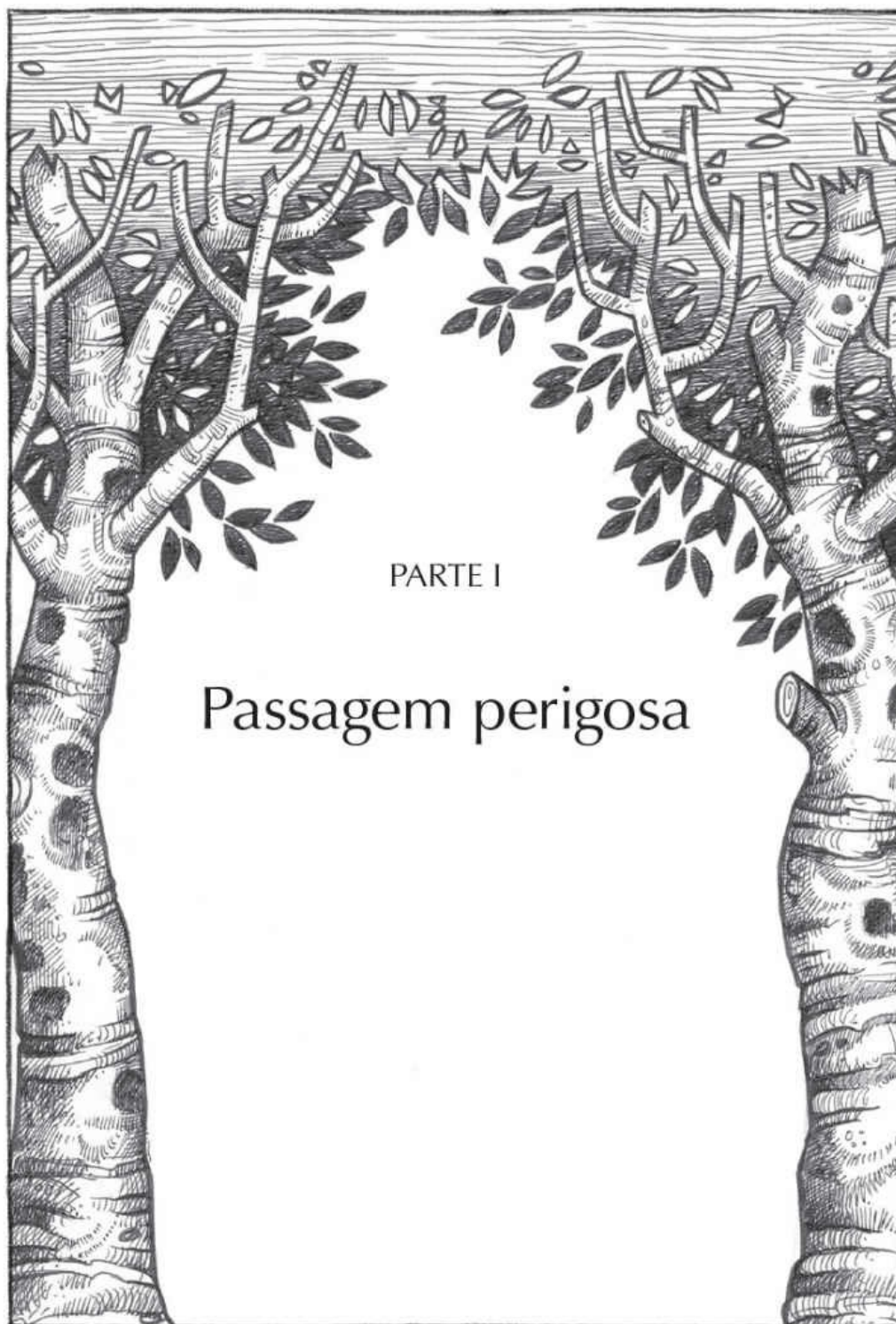
- [1. A fortaleza marinha do Kraken](#)
- [2. Sangue do Lobo](#)
- [3. Laços rompidos](#)
- [4. Balada do massacre](#)
- [5. Tentáculos do terror](#)
- [6. Cruzando o Redwine](#)
- [7. A cavalgada do Leão](#)
- [8. Acerto de contas](#)

[PARTE V - A VIRADA](#)

- [1. O Nêmesis](#)
- [2. A Capela de Brenn](#)
- [3. Amor de mãe](#)
- [4. O afastamento das trevas](#)
- [5. A escolha](#)
- [6. Pescaria](#)
- [7. A história da Tigresa](#)
- [8. Talento desperdiçado](#)

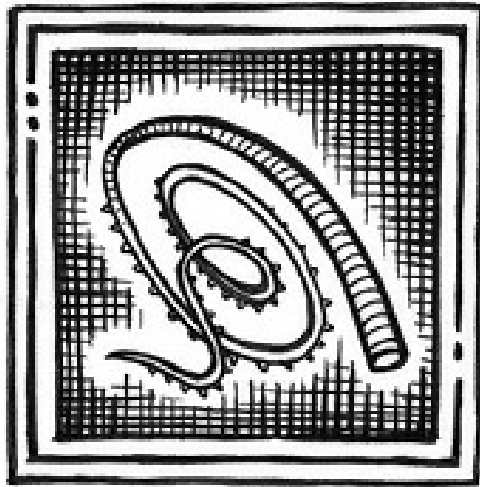
[PARTE VI - ONDAS DE GUERRA](#)

- [1. A floresta esmeralda](#)
- [2. Sangue ruim](#)
- [3. O incêndio de Bray](#)
- [4. O Fórum dos Anciãos](#)
- [5. Aprisionado](#)
- [6. O triângulo partido](#)
- [7. O sono eterno pode esperar](#)



PARTE I

Passagem perigosa



Lacaios e serviçais

Quando o inverno enfim amenizou seu jugo cruel sobre a Costa Gélida, a Baía de Todos os Santos aos poucos foi voltando à vida. Os píeres e atracadouros, semanas antes restritos às naus mais robustas, estavam ocupados por embarcações de todos os tamanhos, com barcos de pesca desgastados pelo tempo lado a lado com os cascos encrustados de conchas dos gigantescos navios que cruzavam o oceano. As tavernas e as hospedarias, tão silenciosas durante os meses mais difíceis, voltavam a ficar cheias de vida, com capitães do mar e comerciantes barganhando mercadorias enquanto almas menos afortunadas afogavam suas mágoas. As ruas fervilhavam de atividade, e a primavera enchia de esperança quem circulasse pelo movimentado porto. A Baía de Todos os Santos estava viva de novo, embora houvesse um custo para isso.

Um Leão voltara a governar a Westland. O recém-coroadado rei Lucas havia reivindicado o trono usurpado de seu pai por Drew Ferran, o jovem Werewolf. Os Catlords de Bast tinham vindo em auxílio de Lucas, engrossando as fileiras do Leão com guerreiros bastians, fortalecendo assim seu domínio sobre os Sete Reinos e ajudando a controlar os Werelords do Conselho Lupino pela força da espada. Werelords transmorfos de todas as cores e formas haviam marchado em apoio a Lucas, oferecendo a lealdade de suas terras escravizadas. Lucas governava com garras de ferro, arrancando cada cobre do bolso da população e pressionando-a a se alistar em seu exército de Mantos-Rubros. Muitas esposas tinham sido transformadas em viúvas durante sua tentativa de destruir o último Lobo cinzento e todos os simpatizantes de Drew.

A presença da Guarda Leonina nunca fora tão ostensiva na Baía de Todos os Santos. Muitos habitantes locais preferiam manter uma distância cautelosa, em virtude da reputação de violenta dos soldados do rei, conhecida

de todos. Como acontecia em todo o território sob o controle de Lucas, a Guarda Leonina arregimentara uma força formada pela população nativa. Apesar de muita gente relutar em “vestir vermelho”, alguns haviam ficado felizes em jurar lealdade ao rei Lucas. Os Mantos-Rubros da Baía de Todos os Santos abrangiam uma grande porção desses homens, recrutados entre desocupados e ladrões. Um ou outro capitão bastian ou lyssiano de linhagem mais nobre completava o contingente, mas a maior parte da Guarda Leonina era um bando cruel. Raro era o dia que se passava sem alguma demonstração de brutalidade, o que deixava os moradores sempre temerosos de seus, assim chamados, guardiões.

Whitley estava no Afogado, sentada a uma mesa nos fundos do bar enfumaçado, o capuz do manto de viagem escondendo seu rosto. Apesar da cabeça sempre baixa, seus olhos registravam tudo, observando a clientela da hospedaria. Havia poucos presentes cuja terra natal ela era capaz de identificar. Marinheiros de pele cor de oliva, vindos do sul, bebiam ombro a ombro com os homens de pele clara do norte, conferindo ao bar um aspecto cosmopolita. Um sujeito passou ao lado de sua mesa, o rosto envolvido por um *kash* omiriano, o adereço de cabeça mais usado no Reino do Deserto. Ele estreitou os olhos para ela antes de se juntar aos companheiros em um canto mais afastado. Whitley ficou olhando para a caneca quase vazia, evitando contato visual. Ali estava ela, uma das transmorfas mais procuradas de toda a Lyssia, sob o nariz da Guarda Leonina, oculta em meio a um mar de rostos desconhecidos.

Ela e seus companheiros tinham testemunhado o senso de justiça dos Mantos-Rubros enquanto caminhavam pelas ruas íngremes e abarrotadas rumo ao porto. Os restos mortais dos inimigos do rei Lucas estavam pendurados em forcas espalhadas pelo caminho, como uma espécie de aviso. Se eram culpados de algum crime ou não, Whitley jamais saberia, mas ninguém merecia aquele destino. Seu pai, duque Bergan, o Werebear, havia executado homens no passado. Mas esses cerimoniais nunca aconteciam em público: eram um meio para determinado fim, a punição por crimes cometidos, realizada a portas fechadas. O fim chegava com um golpe de machado — era essa a lei em Brackenholme. Whitley não conseguia sequer imaginar o sofrimento da família dos enforcados, vendo seus entes queridos balançando em cordas, com corvos e gaivotas bicando seus cadáveres. A justiça do rei era um negócio cruel, e, a julgar pelo número de cadafalsos nas

ruas da Baía de Todos os Santos, o negócio ia bem.

— Uma multidão está se juntando.

Whitley ergueu os olhos quando a figura imponente de Yuzhnik se materializou ao lado da mesa. O gigantesco romari estreitou os olhos para espiar através dos vidros sujos da janela. Whitley seguiu seu olhar, levantando a cabeça para observar a comoção. E, de fato, um grupo ruidoso de homens se reunia na escuridão. Era possível ver os mantos vermelhos da Guarda Leonina sob a luminosidade das tochas enquanto um prisioneiro era conduzido pela rua.

— Mais um enforcamento? Mais um assassinato?

— Isso não é da nossa conta — retrucou Yuzhnik, interrompendo secamente a conversa antes que alguém se exaltasse.

Ele estava certo, claro, concordou Whitley. Não tinham ido à Baía de Todos os Santos para chamar atenção. O porto de pesca era só uma plataforma de acesso ao Mar Branco, seu verdadeiro destino. Soltando um suspiro, ela desviou a atenção da janela, concentrando-se em seu companheiro grandalhão.

— Conseguiu encontrá-lo?

— Consegui encontrá-la — respondeu Yuzhnik, coçando o queixo, incomodado. — Falei com o imediato dela, senhor Ramzi. Vamos encontrar a capitã Violca a bordo de seu navio, o *Golpe de Sorte*.

Um homem baixo e com o semblante transparecendo irritação afastou-se do balcão nesse exato momento. Seu bigode envergado para baixo reluzia, e os cabelos longos e negros caíam sobre as argolas douradas em suas orelhas. Ele fez um breve aceno para Yuzhnik ao passar, a caminho da porta.

— Esse é o sujeito. Mais pinta de pirata, impossível.

— Quando ela vai nos receber?

— Quando você quiser. Violca vai zarpar quando os sinos do templo de Brenn badalarem dez vezes e a Guarda estiver ocupada com as brigas de bar. O *Golpe de Sorte* tem outras... *encomendas* para pegar antes de ir para o mar. E com certeza Violca vai continuar negociando até a hora de levantar âncora. Contrabandistas jamais recusam um serviço.

Whitley estendeu o braço, pousando a mão sobre a gigantesca e calejada

palma de Yuzhnik. O romari teve um sobressalto ao ser tocado, olhando-a com uma expressão de surpresa. Ela apertou de leve sua mão.

— Vai voltar para a floresta agora? — ela perguntou baixinho.

— Vou, sim, mi... minha amiga. — Yuzhnik sorriu, segurando-se para não chamá-la de milady. Era preferível deixar as boas maneiras de lado a expor a identidade de Whitley para as pessoas ao redor. “A floresta” era o nome que usavam para se referir à terra natal da Bearlady, a cidade de Brackenholme, no coração da Dyrewood.

— Meu povo escoltou você até aqui, conforme prometido. Não se preocupe. Violca é de confiança. Baba Soba garantiu que a capitã sempre foi uma boa amiga dos romaris. Sendo assim, é também sua amiga e do “pastor”.

Whitley sorriu ao ouvir a menção ao “pastor”, outro codinome dos mais apropriados.

— Por falar no pastor, onde está ele? — acrescentou o romari, percorrendo o salão com os olhos.

— Está lá na varanda. Acho que não queria chamar mais atenção para a nossa presença. Afinal, metade da Lyssia está à caça do homem de uma mão só.

Terminando a caneca de chá, ela levantou-se da mesa para se colocar ao lado do romari.

— Vai cuidar bem da minha mãe? — perguntou Whitley. Era uma indagação desnecessária: o povo romari jurara lealdade ao Lobo e seus aliados, e isso incluía o povo do Reino da Floresta.

— Vamos cuidar bem de *todo* o seu povo, pequenina, por quanto tempo for necessário. As estradas que entram e saem da floresta vão continuar sendo nossas: somente a morte aguarda quem for tolo o bastante para viajar por elas. Apenas trate de voltar, e traga um exército com você.

Whitley concordou com a cabeça, sentindo-se confortada pelas palavras de Yuzhnik. Apanhando suas coisas, foi caminhando para a porta, o romari logo atrás. Quando subiu para a varanda, a jovem olhou para os dois lados, à procura do companheiro que os aguardava na escuridão. Nenhum sinal dele.

— Você não falou que ele estava aqui? — perguntou Yuzhnik, a testa franzida enquanto descia os degraus.

Com a noite caindo sobre a Baía de Todos os Santos, o porto parecia ter sofrido uma transformação em comparação com a hora em que haviam chegado. As barracas de feira tinham sido desmontadas e substituídas por armadilhas de lagosta e redes espalhadas pelo chão de pedra do cais. Os pescadores da cidade descarregavam sob a luz de lanternas o que haviam apanhado durante o dia. Os trabalhadores mantinham a cabeça baixa, ficando fora do caminho dos homens reunidos em torno de um tronco com manchas negras de queimado. Surpresa, Whitley ficou observando os moradores se esconderem dentro de casa. Janelas e cortinas se fecharam quando o cais se transformou na área de lazer da Guarda Leonina e de seus simpatizantes.

A plateia ao redor era de mais ou menos uma dúzia de pessoas, gritando incentivos para três soldados que arrastavam um jovem com uma cabeça de lobo pintada com piche no peito. Um Manto-Rubro segurava uma tocha acesa, enquanto outro empurrava o garoto para o cepo. A viga de cima foi baixada, prendendo o prisioneiro pela cabeça e pelos punhos na estrutura de madeira, para delírio de quem assistia. A presença dos espectadores deixou Whitley enojada: eram simpatizantes que haviam recebido de braços abertos as forças de ocupação, enquanto seus vizinhos sofriam. Quando o capitão sacou um chicote, a audiência deu um passo para trás.

— Sei que todos estão me ouvindo! — ele gritou, sua voz ecoando pelas ruas vazias. — Não sejam tímidos: abram as janelas! Deem uma olhada no que os espera se ficarem ao lado do Lobo!

O Manto-Rubro começou a andar de um lado para o outro, deixando o fio do chicote arrastar no chão empoeirado. Um outro soldado ergueu a tocha bem alto, para que todos vissem. Whitley se deu conta de qual seria o destino do jovem. O piche no peito, a chama, o cepo com manchas de queimado: a Guarda Leonina pretendia queimá-lo vivo! Uma velha atirou uma pedra na cabeça do rapaz, e os joelhos dele cederam quando o sangue começou a escorrer de sua testa. Quem quer que fosse, e o que quer que tivesse feito, não merecia aquilo.

— Bajuladores — murmurou Yuzhnik, cuspiendo no chão com uma expressão de desprezo. — *Onde* está o pastor?

Whitley deteve o passo, estendendo a mão para segurar o braço do romari, os olhos focalizando um ponto além da multidão.

— Brenn nos livre e guarde...

O capitão dos Mantos-Rubros brandiu o chicote, estendendo o braço para trás, pronto para atacar. Um sorriso sinistro desenhou-se em seu rosto quando ele estalou o couro na direção do prisioneiro. A ponta do chicote, porém, não acertou o garoto. O trajeto da arma foi interceptado por alguém atrás do homem da Guarda Leonina. O braço do capitão estalou, e um berro de dor escapou de sua garganta quando o chicote foi puxado violentamente. O Manto-Rubro girou como um pião, seu braço deslocado se agitando de um jeito nada natural antes de ele ir ao chão. A plateia e os outros homens da Guarda Leonina se viraram imediatamente, olhando para a figura que se aproximava.

Aquilo não estava previsto no plano. Era para passarem despercebidos pela Baía de Todos os Santos, como fantasmas, como espectros carregados pelo vento. De pé na varanda da hospedaria, Drew Ferran havia experimentado uma sensação familiar de desolação quando o garoto e a multidão apareceram. Não podia ficar só olhando, sem fazer nada. Drew tinha contornado a plateia, desaparecendo nas sombras logo atrás, pronto para intervir. Sua mente e seu coração haviam se preparado, e a respiração se acelerara quando o sangue da fera passara a correr em seu corpo em transformação. Pelos escuros tinham surgido na pele maltratada pelo tempo, e os músculos haviam crescido, grunhindo sob a armadura rígida de couro.

Com a mão livre, o membro caído da Guarda Leonina sacou uma faca da cintura, erguendo-a no ar enquanto se esforçava para ficar de pé. Ele rosnou e avançou para o agressor que se escondia na penumbra, o braço ferido imobilizado junto ao corpo. Só percebeu que tipo de fera enfrentava no último e aterrorizante instante, quando o Lobo se arremessou contra seu peito e o lançou em cima dos espectadores aos berros. O guarda deu um salto-mortal no ar, os membros se agitando em desespero, antes de cair de cabeça no chão. Drew Ferran, o Lobo cinzento da Westland, deu um passo à frente.

A plateia — tão valente momentos antes, enquanto os soldados torturavam o prisioneiro — se virou, pronta para correr. Enquanto o soldado com a tocha permanecia ao lado do cepo, seu companheiro avançou com a lança. O Werewolf se contorceu quando a ponta da arma do homem o atingiu abaixo da armadura. Drew rosnou, sentindo o aço rasgar suas entranhas. Ergueu o braço esquerdo com força e rapidez, acertando um soco no queixo do Manto-Rubro. A ponteira de aço em seu punho acertou o alvo com perfeição, destruindo os ligamentos e a mandíbula do oponente. A lança foi

ao chão junto com o homem da Guarda Leonina, que tombou, engasgado e desnortado por causa do osso quebrado na face.

O Manto-Rubro que restou brandia a tocha. Drew tentou se esquivar, mas a fúria do homem fez a chama atingir o alvo, acertando o Werewolf com força no rosto. Flores incandescentes brotaram diante de seus olhos quando a luz intensa da tocha o cegou. As faíscas caíam de sua cabeça, e a fumaça fustigava sua garganta enquanto os pelos se incendiavam. Drew tinha plena consciência do perigo que o fogo representava, pois havia testemunhado em primeira mão o efeito de queimaduras sobre os transmorfos, apesar do poder de cura quase mágico que possuíam. Levantou o antebraço até a altura do rosto, tentando afastar o calor dos olhos, mas não havia jeito: o brilho intenso engolfou seu campo de visão. O Werewolf recuou, e o homem da Guarda Leonina aproveitou para tomar a frente da situação.

— Será possível? O lendário Lobo que os meus mestres tanto temem aqui, na Baía de Todos os Santos? E com medo de um simples foguinho?

O soldado golpeou o abdome do Werewolf cego com a chama. A tocha sibilou ao entrar em contato com a carne, e o Manto-Rubro aprofundou o golpe mais um pouco, fazendo Drew uivar de agonia. O guarda deu um passo para trás, enfiando os dedos na abertura superior da armadura de aço, sem parar de brandir a tocha em movimentos largos, mantendo o atordoado Lobo a distância.

— Imagine só o que vão dizer de mim! — Ele soltou uma risada enlouquecida. — Sargento Kramer, o homem que capturou o Lobo!

Com um sorriso triunfal, apanhou o apito sinalizador e o levou aos lábios. Com a outra mão, apontou a tocha para o jovem besuntado de piche preso no cepo.

As chamas não alcançaram o prisioneiro, pois o braço que empunhava a tocha foi cortado pelo machado de Yuzhnik. O membro amputado e a madeira incendiada caíram ao chão, e o Manto-Rubro soltou um grito de terror. A parte mais afiada do machado silenciou seu grito, atingindo-lhe a têmpora e produzindo um estalido assustador.

Whitley correu para junto de Drew, segurando o rosto queimado do rapaz entre as mãos enquanto ele voltava à sua forma normal. Os pelos escuros e chamuscados se retraíram, o focinho se encolheu e voltou para dentro do crânio. Os caninos grossos e poderosos ocultaram-se nas gengivas,

como se fossem portas corrediças de marfim retornando à posição inicial. Os olhos amarelados perderam o brilho, e o temível Werewolf voltou a ser um simples rapaz da Costa Gélida. Drew piscou algumas vezes, tentando focalizar sua amiga.

— Nossa tentativa de ser discretos acabou de cair por terra — murmurou Whitley, afastando os cabelos chamuscados de Drew de seu rosto. O jovem Wolflord abriu um sorriso, encolhendo-se ao toque dela.

— Pensei que a essa altura você já me conhecesse — ele falou. — Não sirvo muito bem para ser espectador.

O romari acertou o machado no cepo e rachou a madeira, atento à presença dos pescadores, que observavam tudo. Yuzhnik pegou o jovem aterrorizado, colocando o braço ao redor dele.

— Então você é um defensor do Lobo, garoto? Mesmo que não fosse, acho que a partir de agora vai ser.

Um dos pescadores aproximou-se correndo, dirigindo-se freneticamente ao grupo:

— Depressa! Os informantes dos Mantos-Rubros logo vão contar o que acabou de acontecer. Daqui a pouco, virão todos para cá.

Whitley deslizou os olhos pelo espaço ao redor, notando rostos curiosos que espiavam pelas janelas. Ouviu gritos a distância, chamando a atenção da guarda, e se virou para Yuzhnik.

— Quais são as chances de Violca zarpar mais cedo com o *Golpe de Sorte*?

— É melhor você torcer para ela estar de bom humor — disse o romari, virando-se para o pescador. — Leve-nos até lá, amigo.

Whitley seguiu Yuzhnik quando o romari e o jovem prisioneiro foram atrás do pescador pelas docas. Mas logo parou, ao perceber que Drew não vinha com eles. O jovem Wolflord estava parado ao lado do cepo partido, a mão no rosto. Ela correu até ele e o puxou pelo braço.

— Depressa, Drew. Não temos tempo a perder.

— Pode acreditar, a última coisa que eu quero é ficar aqui — respondeu o jovem, virando o rosto manchado de lágrimas para Whitley. Seus olhos vermelhos pousaram nela. — Eu estou cego.



Emissário da morte

Seus pés descalços batiam com força no chão de pedra, e a cada passo ele ficava mais próximo do alto da torre. O luar se refletia nas paredes escuras da escadaria, tornando mais nítido o contorno das paredes à medida que se aproximava do topo. Suas pernas cansadas o impulsionavam para cima sem parar, como se seus membros possuíssem vontade própria, conduzindo-o inexoravelmente às alturas. Sua mão enegrecida deslizava pelo corrimão de corda em espiral, os dedos esqueléticos se fechando para içá-lo aos últimos degraus, ao alto da Torre do Osso.

O vento soprava com força, ameaçando arremessá-lo lá para baixo. O desgastado para-raios, com manchas negras devido à ação das intempéries, rangia no local onde fora chumbado ao parapeito. Ele sabia que estava sonhando, mas o metal estalando e a sensação do ar em movimento a seu redor eram absurdamente reais. Dava até para sentir o odor do gelo na brisa que vinha das montanhas cobertas de neve; sentir o gosto do sangue e da fumaça da batalha mais abaixo; e sentir a carícia gélida e cruel do frio sturmiano no vento que vinha do norte. Aproximou-se da beirada caindo aos pedaços, e a cidade de Icegarden de repente se revelou.

O fogo queimava ao sul, com as fortificações do Urso Branco abaladas pelas chamas do exército do Leão. O campo de batalha estendia-se pelas encostas das Whitepeaks — grandes campos de gelo agora transformados em rios de lama revirada devido à chegada da primavera e o consequente avanço dos bastians sobre Icegarden. As fogueiras de campanha espalhavam-se pelas Terras Áridas, ocupadas pelas poderosas forças de Lucas. Mais próximo de Icegarden ficava o acampamento dos cercados e apossados Bearlords, com fogueiras em menor número e fileiras reduzidas. Seus olhos não se detiveram muito tempo sobre os inimigos. Eles não eram a razão de sua excursão noturna.

Ergueu o pé direito no ar, pousando-o no parapeito de pedra branca. O piso sob a sola de seu pé era áspero e irregular, dando-lhe uma sensação assustadoramente realista. “É só um sonho”, lembrou a si mesmo. Ainda assim, foi preciso resistir ao desejo de seu corpo de erguer o outro pé e subir no parapeito. Mais uma rajada de vento o açoitou.

“Gostaria de acordar agora”, pensou consigo mesmo, com controle suficiente sobre o subconsciente para interromper o pesadelo ao sentir que já suportara o suficiente. Mas o sonho obscuro não cedeu. Sua perna direita ficou rígida, e a esquerda se levantou, posicionando-o sobre o parapeito. Olhou para baixo, sentindo os dedos dos pés se agarrarem ao instável bloco de pedra, contemplando o vazio mais além. A vertigem que sentia quando criança o atingiu com força, dominando seu corpo e se recusando a ir embora. Seus joelhos tremeram, e outra rajada atingiu a carne pálida de seu tronco, fustigando-o, impelindo-o para a frente.

Foi quando ele ouviu o sussurro: “Posso matar você quando quiser...”.

Hector sentiu o mundo virar de cabeça para baixo e seu estômago parar na boca quando algo o atingiu com força na barriga. Voou pelo ar, vendo as estrelas mais acima, antes de bater as costas nas pedras duras e geladas do alto da Torre do Osso. A seu lado estava o ofegante Ringlin, chefe de sua Guarda Javalina. O braço do soldado estava sobre a barriga de Hector. Ele agira rápido ao pegar o jovem magíster. Ringlin o havia puxado com um safanão de arrancar o ar dos pulmões, evitando uma queda fatal que só terminaria centenas de metros abaixo.

— Milorde — falou Ringlin, ofegante, afastando o braço e se ajoelhando. — De pé no parapeito... em que estava pensando?

Hector continuou deitado, olhando as estrelas, os dedos se contraindo em espasmos enquanto o vapor de sua respiração condensava-se no ar.

— Eu não estava... *pensando*. Achei que estivesse sonhando.

Ringlin removeu o manto marrom dos próprios ombros e o estendeu sobre seu senhor.

— Está virando sonâmbulo? Tive um amigo em Highcliff que também era: saiu andando pelo cais até o atracadouro. Seu corpo foi encontrado no dia seguinte, mas não antes que os caranguejos arrancassem vários pedaços

dele.

Ele estendeu a mão para Hector, ajudando o Boarlord a se sentar. Ringlin tocou a nuca do magíster, e seus dedos ficaram ensanguentados.

— Desculpe pela queda, milorde. Um pequeno preço a pagar, não?

— Pois é — concordou Hector, ainda zozinho, tentando recobrar os sentidos. — Como sabia que eu estava em perigo?

— Você passou por uma camareira naquele estado de estupor, e ela veio me avisar. Achei estranho e vim verificar. Só precisei seguir a trilha de servos confusos para chegar até aqui.

— Obrigado, amigo — disse Hector, ficando de pé com dificuldade, aceitando a ajuda do homem da Guarda Javalina.

Era estranho para Hector considerar Ringlin um amigo, principalmente se levasse em conta as circunstâncias em que a amizade se estabelecera a princípio. A morte de Vincent, o irmão de Hector, havia feito com que Ringlin e o outro capanga que trabalhava para o Boarlord assassinado, Ibal, passassem a servi-lo. Seu irmão fora morto pelas mãos do próprio Hector — um acidente, apesar de isso não significar muita coisa aos olhos do vil espectro em que seu gêmeo se transformara. Hector recebera treinamento para se tornar um magíster, um curandeiro, mas tinha se afastado dessas artes para se dedicar aos conhecimentos de necromancia. Depois de sua morte, Vincent tinha retornado na forma de um vil vingativo, um espírito que atormentava e confortava Hector. Quanto a Ringlin e Ibal, o que havia começado como uma transação de negócios, cercada de desconfiança, foi se tornando algo mais. Se era um afeto genuíno, Hector sentia-se relutante em admitir. Sua última amizade verdadeira não terminara muito bem, concluiu, direcionando os pensamentos para Drew.

— Pelo jeito você teve outro pesadelo, não é? Anda acontecendo com frequência ultimamente.

— Não foi um sonho. Eu vi tudo, Ringlin. Estava preso dentro do meu corpo, observando tudo com a mesma clareza com que você está me enxergando agora. Como se eu estivesse... *possuído*. Como se algo houvesse dominado meu corpo...

Ele se interrompeu, e sua mente voltou-se para Vincent.

— São palavras assustadoras, milorde. Está achando que foi seu irmão?

Ringlin, de bobo, não tinha nada. O capanga alto e magro testemunhara diversas discussões entre Hector e Vincent, o vil. A princípio, as explosões de raiva de Hector pareciam resmungos de irritação para o chefe da Guarda Javalina, como se o magíster conversasse com as vozes que habitavam sua cabeça. Com o tempo, os padrões foram se revelando, e os momentos de descontrole intensificavam-se quando Hector canalizava suas energias para a magia negra, muitas vezes sibilando o nome do irmão, a voz repleta de raiva. Agora o jovem Werelord estava no auge de seus poderes, aparentemente com controle total sobre o vil. O tormento provocado por Vincent parecia superado, e o espírito obedecia aos comandos de Hector quando requisitado. À noite, porém, a coisa mudava de figura.

— Talvez — respondeu Hector, deixando perceptível na voz sua falta de convicção. Ele sabia muito bem o que estava por trás daquele sonambulismo perigoso. Até que ponto seu irmão seria capaz de levar as coisas? Por que o vil o enviara ao alto da Torre do Osso, a um passo da morte?

— Ele está escutando o que estamos dizendo? — perguntou Ringlin, olhando por cima do ombro de Hector, como se o vil pudesse se tornar visível de uma hora para outra.

— Ele está sempre comigo. Nunca sai de perto de mim — sussurrou Hector. — Mas está calado no momento, o que considero bastante suspeito. Onde está você, irmão? Por que ficou tão tímido assim de repente?

Hector se acostumara à presença de Vincent depois de sua morte, assombrando cada gesto seu e tentando comandar sua mente. O tormento havia cessado nos meses imediatamente anteriores, desde que Hector tomara Icegarden do duque Henrik, atacando a cidade do Urso Branco com seu exército de guerreiros ugri.

— Enfim aprendeu qual é seu lugar, Vincent? É isso? Percebeu que meu poder é incondicional?

Ringlin se inquietou.

— Pode não ser boa ideia provocar seu irmão, milorde, principalmente enquanto esses passeios noturnos não forem explicados.

“O coitado não sabe”, pensou Hector, “que Vincent vê e ouve *tudo* o que eu faço. Pode até estar em silêncio agora, mas não existe um pensamento sequer que passe pela minha cabeça que ele não saiba. Não é isso, irmão?” O

vil permaneceu em seu silêncio ameaçador. Hector estremeceu sob o manto marrom de Ringlin.

— Podemos falar com mais detalhes sobre meu irmão mais tarde — disse o Boarlord, fechando a mão enegrecida, sentindo a pele rígida por cima das juntas. Voltou o olhar para as terras além das muralhas da cidade.

O acossado acampamento do Bearlord estava logo abaixo, o lar temporário dos duques Henrik e Bergan, enquanto mais adiante queimavam as fogueiras dos homens do Catlord. Hector tinha sido amigo de Bergan, o senhor de Brackenholme, mas esses dias haviam ficado no passado. O Javali se juntara ao Leão por um breve período, antes de a notícia da traição dos Catlords chegar a seus ouvidos. Lord Onyx, o Pantherlord que comandava os exércitos do rei, queria Hector morto e mandara o Werecrow Flint para executar essa ordem. Onyx fora testemunha do poder de Hector, de seu domínio sobre os mortos e, por isso, temia o jovem Wereboar.

Hector, no entanto, decidira trilhar o próprio caminho. Flint e seus irmãos Werecrows haviam se tornado inesperados aliados, pois os senhores de Riven também temiam a traição dos Catlords. Os Corvos tinham passado tempo demais como garotos de recado das cortes lyssianas. Ao lado de Hector, o maior mestre da necromancia que os Sete Reinos já tinham conhecido, teriam um futuro magnífico, em que o Javali e os Corvos reinariam sobre humanos e transmorfos, dividindo o comando das montanhas e das terras baixas.

Hector estreitou os olhos ao ver algo se movendo a distância lá no céu, o luar se refletindo em suas asas enquanto sobrevoava o acampamento do Catlord. Ringlin também notou.

— Mais um dos aliados dos Catlords — comentou o homem da Guarda Javalina, preocupado. — Um aviatropo de Bast, sem dúvida. Talvez um Grou? Eles se tornam mais numerosos a cada dia. Onyx está pedindo ajuda aos Werelords de seu continente. Tenho motivos para temer a força que ele reuniu aqui e as criaturas que fazem parte dela. Que tipo de aliados ele deve ter a seu lado? E quando enfim vão atacar e esmagar os Bearlords?

— A primavera chegou — respondeu Hector. — Talvez Onyx ainda não se sinta à vontade com a vantagem que Henrik e Bergan têm por estarem em um terreno mais alto. Os sturmianos conhecem as Whitepeaks melhor que ninguém, principalmente invasores do continente da selva. O tempo está mais

tolerável, mas mesmo em maior número os bastians seriam tolos se precipitassem seu ataque. Estão fazendo o jogo da espera: querem que a fome expulse os Bearlords e os sturmianos das montanhas.

— Já se deu conta, milorde, de que a Fera de Bast quer sua morte? Você traiu o juramento de lealdade a Lucas ao tomar Icegarden para si e se aliar aos Corvos. Foi como assinar a própria sentença de morte: quando Onyx e seu exército passarem por cima dos Bearlords, seremos os próximos.

— Está dando a derrota como certa? — Hector riu. — Pensei que gostasse de apostas de risco, Ringlin.

— Até que aprecio um joguinho, mas não quando todas as chances estão contra mim. Dê uma olhada no *tamanho* desse exército!

Hector assentiu com um gesto de cabeça, concordando com a afirmação de seu homem.

— Não posso discordar. Onyx e Lucas reuniram uma força assustadora, mas você está subestimando a carta que temos na manga. Além das muralhas impenetráveis de Icegarden, temos em nossas fileiras os guerreiros ugri de Tuskun, junto com os recém-chegados Mantos-Negros de Riven. Isso sem contar que seus senhores Crawlords estão no controle dos céus. Seria uma estupidez ordenar um ataque contra nossa cidade. As melhores cartas estão conosco.

Apesar de trêmulo e assustado por causa do surto aterrorizante de sonambulismo, Hector se sentia bem. Depois de todas as provações pelas quais havia passado e dos horrores que experimentara, a sorte parecia estar a seu lado. Dispunha de um exército de guerreiros brutais e de aliados poderosos na figura dos Corvos, que pareciam respeitá-lo e temê-lo. E, em algum lugar nas profundezas das minas de Strakenberg, o artefato ancestral conhecido como Cajado Wyrn permanecia escondido. Com aquele artefato nas mãos, quem seria capaz de prever a magia que estaria a seu alcance? Que tipo de tropas ele poderia comandar? Hector tinha prisioneiros nas masmorras do palácio, pessoas que *sabiam* onde estava o cajado. Era só uma questão de tempo. Seus inimigos podiam pedir sua cabeça quanto quisessem: estava em segurança em Icegarden.

— E se o que disse o Crawlord for verdade, milorde? Isso não afeta seus planos?

O semblante de Hector se retorceu, como se as palavras de Ringlin fossem uma facada em suas costas. Sabia muito bem a que o chefe da Guarda Javalina se referia. A notícia havia chegado a Icegarden trazida pelas asas negras de Flint, algo que Hector não conseguia entender: Drew Ferran, o último Lobo cinzento da Westland e o primeiro amigo de verdade que tivera, estava vivo. Uma mão decepada fora a única parte do Lobo encontrada no Cabo Gala, a cidade dos Horselords. O restante do corpo de Drew jamais aparecera. Quase todos acreditavam que fora devorado por algum membro da horda de mortos-vivos que tinham invadido a cidadela, mas um rumor persistente dava conta de que escapara. E essa história ganhara força nas últimas semanas, alimentada por supostas aparições.

— Boatos disseminados por loucos e desesperados, nada mais — falou Hector, tentando ignorar o assunto com o maior desinteresse de que era capaz.

— Não é possível que você pense assim — insistiu Ringlin. — Quem falou isso foram homens de Riven que enfrentaram o Werewolf em Stormdale, soldados leais a você. O irmão de Lord Flint o encarou pessoalmente na muralha.

— Deve ter sido um engano.

— Como alguém confundiria um licantropo com alguma outra coisa? — questionou Ringlin, deixando de lado por um momento sua posição de subordinado. — Quantos Werewolves ainda existem no mundo?

Normalmente, o guarda-costas teria esperado um olhar de hostilidade de seu mestre, mas, quando o assunto era a reaparição de Drew, Hector era incapaz de esconder seus sentimentos conflitantes. Enquanto havia acreditado que Drew estava morto, tomar decisões fora muito mais fácil. Sem seu amigo por perto e com o Conselho Lupino em frangalhos, o caminho a seguir parecia bem claro. Deveria criar a própria trajetória, que no fim o levaria ao poder não apenas sobre as Dalelands, mas sobre toda a Lyssia. Se Drew ainda estivesse vivo, como reagiria às escolhas do jovem Boarlord? Hector evitou olhar para Ringlin enquanto seus pés descalços o guiavam com passos inseguros pelo piso de pedra rumo à escadaria.

— Podem existir outros licantropos no mundo, Ringlin. Os Lobos brancos de Shadowhaven circulavam pelo norte não muito tempo atrás. Talvez tenha sido alguém da espécie da rainha Amelie que os Corvos e os

Ratos enfrentaram em Stormdale.

Ringlin deteve o passo, refletindo sobre aquelas palavras.

— Entendo, milorde, mas Flint foi bem claro quando descreveu a criatura que lutava ao lado dos Staglords. Se Drew estiver *mesmo* vivo, e sei que isso ainda não está confirmado, o que você vai fazer? Como seus planos acomodariam a presença de seu velho amigo?

Hector virou as costas para seu homem de confiança, retorcendo o rosto em um sorriso.

— Para um ex-assaltante, você tem um discurso elaborado até demais. Onde aprendeu a ser tão observador e diplomático?

— Em geral, nas ruas — respondeu Ringlin, e acrescentou: — E tendo a honra de estar a seu serviço, claro. Mas isso não responde à minha pergunta, milorde. E se Drew estiver vivo? Acha que ele aprovaria o caminho que você tomou?

— Se meu amigo tiver ressuscitado e voltado à batalha, tenho certeza de que serei capaz de fazê-lo entender os motivos por trás de minhas ações. Acha que eu tenho razões para me envergonhar, Ringlin? Pode ser sincero.

As conversas informais entre os dois vinham ficando cada vez mais frequentes desde sua chegada a Icegarden. Hector confiava nos conselhos de seu soldado alto e magro, e não tinha muito com quem contar para obter respostas francas e honestas.

— Você matou pessoas, humanos e transmorfos. Começou com Vega, assassinou Slotha para impressionar o Leão e deixou um rastro de corpos no caminho até aqui.

— Eu não diria *rastro*. Foram alguns escaramuçadores a mando de Onyx, só isso.

— Mas você ordenou aos ugri que guerreassem contra os homens de Sturmmland no cerco à cidade. Mandou que eu e Ibal viéssemos para as terras geladas matar em seu nome. Se um homem morre sob seu comando, o sangue dele fica em suas mãos, tanto quanto na lâmina que consumou o ato.

Quando Hector considerou a situação sob esse ponto de vista, o número de mortes cresceu consideravelmente. A tomada de Icegarden dos sturmianos fora um episódio sangrento.

— Mas Vega precisava morrer. Ele traiu Wergar anos atrás. Era só uma questão de tempo até que traísse os amigos também. Ele não era de confiança.

— Para você, talvez, não mesmo, mas ele não era leal a Drew e ao Conselho Lupino?

— Às vezes, você é pior que o meu irmão! — esbravejou Hector. — Por que insistir nessas perguntas, Ringlin? Está tentando deliberadamente plantar dúvidas na minha cabeça?

O guarda-costas ergueu as mãos em sinal de rendição.

— Você me perguntou o que eu achava. Se quiser convencer o Wolflord de que agiu com a melhor das intenções, não pode haver dúvidas. Você *precisa* acreditar em si mesmo. E acredita?

— Claro que sim — afirmou Hector. — O Conselho Lupino ficou em frangalhos quando perdemos Drew. Manfred me virou as costas, julgou-me antes mesmo de me ouvir. Bergan não é mais o mesmo; não é nem sombra do Bearlord que conheci e respeitava, e, se os boatos que ouvi forem verdadeiros, sua Brackenholme foi saqueada pelos Wyldermen. — Ele apontou para além das muralhas da cidade. — Onde estão os orgulhosos Sentinelas da Floresta para ajudar seu senhor nas encostas das Whitepeaks? Não estou vendo exército nenhum aqui.

Ringlin se limitou a balançar a cabeça enquanto Hector continuava seu discurso:

— Se Drew voltar, vai descobrir que arregimentei um exército, uma força poderosa o suficiente para derrotar nossos inimigos de Bast e expulsar os Catlords de uma vez por todas da Lyssia. Ele não conseguiria nada disso se continuasse andando com os Ursos, os Tubarões e os Cervos. Cá entre nós, podemos devolver aos Sete Reinos a glória do passado! Isso seria uma fonte de grande felicidade para todos.

— E se ele discordar dos nossos métodos?

Hector hesitou, ficando sem palavras por um instante. O vento soprou em uma brisa repentina sobre os dois, zunindo no alto da torre, obrigando-os a se segurar um no outro até a rajada passar.

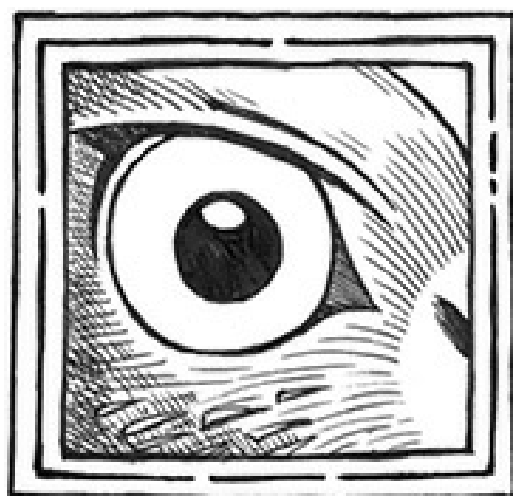
— Eu não ia gostar se Drew ficasse contra mim, Ringlin. Mas, se isso acontecer... — Hector pigarreou, elevando o tom de voz. — Nesse caso...

nesse caso, o Lobo não vai fazer parte da nova Lyssia que se desenha diante de nós.

Ringlin abriu um sorriso de aprovação, e Hector descobriu que surpreendera até a si mesmo com essa afirmação.

— Pronto — disse o guarda-costas. — Agora você falou tudo: podemos ter um mundo sem Drew Ferran se for necessário. Não se sente melhor depois de dizer essas palavras?

A voz gorgolejante de Vincent, o vil, materializou-se por um instante no ouvido de Hector, mas se foi com a mesma rapidez do sussurrar do vento. O magíster conseguiu até abrir um sorriso ao chegar à escadaria, com o chefe da Guarda Javalina logo atrás. “Se foi melhor mesmo dizer essas palavras”, pensou, segurando no corrimão de corda ao descer os degraus na escuridão, “então por que meu estômago está se revirando?”



Agraciado

Voando em círculos descendentes, o aviatropo se aproximou do acampamento de guerra, perto da barraca do comandante. O bater de suas asas alertou os homens da tropa de elite da guarda dos bastians. Os guerreiros de pele morena olharam para cima, erguendo suas lanças e fazendo pontaria com os arcos na direção do Werelord. Quando o transmorfo alado chegou perto do solo, o fogo das tochas iluminou sua plumagem escura e espessa e as penas brancas em torno de seu pescoço. Garras poderosas atingiram a terra quando ele pousou, e os soldados bastians recolheram as armas. O gigantesco Werelord passou entre eles, caminhando a passos largos para a barraca de Lord Onyx, encolhendo o pescoço para passar pela abertura de entrada.

O Vulturelord pisou no chão coberto de tapetes, as unhas compridas diminuindo a cada passo, seu corpo em mutação enquanto caminhava em direção a seus semelhantes. Havia cabeças empalhadas e crânios de animais pendurados na lona do teto, os troféus de caça de Onyx, que encaravam o aviatropo com olhos vidrados e órbitas vazias. Sob uma redoma, em cima de um pedestal de madeira, uma garra cinzenta flutuava em um líquido conservante. Aquele era o artefato favorito do Werepanther: *a mão do Lobo*.

Duas panteras-negras enormes dormiam diante de uma grande fogueira acesa no centro do recinto. Um círculo de pedra mantinha as toras incandescentes no lugar, e a fumaça era expelida por um orifício no teto. Onze dos doze assentos em torno da grande mesa oval estavam tomados, seus ocupantes debruçados sobre mapas mantidos abertos sobre a superfície por adornos feitos de ossos. A bebida agitava-se ruidosamente dentro de taças enquanto a sorviam. As atenções do conselho de guerra se voltaram para o Abutre, cujas últimas formas se estabilizaram quando o bico curvo transformou-se em um nariz adunco.

Lord Onyx, a Fera de Bast, levantou-se de sua enorme cadeira de

madeira na extremidade da mesa, apontando para o assento vazio do outro lado.

— Que bom que veio se juntar a nós, conde Costa. Fiquei com medo de que tivesse se distraído com alguma carcaça na montanha. De um urso morto, era o que eu esperava...

O conde calvo fez uma mesura para o Pantherlord antes de se sentar, inclinando-se para pegar uma taça de vinho.

— Se quer que eu faça espionagem nas Whitepeaks, milorde, não espere que eu seja o primeiro a me sentar à sua mesa. Por natureza, meu modo de agir foge aos padrões; discrição e subterfúgios são tão importantes para mim quanto meus aguçados sentidos. Por outro lado, eu poderia nunca sair do seu lado, claro, como o restante de seus tão capazes comandantes — falou, sorrindo enquanto o olhar passeava ao redor da mesa.

Os comentários de Costa provocaram ondas de protesto entre os presentes, que não demoraram a discursar em defesa própria. Um dos oficiais, um sujeito robusto de queixo largo e maxilar proeminente, falava mais alto que os demais. Ele bufou e apontou o dedo para o Abutre.

— Não venha difamar este conselho, Costa. Cada um aqui tem um papel no exército do rei Lucas, obrigações que nos mantêm sempre próximos do acampamento e de nossos homens. Se eu tivesse asas, não acha que eu também ficaria o tempo todo sobrevoando estas malditas montanhas, espionando o inimigo?

Costa soltou um risinho de deboche e tomou um gole de vinho.

— Um Hipopótamo com asas? Eu pagaria um bom preço em ouro para ver isso, general Gorgo!

O Hippolord arreganhou os dentes, e suas feições se contorceram enquanto a pele grossa escurecia. Grandes presas começaram a aparecer dos dois lados de sua boca larga, e a pele passou a se abrir para dar lugar às lâminas de marfim emergindo em seu queixo.

Onyx estendeu sua mão poderosa e segurou Gorgo pela presa.

— Pode parar com isso — grunhiu, dando uma sacudidela no general antes de soltá-lo.

Gorgo levou as mãos ao rosto enquanto as presas se recolhiam,

escandalizado por ser repreendido e intimidado pelo Pantherlord. Os demais comandantes do exército do Leão desviaram o olhar, notando o embaraço do general.

— Como eu ia dizendo — continuou Costa —, a noite é o único horário seguro para explorar o terreno. O general Skean, por ser um Canelord, é testemunha do perigo que o céu oferece à luz do dia.

Um Werelord mais velho e elegante balançou sabiamente a cabeça, estendendo os dedos compridos sobre o mapa e apontando para Icegarden.

— Costa tem razão — confirmou o Grou. — Os Corvos são os donos do céu quando o sol está alto; meus parentes e eu estamos em minoria numérica em relação a Flint e seus irmãos de penas negras. Mas à noite a coisa muda de figura. Os Corvos voltam para seus poleiros em Icegarden, com exceção de um ou outro que ficam de vigia. Se quiser dar uma boa olhada nos nossos inimigos, tanto do lado dos Bearlords como do dos Boarlords, a noite é a melhor hora para Costa...

— O que você descobriu? — interrompeu Onyx, os olhos cravados no Vulturelord.

— Os Ursos continuam cercados. Deve haver uns dois mil com eles, escondidos atrás de barricadas no meio da neve. Bloqueamos sua descida das montanhas pelas encostas, e os guerreiros ugri de Hector estão patrulhando a área além das muralhas de Icegarden, para dar conta de qualquer sturmiano que seja estúpido o bastante para tentar voltar para casa. Se algum incauto tentar entrar na cidade, vai dar de cara com os soldados de Riven que engrossaram as fileiras do Boarlord.

— E em que condições estão os homens de Henrik? — questionou Gorgo. — Já devem estar à beira da morte. Estão vivendo do quê? Dos camaradas que tombaram?

— Estão definhando, general, mas longe de começar a canibalizar seus mortos. Os sturmianos são resistentes. Conhecem bem estas montanhas. Se existe alguém capaz de sobreviver aqui sem nenhum suprimento, são eles.

— E o duque Bergan? — perguntou o xerife Muller, o único humano do conselho de guerra de Onyx. — Algum sinal do Urso de Brackenhholme?

Costa encarou o homem com desdém.

— Acha que eu tive tempo para passear pelo acampamento e verificar as

barracas, Muller? Não faço ideia da situação nem do paradeiro de Bergan, mas posso dizer que ele continua no acampamento. Não existe saída; eles estão cercados.

— O clima foi o principal aliado de Henrik nos últimos meses — comentou Gorgo. Os lábios grossos do Hippolord se agitaram quando ele se virou para Onyx. — Com o fim do inverno na Lyssia e o tempo ficando menos frio a cada dia, o fim deles está próximo. O sol faz ferver o sangue dos nossos bravos homens de Bast. Um exército renovado está à espera para tomar o campo de batalha. O general Skean e eu temos nossas tropas em posição. Ao seu comando, estaremos prontos para a ação, milorde.

— O que nos faz voltar ao barão Hector — disse Onyx. — Os Corvos de Riven voaram para o lado do Mão Negra, temendo por seu futuro nos Sete Reinos. E com razão: a divisão interna que arruinou o ataque a Stormdale deveu-se em grande parte a intrigas e à inveja deles. Vorjavik, o marechal de guerra dos Ratos, morreu naquele dia, e não duvido que seu cadáver tivesse marcas das garras dos Crowlords.

— Parece que o juramento de lealdade não significa nada para o Javali — ironizou Gorgo. — Ele já deu as costas para o Lobo e para o Leão, isso sem contar sua breve aliança com a rainha Morsa. Mão Negra está em boa companhia em meio às aves imundas das Barebones.

— Tanto o Javali quanto os Corvos já viveram mais do que mereciam — decretou Onyx. — Para mim, sempre ficou claro que o Lord Magíster era um indivíduo perigoso. Essa magia pervertida que ele é capaz de realizar, a comunhão e o domínio sobre os mortos, não deveria ter lugar em nossa sociedade. Flint recebeu ordens para se livrar do Boarlord, mas subestimei a disposição que o Corvo tem para a traição.

— Pena que eles conseguiram tomar Icegarden para si antes de nos entregar a chave dos portões da cidade — comentou Costa, virando sua bebida de uma só vez.

— Não importa — resmungou Gorgo, cerrando o punho, que mais parecia um tacape. — Vamos destruir os sturmianos. Depois podemos massacrar os traidores. — Ele deu um murro na mesa, em uma demonstração desnecessária de convicção.

Costa balançou a cabeça, cauteloso.

— Você faz tudo parecer tão simples — falou o Abutre. — O clima pode estar mais favorável a nós, mas o impasse continua. Nossos guerreiros consideram as montanhas um lugar assustador depois de ver tantos companheiros tombarem nessas encostas brancas. Duvido que estejam ansiosos para voltar a Strakenberg, mesmo com metade de Bast às costas.

Um clarim soou perto do acampamento, um chamado de alerta que atraiu o olhar dos doze membros do conselho de guerra.

— O acampamento está sob ataque? — indagou Gorgo, levantando-se da cadeira. — Que tipo de idiota tocaria o clarim a esta hora da noite?

Um a um, os oficiais ficaram de pé, seguindo Onyx até a entrada da barraca.

— Não é um chamado de alerta — grunhiu o Pantherlord, desaparecendo pela abertura de entrada.

Uma procissão de Mantos-Rubros passava pela alameda de lama pisoteada que cortava a parte central do acampamento, dirigindo-se à barraca do comandante. Elmos-Dourados de Bast e da Lyssia saíram de suas tendas para ver quem tinha chegado, ladeando o caminho enlameado enquanto a coluna passava. Encabeçando a fila ia uma dúzia de cavaleiros de capa escarlate, cujas montarias pisoteavam a lama com elegância. Mais atrás vinham quatro fileiras da Guarda Leonina, com cinquenta homens cada, marchando com firmeza, ombro a ombro. As filas se dividiram ao se aproximarem de Lord Onyx, assumindo uma posição regimental em ambos os lados da barraca do comandante.

Com o restante do conselho de guerra reunido atrás dele, Onyx encarou os homens da Guarda Leonina que tinham aparecido sem aviso. Os Mantos-Rubros, por sua vez, evitavam o olhar do Pantherlord a qualquer custo.

— E então? — rugiu a Fera de Bast. — Quem está no comando? Quem achou que podia chegar ao *meu* acampamento a esta hora sem aviso? Quem pode estar assim tão ansioso para conhecer o criador?

Mais cavalos apareceram trotando pelo caminho de terra, iluminados pela luz das fogueiras. Outros oito cavaleiros vinham em formação, com uma dupla no centro, lado a lado em duas magníficas montarias. Uma figura de manto e capuz cavalgava um enorme garanhão preto, a cabeça escondida pelo capuz, mas Onyx o conhecia muito bem: Vanmorten, Lord Chanceler da

Westland, Wererat de Vermire e o membro mais poderoso da famosa família do Rei Rato. Além dele, orgulhosamente postado em uma montaria de batalha cinza e imponente, vinha o visitante mais inesperado.

Os soldados se curvaram quando o cavalo se aproximou. Até os membros do conselho de guerra apoiaram-se sobre um dos joelhos, todos menos Onyx, que continuou de pé, as mãos na cintura, com um olhar de genuína surpresa em suas feições endurecidas ao observar a chegada de Lucas. O jovem Leão encarou o Werepanther, detendo o cavalo a alguns passos de Onyx.

— Que prazer inesperado nos agraciar com sua companhia, Alteza — disse Onyx, abrindo um sorriso e tentando disfarçar a irritação.

Caso a intenção da Pantera tenha sido desconcertar o Leão, Lucas não mostrou nenhum sinal de constrangimento.

— Desde quando, caro tio, a chegada do rei da Westland não merece uma demonstração de cortesia de *todos* os presentes?

Onyx arregalou os olhos, retorcendo os lábios desdenhosamente ao olhar para Vanmorten. A cabeça encapuzada do Wererat virou-se para o outro lado, evitando encarar a Fera de Bast. A Pantera se voltou para os nobres que faziam parte de seu conselho de guerra, todos ainda com o joelho afundado na lama.

— Ele só pode estar brincando — a Pantera murmurou para Costa a seu lado, mas o Vulturelord continuou agachado, a cabeça baixa.

Lucas cutucou os flancos do cavalo com os calcanhares, aproximando a montaria de Onyx e baixando sua cabeça agressivamente até que estivessem a poucos centímetros um do outro. O Pantherlord grunhiu quando o cavalo bufou e pisoteou com força o solo entre eles. “Quem é essa criança que ousa aparecer diante de mim, a Fera de Bast, com tamanho desrespeito? Eu *criei* esse garoto, dei a ele um exército e uma estrutura de apoio quando seu pai não estava mais lá para isso! É *assim* que ele me retribui?”

Um tremor perpassou a Guarda Leonina, e a tensão crescia a cada segundo que Onyx continuava em sua recusa a se curvar. Poderia ser só uma alucinação auditiva, mas o Werepanther teve certeza de ouvir o som de espadas sendo desembainhadas.

Lucas se inclinou para a frente na sela e falou em um tom de voz baixo e

conspiratório:

— Acredite em mim, tio, entendo seu desconforto. Isso é muito constrangedor. Sei que está aqui no fim do mundo faz tempo, longe da vida na corte, mas existem certas regras de conduta que somos obrigados a seguir. É uma encenação, se assim preferir, para os homens. Mostra quem está no comando; por quem eles estão lutando.

Aos poucos, o pescoço de Onyx foi se dobrando, e ele baixou o queixo até o peito, dando uma cabeçada no focinho do cavalo.

— Sua Alteza — disse a Fera de Bast, erguendo a cabeça lentamente. Os demais Werelords e soldados também ficaram de pé, conforme a deixa do Pantherlord, e o alívio tomou conta da atmosfera. Lucas ajeitou a coroa simples de ferro na cabeça, afastando algumas mechas de cabelo loiro da testa.

— Agora é *Majestade*, lembra, tio? Cansei de esperar que um grupinho de nobres de menor importância se reunisse para dizer sim ou não à minha reivindicação. — Lucas suspirou, colocando as pernas na lateral da sela. Vários homens da Guarda Leonina correram para ajudá-lo a descer do cavalo, jogando mantos vermelhos sobre a lama para protegê-lo em sua caminhada até a barraca do comandante. Onyx foi andando a seu lado, os comandantes do conselho de guerra logo atrás. O garoto crescera, notou a Pantera. Seu peito estava mais proeminente, uma sombra de bigode surgira sobre o lábio, e a cabeça agora chegava até o ombro do Pantherlord. “Ainda é um fedelho, claro”, divertiu-se Onyx, a Fera de Bast, do alto de seus mais de dois metros de altura.

— Por que esperar a aprovação de Cavalos, Cervos e Ursos? — Lucas continuou enquanto se dirigia à barraca. — É só uma questão de tempo até a oposição deles ser esmagada de uma vez por todas. Deveria permitir que continuassem em meu caminho? Não, a coroação foi realizada algumas semanas atrás em Highcliff, diante dos sacerdotes do templo de Brenn. Meu Lord Chancellor supervisionou a cerimônia.

Onyx olhou para trás, reparando que Vanmorten não estava com eles, mantendo-se junto à entrada. Ele não confiava no Rato, mas, para ser justo, Onyx não confiava em quase ninguém.

— Não quer entrar na minha barraca, Lord Chanceler? — perguntou Onyx em um tom ameaçador. — Não tem nada a temer aqui; está entre

amigos. Não combina muito com você, essa timidez.

Lucas fez um aceno para o Wererat, mandando-o sair.

— Traga-os aqui, Vanmorten, e não demore.

As lonas da abertura da barraca se fecharam, e Onyx se virou para seguir o jovem Werelion. Lucas parou ao lado do pedestal com a redoma de vidro. Olhou para a mão do Werewolf lá dentro, batendo no vidro com o dedo enluvado.

— O Rato está quieto demais, *Majestade* — falou Onyx. — Estou surpreso por não ter sido minha irmã a supervisionar sua coroação. Com certeza uma felina de Bast, alguém de sua espécie, seria uma escolha melhor como testemunha aos olhos de seu deus lyssiano.

— Opal já tinha ido embora — respondeu Lucas, endireitando o corpo depois de inspecionar o sinistro troféu. — Ela foi para o mar resolver o problema da pirataria que está atrapalhando nossa marinha. É uma mulher muito competente, a minha tia. Eu me pergunto se não seria uma escolha mais adequada para liderar meu exército nesse conflito.

O suspiro de susto coletivo dos Werelords ameaçou apagar as velas que iluminavam o recinto. Gorgo ficou observando a Pantera, estupefato, enquanto o restante dos transmorfos limitava-se a olhar para o chão.

— Está questionando meu comando? Será que preciso lembrá-lo de quem eu sou, filhote?

Lucas se virou para o Werepanther com um rosnado, os pelos finos sob o nariz transformando-se em um bigode felino quando seus lábios se arreganharam, com as presas expostas crescendo a cada segundo. As duas panteras-negras acordaram, juntando-se ao coro de rugidos guturais do Werelion.

— Alguma coisa não está certa aqui, tio. Pelo que sei, eu sou o Leão que governa os Sete Reinos. Sou o rei da Westland, senhor de toda a Lyssia, e você deveria saber seu lugar. Não aceito ser tão facilmente... *manipulado* como meu pai era.

Onyx abriu um sorriso condescendente, como se Lucas fosse um recém-nascido fazendo birra em seus braços.

— Se pensa que pode fazer melhor com meu exército, *Majestade*, fique

à vontade...

Foi um comentário feito sem pensar, no calor do momento, do qual Onyx se arrependeu imediatamente.

— Tudo bem, eu assumo a responsabilidade total pelo exército daqui em diante — respondeu Lucas, acalmando-se à medida que falava, as presas aos poucos se recolhendo. — Agradeço por tudo o que fez, meu tio, e não pense mal de mim, porque ainda preciso de sua ajuda. O problema é que até agora você não foi capaz de acabar com a resistência do Urso Branco, e com certeza nós dois pensando juntos vamos conseguir esmagá-lo sob nossas patas.

Onyx olhou feio para o Werelion quando o jovem rei se dirigiu ao conselho de guerra, dando continuidade a seu discurso:

— Fico contente de ver tantos súditos de Bast aqui a meu lado nesta época de provações. — Os Lords transmorfos baixaram a cabeça respeitosamente para o rei, mas o olhar de todos se dirigia a Onyx, à espera do que a Pantera faria a seguir. — Um dia, quando acabarmos com essa rebelião lamentável, eu adoraria viajar até Bast para prestar minha homenagem ao Fórum dos Anciãos. E com certeza vou querer visitar as terras de vocês. Meu tio se refere com muito orgulho às províncias que juraram lealdade aos Catlords. Mais do que terem dado sua palavra, milordes, aprecio que tenham vindo ao meu auxílio neste momento de necessidade.

— Fomos convocados por Lord Onyx e o Fórum dos Anciãos, Majestade — disse o conde Costa, escolhendo as palavras com cautela. — Por isso viemos. Nossa palavra está empenhada.

“Bom sujeito, esse Costa”, pensou Onyx, fazendo um aceno quase imperceptível para o aviatropo, que o Vulturelord notou mesmo assim. “Sabe exatamente quem é seu senhor. Espero que os outros também saibam.”

Lucas assentiu com um aceno de cabeça, como se as palavras de Costa fossem uma prova de lealdade dirigida a ele.

— Tenho uma visão ousada sobre como derrotar nossos inimigos, e não só em Sturmland.

— Alguma coisa em que nós, os tolos, não fomos capazes de pensar, talvez? — questionou Onyx, com uma raiva indisfarçável na voz. Uma movimentação perto da entrada fez todos, menos Lucas, se virarem.

Vanmorten, o Ratlord, entrou na barraca, seguido por três homens que aparentavam ser selvagens. Apesar de desarmados, ficou bem óbvio que eram perigosos. Um estava inteiramente nu, com pinturas nos braços e pernas imundos na forma de relâmpagos cor de anil. Outro tinha o rosto pintado de branco, como um esqueleto. O último — que Onyx concluiu ser o líder — não tinha nenhuma marca ou insígnia tribal que pudesse diferenciá-lo dos companheiros. Seus cabelos embaraçados desciam pelas costas, caindo pelos ombros largos e musculosos. O guerreiro cravou o olhar em Onyx, e os dois gigantes mediram-se cuidadosamente dos pés à cabeça.

O xerife Muller deu um passo à frente, perplexo, levando a mão à espada na cintura.

— Majestade, são Wyldermen!

— Contenha-se, Muller! — esbravejou Vanmorten. — Que mania essa de querer sempre afirmar o óbvio! O rei sabe muito bem quem eles são.

Apesar de Onyx já ter ouvido falar dos Wyldermen, era seu primeiro encontro com os selvagens da Dyrewood. Ficou admirado com a intensidade da presença daqueles homens, com a raiva que parecia pulsar sob a superfície de seus corpos enquanto encaravam com desconfiança os Werelords ali reunidos.

— Eles são sua arma secreta? — rosnou Onyx. — Um bando de selvagens da floresta assombrada?

— O líder deles é Coração Negro — falou Lucas, voltando sua atenção para a mão dentro do vidro. — É o filho de Sangue-Frio, xamã da Wyrnwood, assassinado por nosso inimigo em comum, o Lobo. Ele é versado na magia ancestral Wyrn, assim como o pai.

Onyx soltou um grunhido.

— Magia Wyrn? As crenças primitivas desses selvagens vão ajudar a derrotar nossos inimigos? Não sabia que Sua Majestade era uma criança supersticiosa.

Lucas se virou para Onyx, os olhos cor de âmbar faiscando.

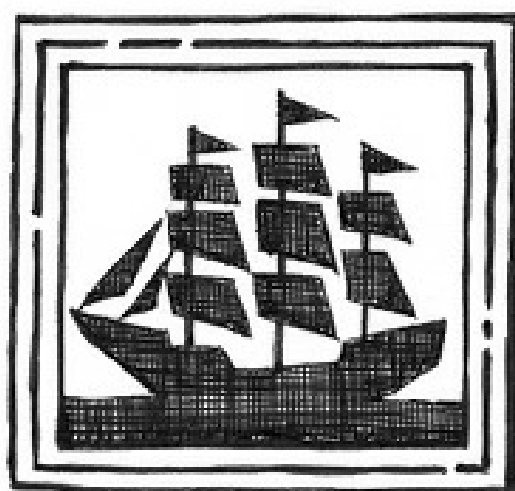
— A magia Wyrn e mais alguma coisa, caro tio.

— Que tipo de coisa?

O rei ergueu o dedo indicador e bateu na redoma atrás de si. O líquido se

agitou, fazendo a mão do Werewolf girar lentamente.

— Meu meio-irmão Drew Ferran vai nos dar uma mãozinha — respondeu Lucas.



À mesa da capitã

Drew enfiou o garfo na mesa. O metal vibrou quando penetrou na madeira.

— Com sua licença, miladies, vou usar os dedos mesmo — suspirou Drew. Comer com uma mão só já era difícil. A cegueira era mais um elemento a adicionar perigo e imprevisibilidade às refeições do Wolflord. Ele estava cansado de ficar perseguindo a carne e os legumes pelo prato de metal. Resolveu simplesmente pegar a comida com a mão e acabar logo com aquilo.

— Eu me ofereci para cortar a comida e dar na sua boca — disse Whitley, do outro lado da mesa.

— Obrigado, mas não sou uma criança que precisa ser alimentada — respondeu Drew, tentando esconder sua frustração atrás de um sorriso manchado de molho.

— Não se prenda à etiqueta quando comer à minha mesa, Majestade — disse a capitã Violca com tom de voz suave e cadenciado.

Drew não tinha visto o rosto da mulher, mas ela havia provocado uma impressão bastante positiva aos olhos de sua mente. O aroma de seu perfume antecedeu o primeiro cumprimento, um aperto de mão firme e forte como aço, quando ele e Whitley subiram a bordo do *Golpe de Sorte* na Baía de Todos os Santos. Havia uma força naquela mão que fez Drew se lembrar de seu mentor, duque Bergan. Violca era sem dúvida alguém que merecia seu respeito.

— É muita gentileza sua — ele falou, partindo uma costelinha e sugando o tutano do osso. — E pode me chamar de Drew.

Violca cedera sua cabine no *Golpe de Sorte* para os dois, indo dormir com a tripulação enquanto recebia convidados tão ilustres. Yuzhnik havia se separado deles no porto, levando consigo, em sua busca por uma maneira de voltar à Dyrewood, o desafortunado jovem torturado pela Guarda Leonina.

Levaria a Brackenholme a notícia de que Drew e Whitley haviam se encontrado com Violca em segurança.

— Seus olhos — disse a capitã. — Como estão?

— Péssimos — respondeu Drew, levando os dedos às sobrelanceiras para ajeitar a bandagem.

Whitley limpou e cobriu os ferimentos, enrolando uma bandagem embebida em ervas em torno da cabeça dele. O unguento já tinha começado a funcionar, apacando o ardor da pele, mas, ao acordar naquela manhã, Drew ficara decepcionado ao constatar que sua visão não tinha melhorado. Foi quando se deu conta: o *fogo*. Além da prata, as chamas eram certamente algo que produzia danos em seu corpo; o poder de cura transmorfa era ineficaz contra esses ferimentos. Luzes fortes dançavam diante dele, como se olhasse para o sol do meio-dia. Tentou acertar a bandagem, mas, em vez disso, sentiu que só conseguira afrouxá-la.

— Pode deixar que eu faço isso — disse Violca. — Você não é o primeiro jovem com ferimentos que inspiram cuidados a aparecer no *Golpe de Sorte*.

Drew ouviu a cadeira se arrastar pelas tábuas do piso quando ela se levantou da mesa para se aproximar dele. Seus dedos roçaram o rosto dele, desamarrando a bandagem antes de amarrá-la com mais força, mantendo-a firme no lugar com um nó bem apertado. Drew sentiu que seu rosto corava.

— Quanto tempo vai demorar para eu voltar a enxergar?

— Continue pensando assim; esse tipo de otimismo pode evitar até mesmo a morte! — incentivou Violca.

— A cegueira pode ser irreversível?

— Não faço ideia, mas com certeza Lady Whitley há de concordar que você precisa de um magíster para cuidar desses ferimentos e fazer os procedimentos de cura. Isso está além do pouco que conheço sobre medicina, principalmente no caso de um transmorfo.

“O que eu não daria para ter Hector ao meu lado agora?”, pensou Drew.

— Então está tudo inteiramente nas mãos de Brenn — ele falou.

Violca soltou uma risadinha debochada, colocando as mãos em seu ombro.

— Seu deus da floresta, dos morros e dos pântanos não pode ajudá-lo aqui no Mar Branco. É para Sosha que você precisa começar a rezar, Drew Ferran.

Whitley pigarreou, fazendo Drew se sobressaltar e Violca afastar as mãos dele. Quando ela falou, Drew notou um traço de irritação em sua voz:

— Deixando de lado os deuses por um instante, capitã, você sabe o paradeiro das embarcações de Bosa?

— Não, mas eles causaram um estrago e tanto na frota do Leão — contou Violca, voltando à sua cadeira. — Primeiro o Whalelord atacou a marinha em Moga, deixando tudo em chamas antes de visitar os portos nas Ilhas Cluster e ao longo da costa. Hook, Blackbank e até Vermire: quase nada escapou das armas de Bosa.

— É de um exército assim que precisamos — disse Drew, empurrando o prato com os últimos resquícios da carne que havia devorado. — Bosa parece ser o meu tipo de sujeito.

Violca soltou uma risada.

— Você não conhece o barão, não é mesmo? Bem, vamos dizer apenas que se trata de um homem peculiar. Não tenho certeza nem de que você poderia contar com sua ajuda. Ele vive de negociatas. Se quiser a lealdade dele, precisa oferecer alguma coisa em troca. Alguma coisa de valor.

— É o mesmo que diziam sobre Vega, mas ele mostrou ser digno de confiança. Talvez seja possível oferecer a Bosa um lugar no Conselho Lupino, uma posição na mesa de comando, digamos assim.

— Bosa é uma velha Baleia bem enigmática, provavelmente o Werelord mais rico do mar. É frívolo e extravagante. Duvido que isso o seduza. É melhor você estar afiado quando se encontrar com ele. É um cliente bem difícil de agradar.

— Só me leve até ele, capitã, e eu cuido do resto.

— Está aí uma coisa mais fácil de falar do que de fazer — comentou Violca, limpando os dentes com a língua. — A maré parece ter virado ultimamente, e a frota pirata de Bosa andou sofrendo nas mãos do Squidlord. Por um tempo, a Baleia levou a melhor sobre o Kraken Ghul, mas ouvi de várias fontes que alguns capitães aliados de Bosa voltaram-se contra ele. Talvez nem tudo esteja bem no bando da Baleia. Minha especialidade é

transportar contrabando longe das vistas da marinha, e não procurar um Werelord rebelado, o pirata mais procurado do Mar Branco. Isso pode levar um tempo.

— Tempo é um luxo de que não dispomos, capitã — respondeu Drew, desolado.

— Que outras notícias você ouviu por aí? — perguntou Whitley. — Ficamos isolados sem nenhuma informação, primeiro nos recuperando do ataque de Vala em Brackenhholme, depois fazendo a viagem da maneira mais discreta possível até a Baía de Todos os Santos. Com os Sete Reinos em guerra, tem cada vez menos gente nas estradas. Descobrimos uma ou outra coisa no Afogado, mas não dá para saber o que é boato e o que é verdade.

— Eu não botaria muita fé em conversas de taverna, milady — comentou Violca. — Se oferecer uma bebida, os homens dizem qualquer coisa que queira ouvir. Leitos de morte e campos de batalha são os melhores lugares para descobrir a verdade, e é isso que o Mar Branco é ultimamente, mais que qualquer outra coisa.

— Não entendi — disse Drew, virando a cabeça enquanto tentava seguir a conversa às cegas.

— Quando alguém pensa que vai morrer, faz questão de ficar em paz com seu deus e se confessar. Temos passado por muitas embarcações avariadas ou naufragadas nos últimos meses, com corpos boiando ao lado de destroços. As poucas almas ainda vivas que pescamos tinham muita história para contar.

Violca ficou em silêncio de repente, e ambas se calaram.

— Que foi? — questionou Drew. — Qual é o problema?

— Fiquei me perguntando o que Lady Whitley pode ter ouvido a respeito de um determinado assunto na Baía de Todos os Santos — respondeu a capitã em um tom brincalhão.

— E o que eu posso ter ouvido? — perguntou Whitley, curiosa. Drew sentiu um toque de ansiedade no tom de voz de sua amiga.

— Sobre seu pai, o duque Bergan — disse Violca. — Que ele está vivo.

— É verdade? Bergan, vivo? — repetiu Drew, ofegante, sentindo o coração disparar. — Como você sabe que não é boato?

Drew percebeu uma mudança no tom de voz de Violca, que se suavizou até quase virar um sussurro ao se dirigir a Whitley:

— Dizem que seu pai foi visto com as forças do duque Henrik, milady, nas encostas das Whitepeaks. Ele está vivo. Um Manto-Rubro moribundo confirmou enquanto sangrava até a morte no convés do *Golpe de Sorte*, depois de uma das batalhas contra Bosa.

Drew levantou-se da cadeira e foi para o outro lado da mesa, tateando com a mão aberta em busca de Whitley. Quando encontrou os dedos trêmulos dela, entrelaçou-os aos seus.

— Pensei que ele tivesse morrido — ela falou com a voz embargada, soltando um riso nervoso. — Primeiro perdi Broghan, meu irmão, e depois pensei que meu pai tivesse sido tirado de nós. Graças a Brenn — ela acrescentou, apertando a mão de Drew.

— Brenn não seria tão cruel a ponto de tirar os dois de você, Whitley — disse Drew.

— Brenn não tem nada a ver com o assassinato do meu irmão — respondeu a Bearlady, deixando de lado sua alegria momentânea. — Foi Lucas quem matou Broghan, a mando daquela Werepanther monstruosa, Opal. Se existe alguma justiça neste mundo, vou conseguir me vingar.

Drew sabia de tudo o que havia acontecido no Cabo Gala, onde Opal, irmã de Lord Onyx, e seu exército de Bast tinham desembarcado, no lar dos Horselords. Muitos haviam sido massacrados, mas a execução de Lord Broghan fora a que mais repercutira no coração dos queridos amigos de Drew. Ele apertou a mão de Whitley para chamar sua atenção.

— Vamos tratar de fazer justiça, Whitley — prometeu. Depois, virando a cabeça em direção à mesa, acrescentou: — Encontre Bosa para mim, Violca. Sua frota, por mais avariada que esteja, é o primeiro passo para a construção de um exército capaz de vencer esta guerra. Assim como Calico está resistindo aos ataques da marinha de Bast ao sul, Icegarden vai ser capaz de quebrar qualquer cerco que Onyx puder montar.

— Acha mesmo que Icegarden é capaz de resistir a um cerco, Drew Ferran? — rebateu a capitã do mar em um tom melancólico. — As forças do duque Henrik não estão acampadas nas encostas das Whitepeaks por vontade própria: elas foram *expulsas* da cidade. Icegarden sucumbiu.

— Sucumbiu sob as mãos de Onyx? — perguntou Whitley, assustada.
— Então a guerra no norte já está perdida.

— Não, milady — respondeu Violca. — Foi outro inimigo que tomou Icegarden, um rival tanto do Leão quanto do Lobo. Os Crowlords fizeram o cerco à capital sturmiana sob o comando do magíster Mão Negra.

— Mão Negra? — questionou Drew. — De onde surgiu esse magíster?

— É um Boarlord — explicou a capitã. — O barão Hector de Redmire.

— Deve haver algum engano — retrucou Drew. — Hector é amigo nosso, um bom sujeito. Não se envolveria com os Corvos. Já vi esses tipos, lutei contra eles em Stormdale e sei que Hector ia preferir morrer a tomar o partido desses vilões.

— Só estou dizendo o que ouvi...

— Pois então ouviu *errado*! — Drew esbravejou.

A cabine ficou em silêncio por um momento. O único som que se ouvia era o das lamparinas balançando nos suportes, além dos passos da tripulação trabalhando mais acima, no convés.

— Com licença, milorde e milady, preciso falar com meus homens.

— Por favor — disse Drew, erguendo a mão. — Perdão, capitã Violca. Não quis desrespeitá-la. Mas é impossível para mim acreditar que isso seja verdade. Só pode ser boato, uma maledicência da pior espécie.

— Entendo sua preocupação. Vou deixar vocês a sós para terminarem a refeição. O cozinheiro vem limpar tudo quando acabarem.

Ouviram o som das botas de Violca encaminhando-se para a porta de saída da cabine.

— Capitã — insistiu Drew —, peço desculpas se a ofendi, principalmente por causa da maneira como vem nos tratando. Pode até ser uma contrabandista, mas uma recompensa estará à sua espera em Highcliff quando este conflito terrível terminar.

— A única recompensa que quero é a paz de volta à Lyssia, Drew Ferran. Tente fazer isso acontecer, por favor.

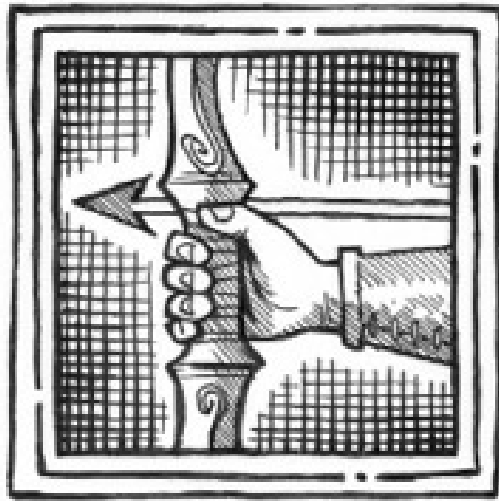
— Tentarei — respondeu Drew, abrindo um sorriso. — Se você prometer tentar não acreditar em tantos boatos.

Violca abriu a porta e deteve o passo antes de sair.

— Isso é o mais curioso a respeito dos boatos — ela falou. — Não dá para escolher em qual acreditar e em qual não.

— Como assim? — perguntou Whitley.

— A fonte da informação sobre Mão Negra é o mesmo Manto-Rubro que me disse que Bergan estava vivo — contou Violca. — Nunca fui do tipo que acusa um moribundo de ser mentiroso. Boa noite, milorde e milady.



Foras da lei

Enquanto os homens da infantaria marchavam em meio a chuviscos pela estrada da Várzea Baixa, a mente de seu oficial de comando, major Krupha, estava a milhares de quilômetros dali. Único na tropa de trinta homens a dispor de uma montaria, o veterano de várias batalhas comandava seu cavalo sem enfiar as botas na lama, como os demais. Algumas árvores interrompiam a paisagem de vegetação baixa em um ou outro ponto, com as primeiras folhas verdes brotando para anunciar a primavera. Krupha já pensava na refeição que o aguardava em Hedgemoor, a cidade dos Foxlords, que ele tinha a incumbência de policiar. “Cidade? Só se for no nome.” Em comparação com as cidades de Bast, sua terra natal, era um mero vilarejo de camponeses. Mas até que havia suas compensações. O vinho que chegava pelo rio Redwine era excelente e estava sempre em sua mesa. A caça era boa, quando tinha tempo para isso. E o que saía das cozinhas era quase tão bom quanto o que havia em sua casa, em Braga. Quase, mas não era a mesma coisa.

O clima da Lyssia era uma coisa com a qual jamais se acostumaria. Até então, Krupha nunca tinha visto neve, nem estava interessado em vê-la de novo tão cedo. Com o fim do inverno, a neve tinha se transformado em garoa e, depois, em chuva. As pancadas constantes estavam acabando com o ânimo de seus homens, e ele ansiava pelo tempo mais quente. O fato de as Dalelands serem consideradas o Jardim da Lyssia não era nenhuma surpresa para o major, considerando quanto chovia por ali. Mesmo assim, o Salão de Hedgemoor era um lugar esplêndido para se proteger das intempéries. Os Foxlords haviam empregado muito bem sua riqueza, construindo um palácio de grande beleza na parte central da região da várzea. Krupha chegara a cogitar a ideia de levar sua mulher e os vários filhos para lá quando a guerra terminasse. Obviamente, seria necessário limpar o salão antes — esposas não apreciavam a decoração de cabeças fincadas em estacas para simbolizar o

trabalho sangrento realizado em nome de seus senhores, os Catlords. Krupha balançou a cabeça. Mulheres e guerra jamais se misturariam.

Os últimos dois dias, ele passara na companhia do general Vorhaas em Redmire. O Wererat, irmão do Lord Chanceler Vanmorten, era o oficial que comandava o exército do Leão nas Dalelands, encarregado de governar todo o reino. Krupha estava preocupado com o aumento da criminalidade nas Dalelands. Vários pequenos grupos da Guarda Leonina tinham sido assassinados em postos avançados espalhados pela várzea, em especial nos arredores de Hedgemoor. Mas, segundo Vorhaas, o major estava se preocupando à toa. Pelo que vira daquelas tropas, era uma situação compreensível. Provavelmente só haviam tido o que mereciam.

A Guarda Leonina das Dalelands era composta por marginais, sem a coragem e a capacidade de guerreiros mais bem treinados. O Wererat esperava que a presença de alguns dos membros de sua Guarda Vermiriana desse um jeito nisso, mas era pedir demais. Infelizmente para Vorhaas e Krupha, a Guarda Leonina de que dispunham era aquela mesma, já que a elite das tropas estava em Sturmland, sob o comando de Onyx. Krupha nunca deixava de se surpreender com os soldados com que era obrigado a trabalhar, com o costume deles de sair quebrando braços, pernas e crânios em situações em que uma simples reprimenda bastava. Quanto à Guarda Vulpina de Hedgemoor, tinha sido demovida e expulsa dos quartéis. Seus homens haviam passado a se ocupar de trabalhos forçados. Os que se recusavam reuniam-se aos companheiros decapitados no alto das muralhas.

Krupha olhou feio para os homens de sua Guarda Leonina. A fileira estava toda disforme; a formação em que haviam partido de Redmire logo fora abandonada. Nenhum homem de Bast se desgarraria da fila daquela maneira enquanto marchava. O major, porém, estava sem energia para repreendê-los. Estavam todos exaustos. A viagem pela estrada da Várzea Baixa era um pesadelo.

Dois soldados detiveram o passo bem na frente do major, fazendo seu cavalo estacar de repente, despertando-o de seu devaneio.

— Por que pararam, seus imbecis? — gritou Krupha. — Marchem!

Um dos homens diante do cavalo apontou para a frente.

— Tem uma carroça atolada na estrada, senhor.

Krupha olhou por cima dos homens e do lamaçal cheio de buracos e poças. De fato, havia uma carroça de fazenda atravessada na estrada, bloqueando a passagem da tropa. O veículo tinha patinado para fora do caminho e acabado com a traseira enfiada em uma vala na lateral da estrada. Uma camponesa puxava as rédeas do cavalo, tentando tirá-lo da inclinação para puxar a carroça para fora da lama. Cinco homens da Guarda Leonina correram para tentar ajudar. A garota balançou a cabeça em um gesto de obstinação, os cabelos cor de ferrugem respingando e espalhando água enquanto tentava controlar o animal.

O major grunhiu, batendo nas ancas da montaria e conduzindo o cavalo entre seus homens. Os Mantos-Rubros abriram caminho com relutância, dando passagem a Krupha. Mais adiante, ele viu os membros da Guarda Leonina tentando ajudar a garota a tirar o cavalo da lama. A princípio, sua intenção era apenas ordenar que empurrassem a carroça e o animal para fora da estrada de uma vez — a menina que se virasse com as consequências de sua estupidez em perder o controle do cavalo naquela situação. Mas, à medida que se aproximava, o veterano guerreiro teve um pressentimento dos mais familiares. Krupha era um soldado profissional experimentado em batalhas em Bast e agora na Lyssia. Ninguém se tornava major se não tivesse o dom de farejar o perigo no ar.

Os olhos de Krupha se voltaram para as árvores dos dois lados da estrada. A menina era frágil e lutava contra o animal teimoso. Um dos homens da Guarda Leonina assumiu as rédeas e se ocupou do cavalo. A menina deu um passo para o lado, o rosto oculto sob os cabelos ruivos.

— Saiam já daí! — gritou o major. — Afastem-se da carroça! É uma emboscada!

Mas era tarde demais. A capota da carroça já estava sendo arrancada, e a vegetação de ambos os lados da estrada ganhou vida. A menina se lançou para o meio dos Mantos-Rubros, girando no ar. Os soldados gritavam ao sentir as garras dela rasgando-lhes a carne.

A cobertura de lona se desprende da estrutura do veículo, e os homens imediatamente descarregaram suas armas. Flechas de arcos e balestras zuniram, tendo como alvo a Guarda Leonina, acompanhadas de projéteis vindos das árvores nas laterais do caminho. Lanças e pedras despencavam

sobre os atônitos Mantos-Rubros. Dez dos homens do Leão tombaram imediatamente na estrada, feridos e moribundos. Os homens atocaiados não usavam nenhuma farda digna do nome. As roupas em farrapos sugeriam serem camponeses, não guerreiros. Aos poucos, a Guarda Leonina foi tentando se reagrupar, correndo por cima dos companheiros caídos, sacando espadas e erguendo escudos. Quatro deles estavam aglomerados em torno da ruivinha feroz, tentando dominá-la antes que se vissem em número ainda menor.

Gretchen olhou para a carroça e viu que os companheiros não conseguiam descer dela. Depois de lançar seus projéteis, eles precisavam pegar as armas de combate corpo a corpo no chão da carroça, porém a Guarda Leonina reagira, impedindo que saíssem do veículo. Ela esperava que já estivessem a seu lado àquela altura. Em vez disso, enfrentava os inimigos sozinha. Em pânico, o cavalo do comandante da Guarda Leonina empinou, sacudindo as patas dianteiras no ar enquanto o cavaleiro lutava para controlá-lo.

Gretchen deixou que a fera tomasse conta de si. Às garras se somaram dentes afiados, e o focinho da Werefox esticou-se em seu rosto. Não era a primeira vez que evocava seu lado transmorfo — nos últimos meses, enquanto lutava para sobreviver, transformar-se na Raposa era seu modo de salvar a própria pele. Ela e seu grupo cada vez maior de companheiros tinham encontrado Wyldermen na Dyrewood, bandidos nas Dalelands e assassinos e mercenários a serviço do príncipe Lucas. Sua habilidade de transformação em Werefox era a diferença entre a vida e a morte, e não só para ela, mas também para aqueles que chamava de amigos.

Pelos avermelhados se espalharam pelo seu corpo, as costas se arquearam, coluna e costelas estalando ao se transformar. Gretchen gritou, rugindo na cara dos homens. Três Mantos-Rubros se encolheram de pavor. A visão de um transmorfo em mutação era uma imagem aterrorizante para muitos humanos. Apenas um manteve-se firme, avançando com a espada enquanto seus amigos falhavam.

Gretchen viu a aproximação da lâmina e contorceu o corpo para se esquivar. Por muito pouco não foi atingida na barriga. Suas mandíbulas se fecharam sobre a mão que segurava a espada, moendo osso e tendões. Com um berro de agonia, o soldado largou a arma, que caiu na lama. Seus camaradas logo entraram em ação, distribuindo uma saraivada de espadadas

contra a Werefox. Dois golpearam apenas o ar, mas o terceiro acertou o alvo, atingindo Gretchen na coxa. Furiosa, a Raposa deu um grito, saindo do raio de ação do Manto-Rubro e estendendo os braços para a armadura dele. Suas garras encontraram um ponto de contato, encravando-se em ambos os lados do peito do soldado, perto das clavículas. Ela cerrou os punhos e rosnou, erguendo o homem no ar e jogando-o sobre os companheiros.

Ao redor dela, todos tentavam estabelecer algum tipo de domínio uns sobre os outros, e o sangue começou a se acumular no solo, misturando-se à lama. O último homem a atacar Gretchen bateu nela com um escudo, fazendo-a cair de lado. A espada com fio de prata veio em seguida, mas ela conseguiu rolar para fora de seu alcance, a lâmina letal enterrando-se no barro. Os pés dela se ergueram para chutar seu oponente, mas o escudo estava lá para proteger o homem do golpe. A espada Lionshead baixou de novo, visando a garganta de Gretchen, pronta para matá-la com seu fio de prata. Ela se virou no último minuto, e a lâmina não a atingiu, mas atravessou seu manto, prendendo-a ao lugar onde estava.

O Manto-Rubro sacou uma adaga da cintura e imediatamente aproveitou a posição vantajosa para esfaqueá-la no estômago. A lâmina deixou uma dor aguda em seu rastro, fazendo Gretchen temer que sua barriga se abrisse a qualquer momento. Levou então uma das garras ao abdome, enquanto, com a outra mão, tentava segurar o soldado. A adaga estava acima da cabeça dele, prestes a descer em um golpe mortal contra a Werefox paralisada.

Repentinamente, um dos companheiros de Gretchen interceptou o homem no meio do golpe e o arremessou no solo. Com os combatentes todos cobertos de lama, era difícil distinguir entre aliados e inimigos até que entrassem em ação. Gretchen tentou se mover, mas ainda estava presa ao solo pela espada, e com medo de que sua barriga se abrisse. Olhou para os dois homens que se enfrentavam a alguns metros de distância. O Manto-Rubro estava por cima, e seu defensor por baixo, dominado pelas mãos do soldado. A adaga jazia em uma poça de lama ali perto.

Seu camarada passou a mão por baixo do corpo do homem da Guarda Leonina, e uma mão de três dedos tateou em busca da faca. Trent Ferran, irmão de criação do Wolflord Drew, pegou a arma, posicionou-a na palma da mão e atacou. O Manto-Rubro arregalou os olhos quando a adaga desapareceu dentro de seu corpo, e as mãos na garganta de Trent se afrouxaram de imediato. O jovem fez o soldado morto rolar para o outro lado

antes de rastejar até Gretchen.

O comandante da Guarda Leonina deu meia-volta com o cavalo, recuando pela estrada. Meia dúzia de soldados se desvencilhou dos inimigos e saiu correndo atrás dele rumo a Redmire. Os olhos de Trent cravaram-se no ferimento na barriga de Gretchen, que tinha a atenção voltada para os Mantos-Rubros em fuga.

— Voltem aqui! — gritou, quando alguns de seus companheiros fizeram menção de persegui-los. — Acabou. Pelo menos por enquanto.

Fez uma careta de dor quando seu corpo iniciou o doloroso processo de voltar à forma humana, os ossos se contorcendo e os músculos queimando de desconforto.

— Hoje mandamos um recado. Lucas pode mandar quantas tropas quiser para as Dalelands, mas, se espera uma recepção calorosa, vai ficar muito decepcionado.

— Aquele era o major Krupha, milady — informou um homem calvo com avental de couro e uma barba ruiva que chegava até o peito largo. — Reconheceria aquele varapau amarelo em qualquer lugar. Foi ele que matou meu aprendiz quando tomaram minha oficina de ferreiro lá em Hedgemoor. Vou acabar com ele, nem que seja a última coisa que eu faça.

— Ele e o resto daqueles suínos de Mantos-Rubros, Arlo — comentou outro homem, sob uma salva de palmas.

— Guardem essa animação para quando voltarmos ao acampamento — falou Trent, postando-se ao lado de Gretchen. Apesar de jovem, ele exalava confiança, como se tivesse passado a vida toda entre militares. Sua voz era potente e firme ao se dirigir aos vinte homens reunidos ao redor. — Tirem o que puderem dos Mantos-Rubros tombados: armas, armaduras, provisões, o que for. E sejam rápidos. Não sabemos se há mais homens de Krupha em outro ponto da estrada. De qualquer modo, ele vai alcançar o general Vorhaas antes de anoitecer, e eles virão atrás de nós. Precisamos estar longe daqui quando isso acontecer.

Os combatentes começaram sem demora a tirar o que podiam dos mortos. Gretchen observou tudo com uma sensação de orgulho propiciada pela primeira e verdadeira vitória de seu pequeno bando de foras da lei. Os Rapineiros de Hedgemoor, era assim que eles se chamavam. Tinham atacado

diversos pequenos postos de guarda nas semanas anteriores, agindo de maneira rápida e violenta, matando os Mantos-Rubros desgarrados e espalhando o medo entre suas fileiras. Mas aquele havia sido o verdadeiro teste para eles, uma missão para mostrar do que eram capazes. Podia até ser um grupo composto de ferreiros, agricultores, caçadores e lenhadores, mas pouco a pouco transformavam-se em soldados.

— É grave? — perguntou Trent, voltando sua atenção para Gretchen e o ferimento a faca que sofrera no estômago.

— Não tive coragem de olhar — ela respondeu enquanto seu amigo removia a espada que a mantinha presa na lama. Ele a arrancou, jogou-a de lado e se ajoelhou ao lado dela. A mão de Gretchen estava coberta por um sangue escuro, que borbulhava entre seus dedos.

— Farei um curativo, mas não sou nenhum magíster — avisou Trent. — O curandeiro pode dar uma olhada quando voltarmos ao acampamento. Agradeça a Brenn por não ter sido a lâmina de uma Lionshead.

Trent se abaixou e a ergueu nos braços. Fora um membro da Guarda Leonina no passado, quando acreditava que seu irmão era o responsável pelo assassinato de sua mãe. Estava enganado, claro, muito enganado. Drew não era o inimigo, de modo algum. Podia até ser um Lord transmorfo, o Werewolf que era o herdeiro legítimo do trono da Westland, mas nem por isso deixava de ser seu irmão. Gretchen torcia para que os dois se reconcilhassem, se algum dia cruzassem o caminho um do outro. Tinham ouvido um boato de que o Lobo estava vivo e de volta à Lyssia.

— Eu consigo andar, Trent — falou Gretchen. — É sério. Pode me colocar no chão.

Ele a colocou de pé, e ela foi cambaleando pela estrada, com a mão na barriga. Bem como Trent temia. Os dois haviam se aproximado bastante nos últimos meses, depois de terem se encontrado durante a fuga dos horrores provocados pelos Wyldermen em seu ataque a Brackenhholme. Apesar de conhecer bem o temperamento dela, Trent não queria que Gretchen participasse da emboscada, mas não havia como dissuadir a Lady de Hedgemoor.

Um de seus companheiros se aproximou, carregando uma espada nas mãos. Era alguns anos mais novo que Gretchen e Trent, uma criança na verdade, com os cabelos loiros e rebeldes cobertos de sangue.

— Sua cabeça está toda ensanguentada, Tom — falou Trent.

— O sangue não é meu, senhor — avisou o garoto, um ex-cavaliário de Hedgemoor, entregando a arma com o cabo virado para Trent. — Sua espada.

— Você deixou sua Wolfshead cair? — questionou Gretchen.

— Eu a deixei dentro de um Manto-Rubro — respondeu ele, pegando a arma da mão de Tom e assentindo em agradecimento. Era a velha espada de seu pai. — Que bom que ele não fugiu com ela. — Trent baixou a cabeça, atraindo o olhar de Gretchen para seus cabelos loiros em desalinho. — Antes de irmos a qualquer lugar, você precisa de um curativo — ele falou, apontando com o queixo para a ferida dela com uma expressão séria e preocupada no rosto, como um pai que repreende uma criança. — Tem certeza de que não quer que eu a carregue?

— Continue andando, Ferran — ela respondeu, determinada a não demonstrar fraqueza na frente dos Rapineiros enquanto o sangue da Raposa ainda corria em suas veias. Era uma atitude típica de Trent se preocupar com ela, além de algo bem irritante. Gretchen não era mais uma garotinha, e muito menos alguém frágil. Era uma jovem forte, uma transmorfa, tão capaz quanto qualquer homem na hora da batalha. — Vamos andando! — ela gritou, assumindo o controle do grupo.

Com certa relutância, Trent partiu atrás de Tom, pondo o braço sobre os ombros do garoto.

— Vamos lá, garoto — disse Trent, esforçando-se para abrir um sorriso quando se juntou aos homens. Olhou para trás apenas uma vez para ver como estava Gretchen, encarando-a sem piscar com seus olhos azuis.

“Ainda não considera o assunto encerrado, Trent, é isso?”, pensou Gretchen enquanto ele desaparecia em meio aos demais. “Ótimo. Eu também não.”



Conspiradores

— Isso vai contra tudo o que é mais sagrado, e me recuso a participar.

O xerife Muller ficou olhando para a casa de fazenda em ruínas, as sobancelhas franzidas de preocupação. Logo atrás dele, o general Gorgo andava de um lado para o outro, bufando e balançando a cabeça sob a luz azulada que a lua crescente lançava sobre as Terras Áridas e as Whitepeaks mais adiante.

— Estou com o xerife — disse o Hipopótamo. — O que quer que Lucas tenha tramado com esses Wyldermen, eu não aprovo. Fui alertado sobre esses selvagens assim que pus os pés no solo da Lyssia. Eles não são de confiança; são canibais incivilizados. Nada de bom pode sair dessa aliança.

— Para mim o maior problema — falou o conde Costa — é o fato de termos sido obrigados a nos encontrar aqui nestes escombros. — Ele estava sentado sobre as ruínas de uma parede demolida, olhando para o acampamento. — Desde quando o jovem Leão pode expulsar a Fera de Bast da própria barraca?

O Vulturelord olhou para onde estava Onyx, o gigantesco Werepanther, que preenchia todo o espaço da passagem de entrada com seu corpo. Vestia uma calça e um cinto adornado de pedrarias na cintura, sua única concessão ao clima frio do norte. Seus músculos eram bem definidos, e a pele reluzia com um brilho arroxeadado ao luar. A barraca de comando fora tomada pelo príncipe Lucas e sua comitiva, e Onyx precisara encontrar um novo local. Tinha ocupado outra barraca, perto da antiga, mas a afronta era clara aos olhos de todos. O comandante do exército dos Catlords fora deposto pelo garoto, e haveria consequências.

— O jovem Leão é o rei deste continente — disse Gorgo. — Não podemos nos esquecer disso. É por ele que estamos aqui nesta guerra.

— É mesmo? — questionou o Abutre. — Não me recordo de ter jurado lealdade a um Leão da Lyssia. Minha palavra foi empenhada com os Lords do Fórum dos Anciãos. Meu povo é leal a Bast.

— Você não está *em* Bast, milorde — rebateu Muller. — Eu tomaria cuidado com a língua se fosse você. Aquele exército lá fora serve ao príncipe Lucas. Suas palavras são uma traição aos ouvidos deles.

— Estou desperdiçando meu tempo aqui — retrucou o conde, dirigindo seu comentário ao comandante. — Nunca me interessei por disputas políticas, e também nunca imaginei que esse fosse seu domínio, milorde. Somos *guerreiros*, Onyx: me mande para Omir, onde posso ser útil. Venha comigo, se quiser. Enquanto o marechal de campo Tiaz combate os Chacais na areia, meus irmãos Abutres podem enfrentar os Hawklords no céu. Esta é uma guerra que podemos vencer, ao contrário do impasse que se estabeleceu aqui. Tiraremos proveito de nossa vantagem no Reino do Deserto. Deixe o Leão brincar de guerra aqui com os sturmianos.

— Não podemos abandonar nossas tropas — argumentou Gorgo. — Um quarto desse exército é composto por bastians. Não deixaria meus homens sob o comando de um... *menino*.

— Então é isso? — indagou Costa, apontando para os companheiros antes de bater no próprio peito. — Nós quatro somos os únicos preocupados com essa mudança de rumo? Lucas chegou aqui sem aviso, falando em aliança com os Wyldermen, e isso não incomoda os demais membros do conselho?

— Pode até incomodar, mas eles têm medo de se manifestar — respondeu Gorgo. — Metade deles não é capaz sequer de conceber o perigo de se aliar com esses selvagens. Apenas seguem ordens. Quanto ao general Skean, o Cranelord pode até discordar, mas é uma pessoa reservada. Vai observar tudo de longe, mantendo distância. Só vai mostrar o que pensa mais tarde, escrevam o que estou dizendo, quando não tiver mais nada a perder e tudo a ganhar.

— E o restante dos seus irmãos transmorfos de Bast? — perguntou Muller.

— Estão preocupados, com certeza, mas esperando uma orientação de Onyx. Afinal de contas — continuou Gorgo, voltando-se para o Werepanther —, foi Sua Alteza que nos convocou para estas terras em nome dos Catlords.

Somos súditos fiéis dos felinotropos, armas nas mãos de seus semelhantes. O fato de um Lionlord governar os Sete Reinos deve confundir seu senso de lealdade. As ordens de quem valem mais?

— Uma ótima pergunta. — Costa abriu um sorriso. — Isso o tempo vai dizer, assim espero...

— Só existe uma questão a debater — Onyx afirmou por fim, encarando os três. — O que ele quer com esse Wylderman, Coração Negro? Como esse xamã pode ser útil ao nosso esforço de guerra?

— Quantos selvagens tem aquela comitiva? — perguntou Gorgo. — Vinte?

— Não chega a ser um exército, não é mesmo? — ressaltou Muller.

— Ele pretende fazer alguma coisa com a mão do Werewolf — lembrou Onyx.

Drew Ferran havia deixado aquele troféu para trás na batalha no Cabo Gala, durante a fuga da cidade dos Horselords, arrancando a própria carne com os dentes para se livrar dos grilhões. A mão amputada permanecera em poder do Pantherlord desde então, como um lembrete constante da notável força de seu inimigo, de seu desejo de sobrevivência e de sua determinação inabalável.

— Mas o que ele pode fazer com aquela mão? — questionou o xerife.

— Se eu soubesse disso, acha que estaria aqui falando com vocês a esta hora da noite? — grunhiu a Pantera. — Magia Wyrn, foi o que Lucas disse.

— Talvez esse xamã conheça um jeito de usar a mão do Lobo para descobrir seu paradeiro — falou Gorgo, animando-se de repente. — Isso *seria* útil. Poderíamos usar essa informação para caçá-lo.

— Se a magia Wyrn for parecida com a feitiçaria usada por Mão Negra, quem sabe o que Coração Negro é capaz de fazer? — comentou Onyx.

— Ele pode estar sendo enganado, claro — especulou Costa, desinteressado. — Quer dizer... um selvagem da floresta? Ele merece mesmo algum tipo de confiança? Talvez devêssemos estar preocupados com o rei, que se deixou seduzir por um xamã.

— Qualquer que seja seu plano, sou capaz de garantir que meus homens não vão querer fazer parte dele, tampouco a Guarda Leonina — afirmou

Muller. — Esses homens são da Westland e das Terras Áridas. Conhecem bem os Wyldermen e suas artimanhas, sua adoração a deuses antigos e obscuros, seu hábito de se alimentar de carne humana. São centenas de séculos de rivalidade entre os selvagens e o povo livre da Lyssia. Se o rei pensa que vamos lutar ao lado deles, está muito enganado.

— Muller tem razão — concordou Gorgo. — A presença dos Wyldermen no acampamento só vai criar discórdia entre as tropas. Onde o rei está com a *cabeça*?

— Você deveria perguntar a ele, se está tão preocupado assim.

Ao ouvir o som da voz do estranho, Muller e Gorgo se viraram bruscamente. O xerife sacou sua espada da bainha, enquanto o Hipopótamo bateu o pé com força no chão. Costa levantou-se, preparando-se para um embate ou então para voar. Apenas Onyx permaneceu imóvel, de costas para o intruso, que parecia vir dos fundos da ruína, envolto em penumbra.

— Quem está aí? — perguntou Muller, dando alguns passos entre os escombros, em meio às densas sombras que o luar lançava sobre a casa de fazenda dilapidada.

— Pode sair das sombras, Lord Chanceler — disse Onyx sem se virar. — Não seja tímido. Estamos entre amigos aqui, não estamos?

Vanmorten materializou-se na escuridão, sua túnica negra aparecendo em meio à luminosidade fraca das ruínas. Muller recuou ao ver o Ratlord, e Gorgo soltou uma risadinha nervosa. Costa continuou onde estava, a mão no cabo da cimitarra que levava na cintura, sem tirar os olhos do Wererat.

— Há quanto tempo está aqui? — indagou Muller, desconfiado.

— Há tempo suficiente para ouvir tudo, não é mesmo, Vanmorten? — perguntou Onyx.

A mão queimada do Ratlord surgiu da túnica, agitando-se em um gesto vago pelo ar.

— Eu ouvi... coisas — disse simplesmente. — Ouvi os conselheiros do rei Lucas expressando sua *preocupação* quanto às estratégias dele. Ouvi Lords que juraram proteger e servir ao Leão recusando-se a acatar as ordens do rei. Ouvi vozes de humanos e transmorfos expressando descontentamento com a chegada do rei ao acampamento... um acampamento de seu *próprio* exército.

Vanmorten deteve-se a alguns passos de Onyx e seus companheiros.

— Agora me digam, milordes — ele falou, apontando um dedo queimado na direção dos conspiradores —, ouvi certo?

Onyx enfim se virou para Vanmorten.

— Mostre seu rosto, Ratlord.

— Quê?

— Não confio em quem esconde a própria cara — falou a Pantera, abrindo os braços. — Dê uma boa olhada em mim, Lord Chanceler. Não estou armado. Não tenho nada a esconder. Se quer conversar francamente, tire esse capuz.

Muller deu um passo para trás a fim de se afastar do Ratlord, ciente dos terríveis ferimentos impostos a ele duas vezes por Drew Ferran.

— Não vou fazer nada disso — respondeu Vanmorten, mas sua atitude confiante se esvaiu de uma hora para outra.

— Por acaso sente vergonha? — questionou Onyx, balançando a cabeça. Ele deu um passo na direção do Ratlord como quem não quer nada, os braços e as mãos ainda abertos. — É compreensível. Considerando que ficou terrivelmente deformado por causa do filhote de Lobo, com um rosto tão desfigurado que nem sua própria mãe seria capaz de beijar.

— Olhe a língua! — esbravejou o Rato, dando um passo para trás. Com o Werepanther monopolizando sua atenção, não percebeu que Costa não estava mais sentado perto das ruínas da parede. Onyx continuou:

— Você está sempre à espreita, Rato, assim como seus irmãos. Os olhos e os ouvidos dos Leões da Westland, em todas as cortes do continente. É assim que vocês agem, não é? Insidiosos e traiçoeiros, é o que são. É o lema da família, talvez?

— Eu sou o Lord Chanceler! Como ousa falar assim comigo? — Apesar dos protestos, Vanmorten continuou recuando. Sibilou quando seu corpo começou a se transformar sob a túnica. As ondulações da mudança de forma espalharam-se pelo tecido escuro e grosso.

Costa acertou um chute na coluna do Wererat, lançando-o para cima de Onyx, que já se transformava. As garras do Werepanther se projetaram do interior da túnica, agarrando Vanmorten pela garganta enquanto este mudava

de forma. Onyx ergueu o Ratlord do chão, músculos e ossos se expandindo para acomodar a Pantera.

Muller e Gorgo só observavam, absortos pelo embate, horrorizados com o fim que aquilo poderia ter. Vanmorten resistiu, arranhando a pele escura do felinotrope, que era grossa como couro curtido, endurecida pelas batalhas. Onyx ergueu a mão livre e arrancou o capuz preto do Rato.

Até mesmo a Pantera foi pega de surpresa com o que viu, tão horrenda era a cara do Rato. A carne do lado direito de seu rosto não estava mais lá, e o osso descolorido do crânio era visível em torno da mandíbula. O olho grande e rosado de Vanmorten se movia loucamente na órbita sem pálpebra. O outro lado se resumia a tecido queimado, e não havia bálsamo de cura que pudesse atenuar aquilo. Quando Onyx apertou com mais força a garganta do Ratlord, uma língua preta saltou para fora da boca ofegante, exalando um odor de podridão e destruição.

Onyx sorriu, sacudindo o Rato com a mão.

— Não sou um Lord qualquer da Lyssia, Rato. Sou Onyx, superior a qualquer Werelord dos seus Sete Reinos patéticos. Você está diante do mais poderoso dos Catlords e ainda ousa fazer ameaças?

O Ratlord gorgolejou, e os outros notaram que a mobilidade de seu corpo diminuía a cada segundo.

— Vou dar um presente para você hoje, Vanmorten — prosseguiu. — Vou deixar você sair daqui com vida.

Onyx arremessou o Wererat no chão, diante de seus pés poderosos. O Lord Chanceler levou a mão à garganta, ofegante. O Rato logo se encolheu diante da Pantera, e o corpo de Vanmorten se amontoou em meio às sombras.

— Você é *meu* agora, Rato. Vai seguir minhas ordens, fazer o que eu quiser. Só o que interessa a você daqui em diante é a minha vontade. Pode continuar cumprindo as tarefas passadas pelo rei, mas nada do que ele disser em segredo vai continuar assim. Você vai contar tudo para mim. Sobre os Wyldermen, os inimigos do Leão, seus planos. Vai ser meus olhos e ouvidos junto ao rei. Caso contrário, vou tomar o presente de volta e lhe dar o que merece. Entendido?

Vanmorten confirmou com um aceno de cabeça frenético, a respiração pesada.

— Muito bem — falou Onyx, limpando gotículas de saliva do Wererat do rosto —, vamos acabar logo com isso. Seu senhor, o rei, o que ele quer com os Wyldermen? Fale.

— Aquele... que se chama Coração Negro... — começou Vanmorten, esfregando a garganta —, o xamã quer a mão do Lobo... para uma cerimônia.

— Que cerimônia? — indagou Costa, cutucando o Rato com o pé.

— A lua cheia está chegando... — disse o Lord Chanceler, a voz rouca.

— Para que Coração Negro precisa da lua? — questionou Onyx.

— Ele disse que precisa ser na lua cheia — explicou o Ratlord, ficando de joelhos e recolocando o capuz. — Ele precisa do sangue do Lobo para fazer acontecer.

— Seja claro, Rato, nada de frases enigmáticas — repreendeu Gorgo.

— Ele jurou que os selvagens não vão descansar enquanto não matarem o Wolflord. Um acordo foi feito. O rei vai entregar ao xamã o que ele quer, o sangue, e em troca os Wyldermen se comprometeram a dizimar as forças do Urso nas Whitepeaks. Depois disso, vão sair à caça para matar Drew Ferran e seus amigos. Para nós, é um plano sem nenhuma desvantagem: aconteça o que acontecer, sairemos ganhando.

— Como você pode ter tanta confiança em um bando de Wyldermen? — questionou Onyx, sentindo que as peças do quebra-cabeça ainda não se encaixavam. — O que vai impedir que os selvagens sejam massacrados quando atacarem o exército de Henrik?

Vanmorten sorriu, massageando a garganta, e seus dentes brancos reluziram ao luar sob o capuz.

— Ah, o ataque aos sturmianos não vai ser feito por humanos.

— Um batalhão de transmorfos? — perguntou Costa, desconfiado.

— Não, também não são transmorfos. — Vanmorten soltou uma risada, ficando de pé e ajeitando a túnica.

— O quê, então? — Onyx interpelou.

— Demônios, Alteza — revelou o Lord Chanceler. — Demônios.



PARTE II

Sem defesa



Os tentáculos do Kraken

O mundo tremeu de repente, derrubando Drew do sofá onde dormia para o chão. O som de madeira rangendo e envergando ecoava pelo *Golpe de Sorte*, um guincho agudo de uma embarcação que ameaçava se partir em duas. Desorientado, Drew se segurou às tábuas do piso com a mão e os pés, as unhas tornando-se garras para se fixar. Garrafas se quebraram, e os objetos guardados nas prateleiras da cabine da capitã se espalharam pelo compartimento.

— Whitley! — gritou Drew enquanto o navio balançava e oscilava.

— Estou aqui! — ela berrou, descendo do leito e se colocando ao lado dele. Drew sentiu o braço dela sobre seu ombro descoberto e o rosto próximo do seu. Era possível ouvir a respiração acelerada de Whitley em meio à cacofonia, o ar quente atingindo com força o ouvido de Drew. Os gritos da tripulação se faziam ouvir mais acima.

— Fique aqui — ela falou.

Drew a segurou pelo braço.

— Aonde você vai?

— Lá para cima, ver o que está acontecendo!

— Vou com você — ele anunciou, esforçando-se para se manter em pé enquanto o navio oscilava outra vez.

— Não vai, *não*, Drew. Pelo amor de Brenn, você está cego! Fique aqui. Eu já desço. — Ela pôs a mão em seu peito, em um toque suave e firme ao mesmo tempo. Sentiu os lábios dela roçar seu rosto logo abaixo da bandagem que lhe cobria os olhos. Em seguida, ela se afastou, recomendando ao sair: — Não saia da cabine, Drew. É perigoso.

Drew ouviu a porta se fechar e então ficou sozinho ali enquanto o

mundo virava do avesso ao seu redor. Os gritos da tripulação eram cada vez mais urgentes, e o som do aço se chocando se juntou ao turbilhão de ruídos.

— Nunca fui bom em acatar ordens — murmurou Drew, caminhando com passos inseguros pela cabine, a mão estendida até encontrar o sofá.

Tateou o móvel para localizar o cinto com a espada. Em seguida, colocou-o na cintura e o apertou com firmeza. A fivela se prendeu no lugar, e a bainha da espada se ajustou em seu quadril. Drew cambaleou para a frente, batendo na parede, e seguiu próximo a ela até chegar à porta. Puxou a tranca e a abriu, saindo para o corredor.

Drew havia conseguido criar uma imagem mental da distribuição dos compartimentos do *Golpe de Sorte* desde que subira a bordo, mas isso quando a embarcação navegava tranquilamente pelo mar. Agora o navio estava sob ataque e, quando oscilou mais uma vez, Drew foi parar na escada, percebendo então que não sabia mais onde estava. O som do combate estava mais alto, ecoando no convés mais acima. Se ele entrasse na disputa naquelas condições, seria cortado ao meio em poucos instantes, mas não podia ficar escondido na cabine enquanto a tripulação de Violca era massacrada.

Quando chegou à escotilha mais próxima, descobriu que estava trancada. Tentou abri-la com a força dos ombros, mas estava bem presa. Do lado de fora, era possível ouvir os gritos da tripulação, acompanhados de risadas ensandecidas. Seria a frota do Leão? Ou fora o Kraken que os encontrara? Drew se agachou sobre os degraus, arrancando a bandagem do rosto. Uma luz branca invadiu seu campo de visão. Piscou algumas vezes, tentando encontrar o foco para conseguir entender a situação, mas o brilho ofuscante permanecia. Os olhos não tinham serventia para Drew, mas havia outros sentidos a usar. Solto um rosnado, e sua mente se voltou para os primeiros momentos de convivência com a fera. Correndo à solta pela Dyrewood, captando os sons e os aromas da floresta ao redor, os sentidos afiadíssimos. O rosnado se tornou um grunhido, depois um rugido.

Whitley corria pelo convés na noite escura, desviando de barris tombados e se esquivando de cabos soltos, com três piratas em seu encalço. Cada um usava o vermelho ao seu estilo, uma referência a Lucas e a maior concessão que concordavam em fazer em termos de adotar uma farda. Um estava com uma bandana escarlate na cabeça, outro com um lenço rubro no pescoço e o

último com um casaco vermelho fechado em torno da barriga proeminente. Enquanto corria, observava o navio preto gigantesco que fazia o *Golpe de Sorte* parecer minúsculo, e as cordas e os ganchos que mantinham as duas embarcações presas a bombordo. Com o dobro do comprimento da embarcação da capitã Violca e um convés elevado adicional, parecia um troglodita ao lado de uma criança. A tripulação de contrabandistas resistia com bravura, mas a batalha logo estaria encerrada. Caso Drew não estivesse incapacitado, talvez ainda houvesse esperança. Naquela situação, porém, a única chance de vitória estava nas mãos da garota de Brackenhholme.

A cada passo desesperado, com a aproximação iminente do trio, Whitley deixava o Urso dominar um pouco mais seu coração. Saltou sobre a amurada a estibordo, pendurando-se em um cabo do cordame, e uma pelagem espessa surgiu sob a camisola rasgada. O cânhamo se retesou sob seu peso quando Whitley pendulou no ar em um arco extenso. Quando se voltou na direção do navio, os três homens detiveram o passo, e a Bearlady pulou para o meio deles. Os pés de Whitley acertaram o peito de um dos piratas, cujas costelas fraturaram, o ar sendo expulso de seus pulmões. As garras dela atingiram um outro, lançando-o aos berros sobre a amurada.

O último era o pirata gordo de casaco vermelho. Enquanto Whitley, de costas, atacava seus companheiros, ele encontrou uma brecha. Seu sabre curto cortou o ar, atingindo-a no dorso. Whitley se virou e avançou para o homem, cravando as garras em sua barriga. O pirata deu um berro, golpeando o rosto dela repetidamente com o cabo do sabre. As pancadas reverberavam com força em seu crânio, somando-se à dor do ferimento nas costas, mas ela não afrouxou a pressão. A arma podia não ser de prata, mas era um ferimento grave. Se continuasse lutando, perderia mais sangue. Caso descansasse um pouco, seus poderes de cura transmorfa entrariam em ação, e o processo de autocura começaria. Em vez disso, ela cerrou as mandíbulas cada vez mais fracas.

Um rugido bestial abalou o navio, acompanhado do som de madeira se partindo. O pirata acertou o nariz de Whitley mais uma vez, obrigando a Bearlady a enfim soltá-lo. Ela caiu sobre o convés, totalmente zozna. O homem se recompôs, sorrindo, mas sua expressão presunçosa não durou muito. A ponta afiada de um florete atravessou seu peito, perfurando-lhe o coração, e logo em seguida saiu de seu corpo, deixando-o no chão junto com seus companheiros. Violca apareceu atrás dele, limpando o sangue da lâmina,

com Ramzi, seu imediato, ao lado.

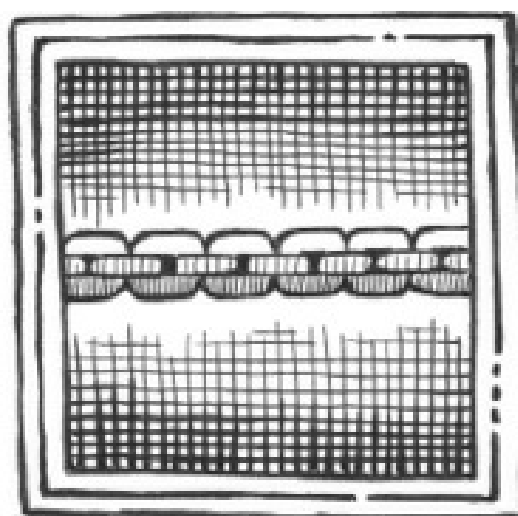
— Depressa, milady — disse Violca, ajudando Whitley a ficar de pé. — Precisamos tirar você e o pastor do navio. O senhor Ramzi deixou um bote preparado na popa. Ele vai tirá-los daqui em segurança.

A Werelady olhou para a proa do navio. A batalha estava mais intensa por lá, no ponto onde o inimigo invadira a embarcação. Sem nenhuma lamparina acesa, e com a lua e as estrelas encobertas pelas nuvens, apenas as faíscas produzidas pelo choque das espadas podiam ser vistas em meio ao confronto entre contrabandistas e piratas.

— Deixei o pastor lá embaixo. Achei que fosse mais seguro ele ficar por lá.

— Bom, ele não está mais lá embaixo, e está longe de estar em segurança — retrucou Violca, observando um vulto grande e escuro saltando sobre o convés, no coração da disputa. — Pode ir! Eu o levo até você!

Ramzi enlaçou a Bearlady ferida pela cintura, para ajudá-la a se movimentar. Rapidamente, conduziu-a à popa. Whitley, que olhava para trás o tempo todo, viu a capitã correr para onde a batalha estava mais acirrada. Ela logo se perdeu em meio à escuridão e aos gritos dos moribundos.



A Mãe de Icegarden

Hector fez uma careta, apertando o nariz no ponto entre os olhos. A dor persistia, uma pressão constante atrás dos globos oculares que atravessava sua cabeça como um ferro em brasa. Levou a mão direita às órbitas, tentando uma massagem para aliviar a dor de cabeça. Abrindo os olhos vermelhos, focalizou a mulher acorrentada à cadeira diante de si.

— Por que precisamos continuar com esses joguinhos idiotas? — perguntou, sentindo-se péssimo.

A duquesa Freya o encarou em resposta, com um olhar de ódio incontido que fez Hector se sentir minúsculo. Apesar de estar presa à cadeira por correntes de aço sturmiano, ela exalava magia por todo o corpo. Hector mal conseguia acreditar que a mais poderosa das Filhas de Icegarden, as magísteres de Strakenberg — e mãe do duque Henrik e de Lady Greta —, era sua prisioneira. O Boarlord observou os ferimentos no rosto e no pescoço da Ursa Branca e estremeceu. Ibal, seu capanga, estava parado junto à porta, carcereiro dos muitos prisioneiros de Hector e testemunha de todos os seus interrogatórios. Suas habituais risadinhas nervosas desapareceram na presença da duquesa, pois o homem da Guarda Javalina sentia sua aura de poder.

— Um jogo envolve divertimento — ela respondeu. — E eu garanto a você, Mão Negra, que suas visitas não me divertem nem um pouco.

— Mesmo assim você me obriga a fazer sempre a mesma pergunta, dia após dia, sem me oferecer nenhuma resposta. Acha que estou gostando dessa encenação?

— Sinceramente? — rebateu a duquesa. — Sim, eu acho.

Hector estalou os dedos e apontou para ela. Gotas de saliva voaram de seus lábios retorcidos.

— Você está testando minha paciência, milady. Quer me dizer que é tola a ponto de desejar mais dor?

— Pergunte logo o que quer, seu menino doente — disse a transmorfa idosa, virando a cabeça para o lado, como que o desafiando. Ela cravou os olhos em Ibal, que se voltou para o outro lado. — Pode vir com sua dor. Veja o que conseguirá com isso.

Hector ergueu a mão esquerda, e sua túnica preta escorregou, revelando uma porção de carne negra e maculada. Ele a abriu como se liberasse uma borboleta presa em sua palma, mandando o vil para cima da duquesa. O espectro enfumaçado, visível apenas para Hector, começou a rodeá-la como um tubarão em torno da presa, à espera de um comando para atacar. O magíster lançou a mão para a frente, e Vincent, o vil, atingiu o rosto da Bearlady ao passar por ela em alta velocidade. Hector agitou o braço para o outro lado, e o vil bateu em Freya mais uma vez, fazendo a cadeira inclinar-se sobre as pernas dianteiras, ameaçando jogar a Bearlady de cara no chão. Ibal deu um passo à frente para segurar a cadeira, que nesse momento se reequilibrou sobre o piso de pedra.

Hector respirou fundo, notando que sua dor de cabeça passava quando o irmão entrava em ação. O vil só ficava contente quando era mandado ao ataque. Tortura e assassinato eram seu prazer, e ele nunca se fartava de nenhuma dessas duas coisas. Hector ficava enojado com o fato de o espírito demonstrar tais predileções. Apesar de o Boarlord ainda ter controle sobre o vil, Vincent parecia ganhar confiança a cada dia. Seu sonambulismo e suas dores de cabeça tinham relação com o espectro, e Hector temia pelo que poderia vir a seguir.

Ele ergueu os olhos, e os gemidos de Freya o tiraram de seu torpor. A cabeça dela balançava para trás e para a frente enquanto o assassino espectral continuava seu ataque, um tornado de ódio que a atingia de todos os lados, despejando sua raiva indiscriminadamente e rasgando-lhe a carne. Hector estalou os dedos enegrecidos, chamando o vil de volta para si. Seu comando foi ignorado.

— Vincent! — ele gritou, agitando a mão negra no ar. Com relutância, o vil interrompeu a saraivada de golpes, voltando para Hector e se enrolando em seus ombros. O magíster estremeceu ao ouvir a risadinha do fantasma.

— Duquesa — ele falou —, o Cajado Wyrn, onde está?

— Eu conheci seu pai, Mão Negra — respondeu Freya em um sussurro. Os cabelos brancos e longos estavam caídos sobre o rosto, mas mesmo assim Hector conseguia ver os olhos dela. Estavam úmidos de lágrimas, e sua expressão de desgosto dera lugar à tristeza. — O que aconteceu com você, criança?

Hector ficou estupefato. Esperava o mesmo tipo de ofensa que recebera dela todos os dias nos últimos meses. Em vez disso, havia deparado com lamento e compaixão, o que não lhe fez bem. Seus lábios estremeceram quando ele tentou, sem sucesso, manter a compostura.

“Ela tem pena de você, irmão”, sussurrou por fim Vincent, o vil, aquecendo o pescoço de Hector com sua voz cheia de maldade. “A velha Ursa pensa que pode apelar para a bondade que existe dentro de você. Mostre a ela que você não tem nada disso. Mate a bruxa agora, e arranque as respostas de que precisa do cadáver dela.”

— Não! — gritou Hector, provocando um sobressalto em Ibal e na duquesa. — Não vou fazer isso.

— Está falando com o fantasma de novo, não é? — questionou Freya, estreitando os olhos à procura de Vincent. — Posso não ver o vil, mas sei muito bem como reconhecer a necromancia.

Hector deu um passo para trás, atordoado pela compreensão de seu poder por parte da Ursa Branca.

“Ela está blefando, irmão. Acabe com ela! Silencie essas palavras venenosas!”

Mas Hector não calou a duquesa; permitiu que ela continuasse.

— Acha que pode me torturar durante semanas sem que eu perceba qual é sua magia? O vil é um servo de um magíster das forças obscuras, Mão Negra. Já percebi como esse poder maculou e corrompeu você. — Os olhos dela se cravaram em sua mão esquelética, que ele se apressou em esconder. — Está com vergonha, não é, menino? — ela disse baixinho.

Hector estremeceu, com medo de responder.

— Nunca é tarde demais — ela prosseguiu. — Você pode voltar atrás.

Hector se aproximou, agachando-se para chegar ainda mais perto de Freya. Os horrores noturnos, a raiva que o possuía, a desconfiança daqueles

que costumavam ser seus entes queridos... No fundo, ele sabia que aquilo era errado. Hector voltou a ser um simples garoto de Redmire, bloqueando as palavras malignas do irmão morto ao buscar respostas nos olhos da Ursa Branca.

— Como posso fazer isso parar? — sussurrou.

Freya sorriu e começou a falar mais devagar, a voz rouca e suave:

— Solte estas correntes, Mão Negra. Posso ser uma Ursa velha e cansada, mas ainda tenho dentes e garras. Deixe que eu ponha um fim à sua dor, antes que você acabe tirando outra vida.

O magíster se encolheu ao registrar aquelas palavras. O pouco de razão que se fizera presente momentos antes se perdeu na nuvem negra que se formou em sua mente. Seu rosto se contorceu quando seu estado de espírito se alternou para uma fúria incontida.

“O que foi que eu falei, Hector?”, sibilou o vil. “Acabe com ela! Agora mesmo!”

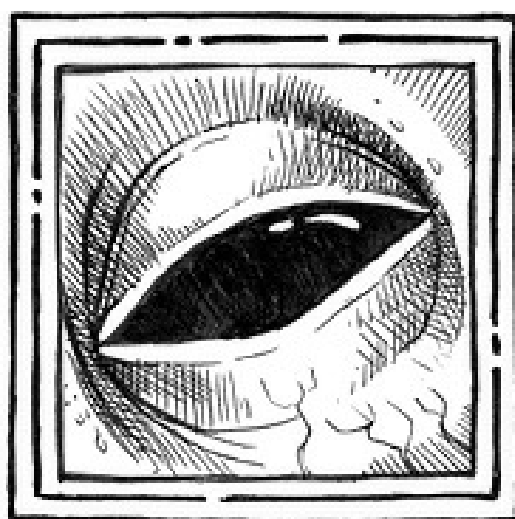
O Boarlord bufou, e um rosnado grave ressoou em sua garganta. Ele sacudiu a cabeça, tentando se livrar da dor, mas sua mandíbula começou a se expandir. Seus dentes, a crescer, projetando-se nas gengivas, e uma força desconhecida começou a emergir. Seu coração, sempre tão fraco, de repente se mostrou robusto, bombeando o sangue com força por todo o corpo frágil. Seus olhos encontraram os de Freya quando ele ergueu a mão, pronto para atacá-la.

A porta da cela se abriu subitamente, rangendo nas dobradiças, e os ocupantes do recinto se viraram, surpresos. Ringlin estava lá, ofegante.

O estado de espírito sombrio que dominara Hector se foi, substituído por um acesso de tontura. Os homens deram um passo à frente, amparando o barão antes que sucumbisse. Ele olhou para Ringlin, sentindo a voz enfraquecer à medida que os traços do Javali se apagavam de suas feições.

— O que foi?

— Venha comigo imediatamente, milorde. São os Corvos.



Olhos mortos

Os prisioneiros estavam ajoelhados no convés do *Golpe de Sorte*, a maioria com o queixo colado ao peito. Violca mantinha a cabeça erguida, encarando os piratas que ousavam olhar em sua direção. Esforçava-se para enxergar com um olho só, pois um corte profundo no supercílio havia enchido o outro de sangue. Passou a língua pelos dentes, sentindo vários deles frouxos. Em seguida contou quantos de seus homens ainda estavam vivos: uma dúzia, talvez? Dificilmente mais. Enquanto mantivesse o olhar dos inimigos fixo no seu, eles não veriam suas mãos, que trabalhavam freneticamente para tentar se desvencilhar das cordas que as prendiam.

— Um cachorrão, não? — disse um dos piratas, coçando a cabeça. — Nunca vi nada assim antes.

“Estão falando do Wolflord!”, percebeu Violca.

— Pensei que fosse um grande felino, uma daquelas feras que Onyx tem.

— Arrancou a cabeça de Ribchester com uma dentada! — comentou outro, soltando uma risadinha nervosa. — A cabeça dele ainda gritava quando rolou pelo convés!

— Merecia morrer, seja lá o que for — respondeu o primeiro.

— Não estava morto quando foi jogado pela amurada.

— Não importa, agora virou comida de peixe.

Os passos pesados do comandante inimigo ressoaram pelo *Golpe de Sorte* quando ele entrou na embarcação pela prancha. Violca reconheceu imediatamente o capitão Olho Morto, pois seu rosto disforme era conhecido por todos. Com quase dois metros de altura, tinha a boca curvada para baixo e o queixo projetado para a frente. O espaço entre seus olhos era um pouco

grande demais, certamente uma influência de seu lado transmorfo. Era um dos homens mais feios em que ela havia posto os olhos.

— Que surpresa inesperada topar com o *Cão do Inferno*, Olho Morto — comentou Violca. — Principalmente em hora tão inapropriada. Se queria me fazer uma visita, existem formas mais fáceis de chamar minha atenção. Um almoço em Angra do Veleiro simplificaria as coisas, jogando conversa fora e fechando algum negócio com uma taça de vinho.

— Sua boca falastrona não está tão bonita quanto eu me lembrava, Violca — falou Olho Morto com um sorrisinho quando parou diante dela, as mãos na cintura.

Ela notou o par de cutelos presos às coxas dele, enquanto seus dedos ainda trabalhavam para se livrar das cordas.

— Minha boca estaria com batom, e não com sangue, se tivesse avisado que viria. Não é uma maneira muito bonita de começar uma conversa.

— Conversa? Isto é um interrogatório, bruxa! — rebateu Olho Morto. — Onde estão seus passageiros?

— Eu não tenho nenhum passageiro. O *Golpe de Sorte* por acaso é uma barca?

Olho Morto se agachou diante de Violca, aproximando o rosto de feições distorcidas.

— Você estava com transmorfos a bordo. Dois.

“Como ele sabe sobre o Lobo e a Ursa?”

Ele a estapeou com força, arrancando dois dentes que estavam frouxos nas gengivas. Ela ergueu a cabeça lentamente e sorriu, revelando as falhas no sorriso ensanguentado.

— Os Werelords — falou Olho Morto. — Onde estão?

Violca cuspiu nele.

— Já foram faz tempo, feioso!

O rosto monstruoso de Olho Morto se contorceu, e ele ergueu a mão para desferir mais um tapa, mas se deteve, olhando para um ponto atrás dela. Devagar, os lábios curvados para baixo se retorceram em um sorriso horrendo.

— Não exatamente — disse ele, os olhos negros voltando a se concentrar na capitã.

Violca olhou para trás e sentiu um aperto no coração. Dois piratas carregavam o corpo inconsciente de Whitley, enquanto Ramzi caminhava escoltado por outros dois, as mãos atrás das costas.

— Desculpe, chefe — disse o imediato ao passar por Olho Morto.

— Tudo bem, amigão — ela respondeu. — Você fez como eu pedi. Ao que parece, nós dois perdemos essa parada.

Olho Morto soltou uma risada.

— Só estou vendo uma perdedora aqui!

Ramzi foi andando até o capitão do *Cão do Inferno* e estendeu o braço para cumprimentar o Werelord grandalhão.

— Bom trabalho, *capitão* Ramzi — disse Olho Morto. — Sua ajuda é muito bem-vinda. Lord Ghul vai ficar satisfeito com sua atuação. Considere o *Golpe de Sorte* sob seu comando, conforme combinado. Só não se esqueça de quem são seus senhores.

Violca deu um salto para a frente, livrando-se das cordas e pegando um dos cutelos presos à coxa de Olho Morto. Ela atacou o Werelord, que usou o traidor Ramzi como escudo. O cutelo acertou o marujo no meio do peito, cravando-se em seu esterno. Seus olhos se arregalaram quando Violca tentou em vão removê-lo do osso.

Olho Morto afastou Violca do moribundo Ramzi e a ergueu no ar, segurando-a com força pelos bíceps. Ela se debateu e tentou atacá-lo, esperneando loucamente enquanto ele a continha, como um pai faria com uma criança malcriada. Horrorizada, Violca observou a transformação de Olho Morto. Os ombros dele se alargaram, e a pele rosada assumiu um tom cinzento e sem vida. A cabeça também mudou de forma, e o peito e o queixo se fundiram em um maxilar curvo enquanto o crânio se expandia para os lados. Os olhos bulbosos piscaram nas laterais da cabeça da criatura, esferas sólidas de uma única cor, um preto cruel e desalmado.

— Olhos mortos — ela murmurou.

A má aparência de sua forma humana parecia agora insignificante. Como todos os Werelords do mar, ele era duplamente monstruoso: uma fera

do oceano e um predador de homens. Ela olhou freneticamente ao redor, emitindo apelos aos piratas, que lhe deram as costas. Violca soltou um grito quando o capitão Olho Morto, o Tubarão-Martelo do *Cão do Inferno*, levou seu corpo, que esperneava e se debatia, à boca monstruosa e faminta.



O emissário

— Solte-o, Flint! — gritou Hector ao entrar às pressas na enorme sala do trono, acompanhado por Ringlin e Ibal. Seus passos ressoavam no piso de mármore, e a túnica de magíster esvoaçava enquanto ele corria em direção à aglomeração formada diante da plataforma elevada. Os guarda-costas ugri e os Corvos se viraram para acompanhar sua aproximação. Os Werelords começaram a rir do barão de Redmire, que abria caminho para chegar até eles. No centro de tudo, Lord Flint, seu líder, estava de pé diante de um soldado encolhido no chão. O aviatropo encontrava-se parcialmente transformado, com o bico preto aberto, gritando com o humano indefeso, a cimitarra erguida na mão. Suas asas começavam a despontar quando Hector o empurrou para o chão.

Os Corvos de pronto se voltaram para o magíster, cercando seu familiar e grasnando furiosamente em uníssono. Ringlin e Ibal deram um passo à frente, arrastando o homem agredido para trás de seu senhor. Os ugri restantes no salão entraram em ação ao mesmo tempo, indo em socorro de seu senhor e se posicionando ao lado de Hector.

— Como ousa atacar nosso irmão? — gritou um dos senhores de Riven.

— Posso fazer isso de novo, e até pior, garanto a você! — Hector berrou em resposta, erguendo o punho enegrecido para os Corvos. Eles ficaram olhando para sua mão, compreendendo a ameaça velada.

Flint afastou os irmãos, abrindo caminho para ficar à frente do grupo. Ele era o mais poderoso dos Werecrows. Se temia Hector como os demais, era evidente que preferia não demonstrar.

— Por que defender este humano? Este emissário dos Bearlords? Só temos uma mensagem para enviar a Henrik e a Bergan, e é a cabeça deste tolo arremessada por cima da muralha!

— Nada de matança! — rebateu Hector. — Este homem veio para cá sob uma bandeira branca. Nós lhe concedemos essa trégua. Não somos monstros.

Flint piscou algumas vezes os olhos escuros e desconfiados de pássaro, enquanto Hector se virava para o militar desarmado. O lado direito do rosto do homem, onde Flint o havia golpeado, estava inchado. O Boarlord abriu um sorriso forçado e estendeu a mão boa. O outro não a aceitou, preferindo ajeitar o manto cinzento e imundo e fazer uma breve mesura.

— Capitão Reuben Fry — disse Hector, decepcionado por seu cumprimento não ter sido aceito. Sempre havia gostado daquele arqueiro. — Que bom ver você, apesar de as circunstâncias de nosso reencontro me entristecerem profundamente.

— Sou general agora, milorde — respondeu Fry, a formalidade em pessoa.

— Meus parabéns, general Fry! Você sempre foi um ótimo soldado. O reconhecimento é merecido.

— Vim transmitir as palavras de duque Bergan, milorde — anunciou o sturmiano, ignorando o elogio.

— E que palavras seriam essas? — interrompeu Flint. — “Nós nos rendemos”?

Seus irmãos deram risada, e Hector ergueu as mãos para silenciá-los, sem tirar os olhos do general da Guarda Lupina.

— Diga, Fry.

O homem pigarreou antes de continuar:

— Os duques de Icegarden e Brackenholme pedem clemência e uma travessia em segurança para fora do vale. A face norte de Strakenberg é sua rota de preferência, tomando o Caminho das Whitepeaks, de preferência sob a proteção da noite.

— Por que não o sul das montanhas? — questionou um dos Corvos em tom de ironia, provocando um coro de grasnados.

— Nossos homens estão enfraquecidos, milorde — respondeu Fry, ignorando os senhores de Riven. — Se permanecerem mais tempo lá embaixo, mesmo conhecendo bem o terreno, vão morrer. Estão exaustos,

famintos. Alguns estão doentes. Se nos conceder uma rota de fuga, nós nos retiraremos em silêncio.

— O que impediria um ataque a Icegarden com vocês assim tão perto? — questionou Hector. — O Caminho das Whitepeaks passa bem ao lado da muralha da cidade.

— Nós não representamos mais nenhuma ameaça para você — garantiu Fry, apontando para o sul, irritado. — Nosso exército está praticamente liquidado. Se impedir nossa passagem pela estrada montanhosa de Sturmland, morreremos todos.

— Não estou impedindo sua passagem, Fry. Mas tenho uma exigência a fazer aos duques: submissão. Eles precisam se ajoelhar diante de mim e jurar lealdade e obediência. Precisam reconhecer minha posição como senhor de Icegarden. Só assim vou garantir a saída de vocês do vale.

Fry suspirou.

— Isso nunca vai acontecer, como você bem sabe. Permita nossa passagem, eu lhe suplico, milorde. Estamos esgotados.

— Os Ursos podem ser feras feridas agora, mas vão se recuperar. E então? Nunca mais vão voltar? Estão me deixando como um ocupante temporário de Sturmland, para zelar pelo seu povo? — Hector balançou a cabeça. — Não, isso precisa ser feito agora, para evitar aborrecimentos mais tarde. Eles devem vir até aqui, sozinhos e desarmados, e se ajoelhar diante de mim, tanto Henrik quanto Bergan. Essas são as minhas condições. Meus únicos termos.

Fry o encarou.

— E nada pode fazê-lo mudar de ideia?

Hector abriu um sorriso tristonho.

— Além dessas muralhas há uma guerra terrível em andamento — continuou Fry, com uma tensão perceptível na voz. — Enquanto você fica aqui no palácio, existem homens e mulheres combatendo e morrendo por uma Lyssia livre. Os Catlords não vão parar enquanto não nos derrotarem. Você é o próximo. Essas muralhas resistiram durante séculos, eu mesmo fui criado entre elas, mas não será possível manter Lucas a distância para sempre. E que vida você vai ter quando isso acontecer, trancafiado dentro da cidade? Será um prisioneiro, Hector — ele complementou com um tom de

pena.

— Estou fazendo isso por um futuro melhor, Fry — Hector respondeu, erguendo um dedo negro para o sturmiano. — Um futuro em que os Boarlords não fiquem mais em segundo plano e os Crowlords possam subir na hierarquia das aves. *Esta* vai ser a nova ordem na Lyssia. Não subestime minha força, nem os outros tipos de auxílio que posso evocar.

Os olhos de Fry se cravaram no membro mumificado de Hector, sentindo a náusea dominar seu corpo.

— Você já foi um jovem honrado. Não pode voltar a ser?

— Eu ainda sou... um bom homem... — gaguejou Hector. Ringlin o encarou com firmeza, balançando calmamente a cabeça.

— Você matou Bo Carver, ou no mínimo mandou matar — disse Fry, olhando para os homens da Guarda Javalina. — Teria matado até a pobre Pick se tudo tivesse saído como você queria... uma criança.

— Ela sobreviveu? — perguntou Hector, surpreso. — Que bom. Eu... lamento pelo que aconteceu naquele dia.

— Ela sobreviveu, apesar da ação de seus capangas. Tivemos sorte de encontrá-la no meio da neve, quase morrendo congelada. Ela contou o que aconteceu. Não teria acreditado se não tivesse visto com meus próprios olhos. Você estava *possuído* pelo quê, para ordenar um ataque dos ugri quando voltamos à cidade?

“Ele escolheu a palavra certa”, riu-se Vincent, o vil. “Já chega de ouvir esse idiota, irmão. Deixe que os Corvos cuidem disso. A cabeça dele já deveria estar em cima da muralha a essa altura. Você tem compaixão demais.”

— Para mim está claro que os Sete Reinos precisam de Werelords com iniciativa — respondeu Hector, ainda tentando se explicar. — O Conselho Lupino ficou estagnado, perdido, quando Drew desapareceu.

— O Conselho Lupino era um grupo de homens com boas intenções e bom coração! — Fry exclamou, na defensiva.

— O Conselho Lupino é inútil! — rebateu o Boarlord, tentando encerrar o assunto.

— Mas você ouviu os boatos, não ouviu, milorde? — questionou o

sturmiano. — Drew está de volta. Os homens da Guarda Leonina e os escaramuçadores que capturamos no campo de batalha nos contaram. Seu amigo está vivo, barão.

Hector sorriu com a maior calma de que era capaz.

— Ringlin e Ibal, quero que escoltem pessoalmente o general para fora da cidade. Devolvam suas armas e garantam que nenhum mal lhe aconteça. — Hector fez uma saudação para o Manto-Cinza. — Foi bom ver você, Reuben Fry. Que da próxima vez você traga os Bearlords para a sala do trono de Icegarden, para se curvar diante de mim e pedir minha bênção.

Os dois guarda-costas seguraram Fry pelos braços e o conduziram bruscamente para fora do salão. Os Corvos rosnaram para ele enquanto saía, exceto Flint, que olhava feio para Hector.

— Você é um fraco. A compaixão é o tipo de coisa que cobra um preço bem alto mais tarde.

— Não dá para chamar isso de compaixão. Ele veio implorar minha ajuda, e eu neguei.

“Pode mentir para o Corvo, mas não para mim”, o vil sussurrou no ouvido de Hector. “Você *ainda* gosta dos seus antigos amigos. Escute o pássaro, irmão. Ele tem razão.”

O magíster se afastou da plataforma do trono e da aglomeração, tomando o caminho da Torre do Osso. Precisava clarear as ideias, tomar um ar, afastar-se dos Corvos e de seu discurso de violência.

“As palavras deles podem até ser violentas, Hector, mas são verdadeiras. O Urso e seu povo não deveriam significar mais nada para você.”

— A bondade pode matar mais depressa que a prata. Qualquer que seja o sentimento que ainda tenha por esse pessoal, é melhor enterrá-lo bem fundo, Mão Negra! — Flint gritou para o barão enquanto guardava a cimitarra na bainha. — Antes que ele enterre você.



Cortejo

Sob a luz da lamparina oscilante, Whitley se olhava no espelho, horrorizada com o que via. Seu vestido parecia pertencer a uma das bonecas com que brincava quando criança. Uma coisa exagerada, cheia de babados e fitas. Podia não ser uma dama da corte como Gretchen ou as outras Wereladies da Lyssia, mas tinha noção do que estava na moda em Highcliff. Aquela vestimenta era uma antiguidade de uma época esquecida, e seu odor de mofo era de embrulhar o estômago. Quando acordara, o vestido estava à sua espera na cama.

A ferida em suas costas fora limpa e cuidada, e o poder transmorfo tinha acelerado o processo de cura. Whitley não fazia ideia de quem cuidara dela. Acordou com uma dor de cabeça terrível, e o decantador e a taça vazia na penteadeira davam uma boa pista do motivo. Pegou a garrafa e a cheirou. O aroma adocicado do remédio a fez tossir. Não sabia por quanto tempo permanecera dopada. Poderiam ter sido até semanas, mas o ferimento dolorido nas costas dizia que fora no máximo um dia ou dois. Whitley sacudiu as mangas bufantes. Estava ridícula, mas essa era a menor de suas preocupações. O paradeiro de Drew era a primeira, aquela que ocupava sua mente.

Uma batida à porta fez com que se sobressaltasse.

— Posso entrar?

— E se eu disser que não? — retrucou a garota de Brackenholme.

Uma chave virou na fechadura, a porta se abriu, e uma figura grandalhona e sombria apareceu. O homem se abaixou para entrar na cabine, e suas botas pesadas promoveram um batuque desarmonioso nas tábuas do piso enquanto se aproximava. Em uma das mãos, carregava uma bandeja de madeira, na qual uma tigela fumegante se equilibrava ao lado de um pedaço

de pão com manteiga. O estômago de Whitley rugiu quando o homem colocou a refeição cuidadosamente sobre a penteadeira. Apesar de faminta, ela fingiu desinteresse.

— Quem é você? E por que atacou o *Golpe de Sorte*?

— Com quem estava viajando, milady? — perguntou o homem, afastando-se da mesinha e encobrendo a luz da lamparina. Era grande como seu pai, o que não era pouca coisa, considerando o físico imponente do duque Bergan. Mas, se por sua vez o Bearlord ostentava uma cabeleira vasta e indomável, o gigante diante dela era careca e tinha uma aparência absolutamente peculiar. Seu rosto era comprido e esticado, e os olhos miúdos eram separados demais. A boca curvada para baixo conferia-lhe uma expressão que mesclava tristeza e decepção.

“Que bom”, pensou Whitley. “Se está perguntando com quem eu estava viajando, é porque não deve ter encontrado Drew. Talvez ele esteja a salvo.”

— Estava viajando sozinha — respondeu Whitley, e acrescentou: — Por que você atacou o navio da capitã Violca?

O homem ergueu um comprido dedo e o balançou.

— Não. Não é você quem faz as perguntas aqui, milady. Você só responde às minhas. Entendido?

Seus olhos negros a observavam sem piscar. Whitley se viu incapaz de fazer outra coisa além de encará-los, considerando-os ao mesmo tempo interessantes e perigosos. Havia um caráter de distanciamento naquele olhar, algo desconcertante, que afetava seus nervos. Por mais que ele estivesse imóvel, a ameaça de violência pairava no ar. Whitley assentiu em silêncio.

— Você tinha uma companhia no *Golpe de Sorte* — afirmou o grandalhão. — Nunca gostei de joguinhos. Isso me irrita. E quando me irrita saio quebrando coisas. Quem estava com você?

— Sinceramente, eu estava...

— Não me diga que estava sozinha, milady, por favor. Para o seu bem. Quero apenas a verdade.

Ele se aproximou mais um pouco, fazendo Whitley recuar e esbarrar no espelho. O homem inclinou a cabeça, observando-a. Estendeu a mão e roçou de leve as mechas de cabelo castanho caídas sobre o rosto da garota. Ela

estremeceu, encolhendo-se a seu toque. A tentação de invocar a Ursa era grande, mas ela estaria acuada mesmo assim. Poderia até matar o grandalhão, mas continuaria a bordo de seu navio, com todos os outros vilões que pudessem estar reunidos ali. Whitley desviou os olhos enquanto o homem lentamente recolhia a mão.

— Meus modos a ofendem, milady? Você me julga grosseiro? Peço desculpas, se for esse o caso. Já me disseram que sou bruto. Mas só uma vez, veja bem: ninguém jamais repete esse tipo de coisa para mim.

Ela voltou a encará-lo.

— Não precisa me chamar de “milady”. É inteiramente desnecessário.

— Eis aí outro tipo de joguinho que não me agrada, milady — disse o homem, os lábios caídos estremecendo enquanto ele mostrava os dentes.

Whitley fez uma careta ao vê-los: tortos, pontiagudos e amarelados. O cheiro que escapava de sua boca era de peixe podre. Teve que conter a ânsia de vômito quando ele sorriu.

— Pois eu sei quem você é, Lady Whitley.

Os olhos dela se arregalaram à menção de seu nome. Foi inevitável. Mesmo que tentasse negar, sua reação já havia entregado tudo. Ela olhou para a porta aberta e o corredor mais adiante. Se tentasse escapar — sabe-se lá Brenn para onde —, teria que agir rápido. Era evidente que o grandalhão sabia demais. “Será que ele sabe que eu viajava com Drew?”

— Sei que você estava acompanhada de um cavalheiro... O falecido senhor Ramzi me contou que vocês dois subiram a bordo na Baía de Todos os Santos e que a tripulação se referia a ele como “o pastor”. Eu poderia perguntar à capitã Violca de quem se tratava, mas infelizmente ela não está mais entre nós. Quem era ele, milady?

Whitley se esforçou para manter a compostura. O homem desconhecia a verdadeira identidade de Drew.

— Um dos homens de meu pai, de Brackenholme, enviado para me proteger — ela respondeu.

— Ora, eu até poderia acreditar nisso, mas nesse caso ele não era dos mais empenhados em fazer direito seu trabalho, não é mesmo?

— Como assim, “poderia acreditar nisso”? — ela rebateu, fazendo os

grossos babados dos punhos sacudir. — Estou dizendo a verdade.

— Se pensa que pode me...

O decantador de cristal se chocou contra o rosto do homem, desenhando uma linha de sangue em sua têmpora. Whitley escondera a garrafa na volumosa manga direita do horroroso vestido, soltando-a e apanhando-a pelo gargalo no momento de usá-la contra o captor. O grandalhão cambaleou para o lado, batendo em uma das colunas do pé da cama, enquanto Whitley saía correndo.

Apesar de atordoado, ele ainda conseguiu estender uma das mãos quando ela passou. Seu antebraço envolveu a garganta de Whitley, rápido como um raio, imobilizando-a com firmeza por trás. A outra mão alcançou a garrafa, arrancando-a dela antes que pudesse atacar de novo. Ele atirou o objeto na cama e ergueu a mão até o pescoço de Whitley. Ela sentiu os dedos ásperos apertando sua garganta quando o rosto dele se aproximou por cima de seu ombro.

— Está mentindo de novo, mocinha, e mentiras deixam o capitão Olho Morto muito irritado — ele sussurrou em seu ouvido. — Os homens do *Cão do Inferno* que invadiram aquele barco depararam com um ataque inesperado. Um falou que era um cão selvagem; outro, que era um grande felino como os que existem em Bast. Alguns disseram que era um urso, milady. — Ele deu risada. — Imagine só: um Urso a bordo de um barco! Além de você, claro.

A risada logo cessou, e os únicos ruídos que se ouviam eram o das tábuas estalando e o das ondas do lado de fora das escotilhas. Ele a virou, segurando-a diante de si pela garganta. Sangue escuro escorria pelo rosto de Whitley, mas sua voz continuava calma e controlada.

— Agora me diga: que animal era esse, à solta pelo *Golpe de Sorte*, arrancando pedaços da minha tripulação?

— Talvez Violca tivesse um cachorro a bordo. Não percorri o navio inteiro, fiquei fechada na cabine e...

— Um cachorro com uma espada e uma bainha na cintura? Deve ser um animal bastante sofisticado, milady.

— Não tenho como ajudar — rebateu Whitley com um rosnado. Estava ficando cansada da intimidação e das ameaças de Olho Morto. Os olhos pretos do capitão se arregalaram com a demonstração de hostilidade, e ele

segurou a garganta da garota com um pouco mais de força.

— Essa criatura com a espada foi vista pela última vez sendo perseguida por um grupo de meus homens armados com lanças, cutelos e arpões. No fim, foi jogada ao mar, para minha irritação. Gostaria de inspecionar aquele corpo quando retornasse à forma humana. Enfim, transmorfo ou não, o Mar Branco há de ter se encarregado dele agora. Vamos, milady, deixe de bobagem. Recolha os dentes e me diga quem era a pobre alma.

Whitley gritou quando seus maxilares estalaram e o crânio da Ursa começou a se formar. Pensou no pai e no irmão, e em todos aqueles que tinham feito mal à sua família. Uma raiva crescia dentro dela ao imaginar os homens de Olho Morto golpeando e cortando Drew antes de empurrá-lo para o mar congelado. Eles o haviam matado.

— Talvez sua estadia no *Cão do Inferno* como minha... *convidada* refresque sua memória, Lady Whitley. Pense bem, minha cara. Tente se lembrar do que viu. Pequenos detalhes podem salvar a vida de um homem, ou de uma mulher.

— Tire a mão do meu pescoço, seu ogro! — ela esbravejou, as mãos se erguendo para tentar atacá-lo. Olho Morto recuou um passo, mantendo-a ainda sob seu controle, porém a um braço de distância. As garras em transformação de Whitley se cravaram na pele do antebraço dele, tentando perfurar sua carne. Ela começou a espernear, mas o capitão a ergueu e a bateu contra o espelho. Ela sentiu o vidro se quebrar junto às costas, tentando em vão acertá-lo com os pés.

— Eu poderia ser seu amigo. Você está bem longe da sua casa na floresta. Coisas terríveis podem acontecer no mar. Se estiver a meu lado, você vai estar segura. Nada de mau vai acontecer, não enquanto estiver sob minha proteção.

— Em troca do quê? — grunhiu Whitley, ainda com o auxílio da Ursa.

— Uma parceria — ele respondeu. — Casamento — explicou, antes de estender a outra mão, colocando ambas ao redor da garganta da garota. Por um momento, Whitley teve a certeza de que seria estrangulada. Em vez disso, sentiu algo frio contra sua pele. Depois ouviu um estalo agudo quando a coleira de metal se fechou em seu pescoço.

Não conseguia respirar, e suas vias aéreas continuavam obstruídas,

mesmo depois de despencar no chão. Whitley saiu rastejando pela cabine, arranhando as tábuas do piso com as garras enquanto lutava para puxar o ar. Não era só a coleira que a estrangulava. “Casamento? Com esse animal horroroso?” Sua pele se arrepiou de pavor, e a pelagem começou a tomar conta de seu corpo.

— Relaxe, milady — disse Olho Morto. — Relaxe e sobreviverá. Controle a fera. — O capitão ficou observando enquanto ela se contorcia de agonia. — Vamos, princesinha, a essa altura você já deveria saber controlar a fera — ele falou, mostrando os dentes horrorosos em um sorriso torto. — Que tolice sair da segurança de Brackenholme sem antes aprender a dominar suas habilidades de transmorfa. Prove seu valor, não só para mim, mas para si mesma, Lady Whitley. Só os mais fortes sobrevivem no Mar Branco.

Whitley se debateu e se contorceu, sentindo os olhos quase saltarem das órbitas enquanto lutava para conter a Werebear. Tentou se imaginar em casa, no Salão de Brackenholme, deitada com a cabeça no colo da mãe. Imaginou as mãos suaves da duquesa Rainier acariciando seu rosto, seus cabelos. Aos poucos, sentiu a fera recuar, a pelagem escura sendo substituída por sua pele clara e coberta de suor.

— Pronto — falou Olho Morto. — Estou impressionado. Você vai ser uma bela aquisição para o *Cão do Inferno*. Sinto que vamos conquistar muita coisa juntos, em uma união de Werelords do mar e do continente.

O capitão se virou para a porta, e seus passos pesados fizeram as tábuas do piso estremecerem sob o rosto de Whitley.

Ouviu a batida da porta. Com esforço, a Werelady ficou de joelhos, arrastando-se pelo chão da cabine até chegar à penteadeira. Agarrou-se à beirada do móvel, já sem as garras, e se apoiou nele para ficar de pé. Um rosto descomposto a encarou do espelho. Whitley afastou os cabelos em desalinho para examinar o pescoço.

Uma corrente de prata envolvia sua garganta, sobre a pele arranhada e avermelhada pelo esforço. Inclinou-se na direção do vidro quebrado, passando o dedo sobre os elos sólidos e grossos da coleira. Em seguida, girou-a em torno do pescoço, para ver como estava fechada. Um cadeado a mantinha no lugar, apertada até demais. Ela reprimiu um soluço. Drew estava morto, assassinado pela tripulação do *Cão do Inferno*, e seu corpo fora jogado ao mar. Whitley estremeceu ao sentir o toque da prata na ponta dos

dedos. Agora ela pertencia a Olho Morto.



Pesca accidental

Drew soltou um grito. Seu corpo se agitou com a lembrança da batalha a bordo do *Golpe de Sorte*, sentindo todas as feridas arderem, quando acordou de seu sono perturbado. A princípio, imaginou que ainda estivesse sonhando, preso em um terrível pesadelo. Quando tentou se mexer e se debater, no entanto, a dor dos ataques se renovou: duas espadadas no peito, uma pancada no ombro direito e uma dor aguda no abdome, onde fora atingido por um arpão. Seus olhos se arregalaram, mas a visão continuava ofuscada por uma luz branca e brilhante. Estendeu o braço em busca de alguma coisa, qualquer coisa, que pudesse indicar onde estava. O mundo não sacudia mais: estava em terra firme, mas *onde*? Drew ouviu algo se mover ali por perto e levou os dedos na direção do som. Uma pele morna... um pulso? Ele o agarrou, e seu dono logo tratou de se desvencilhar.

— Ele acordou!

Era uma voz de criança, em um tom agudo de alarme. Alguma coisa dura — uma bota, talvez — atingiu o rosto de Drew, fazendo sua cabeça tombar para o lado, o nariz arrebentando com o impacto.

— Larga ele, seu desgraçado! — esbravejou uma voz mais grave, porém igualmente jovem. Um porrete acertou Drew na têmpora, jogando sua cabeça para o outro lado. Os golpes inesperados o deixaram nauseado, já que o tinham pegado sem defesas.

— Bate nele de novo! — gritou a primeira voz. — Ele quase arrancou minha perna!

— Parem com isso! — sussurrou uma voz feminina também jovem, seguida do barulho de algo se arrastando. Drew grunhiu, balançando a cabeça para tentar se livrar da desorientação e deixar o Lobo tomar conta de si. O porrete o atingiu com força no peito, fazendo-o cair de costas. Ele aterrissou

em uma espécie de caixote rústico que fizera o papel de cama enquanto dormia.

— Se rosar mais uma vez, amigo, vai levar tanta pancada que não vai mais nem saber quem é — ameaçou a segunda voz, claramente ansiosa para lhe infligir mais dor.

— O Piloto mandou não fazer nada com ele — disse a voz de menina —, então é melhor guardar esse porrete, Gregor.

— Ele pode até dizer que é o Piloto, mas não é meu chefe, não!

— Fale baixo — sussurrou a garota. — Hackett vai ouvir!

— Por favor — pediu Drew, ofegante, erguendo a mão direita em um gesto de súplica. — Não estou querendo briga. Só preciso de respostas.

— Shhh — fez a menina, levando a mão à boca de Drew. — A gente não quer os homens de Hackett batendo aqui na porta.

— Tire a mão da boca dele, Pearl — disse Gregor. — Você não sabe por onde ele andou.

— A gente sabe muito bem por onde ele andou — falou o menino que Drew havia tentado segurar. — Ficou apodrecendo aí nesse colchão por dois dias. Nem Sosha sabe como ele não morreu por causa dessas feridas todas!

— Esperem aí — interrompeu Drew. — Estou aqui há dois dias?

— Mais ou menos isso — respondeu Pearl. — Pensei que fosse sangrar até a morte com tantas feridas.

— Parecia até isca de tubarão. — Gregor deu risada. — Já vi miolo de pão mais vivo que você quando saiu do mar.

— O Piloto mandou trazer você para cá, para sua segurança — contou Pearl.

— Quem é o Piloto? — perguntou Drew.

— Um metidinho a besta — falou Gregor. — Pensa que pode mandar na gente.

— Ele não pensa que manda em ninguém — rebateu Pearl. — Só está tentando manter todo mundo vivo e impedir que Hackett e a Guarda Kraken joguem mais algum de nós no mar.

Drew fez um aceno com a mão, tentando atrair atenção para si. Eles

ficaram em silêncio.

— Tudo bem se eu sentar? Ou vou levar mais algum chute, paulada ou *pancada* por causa disso?

— Pode levantar, senhor — falou Pearl, claramente a mais sensata dos três.

— Mas nada de gracinhas — acrescentou o primeiro menino, com o mesmo nível de ameaça que apresentaria um cachorrinho valente.

— Pare com isso, Kit — repreendeu Pearl.

Drew soltou uma risada.

— Qual é a graça?

— Kit — respondeu Drew, sentando e esfregando o queixo. — Esse nome de cachorrinho combina com ele.

— Não acharia tanta graça se fosse você, amigão — falou Gregor. — Se conseguir se livrar da morte na mão dos homens de Hackett, Kit pode muito bem acabar com a sua raça. Ele é muito bom com a faca.

Drew fez uma careta quando o garoto cutucou suas costas com o porrete.

— Ele pode terminar o serviço que essas feridas começaram.

— Pare com essas brincadeirinhas idiotas, Gregor — Pearl disse baixinho, mais próxima do Wolflord. — Ele não vai fazer nada com a gente. Você é cego, não é?

Drew fez que sim com a cabeça, olhando para a vastidão branca à sua frente.

— Sofri uma queimadura alguns dias atrás, uma tocha bem nos olhos. Não enxerguei mais nada desde então.

— Esteve nas guerras, não é mesmo, senhor?

Drew abriu um sorriso.

— É a segunda vez que você me chama de “senhor”. Quantos anos eu pareço ter?

— Uns trinta e poucos?

— Tenho dezesseis — revelou Drew.

— Pelo amor de Sosha — comentou Gregor. — Sua mãe devia pegar pesado na hora de distribuir as tarefas!

— Ele não é muito mais velho que a gente, então — falou Kit.

— E você lá sabe fazer conta, Kit? — retrucou Gregor.

Drew ouviu o som do tapinha que um garoto deu no outro. “Assim como eu e Trent fazíamos nos bons tempos”, pensou com um suspiro. Talvez aqueles dois também fossem irmãos.

— Vocês disseram que me tiraram do mar. O que aconteceu?

— Quem encontrou você foi o Gregor — contou Pearl. — É a ele que você precisa agradecer por ter salvado sua vida.

— Obrigado — disse Drew.

— Vamos devagar com a gratidão aí, amigo. Não estou gostando nada da sua presença aqui, entendeu bem?

— Como vocês me encontraram?

— Você foi pescado sem querer; estava enroscado na minha rede.

— *Sua rede? Você tem um barco de pesca? Mas é só um menino!*

— E você acabou de falar que não é muito mais velho que a gente — rebateu Gregor, na defensiva. — Além disso, a gente precisa se virar, agora que o Ghul deu um sumiço no pessoal mais velho.

— Então eu sou seu prisioneiro?

— Bom, daqui você não sai tão cedo, com certeza.

— O Piloto falou pra gente cuidar de você até que fique melhor — acrescentou Pearl.

— Esqueça o Piloto — disse Gregor. — Aqui mando eu, e estou mandando você ficar na sua. Se sair andando por aí, vai fazer todo mundo ser enforcado. Quero ficar de olho em você o tempo todo, ouviu bem?

Drew sentiu que o garoto ficaria mais do que contente em atacá-lo se ele desse motivo para isso. Fez uma careta enquanto buscava uma posição mais confortável.

— Vá buscar um balde de água do mar, Kit — pediu a menina, aproximando-se do licantropo ferido. — Acho que preciso trocar as

bandagens. As feridas não foram limpas desde que fizemos o curativo.

Drew ouviu o estalo e o rangido de uma porta em mau estado se abrir quando Kit saiu, e Pearl imediatamente se lançou ao trabalho.

— Você disse... vocês disseram que o pessoal mais velho não está mais por aqui? — perguntou Drew, tentando manter uma conversa para distrair a mente da dor provocada pela remoção das bandagens.

— Isso mesmo — respondeu Gregor. — Pais e mães, não tem mais ninguém aqui. Ghul levou todo mundo. Como acha que ele está conseguindo ganhar a guerra?

— Não entendo — disse Drew, cerrando os dentes quando Pearl removeu o pano sujo de sua carne. — Pensei que Bosa tivesse levado a melhor sobre Ghul. Pelo menos era isso que diziam no continente.

— As coisas mudam bem rápido nas Ilhas Cluster — revelou Pearl. — A Baleia pôs o Kraken para correr, recrutando todos os piratas livres do Mar Branco para o seu lado. Mas Ghul não é nenhum tonto. O Squidlord sabe como atacar o ponto fraco dos seus inimigos...

— E como levar os seus pais pode ajudá-lo a derrotar o barão Bosa?

— Quase todos os homens que navegam pelo Mar Branco têm família ou pessoas queridas em Angra do Veleiro — contou Pearl. — Todo pirata é filho ou filha de alguém.

— Ghul ficou cansado de ser acuado pela frota de Bosa e levou todo mundo que tivesse alguma relação com os homens da Baleia. Isso inclui praticamente todos os homens e mulheres livres das Ilhas Cluster — explicou Gregor.

— Para onde?

— Para o mar — respondeu o menino. — Não sei para onde, mas isso logo surtiu efeito nos barcos da Baleia. Várias tripulações se entregaram a Ghul, e todo mundo a bordo acabou acorrentado.

— O que ele faz com as pessoas que foram raptadas? — Drew quis saber.

— Não faço ideia — confessou Gregor. — Não chega muita notícia aqui em Angra do Veleiro. Não tem nenhum navio chegando ao porto, só os militares. E eles carregam o vermelho e dourado do Leão, e também

bandeiras negras de alguma terra distante.

— Bast — murmurou Drew.

— Quê? — perguntou o menino.

— A pergunta certa é “onde” — respondeu Drew. — É o continente da selva, ao sul da Lyssia. É de lá que vêm os reforços do Leão, embarcações cheias de soldados que chegam pelo mar.

Tinha viajado ao Mar Branco na esperança de encontrar Bosa. Ouvir que a frota da Baleia se desmantelava, como Violca havia sugerido, fez o coração de Drew se apertar. E não queria nem pensar no que poderia ter acontecido com Whitley.

— Vocês viram algum sinal do navio em que eu estava quando me tiraram do mar?

— Não — contou Gregor. — Se foram os homens de Ghul que atacaram vocês, então a coisa não pode ter terminado de um jeito muito diferente e nem de longe agradável. A tripulação vai ser obrigada a vestir o vermelho e jurar lealdade ao Leão, ou então será levada para o mesmo lugar que os nossos pais. Ou podem estar todos mortos. De um jeito ou de outro, o navio agora é de Ghul.

— Uma amiga minha estava a bordo — revelou Drew, preocupado.

— Bom, é melhor rezar para que o Kraken esteja de bom humor — falou Pearl, arrancando a última bandagem das costas de Drew. Ele soltou um grito, e ela, um suspiro de susto.

— Não acredito. As feridas fecharam! Estão...

As palavras de Pearl foram interrompidas por gritos do lado de fora. O som de um chicote estalando e do grito de uma criança provocou um arrepio na enfraquecida espinha de Drew. Mais berros foram ouvidos: parecia haver uma perseguição em andamento, e as exclamações dos homens foram ficando mais distantes. A porta se abriu de repente, e o ofegante Kit apareceu. Drew estava totalmente perdido, quase sem nenhuma informação sobre seus acompanhantes e muito menos sobre o local onde se encontravam.

— O que está acontecendo? — questionou.

— Parece que a Guarda Kraken pegou Kit com a chibata — Pearl comentou baixinho. — Deixe eu dar uma olhada nisso.

— Está tudo bem — garantiu o menino. Drew notou a raiva em sua voz, entre um e outro soluço abafado.

— Chibata? — repetiu Drew. — Por que ele apanhou? Por ir buscar um balde de água?

— À noite é hora do toque de recolher — respondeu Gregor. — Quem sai depois de escurecer está arriscando a própria pele. Ele seguiu você, Kit?

— Consegui despistar. É melhor que tenha valido a pena pegar esse balde, pelos nacos de pele que me custou.

— Bom garoto — disse Pearl. — Parece que as feridas do nosso hóspede sararam, só Sosha sabe como. Mas posso usar essa água para os vergões nas suas costas, irmãozinho.

— Então, onde estou agora? — perguntou Drew ao ouvir o balde ser entregue e sentir o cheiro de água salgada. — Sendo bem claro e objetivo, por favor.

— Você está em uma cabana em Angra do Veleiro, uma entre várias, que por acaso é também a nossa casa — contou Gregor. — Entende agora por que não quero que os homens de Hackett descubram que está aqui? Eles são uns assassinos. Tivemos quatro enforcamentos na última semana. Todo mundo tem casa para morar, mas mesmo assim eles vêm atrás da gente para nos levar a um campo de trabalhos forçados, fazendo a gente viver em barracões. E temos que trabalhar como escravos, no mar e na terra. A gente não nasceu para servir ninguém. Estas são as Ilhas dos Piratas: a gente saqueia, rouba; está acostumado a pegar o que quer. Angra do Veleiro já foi a terra dos capitães mais temidos do Mar Branco. Não existe sequer uma alma nestas ilhas que não tenha ligação com a pirataria, de um jeito ou de outro.

— Não existe sequer *uma* alma nestas ilhas além da gente, as crianças — comentou Kit.

— Eles levaram *todos* os adultos? — questionou Drew, incrédulo.

— Todos os que podem trabalhar.

— Então ainda restaram *alguns* adultos em Angra do Veleiro?

— Alguns lobos do mar caindo aos pedaços de velhice e taberneiras aposentadas. A cidade está sendo sustentada pelas crianças agora, com os trabalhos forçados comandados por Hackett e a Guarda Kraken.

— E quem é esse Hackett? — perguntou Drew, esforçando-se para montar aquele quebra-cabeça.

— É o comissário de Angra do Veleiro — contou Pearl, rasgando um pedaço de pano e mergulhando-o no balde. Drew ouviu o som da água em movimento enquanto ela ensopava o trapo. — Hackett é quem manda aqui quando Ghul não está. É um daqueles Werelords.

— Esse Caranguejo é o maior canalha que você vai ver na vida — acrescentou Gregor. — Me deixe ajudar você com isso, irmãzinha.

Drew ouviu o choro do menino mais novo enquanto os irmãos cuidavam dos ferimentos produzidos pelo chicote.

— Vocês falaram de um tal Piloto — lembrou Drew. — Quem é?

— É um metidinho que pensa que pode mandar na gente — falou Gregor.

— E ele trabalha para Hackett?

— Por Sosha, não! — exclamou Pearl. — Ele é um dos nossos, só um garoto, mas tem grandes ideias.

— Ideias grandes demais para um peixe tão pequeno — murmurou Gregor. — Pensa que pode vir aqui e dizer pra gente o que fazer.

— Gregor está amargurado porque o Piloto tem metade do tamanho dele.

— Ele pensa que manda só porque já passou um tempo em um navio — continuou o garoto, irritado. — Mas não é melhor que ninguém por isso.

— E onde está Ghul? — questionou Drew. — Se Hackett é quem manda em Angra do Veleiro na ausência dele, por onde anda o Squidlord?

— É isso que o Piloto está tentando descobrir — contou Pearl. — Ele e mais uns meninos saíram em um barco de pesca para ver o que está acontecendo no mar. Estamos rezando para conseguirem voltar.

— Espero que os meus amigos consigam voltar — disse Gregor. Drew ouviu quando ele cuspiu. — Quanto ao Piloto, Sosha pode ficar com ele se depender de mim.

— Você não gosta mesmo dele, não é? — comentou Drew.

— É graças ao Piloto que você ainda é um homem livre, amigo —

disse o menino, soltando o hálito quente no rosto de Drew. — Acredite em mim: eu teria entregado você nas mãos de Hackett assim que saiu do mar. Foi o Piloto que falou para esconder você. Para mim, quanto mais tempo a gente fizer isso, mais perigo correremos. Se não fosse pelo seu anjinho da guarda e todo o drama que ele fez para mantê-lo vivo e em segurança, você já estaria pendurado em alguma das forcas espalhadas por Angra do Veleiro. — Drew ouviu o menino se levantar. — Apague a luz, Pearl. Os guardas vão fazer a ronda daqui a pouco.

— Esperem — disse Drew de forma repentina. — Eu estava com uma espada quando fui jogado ao mar... pelo menos acredito que sim. Ainda estava no meu cinturão quando me encontraram?

— Cinturão? Espada? Está de brincadeira? Você deve ter perdido, e no seu lugar eu ia achar isso ótimo. Uma peça de aço teria arrastado você para o leito do oceano com certeza, seu andarilho sujo.

— Está me dizendo que não viram? — retrucou Drew, irritado.

O porrete comprimiu sua garganta no instante seguinte, cortando sua respiração.

— Não gosto desse tipo de acusação. Sua espada se perdeu. Se quer saber, o Piloto é um idiota por querer proteger um andarilho sujo como você. O que você tem de especial, aliás?

— Pare com isso.

Era uma voz nova para Drew e tinha vindo do nada, fazendo Pearl e Kit soltarem um suspiro de susto.

— Não ouvi você entrando — grunhiu Gregor para o recém-chegado. — Você gosta de ficar espreitando que nem rato, não é, Piloto?

— Se for para continuar vivo, aceito até rastejar que nem barata — rebateu o outro menino aos sussurros, com uma voz estranhamente familiar para Drew. — Saia de perto do nosso hóspede, Gregor.

— Ou então o quê? Estou cansado dessa história de você achar que manda em tudo, só porque já serviu algum Werelord qualquer. Você não é melhor que ninguém aqui, *Piloto*.

— Talvez não mesmo. Mas acabo com a sua raça se me irritar, Gregor, juro por Sosha. Agora me dê licença.

Drew ouviu o garoto maior se afastar, e Pearl e Kit o seguiram até o outro lado da cabana, onde começaram a cochichar entre si. Drew piscou algumas vezes, notando a presença de vultos cinzentos em meio à névoa branca que cobria seus olhos. “Minha visão está voltando ou minha mente resolveu me enganar?”

— Milorde — sussurrou o Piloto, com a voz subitamente bem próxima de Drew. — Não acredito que seja mesmo você.

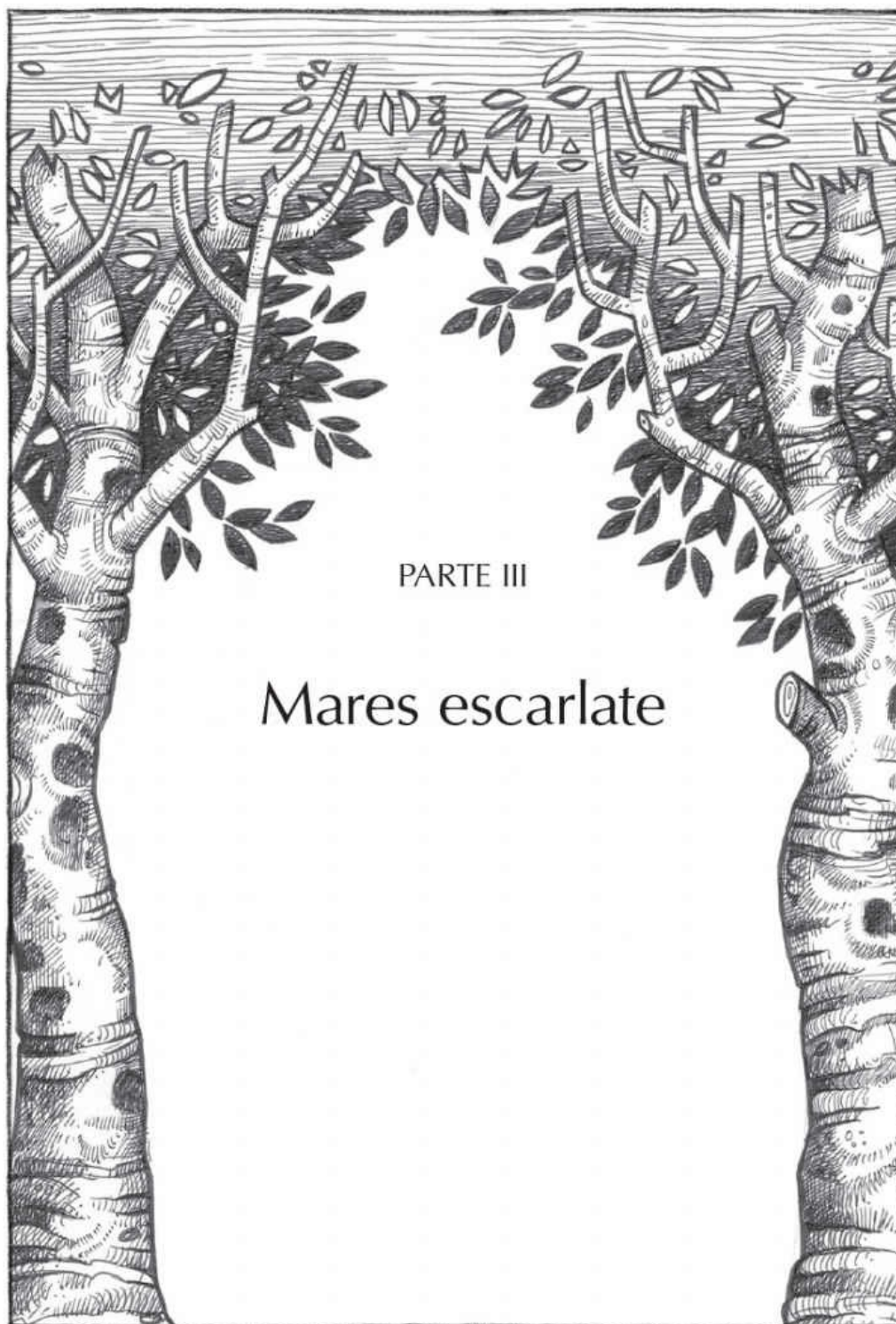
— Eu o conheço? — perguntou Drew, hesitante, com medo de qual poderia ser a resposta.

— Espero que sim — disse o garoto. Havia um tom de leveza em sua voz, como se estivesse sorrindo.

— Não estou enxergando... estou cego — revelou Drew.

O garoto passou o dedo de leve em torno dos olhos do Wolflord.

— Sou eu, Drew. Casper.



PARTE III

Mares escarlata



Sob a superfície

Olhando para o céu limpo e azul, e com a água do Redwine na altura dos tornozelos, Gretchen se viu inevitavelmente transportada para sua infância. No meio da floresta que pertencia a seu pai, havia uma lagoa em uma clareira, bem longe da cidade. Quando era criança, sua babá a levava para lá, para que a jovem transmorfa pudesse brincar à vontade. De vez em quando, suas amigas a acompanhavam, meninas de outras cortes dos Sete Reinos, filhas de nobres que seu pai recebia. Elas riam, brincavam e às vezes só ficavam deitadas na margem, olhando para as nuvens brancas, os pés dentro da água. Era um lugar secreto e especial para as damas de Hedgemoor. Havia sido sua mãe quem lhe contara a respeito, e Gretchen esperava poder passar as coordenadas para suas filhas. Algum dia. Suspirou quando o devaneio se desfez e a realidade voltou à tona: esse dia nunca chegaria.

Gretchen se permitiu mais um instante de tranquilidade, fechando os olhos enquanto o Redwine massageava seus pés, ouvindo os sons da primavera ao redor. Escutou as vozes distantes de seus homens no acampamento, uma risada ou outra trazida pelo vento até o ponto mais afastado onde estava. Cerrou os dentes. Se conseguia ouvi-los, outras pessoas também poderiam.

Sentando-se ereta na margem, estendeu a mão sobre a grama para pegar suas botas. Olhando para o rio, passou os olhos pela extremidade coberta de musgo de uma rocha, que se projetava para fora da água. Nesse instante, a “rocha” mudou de formato. Ela largou as botas, e seus olhos voltaram a se fixar no rio, bem a tempo de ver a pedra desaparecer.

Gretchen ficou imóvel, o olhar vidrado na superfície da água. “Meus olhos estão me pregando alguma peça?” Estava cansada, exausta. Seus Rapineiros precisavam estar sempre em movimento, trocando o local de acampamento dia após dia, sem nunca passar muito tempo no mesmo lugar.

Trent era quem tinha a maior experiência militar no grupo, mas não podia assumir a liderança. Esse era o papel de um Werelord — era o papel de Gretchen. O comando do grupo recaía sobre seus ombros, e era uma responsabilidade pesadíssima. Ela estreitou os olhos para o local no rio onde uma suposta cabeça viera à tona, sentindo a visão ficar borrada em virtude do movimento constante da água. “Não”, pensou. “Não estou ficando louca. Tinha uma cabeça ali... não tinha?”

— Que foi?

Gretchen se sobressaltou, alarmada pela voz. Era Trent. Olhou de novo para a água.

— Eu vi alguma coisa.

— No rio?

— *Claro* que foi no rio — ela respondeu, irritada.

— Só estava perguntando — ele declarou em tom áspero.

Ela se virou para encará-lo.

— Podemos estar no meio do mato, fugindo do exército do Leão, mas não esqueça qual é seu lugar, Ferran.

Trent ergueu uma das sobrancelhas para ela antes de se virar para a água.

— Deve ter sido só um peixe, Lady Gretchen. Você há de concordar comigo que a maior parte dos rios está cheia deles — ele respondeu, brincalhão.

— Eu sei reconhecer um peixe! — ela esbravejou, calçando a primeira bota.

— Então deve ser outra coisa: um pato. — O tom da voz dele era de brincadeira, mas Gretchen não estava com humor para isso.

— Não consegue controlar os homens na minha ausência, não é?

— Como assim, *milady*?

— Quero que eles estejam prontos para marchar a qualquer momento. Não estamos muito longe de Redmire, Ferran. Nosso destino final, lembra? Estou até surpresa pelo fato de o exército do general Vorhaas não estar aqui agora, com essa bagunça toda que eles estão fazendo.

— Não pode culpá-los por estarem de bom humor, não é mesmo? Eles têm muito do que se orgulhar, com as vitórias sobre a Guarda Leonina desde a estrada da Várzea Baixa até o limiar da Badgerwood. Conseguimos muita coisa em pouco tempo.

Gretchen suspirou.

— Somos no máximo uma mosquinha pousada no lombo do exército de Lucas. Acha que essas “vitórias” chegam aos ouvidos do Leão, ou de Onyx? Eles não devem sequer saber de nossa existência. Provavelmente nos consideram uma ameaça tão séria quanto os idiotas de Muller nas Terras Áridas, e não temos nem uma fração do número de homens do xerife.

— Por que esse pessimismo assim de repente? — questionou Trent. — Esqueceu quem são os Rapineiros? São sapateiros, padeiros, toneleiros e pedreiros. Não são guerreiros nem mercenários. São homens comuns e honestos lutando pela liberdade. Claro que se empolgam de vez em quando, e você não deveria negar a eles essa pequena satisfação. — Trent recuou alguns passos. — Vou falar com eles, mas não espere que eu dê bronca em ninguém.

— Pode poupar suas pernas e sua saliva, Ferran — disse Gretchen, enfiando a outra bota e ficando de pé. — Eu mesma falo com eles.

Lady de Hedgemoor já ia passando por Trent, quando ele a segurou pelo antebraço e a puxou de volta.

— Tire as mãos de mim! — ela exclamou.

— Não até você falar direito comigo.

— Esqueceu com quem está falando, Manto-Rubro?

— Não esqueci coisa nenhuma, Gretchen. Se pensa que pode me descartar como alguma sujeira que grudou em sua bota depois de tudo por que passamos, está muito enganada. Pode me chamar de Manto-Rubro se isso a fizer se sentir superior; não dou a mínima, mas mereço uma explicação. Por que mostrar as garras desse jeito?

Era só uma figura de linguagem, mas não deixava de ser verdade. Gretchen olhou para as mãos e viu as garras da Raposa a postos, prontas para atacar. Tentou se desvencilhar, mas a pressão de Trent em seu braço continuava firme.

— Você anda me tratando muito mal neste último mês, desde que nos

juntamos aos homens das Dalelands — ele continuou. — Está com medo que seus súditos a vejam conversando comigo?

Gretchen soltou uma risada.

— Pelo amor de Brenn, você se acha o máximo, não é, Ferran? Deve ser maravilhoso ter o mundo todo girando a seu redor!

— Olha só *quem* fala! Logo *você*?

— O problema não é quem você é ou de onde veio, e sim como age comigo! — ela esbravejou. — Está sempre me cercando, como se eu fosse uma criança. Como se eu não soubesse me cuidar!

— Então é por causa do outro dia, não é? Quando atacamos Krupha e os homens dele? Está brigando comigo porque eu queria que seu ferimento fosse tratado, é isso?

— Eu não era a única ferida... Vários homens nossos estavam machucados também!

— Você levou uma facada na barriga!

— Uma facada de raspão, e você está esquecendo que... sou uma transmorfa. Consigo me curar *sozinha*.

— Então sou culpado por me preocupar com você, é isso? É esse o motivo para ficar sempre brigando comigo?

— Você tem que me tratar como se eu fosse um homem, qualquer um dos Rapineiros — respondeu Gretchen.

— Mas você *não* é um homem, e muito menos uma qualquer. É uma Werelady, um símbolo de esperança, uma causa para todos nas Dalelands prestarem seu apoio.

Gretchen puxou o braço da mão dele e saiu andando, deixando Trent exasperado por um momento, antes de começar a segui-la.

— Pensei que você fosse diferente do seu irmão — Gretchen esbravejou por cima do ombro —, mas é tão cabeça-dura e teimoso quanto. São só os irmãos Ferran que se prendem a esse cavalheirismo ridículo, ou todos os homens da Costa Gélida são assim?

— E como deveríamos agir? Você é uma nobre. Uma lady, até pouco tempo atrás prometida a Lucas. Não dá para ser uma princesa mimada e uma

combatente pela liberdade ao mesmo tempo.

Ela se virou para encará-lo.

— Dê uma olhada ao seu redor, Ferran. Por acaso eu vivo de um jeito diferente do resto de vocês? Durmo debaixo do mesmo céu de estrelas, nas mesmas valas enlameadas, encharcada pela mesma chuva que cai sobre todo mundo.

— Não me venha com essa — rebateu Trent, irritado. — Apesar de achar que é uma de nós, pode acreditar que os homens tratam você de um modo diferente. É a primeira a comer, pode escolher onde quer dormir, e alguns deles respeitam você mais que às próprias avós. Admita, Gretchen: você é mais importante do que nós.

— Se eles me tratam assim, não posso fazer nada! O que quer que eu faça?

— Não quero que faça nada. Você é uma transmorfa. Tem seu papel, e nós temos o nosso, querendo ou não. Nunca seremos como você, que nasceu para mandar. Nós, para servir. Não existe nada de errado nisso, pelo amor de Brenn. Você pode mudar de forma e é imune a coisas que podem matar qualquer outro homem. Precisa ser melhor que nós; caso contrário, como sobreviveremos a esta guerra?

Gretchen ficou paralisada. Reconhecia que era diferente dos demais. Tinha sido criada para se considerar superior à humanidade: os Werelords eram assim. Mas a ideia de ser tratada pelos companheiros de um modo diferente era inaceitável.

Trent saiu andando, dessa vez passando por ela.

— Talvez seja por isso que você goste tanto de me tratar como um idiota.

Ela ergueu a mão, seu instinto comandando o ataque. Mas, antes que fosse atingido no rosto, Trent a segurou pelo pulso. Ela tentou atingi-lo com a outra mão, porém ele conseguiu detê-la também dessa vez. Os dois ficaram cara a cara, e mãos com mãos, a Werefox rosnando para o rapaz da Westland.

— Pensei que tínhamos ficado mais próximos lá na Dyrewood — disse Trent, os olhos azuis cravados nos dela. — Quando estávamos só você e eu, senti que não havia barreiras. Éramos apenas dois amigos que contavam um com o outro para sobreviver. Mas agora parece que você tem vergonha de

mim.

Gretchen soltou um grunhido.

— Me larga, Trent.

— Por que a vergonha? — ele continuou, ignorando os protestos dela.
— É porque não quer admitir que pode existir alguma coisa entre nós?

Ela lhe desferiu um chute, acertando Trent na canela e derrubando-o na margem gramada do rio. Os dois foram ao chão, e ele a imobilizou sob seu corpo. Ela rosnou, e seus dentes de raposa se afiaram. Trent a encarou, sem se alterar diante da transmorfa, ainda retendo-a com força.

— Você abomina a ideia de que um humano possa ser tão importante na sua vida, não é?

— Ah! — ela exclamou, mais uma vez tentando se soltar. — Você é muito cheio de si, Ferran — ela respondeu, ofegante, contorcendo-se sob o corpo dele enquanto tentava libertar os joelhos para desferir um chute violento.

— Não — ele falou, abrindo um sorriso frio. — A questão aqui não sou, não é mesmo? É ele.

Gretchen não precisava nem perguntar quem era “ele”. Bem que queria poder dizer que tudo aquilo não tinha nada a ver com o irmão de Trent; que Drew não influenciava em nada a maneira como os dois se relacionavam, mas estaria mentindo. Estava dividida entre o que sentia pelos dois irmãos Ferran: a lembrança de Drew e de como a fazia se sentir, e a ideia de que Trent passara a ser mais que um amigo depois de tudo o que haviam vivido juntos.

Ela abriu a boca para falar, para negar que sua agressividade estivesse relacionada ao herdeiro do trono da Westland, o Werelord que era o motivo por trás da guerra nos Sete Reinos. Seus olhos verdes procuravam freneticamente os de Trent, que a encaravam. As palavras ficaram presas na garganta, os sentimentos traíndo-a. “Fale alguma coisa”, pensou. “Prove que ele está errado, mesmo estando certo!”

Quando estava prestes a falar, Trent a beijou. Ela resistiu sem muita convicção, mordendo o lábio dele com os dentes afiados. A relutância de Gretchen, porém, foi se desfazendo diante da intensidade do beijo. Ela deveria ter arrancado um pedaço dele com as presas diante de tamanha

impertinência, mas a raiva que havia sentido momentos antes desaparecera, levando com ela as marcas da fera em seu corpo.

Trent interrompeu o gesto e recuou. Uma gota de sangue brotou em seu lábio inferior, onde ela cravara os dentes. Mais uma vez, Gretchen quis falar, mas agora sobre o que realmente pensava de Trent, sobre como ele a fazia se sentir: protegida, segura, especial. Mas o jovem falou primeiro:

— Não vou ser a segunda opção — ele murmurou, soltando as mãos dela e ficando de pé.

Trent foi andando para a Badgerwood. Gretchen limitou-se a observar enquanto ele se afastava, sem que nenhuma de suas costumeiras respostas rápidas e afiadas lhe viesse à mente. Voltou-se para o Redwine, esquecendo a aparição que se dera pouco antes no rio. Por mais calmo que o curso d'água parecesse, a Werelady sabia que não era bem assim. Correntes furiosas corriam sob a superfície, turbulentas como os pensamentos que obscureciam sua mente.



O Piloto

Os olhos de Drew ficaram cheios d'água ao ver o contorno borrado de seus dedos flutuar enquanto os movia de um lado para o outro. O esforço provocou uma dor de cabeça terrível, que ele ignorou, pois queria que sua visão ganhasse foco logo. A imensidão branca agora estava cinza, fragmentada por sombras em mutação enquanto aproximava os dedos do rosto. “Já é um progresso”, pensou, contendo-se para não uivar de contentamento.

— Tome cuidado — falou Casper. — Se bater um vento, sua cara pode ficar assim para sempre.

Drew teve um sobressalto ao ouvir aquela voz. Estava tão concentrado que nem tinha percebido quando Casper entrara na cabana. Os irmãos o haviam deixado sozinho o dia todo, enquanto estavam na rua fazendo seus trabalhos para a Guarda Kraken. Haviam-no escondido sob as cobertas quando o capataz fora buscá-los, e Drew não saía de lá.

— Você gosta mesmo de ficar espreitando. Há quanto tempo está aí? — perguntou ele.

— Há tempo suficiente para ver seus olhos quase saltarem pra fora.

— Posso estar cego, mas consigo escutar seu sorrisinho daqui. Por que não está lá fora, trabalhando com os outros?

— Assim como você, eu não deveria estar aqui — contou Casper. — Ter sido camareiro no *Turbilhão* não me ajudou a conquistar muitos aliados, principalmente entre os nossos inimigos. Também preciso ficar escondido. Estava lá no porto, atrás dos pilares do cais. Lá não tem ninguém atrás de homens procurados, ou meninos. Gregor, Pearl, Kit e as outras crianças são obrigados a trabalhar sob o jugo dos homens de Hackett. Eles contam todos eles. Se estiver faltando alguém, saem procurando e distribuindo pancadas.

Se eu aparecer nessa contagem, é o mesmo que enfiar meu pescoço na forca.

Era bom ouvir a voz do garoto de novo. Drew tinha passado apenas um breve período na companhia de Casper, quando suas provações haviam começado. O conde Vega, o Sharklord, capturara Drew e o levava para bordo de seu navio, o *Turbilhão*, para depois entregá-lo como prisioneiro ao rei Leopold. Mas, quando Drew e seus aliados — entre eles o próprio Vega — haviam derrotado o Leão, ele dera ao pirata um lugar no Conselho Lupino. Depois de superar a desconfiança que sentia em relação ao Sharklord, Drew passara a contar com o auxílio do príncipe pirata em questões não só políticas, mas pessoais também.

Durante esse tempo todo, Casper se mantivera firme ao lado do capitão, a coisa mais próxima que Vega tinha de um pajem.

Como Casper — ou o “Piloto”, que era como as crianças de Angra do Veleiro o chamavam — havia aparecido apenas na noite anterior, Drew não tivera tempo para conversar direito com ele. Era evidente que o garoto tinha assumido uma posição de comando entre os pequenos escravos. Ele sabia que a frota de Bosa fora dispersada pelo Kraken. O paradeiro de Vega, porém, ainda era ignorado.

— E então, como estão seus olhos? — perguntou o menino.

— Em processo de cura. Bem aos pouquinhos, mas já estou conseguindo ver formas de novo. No futuro, creio que poderei até me tornar o novo vigia do *Turbilhão*!

— Só por cima do meu cadáver — disse o menino com uma risadinha. — Esse é o meu trabalho. Contenta-se em governar a Westland, milorde.

Drew deixou as brincadeiras de lado.

— Nem conseguimos conversar direito ontem à noite, Casper. Você mal teve tempo de se apresentar antes de sumir de novo.

— Desculpe. Eu precisava falar com os outros primeiro. Eles têm muita confiança em mim. Fiquei impressionado de ainda ter encontrado você aqui quando voltei, para ser sincero. Não gosto nem de pensar no que Gregor teria feito.

— Você não gosta dele.

— Não tenho nada contra ele. Está só protegendo sua casa e sua família.

Mas ele não confia em mim.

A relação do menino com os demais parecia bem complexa, mas Drew só estava interessado em saber de uma coisa naquele momento:

— Onde está Vega, Casper?

— Virou prisioneiro de Ghul, junto com vários outros piratas das Ilhas Cluster que se opõem a ele.

— O que aconteceu com o *Turbilhão* e o resto da tripulação?

— O navio foi tomado do capitão, você sabia? A gente estava indo para o norte, contornando o Cabo de Tuskun rumo a Sturmland. O capitão e o duque Manfred iam para Icegarden. Só que alguém tinha outros planos e tentou se livrar do meu senhor, atirando-o ao mar. Eu pulei atrás dele. Nenhum de nós voltou a ver o *Turbilhão*. Eu morreria por aquele homem — acrescentou o garoto, com toda a sinceridade.

— Quem tentou matar Vega?

— Seu amigo, o Boarlord. Enfiou nele uma adaga, e os homens amarraram um saco com balas de canhão no pescoço do capitão e o jogaram ao mar.

Drew balançou a cabeça, incapaz de acreditar no que ouvia.

— Hector não faria isso. Eu o conheço bem. É um bom sujeito, não um assassino.

— Eu vi com os meus próprios olhos — Casper respondeu baixinho. — Com todo o respeito, não questione meu testemunho, milorde. Não depois do que Mão Negra fez com meu capitão. Se o conde Vega estivesse aqui conosco, diria exatamente a mesma coisa.

Drew fez uma careta, sentindo a bile subir pela garganta. Aquele nome outra vez: *Mão Negra*. O magíster maligno que governava Icegarden.

— Não é o que você queria ouvir, certo? — notou o menino, sempre atento. — Já escutou mais coisas ruins sobre o barão Hector, não?

— Coisas que preferia nem ter ouvido — respondeu Drew, tentando deixar de lado a amargura. Não podia acreditar que Hector tinha tentado deliberadamente tirar a vida de Vega. Devia haver outra explicação para o que havia acontecido em Icegarden.

Respirou fundo, tentando clarear os pensamentos e afastar a ideia de que seu amigo era um traidor.

— Quando a gente pensa que conhece alguém... — começou Casper.

Drew o interrompeu:

— Como você e Vega conseguiram escapar da morte no mar?

— Eu mergulhei na água, arranquei o saco da cabeça do capitão e nadei de volta para a superfície. Acabei à deriva com ele, sabe? Bem, sempre fui um bom nadador, acho que herdei isso do meu pai, segundo o capitão. Fiquei batendo as pernas, mantendo o capitão à tona até ele acordar. Por sorte, ele é um Sharklord, e a faca não era de prata. O capitão também nadou um pouco quando acordou, se é que dá para chamar aquilo de nadar, mas, cá entre nós, ele sabia muito em que direção ficava a costa. Fomos resgatados pelo barco de um mercador de peles, perto de Tuskun. De lá fomos até Moga.

— É uma história de sobrevivência e tanto. Vega deve a vida a você. O que aconteceu depois?

— O capitão e eu fomos para a guerra ao lado do barão Bosa — Casper contou, orgulhoso. — Fomos direto para o enfrentamento com o inimigo. O Leão, o Kraken e todos os navios sob a bandeira negra de Bast. Eles ficaram morrendo de medo dos ataques da Baleia. Isso foi antes de começarem os sequestros, de raptarem as pessoas em suas casas, seus entes queridos e tudo o mais. Não demorou muito para os marujos se entregarem a Ghul: navios inteiros de piratas mudando de lado por causa do medo do que o Kraken faria com suas famílias.

— Então a frota se desmontou?

— Família é uma coisa muito importante.

— Tem razão. E como veio parar aqui?

— Estávamos a bordo do *Orgulhoso Mendigo*, o navio do capitão Mesner, com o conde trabalhando como imediato. Mesner tinha uma reputação temível no Mar Branco antes mesmo de a guerra começar. Um sujeito grandalhão, falastrão e bravateiro. Conhece Bosa há muito tempo.

— Um bom homem, então?

— Algum dia talvez tenha sido. A última coisa que o conde me contou foi que Mesner estava por trás da emboscada. Estávamos a oeste da Ilha

Hook, com as âncoras abaixadas, monitorando as Clusters para Bosa. Não era para ter ninguém às nossas costas, só o mar aberto. Mas no fim dois navios de Ghul nos pegaram de surpresa. Mesner deve ter avisado o Kraken. Ele não tinha família. Deve ter sido seduzido pelo ouro. Enfim, consegui escapar em um bote a remo durante a batalha. Isso foi três semanas atrás. Estou aqui desde esse dia.

— O que andou fazendo enquanto isso?

— Estou tentando fazer o pessoal daqui reagir, para começo de conversa. Podemos até ser menores em tamanho que Hackett e seus homens, mas temos uma vantagem numérica de dez para um. Se todo mundo se unir, eles podem ser derrotados.

— E onde está Vega?

— Eu e alguns outros pegamos um barco de pesca no outro dia e seguimos o rastro de boatos pelo mar. A gente descobriu o que mais temia umas noites atrás. — O menino ficou em silêncio por um tempo, tentando manter a compostura. — Lord Ghul construiu uma fortaleza marinha bem no meio do crescente das Ilhas Cluster. Foi para lá que levou meu capitão, e com certeza os outros também.

— Uma fortaleza marinha? Mas em que ilha ele poderia construir uma coisa dessas, bem no meio da baía?

— Pois é. Não tem nenhum pedaço de terra ali. É uma torre no meio do mar.

Drew ficou confuso com a descrição do menino.

— Não entendo como ele pode ter construído uma torre sem terra embaixo, Casper.

— Eu também não, mas vi com meus próprios olhos.

— Tem certeza? Você mesmo disse que era noite.

— Ninguém no Mar Branco tem a visão tão aguçada quanto a minha, Lord Drew. Eu não era vigia do navio à toa. Era por isso que o capitão me mantinha sempre por perto. O conde Vega sempre dizia que eu era seu melhor investimento.

— E você conseguiu chegar perto dessa fortaleza?

— Não muito. Estava cheio de navios em volta. Se a gente chegasse

muito perto, ia acabar parando no fundo do...

— Alguém viu você entrando? — Drew perguntou, interrompendo-o.

— Se eu não quero que me vejam, ninguém me vê. O acampamento estava deserto, aliás. As crianças estão todas trabalhando nas docas, nos barcos e nas plantações. Não tinha nenhum guarda quando eu passei.

— Bom, agora tem — disse Drew. — Tem alguém lá fora.

Ambos ouviram o som de passos. A lama tinha arruinado a tentativa de uma aproximação silenciosa. Drew baixou a cabeça, permitindo que o Lobo viesse à tona apenas o suficiente para deixar seus sentidos mais afiados. Havia múltiplas figuras se aproximando de várias direções, todas bem perto da cabana. Era possível sentir cheiro de suor, metal, álcool e tabaco.

— Prepare-se — sussurrou Casper.

Drew ouviu o menino se levantar e estendeu o braço, segurando-o pelo tornozelo.

— Está louco? — grunhiu, e a fera imediatamente recuou. — Aonde você vai?

— Atrair os homens para longe. Eles *não podem* encontrar você, milorde — Casper respondeu, desvencilhando-se da pressão em seu tornozelo.

Em seguida, ele se foi, batendo a porta ao sair da cabana. Uma explosão de obscenidades se seguiu aos gritos dos guardas em perseguição. Logo após veio um ruído que fez o coração de Drew se apertar: o berro de um menino. Os guardas tinham capturado Casper.

Casper arrancou um pedaço do antebraço que o segurava com força e cuspiu na lama. Sua mão se desvencilhou da do guarda em pânico, e ele arranhou o rosto do homem, deixando vergões avermelhados em sua bochecha. Outro guarda saltou à frente enquanto o companheiro tentava conter o garoto furioso, o sangue escorrendo do braço ferido.

— Seu...

O dorso da mão do oficial acertou o rosto de Casper com força, mandando sua cabeça em direção ao queixo do soldado ferido. O homem o largou, e os dois caíram no barro. Casper rolou, ficando de costas no solo.

Piscou algumas vezes, vendo estrelas diante dos olhos.

— Pensei que tivesse dito que ele não ia oferecer resistência, garoto — falou o terceiro guarda para uma figura a seu lado. Casper ainda tentava recuperar o foco de sua visão embaçada quando um garoto saiu de trás das cabanas às suas costas.

— Ele falou que era cego — respondeu Kit, preocupado. Casper ficou desolado com a traição do outro garoto.

— Então como você chama isto? — gritou o soldado, agarrando o próprio braço ferido com os dedos trêmulos. — Cego ou não, ele é um animal!

— É um selvagem, isso sim — rosnou o terceiro quando Kit se aproximou. — Vamos acabar com ele aqui mesmo. Não tem por que ir com ele até Hackett, só para depois arrumar mais problemas. Vai saber o que ele ainda pode fazer se tiver chance.

— Espera aí — disse Kit, aflito. — Este não é ele.

— Pois é — falou o oficial que havia derrubado Casper. — Você falou que o forasteiro só tinha uma das mãos. Esse aí tem as duas!

— Então quem é ele? — perguntou o soldado ferido, dando um chute no menino. Casper gemeu quando a bota atingiu suas costelas, fazendo-o se encolher todo na lama.

— Esse é o Piloto — revelou o temeroso menino, olhando para os guardas, incapaz de encarar Casper.

— Você traiu a gente, Kit! — acusou Casper, ofegante.

— Entregando o forasteiro para eles? Isso vai me fazer cair nas graças de Lord Hackett!

— Você pôs sua família inteira em perigo! — gritou Casper. — Não dá para confiar neles! Corra, Kit!

— Ninguém vai correr coisa nenhuma — rebateu o oficial.

— E o mais importante — lembrou o terceiro guarda —, onde está o rapaz de uma mão só?

Houve uma movimentação em um ponto próximo, um vulto escuro que apareceu entre as cabanas e saltou sobre o oficial. O homem desapareceu,

sendo arrastado para trás das precárias construções antes que os companheiros tivessem tempo para reagir.

— Pelo amor de Sosha! — gritou o guarda ferido. — O que foi isso?

— Sargento! — gritou o outro, sacando a espada em um gesto nervoso. — Onde você está, sargento?

— Isso não está certo — comentou o primeiro guarda, pisando no atordoador Casper, o braço ferido pressionado contra a barriga. — O sargento falou que era só pegar o garoto na cabana e levar para Hackett. Você armou para cima de nós! — ele disse, aproximando-se de Kit com um rosnado furioso. Seu braço bom subiu e desceu em um movimento rápido e violento, jogando o menino na lama. — Você jurou que tinha alguém escondido aqui, alguém que o Caranguejo poderia querer. Era uma armadilha desde o começo!

O guarda ferido chutou Kit, que não reagiu, continuando imóvel no chão.

— E então? Responda!

— Pare com isso, Colm — disse o outro homem, os olhos voltados para as cabanas decadentes à procura do inimigo. — E daí que tinha outro esperando aqui? São só meninos.

Do sargento não havia nem sinal, nem sequer um ruído. O guarda se abaixou e segurou Casper pelos cabelos, fazendo-o se ajoelhar diante dele. Em seguida, ergueu a espada e posicionou a ponta na nuca do garoto, ameaçando um golpe fatal.

— Está vendo isto? — gritou. — Não sei quem você é, garoto, mas podemos facilitar as coisas. Você entrega o sargento, e nós devolvemos seu amiguinho. Depois vamos embora, combinado? — Quando ele se virou de novo para as sombras, ouviu-se o som de um impacto retumbante quando um elmo sujo de sangue voou pelos ares e acertou seu próprio capacete. O impacto foi suficiente para fazê-lo cambalear para trás, e a ponta da espada se moveu de onde estava, no pescoço de Casper.

O Werewolf deu um salto para a frente, passando por cima do menino ajoelhado e acertando o guarda no peito. Os dois foram ao chão, e a espada caiu na lama enquanto o homem tentava se defender. A cabeça do licantropo se ergueu sobre a dele, os lábios arreganhados, mostrando dentes afiados

como pontas de lança. A cabeça da fera se voltou para Casper quando o homem gritou, levando a mão ao cinturão onde carregava a arma.

— Defenda-se — Drew grunhiu, enquanto o menino se esforçava para ficar de pé.

Uma dor aguda atingiu o abdome de Drew quando o aço gelado encontrou sua barriga.

O guarda olhou para o local entre os dois corpos onde estava a mão com a adaga ensanguentada. Em seguida seu olhar se voltou para o Werewolf, para os olhos cor de âmbar que o encaravam. O grito de horror do homem foi interrompido pelos dentes do lobo se fechando sobre seu rosto.

Casper sentiu o outro guarda agarrá-lo pelos ombros, arrancando seus pés do chão. O homem sacudiu o menino como um boneco de pano antes de jogá-lo ao solo. Depois o soldado se agachou para pegar a espada caída na lama, porém Casper foi mais rápido, acertando um chute no ferimento do soldado, que deu um berro e imediatamente encolheu o braço, dando ao garoto a chance de pegar a arma.

A distância, o guarda voltou os olhos para o Werewolf, que naquele momento saía de cima do corpo de seu companheiro morto. Depois, voltou-se para o menino agachado com a espada na mão. Ele apoiou as costas em uma das cabanas, sem ter para onde correr, o sangue escorrendo em profusão do braço ferido. Ajoelhado na lama, dirigiu um olhar cauteloso para os inimigos. O menino ficou de pé, erguendo a lâmina pesada nas mãos, a ponta voltada para o único guarda sobrevivente.

Casper olhou para o Werewolf com o canto do olho enquanto a fera andava de um lado para o outro, balançando a cabeça e farejando o ar. Apesar de estar cego, Drew tinha outras formas de localizar e atacar seus inimigos. O licantropo fungou ao sentir o cheiro do guarda, entrando em posição de ataque, pronto para dar o bote a qualquer momento. Casper olhou para o local onde Kit continuava imóvel na lama. Seus olhos estavam fechados, e seu rosto pálido, virado para o lado, afundado até a metade em uma poça de lama. Mesmo de longe, Casper pôde ver que estava morto.

— O que... o que é isso? — questionou o guarda ferido, olhando para Drew. — Esse é o *Lobo*? — perguntou, sem tirar os olhos da fera.

Casper deu um passo à frente, sentindo a arma pesar em suas mãos, mas

mantendo a empunhadura com firmeza. O pescoço do homem pulsava, e seus olhos estavam arregalados, divididos entre o menino e o Lobo.

— Você matou Kit. Assassino.

— Sou um soldado, garoto — rebateu o homem, ofegante. — Abaixе essa espada antes que faça alguma bobagem. Talvez Hackett possa poupar você...

— Ele era só um menino; você matou uma criança.

— O que é esse monstro? — gritou o guarda, ignorando a acusação.

— Só estou vendo um monstro aqui — respondeu Casper com frieza. Sentiu o suor se acumulando na palma da mão que segurava a espada. — Nunca matei um homem antes.

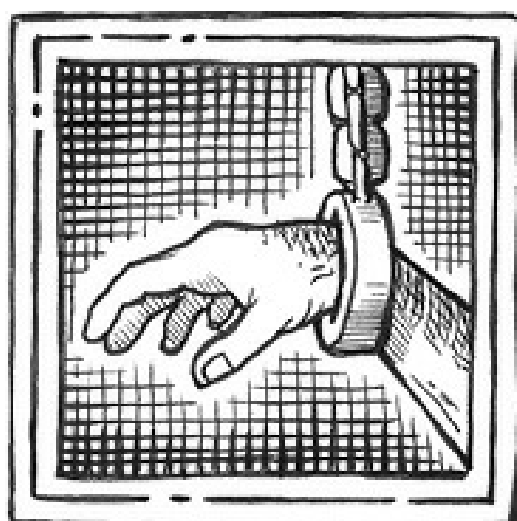
O guarda engoliu em seco.

— E não vai querer começar agora — ele sussurrou.

Uma garra tocou o ombro de Casper, em um gesto suave porém firme. Uma leve pressão bastou para afastá-lo do vilão e do ato sinistro que viria a seguir. Casper recuou com passos trêmulos, zozzo e um tanto desorientado quando a fera voltou seu focinho ensanguentado para o membro da Guarda Kraken. Lentamente, os lábios do Werewolf se arreganharam, os dentes escancarados e a mandíbula aberta.

— Por favor — disse o soldado, os olhos arregalados de pavor. — Por Sосha, não!

O soldado ferido fez menção de gritar, mas o som não chegou a sair de seus lábios, pois o primeiro golpe do Werewolf o acertou com força na têmpora e o lançou em um sono profundo e perturbado.



O Tubarão, as algemas e uma canção

— Cante mais uma canção, velho de guerra. Dessa vez sobre um capitão do mar bonitão e a morte extravagante de uma lula invertebrada.

Como seu colega cantor estava a alguns metros de distância, conde Vega, príncipe pirata e antigo capitão do *Turbilhão*, inclinou-se para a frente e soltou o peso de seu corpo sobre as correntes. Olhou para as infames algemas de prata que prendiam seus pulsos e para os elos de aço que as mantinham firmes na parede às suas costas. Vega espiou as ondas quebrando na escuridão mais abaixo. A espuma branca se materializou, iluminada por um instante pela luz das estrelas, antes de desaparecer de seu campo de visão. O balanço constante era algo a que suas pernas de marujo já estavam acostumadas, mas a altura em que se encontrava nunca deixava de ser motivo de preocupação. Já havia subido em cestos da gávea que julgava bem altos, com altura suficiente para matar um homem em caso de queda, mas nada comparável àquilo.

Quando o Turbilhão sinistro se arma e zarpa do cais

Pelo Tubarão, para a morte na escuridão!

Com muitos marujos, cada vez mais

Ei, ho, para a morte na escuridão!

Vega sorriu ao ouvir a canção, uma versão de um clássico das Ilhas Cluster. O camarada mais velho que cantava era um navegador de nome Florimo, que estava preso por compor e cantar versos difamatórios sobre Lord Ghul e sua linhagem. Observando o aparente estado de demência do marujo idoso, Vega se deu conta da crueldade de mantê-lo prisioneiro, mas quase nada do que o Kraken fazia era capaz de surpreendê-lo. Florimo fizera a gentileza de apresentar ao conde a música que o mandara para a prisão, e os dois logo tinham se tornado amigos.

Vega esticou mais um pouco o pescoço, observando as paredes arredondadas da torre. Havia outras figuras acorrentadas ao exterior da estrutura, acima e abaixo dele. “Capitães que se tornaram reféns como eu?”, perguntou-se, ouvindo um ou outro gemido acima do rugido do mar. Passarelas, escadas e andaimes de bambu atravessavam a parede em todas as direções, para permitir o acesso dos carcereiros aos prisioneiros.

Entre chicotadas e berros, ouçam o lamento de uma lula,

Pelo Tubarão, para a morte na escuridão!

Para a traição, a punição nunca é nula,

Ei, ho, para a morte na escuridão!

— Pare com essa barulheira aí! — gritou uma voz mais acima. Vega olhou naquela direção e viu dois vultos descendo pela passarela, aproximando-se de onde ele e Florimo estavam acorrentados.

— Barulheira? — o marujo senil retrucou, em choque. — Você é que não sabe reconhecer uma boa música nem que...

— Silêncio! — berrou o sujeito grandalhão, saltando do patamar de cima e aterrissando com um estrondo nos degraus. Logo ficou de pé, sendo uma cabeça mais baixo que o Sharklord, porém duas vezes mais largo. Lord Ghul fazia uma visita a Vega todos os dias desde sua captura, e o marechal da frota do Leão aproveitava cada oportunidade que tinha para torturá-lo.

— Minhas palavras ofenderam seus ouvidos delicados, milorde? — provocou o desdentado Florimo. — Ah, mas isso não pode acontecer! Solte minhas mãos amaldiçoadas destas correntes para eu poder cortar minha língua e agradá-lo!

O sorriso de Vega durou apenas até o Squidlord agarrar Florimo pela garganta.

— Se eu quisesse sua língua, passarinho cantor, a arrancaria de sua boca murcha pessoalmente. — O Kraken abriu um sorriso macabro, a mão enorme envolvendo todo o maxilar do prisioneiro. — Você só está vivo porque seu destino infeliz me diverte, farrapo de marujo. Não presta mais para içar vela, enrolar corda, esfregar convés. Eu não confiaria nem meu balde de excremento a você. Provavelmente ia se afogar nele.

— Tecnicamente falando, milorde — Florimo se esforçou para falar —,

sou um navegador, e essas tarefas não cabem a...

Horrorizado, Vega viu quando a pele da mão do Kraken se abriu entre o polegar e o indicador. O corte foi subindo pelo braço do marechal como uma linha pré-traçada, transformando o membro em dois apêndices idênticos. Enquanto isso, o restante do corpo do Squidlord permanecia inalterado. Ghul tinha domínio total sobre suas habilidades de transmorfo e conseguia controlar porções individuais do corpo, como só os grandes Werelords eram capazes de fazer. Os dedos desapareceram, fundidos sob a pele do Weresquid, e no par de tentáculos começaram a se formar ventosas circulares com dentes afiadíssimos. Um membro ondulante acariciou o rosto de Florimo enquanto o homem gritava de medo, sentindo os círculos afiados tocarem sua pele.

— Posso arrancar a carne do seu corpo — murmurou Ghul com uma voz gorgolejante, como se estivesse parcialmente mergulhado na água.

— Deixe o velho em paz, seu saco imundo de tripas! — gritou Vega. — Foi a mim que você veio atormentar, não foi?

O Kraken o encarou, desviando sua atenção do ataque a Florimo. Seus lábios se escancararam, revelando o interior de sua boca em mutação. O estômago de Vega se revirou ao ver o orifício rangendo e estalando, transformando o local onde deveriam estar os dentes. O outro tentáculo serpenteou no ar em direção ao conde, elevando-se como uma cobra pronta para o bote.

— Parem com isso! — uma mulher gritou enquanto saltava do patamar superior, fazendo uma aterrissagem tranquila e graciosa.

Com relutância, Ghul soltou o rosto do velho marujo, e, quando seu tentáculo se recolheu, os cortes em forma circular que maculavam a bochecha do homem ficaram visíveis.

— Milady — disse Ghul de modo submisso, chegando a fazer uma medida, todo sem jeito.

— Pode dispensar a cortesia — respondeu a mulher. — Esse título nunca foi muito apropriado para mim, e nós dois sabemos que de dama eu não tenho nada.

— Você ocupou meu trono por anos, Ghul, e mesmo assim faz medidas como um corcunda retardado — Vega provocou o Squidlord.

A pele negra da mulher reluzia sob a luz das estrelas, e sua cabeça raspada se inclinou para o lado quando se virou para medir o Sharklord de cima a baixo.

— Eu tomaria mais cuidado com a língua se fosse você, conde Vega — comentou, o sotaque em sua voz aveludada revelando ser Bast sua terra natal. — A única razão para você estar aqui agora é que meu querido amigo Lord Ghul tem ordens expressas para mantê-lo com vida. Agradeça a ele por ainda estar respirando. Pense nisso da próxima vez que quiser zombar do Lord das Ilhas Cluster.

— Obrigado... hã... milady — disse Ghul, sem conseguir atender ao primeiro pedido.

— Pode chamar o Kraken do que quiser — rebateu Vega —, mas só existe um Lord das Ilhas Cluster. Eu inventei esse título para mim, lembra, Ghul? Você daqui a pouco vai dizer que é um príncipe pirata também. Por mim, pode pôr uma tiara e se coroar a Rainha das Sereias se quiser, mas isso não mudará em nada quem você é.

— E o que eu sou, peixinho? — o Squidlord quis saber, colocando-se ao lado da mulher.

— Um saco de meleca mentiroso, traiçoeiro e ladrão — Vega afirmou sem se alterar.

Ghul deu risada.

— Só vou tomar a primeira parte como ofensa. As três outras coisas? Bom, nós somos piratas... É isso que fazemos, não?

— Alguns talvez, mas muitos outros têm um código de honra a seguir. Você quebrou o código há tempos, e várias vezes.

— Sou eu que faço as leis, assim como você antes de mim!

— Eu sempre me submeti à lei, mesmo quando governava em Angra do Veleiro, assim como fazia a bordo do *Turbilhão*. Todos os homens são iguais a meus olhos.

— Alguns mais iguais que outros. — Ghul riu, com os tentáculos se recolhendo à medida que lentamente retomava a forma humana.

A mulher ergueu uma das mãos entre os dois, ordenando o fim do confronto verbal.

— Lord Ghul, não vim de Highcliff até aqui para ver você discutir com o Sharklord.

— Perdão pela impertinência, mas *por que* viajou até aqui, Opal? — questionou Vega. — Por interesse em minha situação? Pode acreditar que eu ficaria lisonjeadíssimo com alguém de sua importância preocupado com o meu bem-estar.

— Então você sabe quem eu sou, conde Vega? — rebateu Opal, observando a parede da fortaleza.

— Sua reputação chegou longe — explicou o Sharklord. Ouvira falar da aparência marcante de Opal e, agora que estava diante dela, pôde constatar que os boatos não eram infundados. — A força de seu irmão é conhecida em todos os lugares, assim como sua elegância. Se Onyx é a Fera de Bast, você sem dúvida nenhuma é a Bela de lá.

Opal o encarou outra vez.

— Não esperava tanta eloquência de um homem acorrentado a uma parede, exposto às intempéries por três semanas. Estou lisonjeada — ela falou com um sorriso, sob o olhar hostil de Ghul.

Os dentes de Vega reluziram quando ele abriu o sorriso mais malicioso de que era capaz. As guerras eram ganhas em muitas frentes. Não era a primeira vez que Vega se via prisioneiro de alguém do sexo oposto, sendo muito bem versado nesse jogo. Apesar de maltratado e exausto, acorrentado a uma torre de pedra por grilhões de prata e aço, não estava totalmente desarmado. Ainda tinha seu charme.

— Não à toa, e admito que nem todas as descrições foram assim tão generosas. Afinal, você representa uma força invasora aqui na Lyssia. Conheci uma ou outra alma que a descreveu como um monstro, mas agora vejo que essas histórias eram só propaganda de guerra.

O conde não era nenhum tolo. Sabia muito bem que Opal era quase tão perigosa quanto o irmão. Tinha ouvido falar do que ela fizera no palácio do Horselord no Alto Estábulo, assassinando publicamente o duque Lorimer antes de ordenar que Lucas aniquilasse Broghan, o Bearlord aprisionado. Precisava conquistá-la e depois, talvez, arranjar uma maneira de fugir, mas tudo com muito cuidado. Estava fazendo um jogo perigoso, e com uma adversária letal.

— Não dê ouvidos a ele — interferiu Ghul. — Está só tentando enganá-la.

— Quietos, Ghul — rebateu Opal, o olhar fascinado e fixo no Sharklord. — Não me considera um monstro, então?

— Não vi nada que me desse essa impressão.

— Você não me conhece, Vega.

— O mesmo vale para você. Sei que me considera um inimigo. Mas olhe só para nós: estamos sendo civilizados, não estamos? Nossas diferenças não precisam terminar em derramamento de sangue.

— Não *precisam* mesmo — ela respondeu, e a fortaleza oscilou de novo. A Catlady quase perdeu o equilíbrio, e Ghul estendeu a mão para segurá-la pelo antebraço.

— Cuidado, Opal — disse Vega, com um tom de voz carregado de preocupação. Ghul ficou boquiaberto, incomodado com o fato de o Tubarão estar roubando seu momento. — Já se arriscou demais descendo por essa parede para falar comigo. Por que não continuamos a conversa lá dentro da torre? Pode me manter algemado se quiser, afinal sou seu prisioneiro, mas que tal conduzirmos essa discussão em um ambiente mais acolhedor?

— Não precisa se preocupar com a minha segurança, conde Vega — Opal falou, desvencilhando-se do toque do Kraken. — Sou uma Pantera de Bast. Meus passos são firmes em qualquer lugar, inclusive no seu Mar Branco.

— Claro, que tolce a minha — ele disse com um sorriso.

Opal se aproximou de Vega até ficarem quase nariz com nariz. O perfume dela o invadiu, doce e inebriante, e sua pele impecável brilhava em meio à brisa do mar. Podia até estar exagerando nos elogios, mas não estava mentindo. Ela era de fato uma das mulheres mais atraentes que já conhecera na vida.

— Achei você fascinante, Vega — ela murmurou.

— O sentimento é recíproco — ele respondeu.

— Em uma época mais pacífica, talvez algo de bom pudesse surgir entre nós.

— Ainda pode.

— Se isso acontecesse, você me daria sua lealdade?

— Sim.

— Me daria seu coração? — ela perguntou, ofegante, aproximando ainda mais o rosto, roçando os lábios na bochecha do pirata.

— Temo que sim.

— Me daria seu navio?

Vega respirou fundo, fazendo um ruído de sucção com a boca.

— Isso não é coisa que se peça a um príncipe pirata!

— Você causou um tremendo estrago nos últimos meses, conde Vega — a Catlady cochichou, farejando seu ombro suado e salgado. O pirata sentiu os dedos dela traçando um círculo em torno de seu coração. — Precisa entender que isso irritou demais os Lords de Bast e o Leão da Westland. Somos muito gratos ao Lord Ghul por capturá-lo. Você estava se revelando uma pedra em nosso sapato.

Vega deu risada, e o Kraken abriu um sorriso orgulhoso.

— Tire minhas algemas e me deixe abraçar meu velho amigo, para mostrar minha gratidão também — o príncipe pirata falou em tom monótono.

Opal continuou, ignorando o gracejo de Vega:

— Você e o seu amigo do norte, o barão Bosa, desmantelaram sistematicamente a marinha do rei, de Moga até a Costa Gélida, deixando a frota do rei Lucas em má situação.

— Foi um dos meus melhores trabalhos — ele respondeu em tom brincalhão. Ela abriu a mão, passando as unhas em seu peito.

— Fui mandada aqui para cuidar do seu caso, levá-lo até Highcliff, onde será julgado pelos crimes que cometeu contra o Leão da Westland.

Vega fez uma careta ao sentir uma unha rasgar sua pele.

— Um julgamento, é isso? Uma audiência justa na presença de Lucas?

— Eu não disse que seria um julgamento justo — Opal respondeu, cravando as unhas em sua pele de novo, dessa vez de forma deliberada. Ele havia errado na interpretação que fizera de Opal, e feio. — O rei Lucas tem um temperamento horroroso. É melhor evitar irritá-lo.

— Aquele tolo coroou a si mesmo? — esbravejou Vega. — Isso não significa nada. O verdadeiro rei é o Lobo! — Ele cerrou as mandíbulas, lutando para manter sua fera interior sob controle, com medo de ter as mãos decepadas pelas algemas de prata.

— Estou vendo que você ainda tem disposição de sobra para lutar — observou Opal. — Talvez ainda dê para nos conhecermos melhor e eu possa ver mais do Tubarão na viagem até Highcliff. Mas, se me der licença, antes tenho outro trabalho a fazer. Como pode ver, Lord Ghul anda ocupado com o que sobrou de sua frota. Existem muitos capitães que eram leais a você e precisam ser interrogados. Estão lutando entre si para ver quem me revela o paradeiro de Bosa. É incrível quanto podemos ser persuasivos quando as famílias de todos os piratas do Mar Branco são nossas reféns.

— Acorrentar gente em uma fortaleza no mar provoca esse efeito na mente das pessoas — concordou o Kraken. — Elas conseguem entender o que está em jogo quando pensam nos entes queridos pendurados em uma parede.

— Isso também torna a fortaleza intransponível — acrescentou Opal. — Afinal, quem arriscaria um ataque correndo o risco de atingir alguém da própria família?

— Vocês andam pegando inocentes como reféns? — gritou Vega, sentindo o indicador de Opal passear por seu peito, arrancando sangue.

— Ninguém é inocente. Eles escolheram o lado do Lobo — ela respondeu, concentrada no que fazia com a mão.

— São todos culpados, ainda que não diretamente. — Ghul riu.

Vega soltou um grito quando a garra da Pantherlady concluiu o percurso tortuoso por seu tórax. Ele baixou a cabeça e viu o desenho rudimentar de um coração que Opal fizera em sua pele, em torno daquele que de fato batia em seu peito.

— Quanto a você, Vega, vou acreditar em sua palavra — ela falou sorrindo. — Estou longe dos meus filhos há tempo demais. Enquanto luto em nome do meu sobrinho, eles estão em Bast, longe do colo da mãe. Isso me entristece. Você entenderia se tivesse filhos. É um amor como nenhum outro. Então vou aceitar sua oferta. Quando entregar você a Lucas e ele arrancar sua cabeça, vou tirar seu coração de dentro do peito, como uma lembrança da

minha aventura na Lyssia. Vai ser um belo presente para levar a Braga, minha terra natal, um agrado para alimentar meus queridos filhos.

Opal foi caminhando pela plataforma, dirigindo-se à escada mais próxima.

— Ele é todo seu, Ghul — ela falou. — Só não o mate. Essa honra deve caber ao rei.

Depois disso, ela começou a escalar a parede da fortaleza, para voltar ao interior da torre.

Quando o Kraken se aproximou do debilitado Sharklord, agitou os braços em ambas as direções, e seus membros se dividiram em quatro monstruosos tentáculos. Florimo virou o rosto para o outro lado, sem coragem de ver o que aconteceria a seguir.

— Muito bem — disse o Weresquid, enquanto um tentáculo serpenteante segurava Vega pelo queixo, erguendo-lhe a cabeça. — Tem mais alguma gracinha para me dizer?

Vega cuspiu no monstro.

— Ótimo — falou Ghul, limpando a saliva do rosto com o ombro. O tentáculo agarrou o maxilar do conde, mantendo sua cabeça no lugar enquanto outro de seus membros recuava, pronto para atacar o Sharklord. — Era essa a resposta que eu esperava.



Estranho conselho

— São muitas chaves — comentou Ringlin.

— São muitas celas — respondeu Hector.

Ibal tirou o chaveiro de metal do cinto e foi até a porta. Seus dedos rechonchudos reviraram as chaves, sob o olhar impaciente de seu senhor. Enquanto Ringlin ganhara o posto de capitão da Guarda Javalina, assumindo o comando sobre os ugri em nome de Hector, Ibal tornara-se carcereiro-chefe de Icegarden, administrando as celas nas masmorras do palácio, que estavam vazias quando o magíster e seus aliados haviam tomado a cidade, porém agora encontravam-se ocupadas por antigos membros da guarda da cidade, cortesãos horrorizados e qualquer um que se opusesse ao Javali e aos Corvos. As celas de Icegarden nunca tinham estado tão cheias.

— Não sei por que você continua vindo aqui, milorde.

— Eu pedi sua opinião, Ringlin?

— É que... não sei qual é a utilidade de falar com ele.

“Não posso dizer que discordo dele”, sussurrou Vincent, o vil. “Por que buscar o conselho dessa criatura quando pode recorrer a mim? Quem pode conhecê-lo melhor que seu querido e doce irmão?”

— Não quero que compreenda minhas ações, Ringlin — disse Hector, ignorando o vil. — Só preciso que me obedeça.

— Isso eu sempre fiz, milorde, e vou continuar fazendo.

— E não é surpresa nenhuma que você não goste desse prisioneiro. Vocês já se estranharam antes, não foi? Pode esperar aqui, se considera a companhia dele tão insuportável.

— Não — disse o ex-ladrão, dando mais uma olhada em Ibal, até que o amigo baixote enfim localizou a chave que procurava. — Vou ficar com

você, se não se incomodar. Prefiro ouvir o que ele tem a dizer, separar as verdades das mentiras.

Hector se voltou para Ringlin enquanto Ibal virava a chave na fechadura.

Ele cerrou o punho para enfatizar sua posição. O gesto não passou despercebido a Ringlin, e o capitão estremeceu ao pensar na magia negra que o magíster dominava, além do vil que tinha sob seu comando. Ibal abriu a porta e deu um passo para o lado, para que o amigo e seu senhor pudessem entrar na cela.

Uma tocha queimava no suporte ao lado da porta, uma concessão pouco comum a um prisioneiro, mas com a qual Hector havia concordado de bom grado. As correntes que prendiam o homem eram a garantia de que ele não teria como alcançar a chama. Os elos de metal fixavam-no à parede, o aço sturmiano de alta qualidade mantendo o homem em um canto da cela. Havia um balde posicionado à maior distância possível e um colchão estendido no chão, as únicas formas de conforto permitidas ao prisioneiro. O homem estava sentado no leito rústico, com um cobertor sobre os ombros e a corrente presa no tornozelo esquerdo. Ele ergueu os olhos e sorriu quando Hector e Ringlin entraram, a tatuagem de serpente estampada no lado direito de seu rosto parecendo ganhar vida.

— Veio esvaziar o balde de excrementos, Ringlin? — perguntou Bo Carver. — Seja bom comigo e não derrube nada no chão.

— Você tem sorte de eu não virar tudo na sua cabeça, Carver — disse o ex-ladrão, fazendo cara feia ao se postar ao lado da porta. A tocha crepitava junto a seu rosto, lançando sombras sobre sua expressão furiosa. — Até onde sei, isto aqui ainda é uma cela de prisão. Melhor tomar cuidado com a língua, Lord dos ladrões.

— Você se deu bem nessa sua vidinha sórdida, não, capitão Ringlin? Você e o simplório ali.

Nesse momento, Ibal apareceu na porta aberta, e uma risadinha de irritação escapou de seus enormes lábios. Carver sorriu, e Hector o encarou em silêncio.

“Gosto quando eles oferecem resistência”, murmurou Vincent, o vil, cheio de ansiedade, rodeando o magíster.

— Parece que qualquer um consegue subir na hierarquia da Guarda Javalina se estiver disposto a abandonar seus princípios — comentou Carver.

— Veja só quem fala. Foi prisioneiro sabe lá Brenn por quantos anos, primeiro em Highcliff, agora em Icegarden. Lord dos ladrões? Está mais para Lord dos presos.

— Só que eu durmo com a consciência tranquila, Ringlin. Pode ser até em um colchão imundo em uma cela escura e úmida, mas sei que não traí nenhum companheiro ladrão. Duvido que possa dizer o mesmo.

Ringlin deu um passo à frente, encarando o prisioneiro acorrentado.

— Eu durmo em uma cama luxuosa, em um quarto aquecido, com comida quente na barriga para me levar até uma terra de sonhos agradáveis. Pense nisso, Carver, quando estiver deitado aqui no escuro, com a tocha apagada na parede e só a sua “moralidade” como companhia.

Hector bateu uma mão na outra.

— Acho que os dois pavões já podem parar de agitar as penas — disse o Boarlord, sentando-se na superfície gelada do centro da cela. — Ringlin, seja um bom homem e vá ver se Lady Freya quer alguma coisa. Estou me sentindo mal por ter saído de lá com palavras tão... hostis mais cedo. Pode pegar a comida que ela e as outras Filhas quiserem. Estou me sentindo generoso agora — acrescentou, antes de virar as costas para o capanga.

Ringlin continuou olhando feio para o sorridente Carver por mais um momento.

— Como quiser, milorde — ele respondeu, acrescentando ao olhar para a porta: — Mas o balde de excremento fica aqui.

— Isso não é maneira de se referir a Ibal! — gritou o Lord dos ladrões atrás dele. O carcereiro soltou uma risadinha no corredor, e Carver se ajeitou no colchão.

Hector mexeu no broche de metal, no formato de um javali em posição de ataque, que prendia seu manto, antes de ajustá-lo melhor.

— Um enfeite de lata das Dalelands? — questionou Carver. — Meio sentimental demais para o Lord Mão Negra, o monstruoso magíster de Icegarden, não?

— Príncipe dos pobres, considero importante a pessoa se lembrar de

onde veio — ele respondeu com um sorriso. — Ainda sou o barão de Redmire, e isto é bronze, não lata.

— Então veio aqui para mais uma conversa inspiradora? — perguntou Carver, entrelaçando os dedos e apoiando-os sobre os joelhos levantados.

— Não seja tão convencido, Carver. Não venho até você em busca de conselhos; apenas o considero um ótimo receptáculo para despejar meus pensamentos. Quem imaginaria que seria para você que eu contaria meus segredos mais íntimos?

— O sentimento não é recíproco, infelizmente — respondeu o Lord dos ladrões, sacudindo as correntes. — Manter um homem acorrentado é um ótimo jeito de acabar com a confiança dele em você.

Hector sorriu.

— Não vim aqui para atormentá-lo. Você e eu temos um acordo tácito. Sabe que nunca mais vai sair desta cela. Simplesmente não pode. Sabe coisas demais sobre os meus assuntos, sobre o que acontece aqui, sobre as minhas intenções...

— E sobre o seu demoniozinho — interrompeu Carver, agitando a mão no ar.

Vincent, o vil, sibilou como um gato de rua encurralado, louco para atacar. “Ele pensa que me *conhece*. Deixe que eu me apresente a ele, irmão. Me dê um momento a sós com o mestre Carver...”

— Não é segredo nenhum que tenho domínio sobre certas forças. O nome disso é comunhão, Carver.

— *Necromancia* seria o termo mais correto, não?

Hector inclinou a cabeça.

— Você conhece mais sobre o ofício de magíster do que eu esperava, mas sua escolha de palavras é questionável. *Necromancia* tem uma conotação bem macabra.

Carver soltou uma risada.

— E a sua prática é essencialmente benigna, não, barão? Que mal poderia haver em se comunicar com os mortos, não é mesmo?

— Não é *necessariamente* uma coisa sinistra — rebateu o Boarlord,

irritado.

— Qualquer que fosse a boa intenção que você tivesse ao começar a mexer com essa arte obscura, isso já ficou para trás faz tempo. Essa prática consumiu você, não foi?

— Consumiu? Ela só me trouxe aprimoramento. As limitações se pulverizaram diante dos meus olhos.

— A ponto de abandonar a razão e o juízo. Você se cercou de assassinos traiçoeiros, Hector. Os Crowlords como companheiros de armas? Eles são desprezados até pelas próprias mães, o que dizer dos vizinhos!

— Os fins justificam os meios, Carver. O senso de lealdade muda o tempo todo.

— Você troca a *sua* lealdade com mais frequência do que Ibal troca esse balde — ele falou, apontando para o depósito de excrementos no canto da cela. — Daqui a pouco ninguém mais vai confiar em você, Hector. Você traiu a todos com quem se aliou. Pensa que os Crowlords confiam em você? São um bando de assassinos. Se dependesse deles, eu estaria morto. O que me mantém vivo é esse seu interesse doentio pelo meu bem-estar. Com certeza Flint já está tramando um modo de excluir você de seu futuro regime tirânico.

— Eu também não confio neles.

— Mas isso é jeito de viver? — rebateu Carver. — Só esperando pela facada nas costas?

— Eles precisam de mim tanto quanto preciso deles. Preciso de seus olhos acima das Whitepeaks e dos soldados que marcharam até Icegarden. E os Corvos estariam perdidos sem os meus ugri e o conhecimento deles destas terras geladas. Também apreciam o poder que sou capaz de evocar — explicou Hector, estalando os dedos enluvados da mão esquerda.

Carver estremeceu.

— *No momento* eles podem precisar de você, mas as coisas mudam depressa, Boarlord.

— De fato, e espero que a balança da sorte pese mais para o meu lado do que para o de Flint e seus irmãos.

— Então você está torturando uma velha só para tentar encontrar uma relíquia que pode nem existir?

— O Cajado Wyrn existe, e Freya sabe onde está. Só preciso arrancar essa informação dela.

Carver riu.

— Você fala como se fosse tão simples quanto extrair um dente! Por que não ir além de atormentá-la com seu demoniozinho? Por que não usar métodos testados e comprovados de tortura, como ossos e dentes quebrados?

“Está vendo?”, sussurrou o vil, agitando-se no ar diante de Hector, com seu corpo de fumaça negra emanando uma empolgação sádica. “O bandido careca não é nenhum tolo. Ele aprecia meus métodos!”

— Não! — gritou Hector, mais para o espírito do irmão que para o Lord dos ladrões. Passou a mão por entre a forma etérea de Vincent, a nuvem escura que só ele conseguia ver, abrindo os dedos ao atravessá-la. — Não vou machucá-la ainda mais.

“Então nunca vai encontrar o Cajado Wyrn”, ameaçou o vil enquanto sua forma se desfazia.

— Esses gritos foram para mim ou para o seu amigo invisível? — questionou Carver, balançando a cabeça. — Por que tanta obsessão por esse cajado antigo, desaparecido há tantos anos? Já tem o que queria, não tem? Não era Icegarden que desejava? O respeito dos outros Werelords? Não só dos Leões e outros Catlords, mas também de seus semelhantes da Lyssia: Bergan, Manfred e Vega? Com certeza eles já entenderam o recado a essa altura.

— A hora deles vai chegar. Seu velho conhecido Vega já está morto; foi tragado pelo mar. Meus guerreiros ugri vão encontrar Manfred e a rainha Amelie e trancafiá-los aqui com você nesta masmorra o quanto antes. E fazer Bergan se ajoelhar diante de mim é só uma parte do meu desejo. O que mais quero é conhecimento.

— Conhecimento de quê? De como é não ter amigos? De como é ser um traidor?

— Conhecimento ancestral, Carver. Compreensão dos elementos que compõem a magia, poder sobre a vida e a morte.

— Pare agora, Hector, enquanto ainda lhe resta alguma sanidade — respondeu o Lord dos ladrões.

O magíster sorriu.

— Não se preocupe comigo, Carver. Não enlouqueci. Tudo o que faço é com base em raciocínio e dedução.

— Você está delirando. Conheço muito bem o folclore, Boarlord. Nunca ouvi falar numa história em que os praticantes de necromancia tenham tido um final feliz.

— Então está na hora de escrever um novo capítulo no seu livro de histórias, mestre ladrão — disse Hector. — Você sabe ler e escrever, não sabe? Pode narrar os meus feitos no seu tempo livre.

— Isso não vai acabar bem, Hector.

— Não precisa se preocupar, meu amigo — disse Hector, levantando-se. — É a minha cabeça que está a prêmio, não a sua obra de arte tatuada.

— Se os seus amigos Crawlords esfaquearem você pelas costas, minha cabeça vai rolar também, com serpente e tudo.

— Então é melhor começar a rezar para que a balança da sorte penda para o meu lado, Carver. — Hector foi até a porta, fez uma pausa e se virou. — Aliás, a menina Pick, sua protegida, está viva. Ela não morreu naquela noite quando fugiu de Icegarden.

— Pelo menos uma boa notícia — disse Carver, assentindo com um gesto de cabeça. — Como sabe disso?

Hector sorriu.

— Não posso contar, mas achei que fosse querer saber. Sou seu anjo da guarda, Lord dos ladrões, a única coisa entre você e os demônios de asas negras lá fora. Pense nisso da próxima vez em que tentar me convencer de que estou cometendo um erro.



Banquete para a noiva

Nas entranhas do *Cão do Inferno*, Whitley olhou para a cadeira vazia do outro lado da mesa de jantar. Havia uma variedade enorme de bandejas diante dela, cheias de comida, além de tigelas lotadas de legumes assados de todas as cores, exalando um aroma inebriante. Uma enorme porção de carne, uma raridade, reluzia em cima de uma travessa gigantesca. Mais acima, no convés, ouvira passos apressados, desalojando das tábuas do teto uma ou outra nuvem de poeira que caía sobre a comida. Atrás dela, Finch, o cozinheiro idoso do navio, estava ocupado trabalhando nas sombras. Depois de fechar todas as escotilhas, ele lutava para abrir uma garrafa de vinho, que enfim cedeu com um estalo bem alto. Finch reapareceu a seu lado, estendendo a mão para encher a taça do capitão do outro lado da mesa.

— Onde está Olho Morto? — questionou Whitley, vendo o vinho cair na taça. Seus olhos localizaram a chave dourada em um cordão no pescoço de Finch, a única maneira de sair daquela cabine. Finch não era apenas seu cozinheiro; era também seu carcereiro, os olhos e ouvidos do Sharklord quando estava no convés.

— O capitão vai chegar daqui a pouco, milady — respondeu o cozinheiro, terminando de servir a bebida.

— Perguntei onde ele está, senhor Finch. Por que aquela correria lá em cima? O que está acontecendo?

— Ao que parece, estamos sob ataque, milady — respondeu o velho, voltando para a penumbra.

— Sob ataque? — ela perguntou, virando-se para ele. — De quem?

— Não tenho como saber, milady — respondeu Finch. — Mas eu, no seu lugar, não me preocuparia. Já é noite, e o capitão é um sujeito ardiloso. O inimigo poderia estar a menos de dez metros do *Cão do Inferno* e mesmo

assim erraria o alvo. Velas negras, tábuas negras, tudo negro como o inferno. Existe uma razão para o navio ter sido pintado assim.

— As escotilhas... Foi por isso que você fechou tudo?

— Escuridão, milady — ele explicou, batendo com o dedo no nariz e dando uma piscadinha. — É a melhor maneira de garantir que não seremos vistos. Como eu disse, seu marido é um peixe velho de guerra.

— Ele *não* é meu marido — esbravejou Whitley.

— Ainda não, senhorita, mas com certeza é só uma questão de tempo. Deveria se sentir grata por merecer a atenção de Sua Senhoria. Quando ele entregar o carregamento de armas de prata para o rei Lucas, vai ser todo seu. Pelo que estão dizendo, a parada seguinte será o templo de Sosha, para o casamento. Uma noiva na primavera... Existe coisa mais linda?

Whitley olhou feio para Finch, que abriu um sorriso. A prisioneira usava mais um vestido de uma época passada cheio de detalhes exagerados, o cheiro de mofo mesclado a um forte perfume. Aparentemente, havia pertencido à mãe de Olho Morto. O fato de o Sharklord obrigar Whitley a usar aqueles vestidos adicionava mais um elemento sinistro aos encontros, servindo como uma confirmação do modo de pensar bizarro do capitão. A corrente em torno do pescoço da Bearlady equivalia a uma aliança de casamento, prendendo a jovem ao pirata perturbado. Ela estava à sua mercê.

Enquanto o barulho continuava no convés, Whitley observou as escotilhas cobertas com tábuas. O velho cozinheiro estava parado à porta da cabine, de olho nela. Por mais que Whitley estivesse sufocada pela coleira de metal, ainda era capaz de lutar, e havia vários itens ali que poderiam ser usados como armas. Mas, antes que pudesse agir, houve uma movimentação na porta. Finch deu um passo para o lado, pegou a chave do pescoço, colocou-a na fechadura e a abriu. O capitão Olho Morto apareceu, curvando-se para entrar em seus aposentos.

— Já pode ir, senhor Finch — disse o capitão. O cozinheiro fez uma mesura e saiu, fechando a porta atrás de si. Olho Morto trancou o aposento, pegando a chave antes de ir até a mesa.

Whitley observou enquanto o capitão se acomodava na cadeira. Ele se inclinou para sentar, desviando da lamparina de ferro fundido pendurada no teto, fazendo-a balançar com o deslocamento de ar provocado por seu crânio

deformado. Largando a chave sobre a mesa, apanhou um guardanapo, o desdobrou e colocou sobre o colo, alisando-o antes de pegar os talheres. No andar de cima, a confusão continuava. Os estalos no convés e as pancadas na madeira ameaçavam derrubar a lamparina e até mesmo as tábuas do teto a qualquer momento. Ignorando tudo isso, Olho Morto espetou a carne e começou a cortar uma fatia sangrenta da peça.

— Você está linda hoje, minha querida — falou o capitão para Whitley.

Ela abriu um sorriso protocolar, olhando para o prato vazio diante de si, tão grande quanto um escudo. Tudo na embarcação do capitão era exagerado. Até os talheres eram grandes demais e nada práticos, parecendo mais ferramentas de jardinagem.

— Não vai comer, minha doçura? — perguntou Olho Morto, cortando uma terceira fatia de carne e jogando-a no prato gigante de porcelana.

Whitley estremeceu, sentindo as palavras de carinho queimarem sua carne como ácido.

— Não estou com fome... milorde.

Ela aprendera pelo menos a demonstrar certo respeito pelo capitão durante sua estadia no *Cão do Inferno*. O encontro inicial, quando ele a prendera na coleira e a desafiara a controlar sua fera interior, tinha sido só o início de seu treinamento nas mãos de Olho Morto. Ele exigia submissão total e obediência absoluta da garota que seria sua esposa. O hematoma no rosto de Whitley era prova de sua disposição para a violência. Whitley havia desistido de apresentar resistência — pelo menos na aparência —, permitindo que o Sharklord a dominasse em todos os sentidos enquanto planejava sua fuga. Desde as conversas à mesa até as roupas que vestia, Olho Morto tinha a palavra final em tudo, e isso o agradava enormemente.

— O senhor Finch teve muito trabalho para preparar este banquete para nós. Isso é parte do que saqueamos do Jardim da Lyssia, os melhores ingredientes que as Dalelands têm a oferecer. Pensei que houvesse aqui algo que fosse despertar seu apetite — ele falou, cortando ao meio um de seus filés.

— Não se contenha por minha causa. Por favor, sirva-se, milorde — ela respondeu, submissa.

— Legumes? — ele rebateu, com uma risada forçada e gutural. Olho

Morto não tinha passado a Whitley a impressão de que fosse uma pessoa que risse com frequência. — Isso não apetece muito o meu paladar, minha querida.

Ele espetou um pedaço enorme de carne com o garfo e o enfiou na boca curvada para baixo. Whitley ficou observando o capitão mastigar, sempre de boca aberta. Pigarreou e abriu um sorriso quando ele espetou mais um pedaço.

— É impossível não reparar nessa comoção toda lá em cima — ela falou. — O que está acontecendo?

Olho Morto ergueu o braço grosso e limpou uma porção de líquido ensanguentado do queixo.

— São navios de Bosa, três deles. Se eu tivesse mais uma embarcação, partiria para o enfrentamento, mas precisamos ser cautelosos. Eles que sigam em frente. Vou mandar um recado para a fortaleza marinha, pedir reforços para Lord Ghul.

Whitley ouvira menções à tal fortaleza inúmeras vezes desde que fora capturada. Tinha sido para onde o *Golpe de Sorte* fora levado, enquanto o *Cão do Inferno* seguira seu caminho para Highcliff. Os homens da tripulação de Violca que haviam permanecido fiéis à antiga senhora foram acorrentados no porão do próprio navio. Whitley não fazia ideia do que os aguardava nessa fortaleza, que claramente era a base de operações de Ghul no Mar Branco, mas achava que o destino deles não seria dos mais agradáveis.

Os acontecimentos a bordo do *Golpe de Sorte*, e tudo o mais que se seguiu, incutiram um propósito no coração de Whitley. A tripulação do *Cão do Inferno* era responsável pelo assassinato de Drew, tendo lançado seu corpo ferido ao mar. O legítimo rei da Westland — *seu* Drew — fora arremessado no oceano para ser devorado pelos peixes. Olho Morto havia cuidado pessoalmente de garantir a morte de Violca. Ela ouvira tudo em seus mais grotescos detalhes da boca de Finch. Whitley estava determinada a se vingar — de Olho Morto, de Lucas, de Opal, de todos eles. Seu coração estava impregnado de raiva daqueles que haviam lhe tirado seus entes queridos. Ela os faria pagar por todos aqueles assassinatos.

— Pensei que o *Cão do Inferno* fosse um dos navios mais poderosos do Mar Branco, milorde — falou Whitley, sem a menor intenção de ser sarcástica. — Isso não basta para acabar com eles agora mesmo? Atacar sob a

proteção da noite e dispersar suas fileiras?

Olho Morto parou de mastigar por um instante, e seus olhos negros se cravaram na garota.

— O *Cão do Inferno* é capaz de enfrentar qualquer navio, mas três contra um não é uma situação que me agrada. E não queremos dispersá-los. Não. Queremos que sigam em frente. Assim poderemos pedir ajuda e tomar três embarcações da Baleia em vez de uma.

— Claro, milorde. Minha intenção não foi questionar seu julgamento. Com certeza você sabe o que fazer.

Olho Morto grunhiu ao pegar mais uma fatia de carne, levando o garfo à boca.

— Precisamos manter distância — ele disse, cuspidando comida enquanto falava. — Não gosto de jantar sozinho, minha querida. Coma, por favor.

Whitley ficou de pé e ajeitou a saia. Empurrando a cadeira para trás, pegou o prato, equilibrou-o em uma das mãos e começou a se servir do banquete. Olho Morto estendeu a mão mais uma vez para cortar a carne em meio a um frenesi alimentar provocado pelo sangue, abandonando de vez o decoro. Grunhiu ao separar os pedaços, derramando o caldo sobre a mesa. Whitley se inclinou na mesa, retirando com dificuldade o conteúdo de tigelas e bandejas com seu garfo grande e desajeitado. Ela espetou três batatas assadas de uma vez antes de depositá-las no prato.

— Como pode ter tanta certeza de que esses navios são de Bosa, milorde? Existem muitas embarcações no Mar Branco. Não poderia ser um engano?

— Mesmo a distância e sob a luz das estrelas eu reconheci um deles — respondeu Olho Morto, estalando os lábios engordurados enquanto devorava freneticamente a carne. Ela já tinha visto o Sharklord se alimentar assim antes, ficando cada vez mais distraído à medida que engolia a carne quase crua.

— Reconheceu como? — perguntou Whitley, espetando um pedaço de brócolis na manteiga.

— É o *Turbilhão*.

Os joelhos de Whitley esmoreceram à menção do navio de Vega. Por

sorte, Olho Morto estava entretido em sua comilança, revirando os olhos nas órbitas e emitindo sons de êxtase a cada mordida.

— O navio do conde Vega? Isso significa que um dos seus piores inimigos está por perto?

Ela sabia muito bem o que um Sharklord pensava do outro, pois ouvira em primeira mão a opinião de Vega sobre Olho Morto e os demais Werelords que serviam o Kraken. Ele sentia ódio dos aliados do Weresquid, pois todos haviam participado da usurpação de seu trono e de sua expulsão de Angra do Veleiro quando os inimigos se aliaram ao rei Leopold.

Olho Morto soltou uma risada ruidosa, quase engasgando com a carne quando sua boca curvada ameaçou se virar para cima por um instante, revelando fileiras de dentes proeminentes.

— Sei exatamente como é aquela embarcação amaldiçoada, e ele não está a bordo do *Turbilhão*. Não, Vega não é mais ameaça para ninguém. Lord Ghul está com meu primo em seu poder.

— Então quem está no comando do *Turbilhão*? — questionou Whitley, pondo o prato gigantesco na beirada da mesa, ao lado do do capitão, enquanto se inclinava na direção dele. Ela pegou uma concha e acrescentou ervilhas e milho ao prato. Sem que Olho Morto percebesse, puxou um banquinho de sob a mesa com o pé, arrastando-o para baixo da saia volumosa e apoiando o calcanhar nele. Pondo a concha de volta no lugar, segurou o garfo com uma das mãos e o prato pesado com a outra.

— Isso só Sosha sabe — respondeu o Sharklord com uma voz grave e gorgolejante, depois de deixar de lado os talheres e começar a atacar a carne com as mãos. — O navio ficou desaparecido durante meses. Essa aparição agora sugere que Vega ainda tem amigos por aí. Amigos de Vega são amigos de Bosa. Sendo assim, são meus inimigos.

As mãos do Sharklord ficaram cinza, e ele cravou as garras na carne para arrastá-la até seu prato. Nesse momento, Whitley atacou, cravando o garfo com toda a força de que era capaz na mão direita de Olho Morto. Os dentes do talher atravessaram o espaço entre os ossos até o outro lado, varando inclusive o pedaço de carne que ele comia, antes de também atingir o prato ensanguentado. A porcelana se desfez em dezenas de pedaços, e o garfo enfim se enterrou na maltratada mesa de carvalho.

O grito de Olho Morto demorou um instante para soar, a fração de segundo necessária para a mensagem de dor chegar ao cérebro e arrancá-lo de seu frenesi alimentar. Quando o berro se fez ouvir, Whitley já tinha pulado para cima da mesa, usando o banquinho para se impulsionar e aterrissar com um baque seco em meio ao banquete. Seu prato ainda estava na mão, e com ele Whitley acertou o Sharklord bem no meio da cara. A cerâmica se espatifou, despejando cacos na cabeça do capitão, as pontas afiadas se cravando em sua carne.

A força do impacto lançou a cadeira e o transmorfo para trás, e as feições dele se alteraram rapidamente. A única coisa que o impedia de se estatelar no chão era o garfo cravado na mão direita, que o prendia à mesa.

Whitley não perdeu tempo, estendendo a mão para pegar a lamparina pendurada no teto, ciente de que o furioso comandante do *Cão do Inferno* já estava pronto para o ataque, a fera tomando conta de suas feições. As mandíbulas dele estalaram, e os lábios se transformaram em uma bocarra com dentes monstruosos. Os ossos da face de Olho Morto estremeceram enquanto se dava a mutação, forçando a pele cada vez mais escura a se moldar ao formato do Tubarão-Martelo. Os cacos afiados de cerâmica saíram voando de sua carne, como flechas disparadas por um arco. Os olhos assustadores do Wereshark piscaram, cada um de um lado de sua cabeça em formato de bigorna, encarando a garota de pé sobre a mesa.

A jovem de Brackenhholme estava preparada para a luta, e soltou um grito ao bater com a pesada lamparina de ferro na cabeça de Olho Morto. O vidro se quebrou, e uma chuva de óleo em chamas cobriu a pele do capitão da cabeça aos pés. Whitley pegou a chave de cima da mesa e deu um pulo para longe do Tubarão-Martelo incendiado. Ela caiu ao aterrissar, enroscando-se na própria saia a caminho da porta, enquanto a cabine começava a pegar fogo. Enfiando a chave na fechadura e virando-a com força, ouviu o mecanismo estalar e se destravar. Ao olhar para trás enquanto abria a porta, viu Olho Morto levantando-se da cadeira, envolvido em chamas alaranjadas. A enorme saia do vestido ficou presa na moldura da porta quando o terrível Sharklord virou a mesa e começou a vir em sua direção, ignorando o fogo que devorava sua carne. Whitley se livrou às pressas do vestido, deixando a horrorosa roupa presa à esquadria da porta enquanto saía correndo aos tropeços pelo corredor, cega de terror, com o monstruoso Olho Morto em seu encalço.



Grito de Lobo

— Isso é ridículo! Soldados não podem simplesmente *desaparecer*! — berrou Lord Hackett, levantando do trono e estapeando o capitão. O dorso da mão pesada do Crablord o atingiu como uma pá.

— Qual é a dificuldade de buscar um garoto maneta em um campo de trabalhos forçados? Quantos homens você mandou?

O capitão esfregou o queixo para responder a seu senhor.

— É o terceiro grupo que mandamos em dois dias, e nenhum deles voltou. Acredite em mim, milorde. O campo de trabalhos forçados não é mais um lugar seguro para a Guarda Kraken.

Hackett saiu pisando duro em direção ao capitão, que recuou pelos degraus da plataforma do trono, encolhendo-se todo diante do Werelord. Os passos de Hackett ecoaram pela sala do trono da Torre do Veleiro, que estava vazia, a não ser por um punhado de elmos de aço de soldados do Kraken. A cabeça calva do Crablord brilhava de suor, e os poucos cabelos ruivos que ainda lhe restavam se agitaram.

— Escute só o que está dizendo, choramingando como um garotinho! — riu-se Hackett. — Aquele campo está cheio de *crianças* assustadas, capitão Flowers. Pirralhos que nós apavoramos até não poder mais. Eles não têm mais família, as mães estão acorrentadas e os pais, pendurados nas forcas. Eles morrem de medo de nós. Que perigo podem oferecer, pelo amor de Soshá?

— Só estou contando o que sei, milorde — respondeu Flowers, todo aflito diante do Crablord furioso. — Desde que o sargento Callow foi até lá anteontem com aquele menino, mandamos mais dois grupos para verificar o que está acontecendo, o primeiro com quatro, o segundo com seis homens. Nenhum dos dois voltou. A questão não é mais o garoto maneta, e sim o

desaparecimento dos nossos homens. Já são treze membros da Guarda Kraken, senhor.

Seus homens fizeram o sinal de Sosha atrás dele, e o gesto não passou despercebido a Hackett.

— Podem parar com essa bobagem de superstição agora mesmo. Vou mandar dar treze chicotadas em cada um se continuarem com essas rezas! — Olhou feio para Flowers. — Algum sinal do menino que os levou até lá?

— O que se chamava Kit e contou que estavam abrigando um fugitivo? Nenhum. As crianças foram interrogadas ontem e hoje, mas não quiseram cooperar.

— Você não mandou dar umas chibatadas nelas? Não mandou nenhuma para a força?

— Algumas ainda estão conosco, mas não têm nada a dizer. Sabem o que está acontecendo, mas preferem apanhar a confessar.

— Mande enforcar algumas — ordenou o Caranguejo, dando as costas ao visitante e voltando ao trono enquanto passava a mão na cabeça calva. — Em um lugar bem alto, onde os outros possam ver. Isso vai soltar a língua delas.

— Além disso — acrescentou Flowers —, as crianças não apareceram para o trabalho agora à noite.

Hackett deteve o passo. Isso era inédito. Ele governava Angra do Veleiro desde que seu senhor, Lord Ghul, havia partido para o Mar Branco. Seu regime era brutal, e suas leis, draconianas, prevendo castigos físicos ao menor sinal de desobediência, entre eles desmembramentos e execuções. Era a única linguagem que os filhos dos piratas entendiam, e vinha funcionando. Até agora.

— Como assim, *não apareceram*? — ele perguntou, incrédulo.

— O capataz e a Guarda Kraken ficaram à espera nas docas do pôr do sol até o cair da noite. Ninguém apareceu.

— Então por que não foram *buscá-las*? — esbravejou Hackett, o rosto corado de raiva.

— Os homens, milorde... — começou o capitão, apreensivo. — Eles estão... nervosos. Com medo de que algo ruim possa acontecer. As

maldições são coisas que...

A mão de Hackett se projetou para a frente, transformando-se enquanto se dirigia à garganta de Flowers. Quando se fechou, as pinças largas do Werecrab estavam prontas para arrancar a cabeça do capitão.

— Se continuar com essas histórias de assombração, juro que...

— Milorde! — gritou um guarda, abrindo as portas da sala do trono com um empurrão e batendo-a atrás de si.

O homem correu pelo sujo tapete roxo que atravessava o recinto até a plataforma de granito do trono. Hackett observou a aproximação do homem, o elmo maltratado embaixo do braço e um fio de sangue escorrendo da cabeça. Ele se apoiou sobre um dos joelhos e fez uma medida, manchando de vermelho o primeiro degrau de pedra.

— Fale, homem — bradou o Crablord, irritado, removendo a garra do pescoço de Flowers e afastando-o com um tapa.

— Angra do Veleiro está sob ataque, milorde!

Hackett escutou os ruídos do lado de fora das janelas em arco com vista para a angra. Foi até lá, o capitão Flowers e o soldado ferido logo atrás.

— De quem? — questionou o Crablord, olhando para o porto. As tochas se deslocavam em um movimento de correria pela rua, e os gritos dos combatentes estavam cada vez mais próximos da torre de menagem.

— Das crianças, milorde — respondeu o soldado ensanguentado. — As crianças estão nos atacando!

Em tempos mais felizes, pelas ruas serpenteantes de Angra do Veleiro ecoavam risadas e músicas, com os habitantes locais comemorando sua boa sorte e desfrutando do resultado de suas vitórias. O raio de alcance dos piratas era longo, estendendo-se de Sturmland ao norte até as Longridings ao sul, e poucos viajantes dos mares eram capazes de repelir seus ataques. Poucas épocas haviam sido mais prósperas do que aquela em que o conde Vega, o príncipe pirata das Ilhas Cluster, tinha ocupado seu trono, liderando seus homens em seu temido navio, o *Turbilhão*. Era um Werelord que se expunha na linha de frente, inspirando confiança e espírito aventureiro em seus comandados. As histórias sobre seus feitos haviam se espalhado por

todos os oceanos do mundo.

Mas os tempos haviam mudado, assim como os ocupantes do trono. Agora, sob a sombra do Kraken, a Lula Gigante, pelas ruas só corria sangue, rios escuros que se espalhavam pelo chão úmido de pedra. Os sons de alegria tinham sido substituídos pelos gritos de combatentes e moribundos, enquanto os jovens que consideravam aquele porto seu lar lutavam contra a opressão. As crianças de Angra do Veleiro estavam cansadas de receber ordens. Agora revidavam as agressões, determinadas a conquistar a liberdade ou morrer tentando.

Meninos e meninas de todas as idades se espalhavam pelos labirintos de ruas e vielas, correndo em pequenos bandos, carregando armas improvisadas nas mãozinhas — tochas, cajados, redes e facas retirados de plantações e barcos de pesca, ferramentas que os inimigos tinham confiado inocentemente em suas mãos e que agora se voltavam contra os soldados em pânico da Guarda Kraken. A maioria numérica pura e simples bastava para derrotar os preguiçosos guerreiros do Squidlord.

Liderando o ataque na rua principal estavam os jovens mais durões. Entre os meninos mais velhos prontos a seguir o ofício dos pais como piratas, nenhum era mais intenso e feroz que Gregor, enfurecido pela morte de Kit. Ele agitava um tacape sobre a cabeça, e até seus companheiros de luta preferiam manter distância, com medo de ser atingidos. Quando os soldados com elmos em formato de lula da Guarda Kraken apareciam na rua, ele corria em linha reta na direção deles, movido pela raiva e pelo desejo de vingança. Seus amigos iam logo atrás, acuando os soldados com forcados e cajados enquanto seu companheiro os dominava.

Duas outras figuras tinham tomado um caminho mais rápido pela cidade para chegar à Torre do Veleiro. O menino conhecido como Piloto era ágil, mas mesmo assim estava com dificuldade para acompanhar os passos de Drew Ferran. O jovem Wolflord avançava sobre todo e qualquer inimigo que aparecia pela frente, fazendo de tudo para atrair para si a atenção e os golpes das armas deles. A última coisa que desejava era que aquelas valentes crianças fossem massacradas. Mantendo a fera sob controle, ele urrava e berrava, desafiando os homens da Guarda Kraken. Era uma medida necessária — caso vissem um Wolflord correndo pelas ruas, fugiriam da briga, preferindo enfrentar os pequenos em vez dele. Essa era sua única opção.

Os homens do Kraken tinham atendido prontamente ao desafio, confiantes de que suas armaduras e escudos bastariam. Mas o garoto maneta e quase cego mostrava-se um adversário mais temível do que imaginavam. Valendo-se de tudo o que Mack Ferran, seu pai adotivo, e o duque Manfred, o Staglord, haviam lhe ensinado, Drew lutava pela própria vida e pela das crianças a seu redor. Ele ouvia os passos dos inimigos se aproximando, as botas pesadas pisoteando o chão. Desviava de golpes, rolava para evitar rasteiras, esquivava-se de encontrões e distribuía pancadas com os pés descalços e a mão desarmada. Essa era a única concessão que fazia ao Lobo: na ponta dos dedos, as garras grossas e escuras tinham emergido, atravessando armaduras e se cravando na carne dos inimigos sob a luz das estrelas.

— Descarreguem os arcos sobre aqueles dois!

O capitão da guarita do portão agarrou dois arqueiros e quase os arremessou do parapeito enquanto apontava para Drew e Casper. Os garotos soltaram um soldado recém-tombado, o sexto que Drew havia derrubado naquela noite. Com aquele, completara-se uma dúzia de homens da Guarda Kraken despachados por ele nos últimos dias. Gregor e alguns outros meninos mais violentos e vingativos se encarregaram dos demais que tinham ido à procura dos camaradas e do pobre Kit. Drew lamentava o fato de que fora preciso que o menino morresse para ocorrer a união das crianças do campo de trabalhos forçados, garantindo Gregor entre seus aliados.

— Para trás, Casper! — berrou Drew, tomando a espada do guarda caído e jogando o escudo para o garoto. Casper o apanhou no momento em que os arcos foram disparados. Dois projéteis zuniram pelo ar. Um acertou o centro do escudo que Casper havia erguido diante de si. O outro tinha como alvo Drew, mas o licantropo estava preparado. Como já se encontrava mais próximo da torre de menagem, permitiu que o Lobo assumisse o controle. Havia suportado os piores ataques nas ruas. Agora estava onde queria, diante do portão de Hackett, com as portas fechadas e o rastrilho baixado.

A espada roubada reluziu, e a lâmina desviou a flecha em pleno ar.

— Por Sosha! — exclamou Casper com um suspiro de susto, impressionado com a habilidade do amigo. — Você viu a flecha? Sua visão voltou?

Drew não respondeu, apenas soltou um grunhido, sem sair de onde

estava, sentindo os pelos escuros brotarem em sua pele. O jovem da Costa Gélida começou a crescer, suas costas se arquearam enquanto suas feições mudavam. Sua visão ainda estava voltando, porém os demais sentidos do Lobo, mais aguçados que o de qualquer humano, compensavam a vista prejudicada.

— Espere perto do portão — grunhiu o Werewolf antes de entrar em ação, deixando Casper para trás.

Com um salto gigantesco, Drew aterrissou no telhado de uma hospedaria, que rangeu sob seu peso. Com mais um pulo, viu-se no teto da construção vizinha. Um terceiro movimento o levou para a guarita, a espada cortando o ar. O capitão que controlava a entrada da torre foi atingido por uma lâmina no peito e quase acabou partido ao meio, enquanto os dois arqueiros observavam o Werewolf com olhares apavorados. Drew escancarou os dentes, e seus pés entraram em ação, distribuindo chutes e mandando arqueiros, arcos, dentes e mãos para a rua mais abaixo.

Agachado sobre a muralha, Drew olhou para o pátio. Um soldado desgarrado passou correndo, gritando de medo. Pulando lá para dentro, Drew aterrissou sobre as potentes pernas lupinas. O guarda que comandava o mecanismo do portão estava de costas para ele, observando a movimentação por uma janela de espia. Virou-se ao ouvir a aterrissagem do Werewolf, e seu grito foi interrompido quando o licantropo o cravou na porta de madeira com a ponta da espada, deixando-o pendurado ali. Drew começou a girar o mecanismo em forma de roda, e as correntes acima de sua cabeça se agitaram enquanto o rastrilho se erguia e os portões se escancaravam.

— Lobo!

Drew olhou para cima, na direção da torre de menagem. Um grupo apareceu, sete homens no total, seis soldados da Guarda Kraken com elmos em forma de lula ladeando um sujeito calvo com uma armadura dourada. O careca apontava e dava ordens enquanto descia os degraus com passos confiantes. O desenho de um caranguejo na peça reluzente que cobria seu peito comunicou a Drew tudo o que era preciso saber.

— Quem poderia imaginar? — Lord Hackett riu-se enquanto ordenava que seus homens se espalhassem. — Enquanto meio mundo está à procura da sua carcaça apodrecida, você aparece justamente aqui na minha cidade, filho de Wergar, dando a mim o prazer de acabar com a sua infeliz existência.

Os homens da Guarda Kraken entraram em ação rapidamente, cercando Drew com espadas e escudos em riste.

— Você é a criatura rastejante de que tanto ouvi falar, então? — grunhiu o Werewolf.

Hackett deu uma risadinha.

— Só coisas boas, espero.

O Crablord flexionou os braços, e Drew observou com seriedade enquanto Hackett começava a se transformar. A armadura dourada do Caranguejo rangeu sob a pressão do corpo em mutação. Seu peito se alargou quando cascas vermelhas e rígidas preencheram os espaços entre as placas de aço. Hackett cambaleou sobre os pés quando as pernas esqueléticas e quase aracnídeas distanciaram ainda mais seu corpo do chão. A carne assumiu a mesma coloração avermelhada, e manchas verrugosas apareceram em sua carapaça dura. Hackett jogou a cabeça para trás e soltou um grito gorgolejante. Sua boca se abriu como a de um inseto, revelando mandíbulas retorcidas que pareciam se mexer por vontade própria. Seus braços estalaram e rangeram, assumindo proporções sobrenaturais, os antebraços sendo substituídos por pares de pinças enormes e letais. Cada uma era do tamanho de um escudo, com bordas serrilhadas e compridas se fechando ameaçadoramente enquanto o Werecrab avançava para o Werewolf.

Drew se agachou quando o Crablord se lançou sobre ele, sentindo uma garra aberta passar por cima de sua cabeça e se fechar no ar. A perna do Lobo se projetou, acertando a canela de uma perna fina, mas o golpe não surtiu efeito por causa da carapaça impenetrável. Quando a outra pinça desceu, Drew lançou o outro pé, passando uma rasteira no Caranguejo. Hackett caiu sobre um dos joelhos, e o Lobo deu um pulo para a frente, entre os braços do Werecrab, entrando no raio de alcance do monstro. Drew procurou algum ponto fraco, um lugar menos rígido que aquela armadura não protegesse. A cabeça calva do Crablord se contorceu entre seus ombros protegidos pela carapaça, revelando o pescoço fino que suportava a massa disforme. Os dentes de Drew se fecharam sobre seu rosto, e a boca horrenda reagiu, com seu emaranhado de dentes que se mexiam de forma independente uns dos outros. A garra do Caranguejo prendeu Drew pela nuca, apertando-o com força e fazendo-o gritar. Segurando com firmeza, a criatura levantou o Lobo no ar, batendo seu corpo com violência contra o piso do pátio. Mantendo o

licantropo sob o jugo de sua garra, o Crablord ergueu o outro braço, as pinças abrindo e fechando ameaçadoramente enquanto ele soltava um rugido de triunfo.

Quando Hackett estava prestes a atacar, um clamor se ergueu na cidade. Uma horda de crianças entrou pela porta como um tsunami, armas em riste, gritando a plenos pulmões. Alguns usavam cotas de malha roubadas da Guarda Kraken, outros brandiam escudos tirados dos soldados. Ao entrar no pátio, muitos já haviam trocado os forcados por espadas e os cajados por machados. Os homens que ladeavam Hackett se viraram e correram para a torre de menagem. Enquanto metade dos invasores ia atrás deles, o restante foi em auxílio do Werewolf, arremessando pedras e porretes sobre o Werecrab.

O Crablord se desviou dos projéteis lançados em sua direção. Drew aproveitou a ocasião, apertando o cotovelo do Werecrab com toda a força. Por fim, conseguiu perfurar a carapaça, extraindo uma espuma rosada da articulação. O Caranguejo soltou o licantropo com um berro e ergueu as duas pinças para dar início a uma chuva de golpes. Drew esperneou, tentando rolar para um lado e depois para o outro, mas estava preso entre as pernas esqueléticas do Crablord. Cada impacto provocava reverberações intensas em seu corpo. Seus ossos transmorfos resistiam ao castigo enquanto a carne era massacrada, mas suas forças se esvaíam. Mais um golpe, e poderia estar acabado.

Antes que as garras desferissem outra saraivada fatal, duas figuras se aproximaram correndo de Drew. Casper se posicionou na lateral do monstro, com uma espada curta nas mãos, e atingiu a perna fina da fera. Gregor deu um salto no ar, com um elmo da Guarda Kraken na cabeça, baixando o tacape na armadura dourada de Hackett. Foi o suficiente para distrair o Crablord do ataque a Drew, já que ele se ocupara de bater nos dois meninos. Casper foi mandado para o meio dos outros com uma pancada, enquanto a outra pinça agarrava o ombro de Gregor. O menino foi erguido e sacudido, e seu elmo caiu no momento em que soltou um grito. O Caranguejo levantou o outro braço e abriu suas lâminas, aproximando-as do garoto.

— Drew!

Arriscando a vida entre os pés do Caranguejo estava Pearl. Ela atirou alguma coisa para o licantropo atordoad. Era o cabo de uma arma com uma

pequena esfera branca na ponta. Ele a reconheceu imediatamente ao senti-la em sua mão ferida.

A lua podia não estar cheia, mas sua luminosidade era suficiente para servir de combustível à encantada lâmina ancestral. A Moonbrand se acendeu em um tom esbranquiçado quando Drew a brandiu, iluminando o Crablord ao atingir seu braço livre. O membro com a garra desabou no chão, e sangue e espuma espessa começaram a jorrar de seu cotovelo. Gregor foi solto imediatamente, aterrissando com um baque surdo quando o Werecrab voltou sua atenção de novo para o Werewolf, soltando um berro agudo de gelar a espinha. Sua coordenação motora se perdeu, e o choque da garra amputada o deixou em um estado de fúria cega. As crianças se afastaram quando Drew rolou para o lado e se agachou, à espera de uma oportunidade.

A Moonbrand cruzou o ar de novo, dessa vez arrancando uma das pernas do monstro e mandando-o de costas ao chão. O Crablord rolou seu corpo arredondado, tentando se endireitar, mas sem conseguir contato com a superfície. Seus olhos negros se viraram para cima, e as mandíbulas grotescas começaram a cuspir obscenidades para as crianças que se reuniram ao redor. Gregor estava de pé ao lado de sua cabeça, erguendo alguma coisa grande para depois baixá-la com toda a força. A garra decepada do Crablord das Ilhas Cluster, o comissário de Angra do Veleiro, baixou sobre o pescoço exposto, e a pinça o decapitou como uma guilhotina.

Drew apoiou a ponta da Moonbrand no chão para se escorar, ficando de joelhos e depois de pé sobre as pernas cansadas. As crianças ficaram olhando seu carrasco abatido enquanto gritos de pavor dos lacaios preenchiam a noite ao redor.

— Não podemos ficar aqui parados! — gritou Casper. — Ainda temos trabalho a fazer!

— Vamos ajudar nossos irmãos e irmãs! — acrescentou Gregor, levando o grupo para a torre de menagem, rumo às muralhas, a fim de liquidar o restante da Guarda Kraken.

Algumas crianças permaneceram, as mais novas a sobreviver à invasão, reunindo-se em torno de Pearl. Drew ergueu a Moonbrand e sacudiu o sangue do Crablord da lâmina branca. Abriu um sorriso tímido para a garota, sentindo a vista ainda turva.

— Seu irmão falou que minha espada tinha se perdido. — Ele se virou

para a torre, esperando o fim da batalha.

— O que posso dizer, milorde? — respondeu a menina, abraçando as crianças menores a seu redor. — Somos piratas. O saque corre em nossas veias.



O enfrentamento

Agarrando-se com todas as forças à corda, Whitley se preparou para o impacto. Entre os rugidos do fogo dos canhões e os gritos dos marujos, outro barulho se fez ouvir. Um uivo horripilante como o de um banshee ressoou quando o navio cinzento que perseguia o *Cão do Inferno* enfim colidiu contra a nau em chamas do capitão Olho Morto. Whitley observava tudo do alto do cordame. Viu quando os dois navios se chocaram, escutou os cascos raspando um no outro com um guincho, soltando farpas e lascas no caminho. Piratas tombaram nos conveses de ambos os lados quando os dois gigantes colidiram, provocando ondas de impacto que reverberaram nas duas embarcações. As cordas e os ganchos da tripulação invasora se agarraram aos mastros e ao convés do *Cão do Inferno*, e o segundo e o terceiro navio do grupo já se aproximavam. O coração de Whitley disparou quando os homens do *Turbilhão* se prepararam para subir a bordo.

Whitley continuou escalando o cordame do mastro principal, buscando chegar ainda mais alto, afastando-se dos clamores mais abaixo. O fogo que consumia as entranhas do navio, espalhando-se rapidamente pela estrutura da embarcação, havia sido obra dela. A tripulação do *Cão do Inferno* abriu um engradado de madeira no meio do convés, revelando pilhas de armamentos de prata que levavam para Highcliff. Os homens empunharam as armas, preparando-se para enfrentar o comandante do outro lado. Vega podia estar acorrentado a sete chaves na fortaleza marinha do Kraken, mas havia outros Werelords perigosos que tinham navegado a seu lado.

A Bearlady subiu até o alto de um mastro, agarrada aos degraus de madeira que a levariam para longe da batalha prestes a acontecer no convés. Caso conseguisse alcançar a verga da vela de joanete, poderia se sentar e observar o combate de um lugar seguro. Com a corrente de prata colocada por Olho Morto ainda no pescoço, estava incapacitada de se transformar, não

tendo como recorrer à Ursa. Foi se afastando do convés, penetrando as sombras a caminho do mastro principal. Enquanto as chamas devoravam a popa do navio, o *Turbilhão* e as embarcações que o acompanhavam se aproximaram rapidamente. Quando Whitley começou a subir, o navio de Vega já estava em combate com o *Cão do Inferno*, em um duelo de canhões, com balas e cargas de pólvora explodindo nos porões. Whitley esperava o momento certo — até pularia no mar se fosse preciso — para tentar chegar ao *Turbilhão*. Não morreria a bordo do navio do Tubarão-Martelo, e muito menos se tornaria sua esposa.

Nesse exato momento, uma porta se abriu no convés de popa, e o Sharklord emergiu em meio a uma nuvem de fumaça negra. Whitley estacou, os olhos fixos no monstruoso Olho Morto, que sacudia a cabeça, a pele cinzenta aberta em grandes bolhas e a carne branca estalando sob as chamas. Seu corpo inteiro estava banhado de óleo incandescente, o que dificultava seus movimentos. Seus olhos negros esquadrinharam o convés, ignorando a batalha em andamento. Os piratas do *Turbilhão* tinham invadido o *Cão do Inferno*, e suas espadas haviam entrado em ação contra as dos defensores da embarcação. Outro rugido ensurdecedor ecoou no ar quando as embarcações se chocaram mais uma vez, desequilibrando os marujos quando o *Cão do Inferno* tombou para bombordo, quase derrubando Whitley do mastro. Um grito agudo escapou de seus lábios. A Bearlady se agarrou a um degrau com uma das mãos, e a outra se agitou inutilmente ao lado do corpo enquanto o *Cão do Inferno* levava mais um tranco, o casco se desfazendo sob as investidas do *Turbilhão*. Lá embaixo, Whitley viu o olhar do Sharklord fixo nela enquanto ela escalava.

Whitley firmou as pernas, envolvendo o mastro com elas, e Olho Morto começou a atravessar o convés do navio. Os marujos que se colocavam no caminho do capitão viravam alvos de sua fúria. Suas mandíbulas poderosas e suas mãos munidas de garras foram abrindo uma trilha sangrenta em meio à batalha. Ele chegou à base do mastro. A Bearlady continuou escalando, sentindo o coração disparado. Os músculos de Whitley queimavam com o esforço — seu corpo estava fraco depois de ter passado o que parecia uma eternidade trancada na cabine.

Ao chegar à vela, Whitley estendeu o pé sobre a ponta da verga e se impulsionou para cima da viga horizontal de madeira. Do alto do mastaréu, olhou para o convés e sentiu um frio na barriga ao ver que o Tubarão-Martelo

vinha em seu encalço, com os movimentos ágeis e seguros de alguém acostumado a se movimentar a bordo de um navio. Whitley não confiava em si mesma locomovendo-se por mastros e cabos. A estrutura em forma de cordame parecia mais familiar, mais parecida com as plataformas do Grande Carvalho em Brackenhholme. Agarrando-se a um dos cabos, içou o corpo para cima e alcançou o cordame. Whitley estava bem perto da verga da vela de joanete, os dedos ensanguentados agarrados à estrutura de corda. Nesse momento, viu uma mão cinzenta com garras tentando alcançar o mastaréu.

— Fique onde está!

Whitley olhou freneticamente ao redor, sem saber de onde vinha a voz. Não era a de Olho Morto, disso tinha certeza.

— Estamos indo até aí buscar você!

Ela olhou para o *Turbilhão*, onde dois homens escalavam um dos mastros auxiliares, aproximando-se do *Cão do Inferno* cada vez que as vergas e as velas das embarcações colidiam. Um deles era velho, com um cavanhaque pontudo e grisalho e um bigode retorcido. O outro era mais novo, tendo um lenço amarrado na cabeça e uma espada curta presa entre os dentes. O jovem saltou do navio, voando pelo ar e se agarrando a um cabo solto do mastro principal do *Cão do Inferno*. Nesse momento, Olho Morto já se encontrava na verga da vela de joanete, entre a garota e o pirata.

Os olhos inteiramente negros do Tubarão-Martelo piscaram algumas vezes ao encarar os inimigos, e a boca voltada para baixo ameaçou abrir um sorriso.

— Está com pressa para se encontrar com Sosha, garoto?

O rapaz tirou a espada da boca e se aproximou da extremidade da verga.

— Não é com a minha vida que você precisa se preocupar, Olho Morto — ele respondeu, a voz carregada de medo.

— Por favor! — gritou Whitley. — Não se aproxime! Ele é um monstro!

O jovem avançou, ignorando o apelo.

— Espere por mim, Hob! — gritou o velho do *Turbilhão*, segurando-se no cordame, mas o jovem continuou em frente.

— Ora, ora, ora — falou Olho Morto, tendo que elevar o tom de voz por

causa da luta que se desenrolava mais abaixo. — Capitão Eric Ransome. Pelo que estou vendo, você é o novo comandante do *Turbilhão*? Vai levar este navio para o fundo do mar também? Tem uma recompensa e tanto pela sua velha e empoeirada cabeça desde que deu as costas ao Kraken. Pena que não vou poder entregar sua cabeça a Ghul, porque ela vai estar no meu estômago!

— Então é melhor afiar os dentes, Tubarão-Martelo! — gritou o velho marujo quando seus pés aterrissaram na extremidade da verga. — Pois garanto que sou osso duro de roer!

Os passos de Ransome eram inseguros, e o velho pirata perdeu o equilíbrio, escorregando da viga de madeira. Ele se agarrou à madeira, pendurado acima da água agitada entre os dois navios. Hob continuou avançando, segurando-se nos cabos para se equilibrar enquanto atravessava a viga como se estivesse em uma corda bamba. Na outra mão, levava a espada curta apontada para o gigantesco Wereshark.

— Por favor, não! — berrou Whitley, em um último apelo desesperado ao bravo marujo.

— Pare de gritar, minha querida — disse Olho Morto, sem olhar para trás. — Cuidarei de você daqui a pouco.

Hob aproveitou mais um balanço do navio para entrar em ação. Deu um salto para a frente, atacando o Tubarão-Martelo com a espada, mas Olho Morto se inclinou para trás, esquivando-se do golpe sem esforço. Hob brandiu a espada para o outro lado, e o Sharklord encolheu a barriga, sofrendo um leve corte em sua carne. O monstro soltou uma risada.

— Você está invadindo o *Cão do Inferno* e não teve sequer o bom senso de trazer *armas de prata*?

O jovem recuou por um momento, ignorando a pergunta.

— Para um humano o gosto é horrível, mas só Sosha sabe que efeito causará na sua barriga.

— O que tinha nessa lâmina? — berrou o Tubarão-Martelo, coçando e arranhando o próprio tronco.

— Não é prata — respondeu Hob, erguendo a espada. — Mas, segundo o capitão, é uma coisa quase tão boa quanto. É *acônito*, Olho Morto, com um toquezinho de rum! Vou tentar adivinhar de qual parte você não está gostando!

Whitley ficou admirada com a criatividade dos homens de Ransome. Aquela erva, inofensiva para humanos, era potencialmente fatal para um transmorfo: o aço temperado com acônito tinha efeito semelhante ao da prata. Mas, infelizmente para Hob, era cedo demais para se gabar. Ele ainda ria quando o Tubarão-Martelo, furioso, saltou em sua direção, os braços cinzentos cruzados diante de si. A espada curta se ergueu devagar demais, e o marujo deixou escapar seu momento de triunfo. Com as garras do Wereshark voando em diferentes direções, uma de suas mãos encontrou os ombros de Hob, e a outra, sua cintura. Olho Morto cravou as unhas e moveu as mãos, rasgando o corpo do audacioso jovem em pedaços, que caíram sobre os combatentes mais abaixo.

— Não! — gritou Whitley, agarrada aos cabos e observando as velas se tingirem de vermelho.

— Silêncio, *minha querida*! — rosnou Olho Morto, virando brevemente a cabeçorra para ela.

Whitley viu que seus olhos negros estavam inchados, quase saltando do rosto deformado pelo fogo, sangue a lhe escorrer das órbitas e dos cantos da boca. O acônito se espalhava por seu corpo — só Brenn sabia que tipo de estrago causava, mas claramente não bastava: ele ainda estava em pé, caminhando pela extremidade da verga em direção ao capitão Ransome.

— Seu lugar é no fundo do mar, junto com os outros restos de naufrágio, Ransome! — gritou o Tubarão-Martelo, ofegante, partindo para cima do veterano. — Você devia ter afundado com o *Leviatã* quando encontrou com Vega em Vermire!

— Vega me mostrou que existem mais coisas na vida além de seguir ordens, Olho Morto! — gritou Ransome, agarrado à extremidade da verga com uma das mãos. Mais abaixo, a luta chegava a seu tenebroso clímax, com o incêndio fora de controle.

Olho Morto se segurou no cordame e se agachou sobre a viga, estalando os lábios fumegantes e revelando dentes assustadores. A mão livre de Ransome se ergueu, com uma adaga voltada diretamente para a garganta do Tubarão-Martelo. O Sharklord agiu rápido, agarrando o velho capitão pelo antebraço, para deter o progresso da lâmina, a poucos milímetros de sua pele queimada. Olho Morto sacudiu o braço do homem até a adaga despencar noite adentro. Depois, suspendeu Ransome no ar no instante em que o *Cão do*

Inferno oscilava para a frente, submergindo sob uma grande onda que invadiu o convés incendiado e derrubou todos os que lutavam por lá. A água salgada varreu o navio, arrombando as escotilhas fechadas e inundando o compartimento de carga. Os caixotes se espatifaram, e o conteúdo deles espalhou-se em meio aos piratas em batalha.

Um cabo atingiu Whitley como uma chicotada ao se soltar de um dos mastros próximos. Ela olhou para cima, observando a outra ponta da corda de cânhamo, amarrada ao cesto da gávea. Quando o *Cão do Inferno* se inclinou para trás, a popa se erguendo por cima das ondas, Whitley a segurou. Enrolou a corda nos punhos e se pendurou quando o navio tombou de volta, a popa se chocando na água, e saltou de cima da viga.

— Mande meus cumprimentos a Sosha! — rosnou Olho Morto, segurando-se no cordame com uma das mãos e levando Ransome à bocarra com a outra.

O Tubarão-Martelo olhou para trás no último momento, alertado por seu instinto de que corria perigo, mas era tarde demais. Whitley emergiu da escuridão com os pés erguidos, pendulando na corda sobre o *Cão do Inferno*. Mantendo as pernas bem juntas, mirou os dois pés na cabeça do Sharklord. Ambos acertaram o alvo com um estalo violento, fazendo a cartilagem se romper e desequilibrando Olho Morto sobre a verga da vela de joanete. Ransome deu um giro no ar, caindo sobre o cordame que dava acesso à vela. Quando o navio se chocou de novo contra a água, o Tubarão-Martelo caiu, tentando em vão se agarrar a alguma coisa enquanto despencava sobre o convés. Logo abaixo dele estava o caixote aberto com os armamentos de prata, as lâminas reluzentes apontadas para as estrelas. O monstruoso capitão do *Cão do Inferno* aterrissou em uma explosão retumbante de sangue e metal.

A corda atingiu o mastro, e o solavanco fez com que se soltasse das mãos de Whitley. Ela sentiu o mundo virar de cabeça para baixo, fogo e escuridão se revezando diante de seus olhos enquanto seguia a trajetória de Olho Morto para o convés. Suas mãos foram agarradas de repente, detendo sua queda e fazendo seus braços quase serem arrancados ao ser contida pelos pulsos. Olhou para cima e viu o rosto enrugado e maltratado pelo sol do capitão Ransome encarando-a do cordame da vela de joanete.

— Agente firme, garota! — exclamou o pirata, os dentes cerrados sob o bigode cinzento. — Vou puxar você.



A justiça do rei

— Ouso pedir que reconsidere, milorde. Parece-me um risco desnecessário.

O general Vorhaas estava no saguão de entrada do Salão de Redmire, os braços abertos enquanto seu escudeiro fixava as aletas de sua armadura. O Ratlord resplandecia em seu traje de metal negro como a noite. Seu sorriso era confiante, e seu semblante, tranquilo. Já o major Krupha caminhava de um lado para o outro diante das portas altas, preocupado e ansioso. Do lado de fora, os sons da assembleia local reunida provocavam um murmúrio constante, sob a supervisão da Guarda Leonina. A população inteira da capital do Boarlord estava presente, assim como os moradores das fazendas e dos vilarejos ao redor. Vorhaas fizera questão de que ninguém perdesse o espetáculo que programara.

— Você se preocupa demais, Krupha — respondeu o Wererat, cerrando o punho enquanto o escudeiro fechava as fivelas da peça do outro braço da armadura.

— Os ataques dos rebeldes vinham se intensificando há semanas — argumentou o major. — Por que essa interrupção repentina alguns dias atrás? Não estou gostando nada disso. É sinal de alguma coisa. De um ataque, talvez.

— É sinal de que o moral deles está em baixa — rebateu Vorhaas, abaixando os braços enquanto o escudeiro verificava os fechos de sua armadura. Como todos os trajes de guerra usados pelos Werelords, aquele era confeccionado de modo a permitir a metamorfose, protegendo o corpo do transmorfo também depois que se transformasse.

— É realmente assim que você pensa? — questionou Krupha. — Que ato vitorioso de nossa parte abalou o espírito deles? Juro que não sei!

— Alguns triunfos em meia dúzia de postos remotos mal protegidos não

são exatamente indício de uma mudança no curso da guerra, Krupha — respondeu Vorhaas em tom de deboche.

— Eles atacaram minha comitiva na estrada da Várzea Baixa, em plena luz do dia!

O Ratlord se virou para ele com um sorriso condescendente.

— Entendo que você sinta certa... vergonha dos eventos daquele dia, Krupha, mas não foi culpa sua.

O major sentiu a pele arrepiar ao ouvir o comentário propositalmente maldoso do Ratlord. Os dois tinham uma espécie de acordo tácito, nascido em meio à luta lado a lado em nome do rei Leão. Vorhaas sabia quanto a culpa pesava sobre os ombros de Krupha desde que o major precisara fugir para Redmire como único sobrevivente de sua tropa naquele fatídico dia.

— Havia trinta soldados comigo, milorde. Nenhum foi encontrado. Provavelmente estão todos mortos. A emboscada foi muito bem coordenada. Não estou falando de um bando de camponeses atirando pedras a esmo. Os tais Rapineiros são bem treinados e disciplinados. E é claro que eu me sinto culpado.

— Culpe a sua Guarda Leonina pela imprudência de não escoltá-lo na estrada da maneira como se deve, Krupha. Nós dois bem sabemos que eles são um bando de inúteis, sem nenhuma capacidade de servir em uma força militar. Quando a cerimônia de hoje terminar, mande um recado a Onyx no norte. Diga que precisamos de alguns bravos homens de Vermire, ou de Elmos-Dourados de Bast, para transformar este exército em militares de verdade. Tenho certeza de que meu irmão, o marechal Vorjavik, nunca se contentou com soldados de segunda categoria.

Vorhaas ergueu o queixo enquanto o escudeiro terminava de ajustar a armadura.

— Tente não estragar um dia de glória com suas preocupações exageradas, Krupha. Se alguns desses Rapineiros ainda estiverem na ativa nas Dalelands, a execução de hoje vai ser um bom lembrete de quem manda neste reino.

Vorhaas caminhou até Krupha e estendeu a mão. O major aceitou o cumprimento, como sempre impressionado com a força do aperto de mão do Ratlord.

— Nada de nervosismo agora, major. Eles estão debandando. Você deveria apreciar um dia como este. Tente não se preocupar tanto.

Krupha fez uma medida, mas permaneceu em silêncio quando o general se posicionou diante da porta com a mão direita estendida. O escudeiro foi até ele, carregando um machado em forma de meia-lua nos braços. O Ratlord o apanhou com apenas uma das mãos, segurando-o com facilidade, como se fosse um brinquedo. Apesar da tensão do major, Vorhaas estava de bom humor e não queria que nada estragasse isso. O ritual semanal do general no cadafalso tinha se tornado uma espécie de tradição em Redmire, em que os mais terríveis criminosos provavam a justiça do Wererat.

Vorhaas ergueu o machado e bateu três vezes na porta de madeira, que se abriu. A luz de um dia de tempo aberto iluminou o salão e o Werelord em todo o seu esplendor. Vorhaas marchou pelos degraus de madeira que se erguiam da rua para a mansão do Boarlord. Dois Mantos-Rubros seguraram as portas enquanto o senhor das Dalelands em exercício marchava para a rua de terra. Uma dúzia de soldados com capas escarlate ladeavam sua rota até o cadafalso, uma estrutura agora fixa na praça da cidade. Atrás dos homens da Guarda Leonina estava a população de Redmire, e mais atrás outros Mantos-Rubros.

O major Krupha não voltava a Hedgemoor desde o ataque sofrido na estrada da Várzea Baixa, postergando sua estadia em Redmire enquanto se recuperava. Só precisava esperar pelo fim do evento do dia para recrutar meia dúzia dos melhores batedores do general a fim de escoltá-lo de volta a Hedgemoor. Krupha fora testemunha ocular da eficiência com que os Rapineiros tinham emboscado seus homens. Não cometeria o erro de subestimá-los outra vez.

O general subiu os degraus de madeira do cadafalso, acompanhado do rufar de um tambor. Krupha permaneceu na entrada da mansão, os olhos fixos na plateia. Um mar de cabeças baixas se estendia diante dele, e todos os olhares de Redmire pareciam cravados no chão. Estimou a plateia em mil pessoas, que lotavam a praça e as ruas adjacentes. Era muito mais do que Krupha desejaria, mas a exigência de Vorhaas era essa. Todos os homens, mulheres e crianças eram obrigados a comparecer. As execuções anteriores não haviam atraído quase nenhuma plateia, apenas um punhado de figuras simpáticas aos novos senhores da cidade. O Ratlord, porém, fazia questão de que todos vissem em primeira mão o que significaria qualquer tentativa de

revolução.

Krupha olhou para o sol acima das montanhas ao norte da cidade. Meio-dia: era a hora. Seu olhar passeou por cima dos telhados que cercavam a praça, com suas estruturas de terracota, madeira e palha aglomeradas de modo desordenado. Em um gesto nervoso, o major coçou o nariz deformado por múltiplas fraturas, estreitando os olhos ao esquadrihar a paisagem. Voltou-se para o par de Mantos-Rubros postados ao lado da porta dupla.

— Vocês dois estão no melhor ponto de observação. Não tirem os olhos da multidão. Avisem-me sobre qualquer movimentação suspeita.

O homem da Guarda Leonina grunhiu uma resposta em concordância, e o major voltou sua atenção para o cadafalso. Balançou a cabeça diante da cena, desejando mais uma vez estar em Hedgemoor. “Isso não pode ser bom sinal”, pensou. “Estou sentindo falta da cidade da Raposa, e não de Braga. Camponeses idiotas. Se soubessem o poder que têm: estão em uma maioria numérica de cinquenta para um. Se tivessem o mínimo de ousadia, as coisas ficariam bem ruins para nós.”

— Ande, Vorhaas — Krupha murmurou, alto o bastante para que sua voz chegasse ao alcance dos ouvidos dos Mantos-Rubros. — Acabe logo com essa encenação.

Uma jaula com rodas saiu do quartel ao lado da mansão, puxada por um par de cavalos mangas-largas. Um condutor solitário ia sentado no banco da frente, as grades sacolejando mais atrás, fechadas a chave e cadeado. Seis Mantos-Rubros abriam caminho na multidão para a passagem da carroça, ameaçando a população com suas lanças, obrigando-a a abrir caminho como a água sob a proa de um navio.

Krupha balançou a cabeça ao ouvir os berros das pessoas se espremendo umas contra as outras enquanto a Guarda Leonina e a carroça forçavam a passagem. “Isso podia ser feito entre portas fechadas. Uma cabeça empalada em uma estaca teria o mesmo efeito.”

— Povo de Redmire — gritou Vorhaas, virando-se lentamente no cadafalso ao se dirigir à plateia —, levante a cabeça para que eu receba toda a sua atenção!

Nesse momento, os soldados nas primeiras fileiras começaram a cutucar e golpear os civis. Em questão de segundos, estavam todos olhando para

Vorhaas, em um clima de ansiedade cada vez maior.

— Vocês estão cientes das punições que venho infligindo nos últimos meses — continuou o Ratlord. — Quem desrespeitar a lei estará sujeito à justiça do rei.

Ele ergueu o machado no ar e o baixou logo em seguida, produzindo um baque surdo no bloco de madeira em que era posicionado o pescoço dos condenados.

— Não tenho nenhum prazer em realizar esses atos — mentiu Vorhaas. — É uma necessidade, a única maneira de mostrar aos dissidentes e arruaceiros que quem cria inquietação nas Dalelands com atos de terrorismo e banditismo não será tolerado. Esses “Rapineiros de Hedgemoor”, ao que parece, conseguiram arrebancar alguns tolos em certas partes deste reino. Ora, deixem-me dizer uma coisa: se alguém que tenha simpatia por esses canalhas chegar às minhas mãos, vai ter o mesmo destino que aguarda o nosso prisioneiro de hoje. — Ele se virou para a carroça, que chegara ao pé do cadafalso. — Podem trazê-lo!

O condutor desceu e foi até a parte de trás do veículo para destrancar a jaula. Deu um passo para o lado quando um homem da Guarda Leonina saiu de lá, puxando atrás de si um homem algemado e com um saco na cabeça. Krupha abriu um sorrisinho. Tinha sido um golpe e tanto capturar aquele sujeito, uma das poucas vitórias da Guarda Leonina nas Dalelands. Muito amado pelo povo de Redmire, aquele era o homem em torno do qual os Rapineiros tinham se reunido logo em sua formação, um símbolo de tempos mais felizes, nos quais quem ocupava o trono era o Boarlord. Krupha e Vorhaas esperavam que sua execução representasse o fim do grupo rebelde.

O prisioneiro foi conduzido escada acima para a plataforma, e os murmúrios apreensivos da plateia começaram a subir de volume. Alguns sabiam de quem se tratava — Krupha quase era capaz de ouvir o nome do homem passeando de boca em boca —, mas a maioria não fazia ideia de quem estava prestes a ser executado. Ele tinha sido capturado pela Guarda Leonina na semana anterior, quando as palavras acidentais de um informante haviam conduzido os Mantos-Rubros ao alvo seguinte de seu ataque.

O general Vorhaas deu um passo à frente e arrancou o capuz da cabeça do prisioneiro.

— Apresento a vocês o capitão Lars Gerard, líder dos bandidos

conhecidos como Rapineiros de Hedgemoor e inimigo do povo livre da Lyssia.

Um suspiro de susto percorreu a praça. Gritos e xingamentos foram direcionados ao cadafalso, e a Guarda Leonina se viu diante de um enfrentamento. Alguns moradores da cidade avançaram, indignados com a visão de um dos seus, um homem muito considerado, preso com algemas e prestes a se ajoelhar perante o carrasco. Para os Mantos-Rubros, não era um grande desafio. Os soldados repeliram os camponeses a golpes de lança e espada, fazendo-os tombar um a um. Mas o pânico não diminuiu; ao contrário, intensificou-se ainda mais quando a plateia começou a recuar, as pessoas se pisoteando para fugir da sádica Guarda Leonina.

Krupha balançou a cabeça, preocupado. Por causa de seu apreço por pompa e circunstância, Vorhaas não conseguira prever as implicações daquela execução. Antigo capitão da guarda pessoal do barão Huth, Gerard era um símbolo de esperança para aquele povo. Matá-lo significava quebrar a espinha dorsal da resistência. Mas exhibi-lo diante do povo ainda vivo era um convite ao caos, que poderia eclodir a qualquer momento. O major levou a mão ao cabo da espada, raspando a lâmina contra o interior da bainha.

— Fiquem alerta — ele disse para os guardas atrás de si. — A coisa pode ficar feia.

Como se tivesse ouvido suas palavras, Vorhaas soltou um berro a plenos pulmões, um rugido agudo que ecoou pela praça e monopolizou a atenção de todos.

A armadura negra rangeu quando o tronco do transmorfo começou a se expandir e se alongar. Suas pernas e braços aumentavam de volume, e o general brandiu o machado no ar. A cabeça parecia dobrar de tamanho, o topo do crânio se alargando e se achatando. Sua carne se abriu, permitindo que pelos negros lhe cobrissem a pele em cada centímetro do corpo. As mandíbulas se deslocaram visivelmente quando ele jogou a cabeça para trás, revelando a língua inchada enquanto seu pescoço engrossava e estremecia. Um focinho apareceu, com dentes afiados se fechando em um deleite monstruoso.

Vorhaas estava agora com dois metros e oitenta de altura, as pernas finas e separadas sustentando o corpo robusto. Os espectadores gritaram. Até mesmo a Guarda Leonina ficou desconcertada com a visão do Ratlord. O

machado pesado passou a ser ainda mais mortal, pois a força de um Wererat depois da transformação era três vezes maior do que a de qualquer outro homem. Krupha já tinha visto Vorhaas em ação antes. A transformação perdera seu caráter místico para ele. Seus olhos estavam voltados para os telhados, onde captaram a movimentação de um Manto-Rubro passando de uma construção a outra, com um arco na mão. Ele se voltou para os soldados atrás de si.

— Digam-me uma coisa: temos homens posicionados nos telhados?

— Não, senhor, não que eu saiba. Estão todos no nível da rua.

Krupha olhou outra vez para cima, à procura do soldado. Não conseguiu localizá-lo, mas viu outro Manto-Rubro em um telhado a uns cem metros, sob a sombra de uma chaminé. Esse também empunhava um longo arco, ao que parecia. Por mais que o major já tivesse uma idade um tanto avançada, sua visão ainda era muito boa, bem como seu conhecimento sobre as armas usadas pela Guarda Leonina. As balestras eram as armas-padrão dos Mantos-Rubros. Nunca tinha ouvido falar que usassem arcos longos.

Krupha se deu conta do que estava acontecendo no momento em que o ataque começou. Dos trinta homens da Guarda Leonina que perdera na estrada da Várzea Baixa, nenhum corpo tinha sido recuperado: armaduras, escudos, espadas, *mantos vermelhos* — tudo havia desaparecido. Como podiam ter sido tão tolos? Como aqueles soldados patéticos, aquela imitação ridícula de um exército com a qual fora obrigado a trabalhar, haviam conseguido ser tão desleixados? Tinham dado aos Rapineiros o disfarce perfeito, e os foras da lei haviam aproveitado a oportunidade.

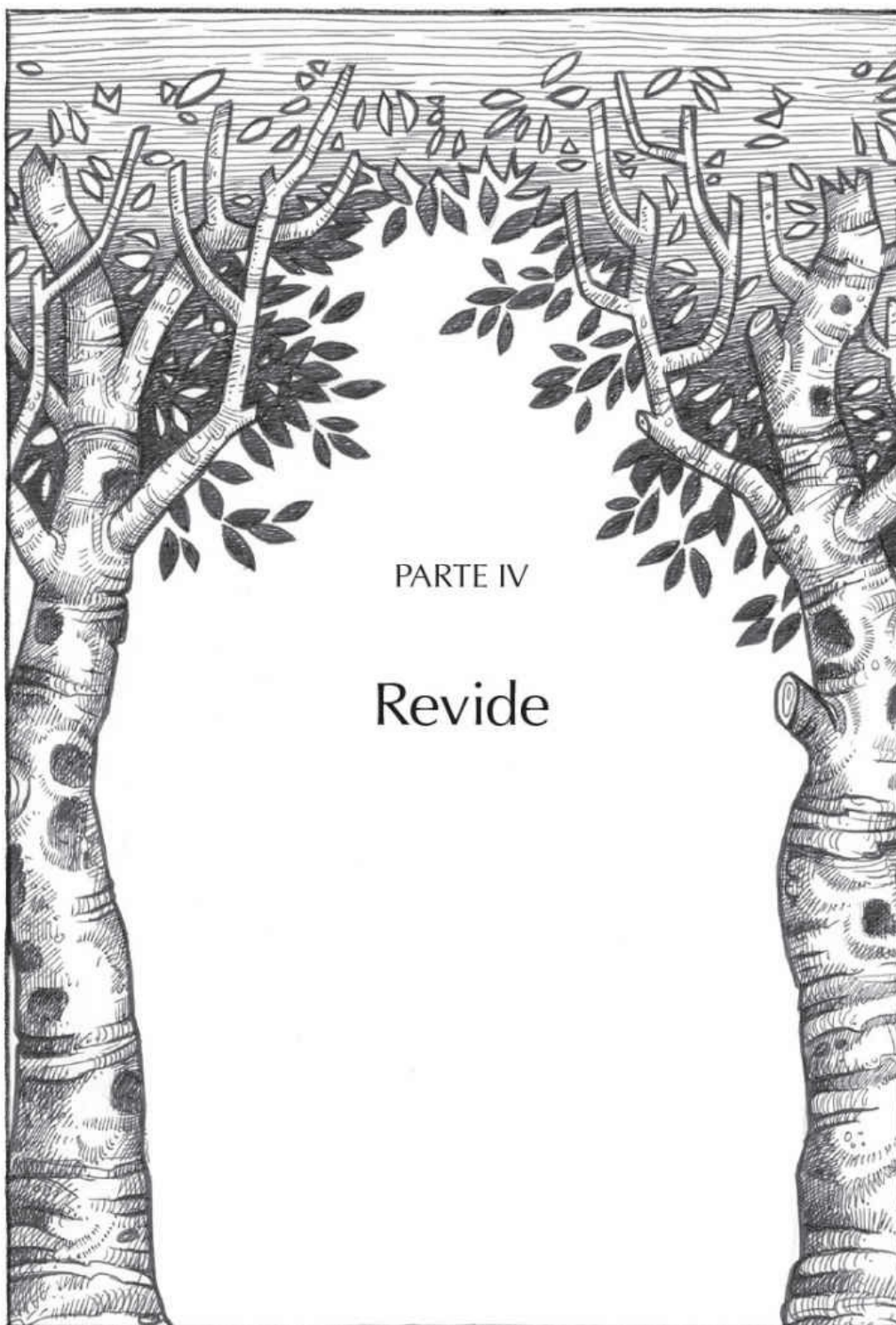
Dois homens da Guarda Leonina pularam no cadafalso atrás de Vorhaas, provocando o lançamento de uma chuva de flechas, que desceram zunindo do telhado e acertaram em cheio os Mantos-Rubros. Vorhaas ignorava a aproximação dos dois Rapineiros disfarçados, e um capuz foi baixado para revelar os cabelos compridos da garota que era tão familiar a Krupha. A cada passo ela ia se transformando, até sua pele dar lugar à pelagem castanha da Werefox. A jovem deu um pulo bem alto, enquanto Vorhaas se virava para ver o drama que se desenrolava às suas costas, atraído pela expressão assustada da multidão.

A garota saltou sobre a cabeça do general, envolvendo seu focinho com os membros. Gretchen se enrolou inteira no crânio alongado do Wererat,

apertando-o com força enquanto ele sacudia a cabeça, tentando em vão se desvencilhar. Gerard lançou-se à plateia e rapidamente se perdeu no meio da multidão. O assustado Rato tentou acertá-la com o machado, mas nesse momento o segundo falso Manto-Rubro entrou em ação, desviando o golpe com um movimento habilidoso da espada reluzente. “Prata”, Krupha percebeu, apavorado, enquanto a população ameaçava se levantar em rebelião.

Antes que o Ratlord tentasse mais um golpe desesperado, o jovem Rapineiro loiro com a espada atacou, enquanto a Werefox continuava montada sobre a cabeça do general. A lâmina desapareceu sob a axila do Wererat, em uma pequena brecha existente na intrincada armadura. O general Vorhaas, senhor em exercício das Dalelands, tombou no cadafalso como uma árvore derrubada. A Werefox saltou graciosamente de cima dele, tendo ainda a espada cravada no peito do Rato. Lady Gretchen de Hedgemoor voltou sua atenção para o Salão de Redmire, enquanto seu companheiro se agachava para tirar a Wolfshead do cadáver do Wererat. Os dois olharam para Krupha por cima do mar de gente em delírio, e os guardas atrás dele desapareceram dentro da mansão.

Não pela primeira vez em tempos recentes, Krupha fugiu.



PARTE IV

Revide



A fortaleza marinha do Kraken

Como uma lança retorcida emergindo do oceano, a fortaleza marinha de Ghul erguia-se em direção aos céus, desafiando o vento e as ondas do Mar Branco. Em torno da base, havia uma quantidade enorme de balsas, amarradas umas às outras e à própria torre. Atracadouros e pontões ramificavam-se da estrutura, como aros tortos de uma roda de carroça quebrada, cobrindo a superfície do mar. O fim de tarde lançava suas sombras sobre as tavernas precárias nos píeres, onde os homens de Ghul se divertiam.

O falatório regado a bebida não era o único barulho que preenchia o ar. Os gritos dos prisioneiros de Ghul reverberavam pelas paredes. Mais de cinquenta homens permaneciam acorrentados à parede ou pendurados em forcas, muitos deles capitães que haviam servido ao barão Bosa. Alguns eram apenas entes queridos de piratas que ainda estavam à solta, agindo em benefício do Lobo. Havia muitos outros presos lá dentro, reféns que garantiam a segurança do Squidlord. Um a um, os inimigos do Kraken vinham se entregando, mudando de lado ou anunciando a rendição de seus navios ao descobrirem que seus familiares estavam em perigo. A frota de Bosa fora mingando durante o último mês, e apenas algumas poucas embarcações permaneciam leais à Baleia. Logo não restaria mais nenhuma.

Um barco de pesca tripulado por um grupo de crianças se aproximava da torre, trazendo provisões de Angra do Veleiro. Já tinham passado pelos navios do Kraken e recebido gritos de advertência dos piratas antes de continuarem navegando. Eram carregamentos regulares, que levavam comida da cidade portuária para a fortaleza de guerra de Ghul. Os pais daquelas crianças certamente encontravam-se trancafiados lá dentro, ou então submetidos a trabalhos forçados em um dos muitos navios que haviam saído à caça em nome do Leão.

A única vela do esquife foi baixada quando os garotos se aproximaram,

chamando a atenção dos soldados que cuidavam do atracadouro flutuante. Dois guardas com elmos em formato de lula estavam ao lado do braseiro no fim do píer, aquecendo as mãos sobre as chamas que ardiam dentro do tambor. Os homens da Guarda Kraken fizeram um sinal para que se aproximassem, e o barco se espremeu entre duas balsas maiores, o convés coberto com um encerado para proteger as mercadorias das intempéries. Uma em particular era maior que as demais, uma nau de guerra de Bast. O *Nêmesis* era o navio de Opal.

Os homens da Guarda Kraken fumavam cachimbo e contavam piadas enquanto a tripulação do esquife atracava. Por sorte, os soldados nem notaram quando o grupo de adolescentes armados saiu de sob a lona e foi para o píer. O mais velho e mais durão dos meninos de Angra do Veleiro atacou com um golpe rápido e preciso, e a algazarra dos piratas abafou os gritos dos soldados.

Drew pôs o primeiro guarda sobre os ombros, seguindo os garotos que arrastavam o segundo para baixo da lona. A escuridão cada vez maior era um ponto a favor, mas mesmo assim ele temia pela segurança daqueles que o acompanhavam. Atacar a fortaleza marinha era uma loucura a qualquer hora do dia ou da noite. Quando a inevitável batalha acontecesse, precisariam lutar nos atracadouros flutuantes ao redor da torre, no escuro. Esperava que nesse momento suas pernas já conseguissem se equilibrar direito naquelas estruturas. Ou melhor, rezava para que não fosse preciso chegar a esse ponto. As crianças de Angra do Veleiro já tinham sofrido demais.

— Merle, Bonny — Drew falou com os dois meninos mais altos do grupo, escondidos sob a lona com os demais. — Vocês precisam ficar perto daquele braseiro, mas sem deixar que vejam o rosto de vocês.

— Certo — disse um dos rapazes magros e compridos, ajustando o elmo em formato de lula. A maioria dos meninos pegara suas armas e suas armaduras dos inimigos em Angra do Veleiro. Tinham a aparência de guerreiros do Squidlord, mas com equipamentos grandes e desajeitados demais para seu porte.

Drew se virou para Gregor.

— Foi uma honra lutar a seu lado — falou, apertando a mão do garoto. — Espero que todos voltem para casa sem incidentes.

— Não se preocupe com a gente, Wolflord. Estávamos sem eira nem beira até você e o Piloto chegarem e fazerem o que precisava ser feito. O Kraken trancafiou os pais de todos nós ali naquela torre, lembra?

Gregor tinha provado seu valor nos últimos dias, deixando de lado a desconfiança e trabalhando ao lado de Drew no planejamento e na execução do plano de ataque a Hackett em Angra do Veleiro. Junto com Casper, havia ajudado a reunir os jovens escravizados, transformando-os em algo parecido com uma milícia.

— Vocês se lembram do meu sinal? — perguntou Drew.

— É meio difícil de esquecer — respondeu Gregor.

— Espero que não seja necessário.

— Tente não se preocupar; pense só em libertar as famílias — recomendou Gregor. — Se precisar criar uma distração, eu dou um jeito.

— Boa sorte, e que Sosha olhe por vocês — falou Drew.

Em seguida, saltou do barco. Casper estava à sua espera, agachado atrás de uma pilha de barris perto da extremidade do cais, na junção com um píer maior que ia até a fortaleza. Era um dos aros da roda, um pontão ligado à torre, posicionado acima de balsas e barcos. O complexo como um todo era um arranjo caótico de madeira, corda, embarcações e passarelas que de alguma maneira era capaz de flutuar. A torre se erguia acima de uma plataforma gigante construída sobre as ondas. Mesmo com a baixa luminosidade do fim da tarde, Drew conseguia entrever as jaulas e as paredes onde estavam os prisioneiros de Ghul, numa altura superior em relação ao maior mastro de qualquer navio. As gaiotas cercavam a fortaleza, ruidosas, pousando nas forcas para arrancar pedaços dos reféns executados.

— O que você está vendo? — murmurou Drew.

— É exatamente como o capitão Flowers falou — respondeu calmamente o camareiro.

Casper não era como os demais. Os anos a serviço de Vega a bordo do *Turbilhão* o haviam endurecido. Mas, apesar de toda a confiança que tinha em si mesmo, não era nenhum assassino, embora o mesmo não pudesse ser dito sobre os garotos que os acompanhavam. Muitos haviam tirado a vida de seus carrascos nos dias anteriores, e o capitão Flowers fora um dos únicos membros da Guarda Kraken poupado pela lâmina deles. Um dos poucos

sobreviventes do exército de Hackett tinha fornecido muitas respostas às perguntas de Drew sobre a fortaleza marinha.

Casper apontou para a estrutura, onde uma alta abertura em arco aparecia na superfície retorcida de madeira. Havia quatro homens da Guarda Kraken posicionados ali, talvez a cem metros de seu esconderijo no píer. Mais além, uma tocha revelava uma escadaria em espiral.

— A porta da frente — murmurou Drew, e Casper balançou a cabeça.

— Seria burrice ir por ali se a gente sabe que tem uma entrada pelos fundos, não?

Casper sorriu, mas era uma expressão forçada. Ele não era nenhum tolo, e sabia muito bem quanto estava próximo da morte. Drew corria tanto perigo quanto o garoto do *Turbilhão*: com certeza haveria homens da Guarda Kraken e piratas na fortaleza marinha com armas de prata.

— Você primeiro — falou o camareiro, apontando para a beirada do cais.

Drew escorregou pela lateral e adentrou a água gelada. O frio atingiu imediatamente suas extremidades, mas ele deixou a dor de lado. Com a Moonbrand boiando na balsa a seu lado, foi movimentando as pernas para avançar, agachando-se ao chegar ao outro píer. A plataforma flutuante passou por cima de sua cabeça enquanto ele nadava rumo à fortaleza, paralelamente ao píer principal. Casper o seguia em silêncio.

Quando os dois emergiram sob o píer, bateram os pés por um curto espaço em águas abertas, uma das poucas áreas ao redor da construção que não estava saturada de barcos ou balsas. Mais um atracadouro bloqueava o caminho deles. Dessa vez, o jovem Lobo e seu companheiro tiveram que prender o fôlego para passar por baixo do obstáculo. Com apenas uma das mãos para impulsioná-lo na água, aquela tarefa não era nada fácil para Drew. Para sua sorte, o habilíssimo Casper vinha logo atrás, empurrando-o até sair de debaixo da madeira. Quando vieram à tona do outro lado, só havia mais uma barreira a transpor.

Em meio a aproximadamente uma dezena de navios que asseguravam a segurança do cais flutuante, o *Madame Colorida* era o menor. Com suas duas velas, parecia minúsculo perto do *Nêmesis*, e não inspirava tanto medo como os demais. À primeira vista, pareceu a Drew quase uma embarcação de lazer,

mais apropriada para transportar algum nobre de visita a Highcliff. Mas o fato de estar ancorado ao lado da fortaleza confirmava que se tratava de um navio pirata. De onde estavam, Drew e Casper conseguiam até divisar as portinholas fechadas que ocultavam os canhões no porão.

Do convés, vinha o som da risada dos homens em sua jogatina. O barulho dos dados era inconfundível, e sem dúvida a tripulação estava em um momento de folga no navio. Na parte posterior da embarcação, havia um marujo pendurado no cordame em cima da amurada de popa, aliviando-se no mar. Casper torceu o nariz e virou para o outro lado, enquanto Drew bateu as pernas até um local onde o homem não pudesse vê-los. Depois de soltar um arrote, o pirata foi embora, voltando pelo convés e aproximando-se dos companheiros.

Casper apontou para a frente.

— Por favor, milorde — murmurou, a boca quase oculta pela água.

Drew continuou nadando junto à lateral do píer, em meio à penumbra, os olhos sempre voltados para o *Madame Colorida*. Ouvir a proximidade dos homens a bordo fez seu estômago revirar. Quando chegaram à lateral da plataforma central da torre, Drew respirou fundo outra vez para mergulhar sob o pontão principal. Passou por baixo dos barcos e dos troncos amarrados, soltando golfadas de ar pela boca até emergir do outro lado. Espiou pela beirada da plataforma, estreitando os olhos na escuridão, à procura de algum sinal de que haviam sido vistos em sua trajetória até a fortaleza.

Casper apareceu a seu lado, provocando uma agitação na água, e seus olhos se dirigiram imediatamente aos guardas na entrada da torre. Estavam a no máximo vinte metros de distância, e, ao contrário dos piratas do *Madame Colorida*, os homens da Guarda Kraken vigiavam atentamente o porto. As paredes às suas costas eram revestidas com chapas de aço polido, o que tornava impossível qualquer tentativa de escalada. As ondas levantavam o corpo de Drew e Casper o tempo todo, ameaçando jogá-los sobre a plataforma. Os dois precisaram se segurar nas passarelas flutuantes acima da linha-d'água, prendendo a respiração quando o mar os envolvia.

Drew enfim encontrou o que procurava, e saiu nadando para atravessar o atracadouro e alcançar seu alvo. As gaivotas estavam reunidas na extremidade das docas, entrando e saindo das águas em movimento, e sua atividade era mais intensa em torno de determinada área. Drew sentiu-se

nauseado ao se aproximar e avistar todo tipo de detritos boiando na espuma. Ali ficava a saída de esgoto da fortaleza marinha, onde os dejetos eram expelidos para fora da torre. Cabeças de peixe e cascas de batata flutuavam na sujeira marrom, e os pássaros disputavam entre si o lixo.

Drew fez uma pausa, observando a entrada do estreito canal que atravessava a plataforma. Era uma vala arredondada e escura, com pouco mais de meio metro de largura e uma grade de metal em cima para impedir que as pessoas caíssem, e fora escavada em um ângulo que permitia à força da gravidade ajudar a carregar seu conteúdo para o mar.

O Wolflord tomou impulso, os braços estendidos à frente. A água o carregou por uma curta distância pelo canal de despejo, e logo ele se viu acima da linha da maré. Era preciso rastejar pelo restante da distância, joelhos e pés escorregando o tempo todo e apenas uma mão com a qual se agarrar. Ele sentiu a madeira apodrecida esfarelar sob os dedos, sem contar o fedor, que era terrível. Uma onda de claustrofobia o atingiu, e foi preciso se segurar para não gritar. E se ficassem presos ali? Era assim que o último dos Lobos cinzentos morreria? Poderia haver um destino mais humilhante?

Drew afastou a sensação de pânico, expulsando o medo da mente. Agarrou-se à grade mais acima, usando as barras de metal como apoio para seguir impulsionando o corpo. Pouco a pouco, foi avistando a aproximação da parede alta, entrando de vez na plataforma e desaparecendo no esgoto da fortaleza, envolto pela escuridão.

O terceiro golpe soltou a grade do canal, arrancando-a de onde estava. O punho de Drew foi a primeira parte a emergir do solo, seguido do cotovelo, e logo em seguida a cabeça e os ombros. Lentamente, foi saindo do túnel do esgoto, arrastando a barriga na superfície como um peixe moribundo, tossindo e gorgolejando, o vômito escorrendo pela boca aberta. Virou-se e estendeu a mão para puxar Casper. O garoto saiu e despencou no chão de latrinas ao lado do jovem Wolflord, os dois ofegantes.

— Precisamos sair daqui — murmurou Drew. — Você sabe para onde ir?

— Sim, milorde. Se o que Flowers falou for verdade, os piratas rebeldes estão nas celas.

— Ótimo — disse Drew, levantando-se.

— E você? — perguntou o camareiro, de pé ao lado do licantropo.

— Eu vou subir — respondeu Drew. Podia estar coberto de água de esgoto, mas seu coração estava exultante: *tinham conseguido entrar!* Seu sorriso branco se abriu no rosto manchado de sujeira, mostrando os dentes alongados e afiadíssimos.

— Está na hora de buscar seu capitão, Casper.



Sangue do Lobo

Encostado na pedra alta, Lord Onyx observava com interesse o ritual em andamento. Não compartilhava das superstições de seus aliados. Enquanto os Lords de Bast mantinham uma distância respeitosa, com medo da magia Wyrn evocada pelo xamã, qualquer que fosse ela, o Pantherlord permanecia dentro do círculo de pedras, violando o local sagrado. Embora as florestas agora fossem o único domínio dos Wyldermen da Lyssia, houve um tempo em que suas tribos estavam espalhadas por todos os Sete Reinos. O morro nas Badlands onde estavam era um desses locais, e o círculo de pedras era um centro de culto dos selvagens.

Enquanto o que se chamava Coração Negro dançava e berrava diante de uma fogueira, os companheiros formavam uma roda à sua volta, os braços dados, balançando o corpo de um lado para o outro, todos paramentados com pinturas, ossos e penas. A cantoria era constante e repetitiva, dando certa cadência aos gritos de Coração Negro. O xamã usava um crânio de carneiro sobre o seu, adornado com plumas de pavão, e seu corpo estava coberto de lama preta. Ele saltava e girava, dando piruetas em torno de uma mesa tosca de pedra. Seus olhos se reviravam nas órbitas, por vezes parecendo o espelho da lua cheia no céu.

Trajando uma armadura completa, o rei Lucas estava atrás da roda dos Wyldermen, ainda dentro do círculo de pedra mas afastado do ritual. Suas feições juvenis encontravam-se iluminadas pela fogueira, e seu sorriso era visível enquanto assistia à dança de Coração Negro. A boca se mexia em uma tentativa de acompanhar o encantamento, recitado em um idioma desconhecido para ele. Seus olhos acompanhavam cada movimento do xamã, totalmente cativados pela cerimônia. O Leão segurava alguma coisa, redonda e branca, junto ao pectoral da armadura, parcialmente escondida pelas mangas largas da túnica real vermelha. A seu lado, escondido sob o capuz, estava

Vanmorten, agora voltado para Onyx. A Pantera o encarou. “Isso mesmo, Lord Chanceler”, seus olhos pareciam dizer. “Estou vigiando você de perto.”

— Você deveria acabar logo com isso — murmurou o general Gorgo junto ao ombro de Onyx. O Hippolord estava escondido pelas sombras do monólito.

— Por quê? — retrucou a Fera de Bast. — O rei está feliz. Deixe o menino se divertir.

— Estamos perdendo tempo. É lua cheia, e precisamos aproveitar a luminosidade. Acho melhor deixar esse circo de lado e avançar sobre os sturmianos agora, como discutimos.

— Você sabe tão bem quanto eu quais são as ordens do rei — disse Onyx. — Vamos marchar sobre os sturmianos esta noite, mas *depois* do ritual.

— Não estou gostando disso. Vanmorten falou que os Wyldermen iam evocar demônios para combater em nome do Leão. Demônios! Eles estão dançando com as trevas, o mesmo tipo de coisa sinistra com que Mão Negra está envolvido!

Onyx soltou uma risadinha abafada.

— Testemunhei em primeira mão as coisas de que o barão Hector é capaz. Posso garantir que, sejam quais forem os “demônios” que esse Wylderman e seus irmãos vão evocar, vão parecer coisa de criança em comparação. Apesar do corpo frágil e da linhagem fraca, o Boarlord é um inimigo que merece respeito.

— Você tem medo do Mão Negra?

— Não foi isso que eu disse — rebateu Onyx, voltando seu olhar para os selvagens que cantavam e dançavam ao redor das chamas. — Respeito e medo são duas coisas muito diferentes. Medo eu não tenho de nada, vivo *ou* morto, mas sei reconhecer um rival de peso quando vejo um.

Quatro Wyldermen apareceram na escuridão do outro lado do morro. Pareciam lutar com alguma coisa, puxando porretes e cordas que prendiam um vulto largo entre eles. Os pedaços de pau tinham a extensão de um braço, e suas pontas em forma de laço impediam que a fera grande e escura escapasse. Os rosnados causaram uma onda de excitação, e os membros reunidos do conselho de guerra soltaram murmúrios alarmados com a

aparição da criatura.

— O que eles vão fazer com isso? — questionou Gorgo.

— Quem sabe, se você parar de fazer perguntas e prestar atenção, eu consiga descobrir, general — grunhiu Onyx.

Quando se aproximaram da fogueira, a luz das chamas iluminou o lobo capturado. Era um macho grande e forte, sem dúvida um líder de alcateia, caçado pelos Wyldermen alguns dias antes. Além do pescoço, os selvagens tinham amarrado seu focinho com cipós, neutralizando os dentes mortais. Uma baba branca e espumante escorria da boca arreganhada enquanto os homens o puxavam para a mesa de pedra.

— Mas que coisa — comentou o conde Costa enquanto se juntava aos dois Werelords. — Isso já é demais, não é? Estamos desperdiçando a lua cheia aqui, vendo essa bobagem, em vez de atacar o Urso Branco.

O Abutre parou ao lado de Gorgo, retorcendo os lábios ao ver os Wyldermen posicionarem o lobo na laje de pedra.

— Como estão os outros membros do conselho? — questionou Onyx, mantendo a voz em um tom baixo, conduzindo a conversa aos sussurros.

Costa olhou para trás, observando o restante do conselho de guerra. Os demais membros estavam reunidos um pouco mais abaixo, entre eles o xerife Muller, consternado com a cerimônia dos Wyldermen. Mais abaixo, uma névoa cobria o vale, escondendo do campo de visão o imenso acampamento do exército do Leão.

— Eles querem entrar logo em ação, atacar os sturmianos no meio da noite — continuou Costa. — Acho que dá para dizer que estão preocupados com as companhias do rei; afinal, ninguém gosta de canibais, mas continuam leais a ele.

— Lealdade cega — resmungou Gorgo.

— É assim que os impérios são construídos — respondeu Costa. — Os Catlords sempre souberam tirar proveito disso, não?

— Se o general Vorhaas estivesse aqui, poderíamos fazer algum tipo de... intervenção junto ao rei, arrumar um jeito de impedir que ele se aliasse a esses selvagens — falou Gorgo. — Com ele ao lado de Vanmorten, talvez os dois Ratos conseguissem influenciar o Leão.

— Quem sabe não podemos convocá-lo de volta às Dalelands? — especulou Costa. — Posso voar até lá pessoalmente e passar a mensagem.

— Parece que você está bem interessado em uns dias de folga em Redmire, Costa — comentou Gorgo, com um risinho de deboche.

— Ninguém vai a lugar nenhum — falou Onyx. — Não precisamos arrastar Vorhaas até aqui para lutar em nosso nome. O rei fez sua cama, agora precisa deitar nela. O que quer que aconteça, a responsabilidade agora é dele.

Os olhos do Pantherlord estavam fixos na cabeça de Lucas, que balançava sem parar, acompanhando a cantoria e a dança dos selvagens. Os guerreiros amarravam a fera rosante à mesa, passando cipós verdes em torno do corpo do lobo. O ritmo do canto estava mais acelerado, e o xamã parecia em uma espécie de frenesi, fazendo movimentos bruscos e antinaturais, como se estivesse possuído por algum espírito.

O coro cessou de repente, assim como a dança espasmódica dos Wyldermen. O único ruído dentro do círculo de pedra vinha do lobo, que grunhia e se debatia. O xamã se virou e foi até a roda de selvagens. Cada um representava uma das diferentes tribos antigas da Dyrewood, sobreviventes das linhagens de Wyldermen que haviam perecido ou sido derrotadas na batalha de Brackenholme. As até então difusas tribos de selvagens tinham uma coisa em comum: todas idolatravam a deusa Wyrn, a Wereserpent Vala. Com a morte de Vala pelas mãos do Werewolf, Coração Negro e seus irmãos tinham se unido e juntado forças com Lucas. O desejo comum de vingança contra Drew era o que os motivava.

Os Wyldermen se separaram momentaneamente quando o xamã convocou o rei ao ponto central da cerimônia. Lucas se precipitou com passos rápidos, ansioso para participar do ritual, ignorando todo o resto ao redor.

— Viu a rapidez com que ele foi para junto do selvagem? — sussurrou Costa. — Espero que o general Skeep e os outros estejam prestando bastante atenção nisso.

Onyx estreitou os olhos, ficando na ponta dos pés para tentar capturar os mínimos detalhes do espetáculo. Lucas entregou o objeto branco e redondo para Coração Negro, que o recebeu com uma mesura. O rei levou as mãos à boca, sufocando um grito de empolgação. Parecia uma criança na véspera do aniversário. Onyx pôde ver do que se tratava: um crânio virado de ponta-cabeça com um líquido escuro dentro.

— Um crânio humano? — questionou Costa.

— Uma tigela de sangue — falou Gorgo. — Mas de quem?

Onyx arregalou os olhos. “Era para isso que queriam a mão de Ferran.”

— Sangue do Lobo — ele murmurou, com uma fascinação sinistra.

O membro decepado era, sem sombra de dúvida, do licantropo, e sua carne morta retinha o sangue frio e encantado do transmorfo como uma esponja.

— Mas o que eles podem fazer com isso? — ele disse. — Evocar um *demônio*?

Posicionando o crânio na ponta da mesa, o xamã ergueu sua faca de pedra negra em uma das mãos e olhou para a lua. Ele moveu a lâmina para trás e para a frente, recitando palavras ancestrais para o céu. Com a outra mão ele tocou o lobo, passando os dedos por sua pelagem cinzenta e crespa. A fera respondeu a seu toque e parou de rosnar. Os pelos das costas de Onyx se arrepiaram quando uma onda de energia atravessou o ar. As árvores no morro farfalharam de repente, quando o vento agitou seus galhos, fazendo-as balançar como o chocalho de uma cascavel. A fogueira começou a estalar, lançando uma chuva de faíscas noite adentro.

— Essa é uma encenação grotesca — murmurou Gorgo, apreensivo, quando Coração Negro ergueu a adaga de pedra. — Não é magia. Já vi mais magia em...

A adaga desceu, golpeando o tórax do lobo, no local onde ficava o coração. Nesse instante, a fogueira se apagou, mergulhando o morro em escuridão antes de voltar à vida. Dessa vez, porém, as chamas dançavam com um tom esverdeado, lançando um brilho espectral sobre o círculo de pedra. Alguns membros do conselho de guerra gritaram. No alto do morro, sopravam ventos sobrenaturais. Fantasmas invisíveis percorriam o vazio entre as pedras, afastando os Werelords ou fazendo-os esbarrar uns nos outros. Apenas Onyx permanecia imóvel, sem tirar os olhos de Coração Negro. Grunhidos, sibilados, bufadas e rosnados pareciam ecoar na escuridão, como se uma horda de feras malignas rastejasse morro acima em direção aos nobres de Bast.

— O fogo verde — falou Gorgo, desorientado, as presas do Hipopótamo surgindo de maneira repentina em seu queixo largo. — O que está causando

isso? Algum tipo de pólvora?

— E o som dos animais? — questionou Costa, o bico curvo aparecendo em seu rosto. Virou-se para as sombras como se algo fosse atacá-lo a qualquer momento. As asas brotaram em suas costas, em uma demonstração não muito convicta de força.

Onyx viu que Coração Negro havia deixado a lâmina de pedra cravada no cadáver do lobo. Depois, levou o crânio até a boca e o entornou. O líquido desceu por sua garganta, e um pouco de sangue escorreu por sua pele coberta de lama, chegando ao peito. Quando ele removeu o recipiente dos lábios, suas mãos tremiam e seus braços se abriram. O crânio caiu no chão, e Coração Negro jogou a cabeça ainda mais para trás, os olhos vidrados na lua. As chamas verdes reluziram às suas costas, iluminando as nuvens carregadas ao se projetarem da fogueira infernal.

O xamã subitamente foi ao chão, caindo de joelhos, debatendo-se e se contorcendo. Gorgo e Costa se afastaram das pedras, e diversos membros do conselho de guerra murmuraram que era melhor irem embora, que aquilo era um erro. Onyx viu que Vanmorten também se retirava do círculo, abrindo uma distância entre ele e o desfecho do ritual macabro. Até mesmo alguns Wyldermen recuaram para longe do líder em transe. Lucas permaneceu imóvel quando Coração Negro espumou pela boca e cuspiu ao lado da fogueira. O xamã tremia e se debatia, os movimentos espasmódicos sugerindo que seu corpo poderia sucumbir a qualquer momento.

Então ele ficou imóvel.

Os espectadores prenderam a respiração, e o único som que se ouvia era o do fogo crepitante com suas chamas em tons de esmeralda elevando-se no céu como um louva-a-deus monstruoso. Coração Negro ficou de pé, os movimentos agora lentos e comedidos. Os tremores mortais foram substituídos pela tranquilidade de um recém-desperto. Ele ergueu o queixo e abriu os olhos. O olhar reluzia com um brilho cor de âmbar. “Os olhos de um lobo.”

Coração Negro fez sinal para que o primeiro dos Wyldermen se aproximasse, um guerreiro pintado com listras azuis pelo corpo todo e um machado com lâmina de pedra na mão. O xamã tirou a arma do selvagem e a jogou na grama. Murmurou algo, e o outro selvagem balançou a cabeça e a tombou para o lado, oferecendo o pescoço. Coração Negro mordeu a garganta

do homem com força, cravando os dentes afiados na carne. Quando o guerreiro foi ao chão, o Wylderman seguinte se apresentou. O xamã foi passando um a um, mordendo pescoços, ombros e peitos, deixando sua marca em todos.

Os Werelords recuavam em um movimento simultâneo, perscrutando a noite e seus fantasmas. Em pouco tempo foram engolidos pela névoa que havia descido sobre o alto do morro. Gorgo e Costa apressaram o passo para se juntar a eles. Até mesmo Vanmorten correu para junto dos bastians, deixando apenas Onyx a observar os selvagens, horrorizado.

— *Medo* — murmurou a Fera de Bast. — Então é essa a sensação.

Era um sentimento totalmente novo, do qual Onyx não gostou nem um pouco. Passou a recuar lentamente, sentindo a repulsa tomar conta de si enquanto aos poucos compreendia os diferentes aspectos da cerimônia macabra — o sangue, o lobo, a magia Wyrn, as mordidas. Segundo o folclore antigo dos humanos, uma mordida de um Werelord era capaz de transformar as pessoas em transmorfos. Não era verdade, e sim um mito usado para assustar criancinhas. O sangue dos transmorfos — um presente de Brenn para os lyssianos, e dos ancestrais para os bastians — era o que diferenciava os Werelords dos simples mortais. Onyx havia acabado de ver esse sangue sagrado ser passado para os humanos. Era algo do qual não se tinha notícia em continente nenhum. Quem poderia prever quais seriam as consequências?

Quando se retirava do círculo de pedra, Onyx viu que Lucas o observava. A túnica vermelha do Lionlord fora jogada de lado, e a armadura dourada reluzia em tons esverdeados perto da fogueira, assim como a espada do pai dele, que o rei empunhava nas mãos. O Leão tinha dado as costas aos Wyldermen quando os selvagens foram ao chão, gritando para a lua e as chamas verdes espectrais. “É esse o exército que o rei prometeu, os guerreiros que nos ajudariam a derrotar os sturmianos?” Pouco a pouco, os gritos dos selvagens foram se transformando em uivos. O garoto sorria, reparou Onyx.

Lucas já tinha seus demônios.



Laços rompidos

— Pensei que tivesse dito que a fortaleza era impenetrável, Ghul.

Opal estava de pé na varanda da sala de guerra do Kraken, olhando para toda a extensão da torre até os atracadouros lá embaixo. Os pontões, os píeres e as embarcações fervilhavam de atividade, com os piratas, agora em liberdade, enfrentando os marujos e a Guarda Kraken. A luta era feroz, e os recém-libertados iam para cima dos captores de mãos vazias, atacando com os punhos os soldados de Ghul, que revidavam com golpes de suas armas. Apenas o *Nêmesis*, o navio da Pantera, permanecia a salvo dos combates, pois seus lacaios bastians haviam se recolhido das plataformas que levavam ao embarcadouro flutuante. As chamas crepitavam, passando dos barcos aos píeres quando os homens incendiados tombavam nas docas.

— Mas é — gabou-se Ghul. — Não precisa ter medo. Nenhum mal vai lhe acontecer.

Opal rosnou para o Squidlord, que se afastou da beirada da varanda.

— Não sou uma princesinha lyssiana qualquer, Kraken — ela grunhiu. — Você está falando com uma Werepanther. Não tenho medo de nada.

— É que... o uivo, mi-milady — gaguejou o Kraken. — Se fosse para ter medo de *alguma coisa*, então...

Apesar de Lord Ghul ser bem alto, Opal conseguiu tapar sua boca com a mão, cravando as unhas na pele de suas bochechas vermelhas. Dentro da sala de guerra, o capitão Skerrett observava tudo de forma impassível. O comandante do *Nêmesis* estava mais que acostumado ao temperamento volátil de Opal. Os oficiais mais graduados de Ghul e a Guarda Kraken mantinham uma distância segura, preocupados com o que a Catlady poderia fazer a seguir. Nenhum deles foi em auxílio de seu senhor. Sabiam quem estava de fato no comando.

— Eu não tenho medo de *nada*.

Opal o soltou, permitindo que Ghul recuperasse o fôlego.

— Entendido — ele falou, assentindo com a cabeça. — Mas o uivo parece ter sido o sinal que deu início ao ataque. Essa confusão toda começou logo depois!

— Ele está certo — disse o capitão Skerrett, segurando a ponta do cabo do sabre de prata. — O Lobo está aqui, e acompanhado. É ele quem está por trás desse resgate de prisioneiros. Eu recomendaria cautela. Enquanto conversamos, ele pode estar aqui dentro da torre.

Ghul balançou a cabeça.

— Esses malditos podem ter escapado das celas, mas o restante da fortaleza está muito bem trancado e protegido. Estamos seguros aqui.

— Levando em conta que as celas ficam dentro da fortaleza, considero isso um pouco difícil de acreditar — falou Opal. Ela apontou para um dos capitães do Squidlord. — Você. Vá lá para baixo. Leve alguns soldados da Guarda Kraken. Avise minha tripulação para preparar o *Nêmesis* para zarpar.

O oficial obedeceu imediatamente, levando dois soldados consigo e desaparecendo escada abaixo. Opal se virou para Skerrett quando Ghul passou correndo rumo à escadaria em espiral, berrando para que seus homens o seguissem.

— Capitão — ela disse com um sorriso —, vá buscar meu prisioneiro. Já ficamos aqui por tempo demais.

Saltando de uma plataforma para outra escada, o capitão Skerrett descia pela parede da torre seguido por dois tripulantes do *Nêmesis*. Uma dupla era mais que suficiente para ajudá-lo a transportar o prisioneiro até o navio bastian. Se o que Ghul falara fosse verdade, o espírito de luta do Sharklord estava liquidado, e seu corpo, estraçalhado. Ele aterrissou na passarela, no patamar onde estava Vega. Havia dois prisioneiros acorrentados a uma barra de bambu.

Um era um velho caindo aos pedaços, que sorriu ante a chegada do capitão, dando-lhe uma piscadela. O outro estava imóvel. Skerrett sacou seu reluzente sabre de prata. A reputação de Vega era bem conhecida, e o capitão

não estava disposto a correr riscos. O Sharklord estava inerte, pendurado por algemas e correntes, a cabeça baixa, os braços sem vida. Aquele que um dia fora conhecido como o extravagante e glamoroso Lord das Ilhas Cluster apresentava um aspecto lamentável, com o corpo ferido e marcado. Os homens de Skerrett chegaram às suas costas, equilibrando-se precariamente sobre a plataforma instável, lançando olhares preocupados lá para baixo.

— Um marujo, é? Nós dois não somos muito diferentes, então — comentou o prisioneiro mais velho.

— Claro que não — respondeu Skerrett em tom de divertimento. — Se eu estivesse acorrentado a uma parede e coberto com meus próprios excrementos, pareceríamos gêmeos!

O velho deu uma risadinha, e o capitão se virou para o conde, a espada em riste.

— Não me diga que consegue dormir no meio dessa barulheira — falou Skerrett, olhando por um instante para a confusão ruidosa lá embaixo. Nuvens negras subiram de um dos navios com uma explosão repentina, que fez o convés voar pelo ar. A pólvora, um elemento tão precioso para os piratas do Mar Branco, era uma arma perigosa. Apesar de poder infligir danos terríveis ao inimigo, uma simples imprudência com uma chama poderia acabar com as esperanças — e a embarcação — de um capitão em um instante.

Ele cutucou as costelas expostas do conde com o sabre.

— Acorde, Sharklord — provocou Skerrett. — Vai ter tempo de sobra para descansar quando Lucas arrancar sua cabeça.

Mesmo assim, Vega não se moveu. O velho prisioneiro tentou segurar o riso. Skerrett virou-se para o velho esfarrapado, cujos olhos estavam voltados para o chão da passarela.

— Conte-me o que o diverte tanto, meu velho. Que tal compartilhar a piada?

O louco não respondeu, só arregalou os olhos, ainda fixos no chão. O capitão olhou para baixo, vendo apenas suas botas equilibradas na estrutura de bambu. Lentamente, porém, começou a se concentrar nos espaços escuros entre as barras, descobrindo um par de olhos cor de âmbar a encará-lo.

O bambu se desfez em pedaços quando Drew se arremessou contra a

passarela. Skerrett cambaleou para trás, e um pedaço da estrutura se soltou da parede quando o licantropo avançou. Os homens do *Nêmesis* despencaram aos berros no vazio, em meio a uma chuva de barras quebradas. Skerrett se equilibrou e atacou com seu sabre, cortando a carne de Drew. O Werelord tombou, buscando desesperadamente um ponto de apoio. As barras arrebitadas estavam todas soltas, e ele precisou cravar os pés de garras compridas na parede. Quando Skerrett voltou seu sabre para a corda que ainda mantinha o que restava da passarela no lugar, Drew temeu pela própria vida.

Infelizmente para o capitão bastian, sua movimentação o fez dar as costas para Vega, que de repente pareceu revigorado. Ele enlaçou o homem pela cintura, puxando-o para trás. Ainda preso à forma humana por causa das algemas de prata, Vega usou as correntes a seu favor. O conde deu um puxão na algaema da mão direita, e a corrente correu no suporte enquanto ele erguia a mão esquerda. Ignorando as cabeçadas e as investidas de Skerrett com a espada, o Sharklord envolveu a corrente no pescoço do homem antes de deixar que sua mão esquerda caísse de novo. A gravidade se encarregou do resto.

A corrente correu ruidosamente e estacou com um tranco, esmagando a garganta de Skerrett com um estalo retumbante. O sabre escapou da mão inerte do capitão. O Werewolf esticou uma das pernas e o apanhou com as garras dos pés.

— Belo truque, Sua Alteza — falou Vega sob a cabeleira preta e imunda. — Agora, que tal fazer a gentileza de me ajudar a descer daqui, jovem amigo?

— Por que o capitão Skerrett está demorando tanto? — esbravejou Opal.

Os homens de Ghul que ainda permaneciam na sala de guerra do Kraken não disseram nada, mantendo uma distância segura da Pantherlady. Da varanda, era possível ver um grande número de navios soltos das amarras, flutuando à deriva e colidindo com o *Nêmesis*. Mesmo da altura em que estava, Opal conseguia ver os homens de Bast com as armas em riste, atacando os piratas do Squidlord, impedindo assim que os marujos em pânico entrassem em sua embarcação.

— E o seu senhor? — ela perguntou aos homens de Ghul, andando de

um lado para o outro entre eles. — Onde está?

— Defendendo a torre — por fim respondeu um dos membros da Guarda Kraken, deixando evidente o medo na voz quando a Pantherlady se aproximou para encará-lo, mostrando-lhe os dentes.

Nesse momento, um grito monstruoso ecoou pelas escadarias, um berro gorgolejante que tinha pouquíssima semelhança com uma voz humana. Os homens olharam para a porta aberta antes de se virarem de novo para Opal.

— Lord Ghul? — ela questionou, e os homens confirmaram com um gesto solene.

Ela pulou para a beirada da varanda, uma das garras cravada nas tábuas de madeira do piso enquanto olhava de um lado para o outro. Lá embaixo, não havia mais nenhum resquício de ordem. Se não embarcasse logo no *Nêmesis*, talvez isso nunca mais fosse possível.

Olhando por cima do ombro, notou que os homens restantes da Guarda Kraken continuavam a encará-la com uma expressão inquieta, as armas com ponta de prata em riste. “Para mim?”, ela se perguntou. Deviam ter visto o embate a bordo do *Nêmesis*, com os bastians repelindo a chegada de seus camaradas em pânico. O laço que mantinha o Squidlord atado aos Catlords corria o risco de se romper, se já não tivesse se rompido. O papel de Opal como conselheira do rei Lucas não tinha nenhuma importância naquele momento, com o mundo ardendo em chamas ao redor.

Opal pensou imediatamente em seus dois filhos pequenos em Braga. “O que estou fazendo aqui?” Estavam separados há tempo demais. A Pantherlady havia partido com a frota de seu irmão sem pensar duas vezes, ansiosa para impressionar o pai. Onyx era o favorito de Lord Oba. Por mais que se esforçasse, nada do que Opal fizesse parecia lhe garantir algum afeto. Não morreria em uma plataforma flutuante em chamas — não por Oba, não naquele dia. Outra vez, virou-se para o mar. Alguns navios surgiam da escuridão, iluminados pelas chamas do ancoradouro incendiado. Suas bandeiras não eram de Bast nem da Westland, nem mesmo do Kraken das Ilhas Cluster. Opal reconheceu as embarcações imediatamente, e não só por causa das cabeças de lobo prateadas flutuando nas bandeiras negras. Aqueles eram os navios que havia caçado durante meses, e agora se aproximavam rapidamente da fortaleza marinha, indo em sua direção como tubarões prestes a dar o bote. Liderando o grupo ia o *Turbilhão*, ao lado do navio branco

conhecido como *Beluga*, com seu esporão de bronze rasgando as águas à frente de si.

— Bosa — murmurou o mais ousado dos homens da Guarda Kraken, olhando lá para baixo. — Veio buscar seu filho pródigo.

— O conde Vega? — questionou Opal, mas um ruído vindo da escadaria fez os dois se virarem. Lord Ghul apareceu, preenchendo a abertura da porta com seu corpanzil, o pescoço transformado e os olhos inchados nas órbitas. Sua túnica estava manchada de sangue. O Lord das Ilhas Cluster tinha se envolvido seriamente na luta. O bico do Kraken estalava de deleite enquanto arrastava um menino, jogando-o no piso da sala de guerra.

— Quem é este? — questionou Opal, olhando feio para o menino.

— O precioso camareiro de Vega, se não me engano — grunhiu o Kraken, com o corpo ainda em transformação, afastando a túnica para o lado.

Ghul deu um pontapé no garoto atordoadado antes de entrar de vez no recinto. A Werepanther só observava, ao mesmo tempo impressionada e enojada com o espetáculo monstruoso. Manchas rosadas e arroxeadas marcavam a carne do Kraken, espalhando-se em ondas pela nova forma que seu corpo assumia. O Weresquid se posicionou ao lado do menino, e mais uma explosão fez a torre estremecer. Com um solavanco gorgolejante, os braços de Ghul pareceram se desmembrar e, em um piscar de olhos, foram substituídos por oito terríveis tentáculos que não paravam de se expandir.

— Vamos dar o fora daqui com o Tubarão acorrentado — anunciou o Ghul, a voz também gorgolejante. — E talvez até o Lobo!



Balada do massacre

Os Elmos-Dourados bastians acompanhavam o Werepanther com suas tochas pela campina congelada, cercados pela névoa espessa. Abaixo de seus pés, o solo estava macio, pois a primavera já começava a tomar as Whitepeaks, aos poucos transformando neve em lama. A guarda pessoal era uma questão de cerimonial, um procedimento protocolar comum a todos os Catlords que saíam a campo, além de um papel tido em alta conta por todos no exército. Onyx jamais havia precisado que um guarda-costas o escoltasse — ele era uma arma por si só, o felinotrope mais temido de todos os tempos. Na verdade, encarava a tradição com desdém. Mesmo assim, apreciava a companhia. Havia apenas um membro de sua comitiva cuja presença o desagradava. Caminhando alguns passos atrás ia o rei Lucas, resplandecente em sua armadura dourada. Na cintura ele carregava um berrante de chifre, seu meio de contato com os Wyldermen.

Depois do cerimonial no círculo de pedra, os guerreiros de Coração Negro tinham sido libertados por Lucas em meio à neblina, sob os olhares perplexos dos comandantes dos exércitos de Bast e da Westland. Os selvagens que tinham saído pela noite rumo às linhas sturmianas guardavam pouca semelhança com o que eram quando haviam chegado ao acampamento. Apesar de parecerem vagamente humanos, estavam em transformação, em metamorfose. Seus corpos pareciam retorcidos, com músculos dilatados, e os pelos começavam a se espalhar pelo corpo. No lugar das unhas imundas, na ponta dos dedos tinham surgido garras. Sob as cabeleiras pretas, os olhos reluziam com um brilho amarelado, os dentes afiados agora parecendo mais longos.

O conselho de guerra assistiu com alívio à partida dos selvagens. Os guerreiros da Dyrewood rosnavam uns para os outros, mostrando dentes e garras como cães de briga. Aos olhos de Onyx, os já intimidadores e bárbaros

Wyldermen haviam perdido qualquer resquício de humanidade. Eram monstros ferozes agora, mais animais que homens. A magia Wyrms evocada por Coração Negro, canalizada em seus companheiros, dera-lhes o gostinho do dom dos transmorfos. Tratava-se de um fato inédito, e não se sabia ao certo quanto do Lobo fora possível transmitir a eles. Mas de uma coisa Onyx tinha certeza: não havia como aquilo acabar bem.

Os gritos dos sturmianos logo ecoaram na neblina, revelando que os Wyldermen haviam encontrado sua presa. Onyx já tinha ouvido gritos de homens agonizando em combate antes. Quase todas as almas que iam para o campo de batalha estavam prontas para a morte. Sabiam que seu longo sono chegaria na ponta de uma lança, na lâmina de um machado ou sob uma saraivada de flechas. Mas aqueles berros em meio à névoa eram novidade para o Pantherlord. Eram urros de pânico de homens apavorados, uma demonstração de puro terror. Onyx considerou que não havia como se tornarem ainda mais altos, mas mesmo assim o volume deles aumentava cada vez mais. Eram a manifestação de homens que enfrentavam inimigos saídos de seus piores pesadelos, um fim completamente diferente do que qualquer um deles poderia ter imaginado.

De vez em quando, o grupo encontrava um corpo caído na lama, aberto e dilacerado, com o vapor ainda saindo do cadáver do sturmiano. Até então, não haviam encontrado nenhum sobrevivente. Quando passaram pelas grandes toras de madeira que demarcavam a primeira linha de defesa dos sturmianos, Onyx ouviu o rei dar uma risadinha.

— Fizeram um estrago e tanto entre os nortistas, não? — riu-se Lucas.
— Sempre ouvi dizer que os sturmianos eram duros na queda.

— Assim como todos nós — comentou Onyx, caminhando pela neve com os olhos atentos, suspeitando de toda e qualquer movimentação.

Os gritos na escuridão cessaram, e também os uivos e os urros dos selvagens. O campo de batalha estava em silêncio. Os Wyldermen da Dyrewood tinham interrompido o ataque, conforme ordenado, quando Lucas tocara o berrante.

— Está aí, Urso Branco? — gritou Onyx, detendo o passo, sua voz ecoando pelo campo.

— Você acha mesmo que ele daria as caras, querido tio? — questionou Lucas, mas Onyx o ignorou.

— Apareça, Sua Alteza! — ele berrou.

Onyx fez uma pausa ao ouvir alguma coisa se mover na neblina à sua direita. Seus olhos esquadriharam a névoa antes de continuar:

— Venha me encarar em um combate, Henrik, transmorfo contra transmorfo, e poremos fim a esta guerra. Venha me enfrentar, e permitirei que o restante de seu exército fuja para as montanhas. Você tem minha palavra. Caso se esconda, não haverá piedade. Nenhum sturmiano sairá vivo das Whitepeaks. Pense depressa. Vou esperar o tempo de cem respirações.

Onyx se afastou dos companheiros para um ponto à sua direita, até deixar para trás a tocha do último homem. Seus olhos logo se ajustaram à escuridão, observando em detalhes um posto avançado abandonado às pressas. Havia uma panela sobre uma pilha de carvão em brasa, o caldo ainda borbulhando e os pratos dos soldados sturmianos largados na neve. A porta do abrigo estava destruída e pendurada nos batentes, com a lamparina na parede ainda acesa. Havia botas, mantos e armaduras espalhados pelo chão, largados pelos homens de Icegarden em sua fuga dos Wyldermen.

Um rosnado do lado de fora fez Onyx se afastar da porta e espiar pela lateral da construção. Em meio à neblina, viu a silhueta de um corpo sendo arrastado para a escuridão atrás do abrigo.

— Ele não vai aparecer.

Lucas tinha ido em seu encalço. O Pantherlord desviou sua atenção da cena sinistra que se desenrolava atrás da construção.

— Vai aparecer, sim. A vida de seu povo depende disso. Ele já sabe o que os aguarda caso se recuse.

— Talvez ele mande um de seus representantes de novo.

Havia um tom de zombaria na voz de Lucas que Onyx não gostou.

— Não foram esses os meus termos. Eu esperava que fossem morrer de fome nas montanhas, mas isso não aconteceu. Esse impasse termina hoje.

— E, graças à minha ajuda, estamos tendo sucesso até agora, tio — Lucas falou, todo cheio de si, enquanto os dois voltavam para onde estavam as tochas dos bastians.

— Eu pretendia atacar hoje à noite, independentemente da feitiçaria dos Wyldermen, Majestade. O tempo e as condições estão perfeitos. Havia

planejado com meus companheiros Werelords de Bast encerrar o cerco hoje, sob a luz da lua cheia. Não subestime o poder do meu exército, sobrinho. O fato de ter mandado Coração Negro e seus irmãos para cá acrescenta um elemento de imprevisibilidade aos procedimentos. E eu não gosto disso.

— Não subestime o potencial dos meus Lobos Selvagens, tio.

— Lobos Selvagens? — Onyx rebateu em tom de deboche. — Eles são uma ofensa aos transmorfos. Têm tanta semelhança com o Lobo quanto um cão raivoso. Isso é brincar com fogo, Majestade. Só espero que não acabem todos queimados.

A guarda pessoal bastian de repente entrou em alerta, erguendo espadas e tochas e se virando para o norte, onde ficava o acampamento sturmiano. Onyx caminhava de um lado para o outro na frente deles, os olhos fixos na neblina. Dava para ouvir a aproximação dos homens, o ruído das armaduras, o relinchar dos cavalos, as vozes sussurrantes.

— Onyx?

— Duque Henrik — respondeu o Pantherlord quando eles surgiram em meio à névoa como fantasmas. — Que honra enfim conhecê-lo.

— Poupe-me de suas gentilezas, Pantera — respondeu o Lord de Sturmiland, aproximando-se em seu cavalo. — Toda a honra que você pensava ter se perdeu. Você é um selvagem, Onyx. Um monstro. Merece morrer centenas de vezes pelo que fez com o meu povo esta noite.

— Qualquer que tenha sido o dano produzido em suas fileiras hoje, não foi por obra minha, Bearlord.

Henrik soltou uma risada amarga ao puxar as rédeas para frear seu cavalo. As dezenas de cavaleiros que o acompanhavam fizeram o mesmo.

— Está fugindo da responsabilidade, Pantera? Você é o comandante deste exército, não? Eles obedecem às suas ordens ou não?

— Eles obedecem às *minhas* ordens — disse Lucas, saindo das sombras atrás de Onyx. O Pantherlord ergueu a mão para silenciar o rei, mas o garoto se recusou a ficar calado, assumindo uma postura triunfal. — Ao se aliar ao impostor Drew Ferran, você provocou isso a seu povo. Seja o que for que os Lobos Selvagens fizeram, foi por culpa sua, Henrik. Nada mais apropriado que tenham sido meus licantropos a impor um caos sangrento àqueles que são amigos do Lobo.

— Eles não são licantropos, menino — esbravejou Henrik, saltando sobre a lama e colocando-se diante do jovem Leão, mas Onyx logo se pôs entre eles. — São aberrações, monstruosidades. Até mesmo os bastians são capazes de compaixão, mas não essas feras diabólicas que você mandou para cá hoje à noite para matar e devorar meus bravos e exaustos sturmianos.

O rosto do Urso Branco estava retorcido de raiva e repulsa. O duque tinha a mesma altura de Onyx, mas não era tão forte quanto a Pantera. O peitoral de sua imponente armadura possuía a imagem de um urso rugindo furiosamente.

— Acabe com ele, tio — ordenou Lucas, arreganhando os dentes, que se transformavam dentro da boca.

— Você perdeu o controle sobre seu rei menino, Onyx?

— Ele *nunca* teve controle sobre mim! — esbravejou Lucas, tentando tomar a frente do Werepanther.

Onyx ergueu uma das mãos e a pôs no peito do Leão para contê-lo.

— Já chega! — berrou, e o rei imediatamente silenciou ao comando da Pantera. — Vamos acabar logo com isso — ele continuou, virando-se para Henrik. — Trouxe seu homem de confiança?

— Sim — respondeu o Urso Branco, e mais uma figura se destacou do grupo parado mais atrás. O rosto de Onyx se iluminou com a visão do acompanhante de seu inimigo.

— Nunca fomos apresentados, duque Bergan, mas é como se fôssemos velhos amigos!

O Bearlord de Brackenhholme se posicionou ao lado de Henrik, carregando nas mãos a arma encantada de seu primo: o Punho Branco de Icegarden. Ele ergueu a manopla de aço branco com garras afiadíssimas em direção ao Lord de Sturmland.

— Não se engane, Pantera — falou Bergan, os olhos fixos em Henrik enquanto o Urso Branco se preparava para pôr a mão esquerda na reluzente luva de metal. — Você não tem amigo nenhum na Lyssia. Pode até colocar um Catlord no trono, mas nunca vamos chamá-lo de rei.

Lucas deu um salto à frente, soltando um rugido quando o Leão dentro dele emergiu, arremessando-se contra Bergan. O velho duque rosnou,

começando a se transformar imediatamente. Porém, antes que o Werelion pudesse atacar o duque, Onyx segurou Lucas pelo ombro, puxando-o para trás e mandando-o para longe. Lucas caiu de cabeça na neve, sacudindo o pó branco dos cabelos antes de olhar para cima, a raiva estampada no rosto.

— Para trás!

A voz de Onyx retumbou enquanto a Pantera encarava o Werelion. Seu corpo começou a se transformar. A musculatura parecia se rasgar em cada centímetro do corpo enquanto sua silhueta imponente se expandia ainda mais. Ele continuou crescendo até tomar o aspecto de um gigante diante do jovem felinotrope. A cabeçorra escura do Werepanther reluziu ao rosnar e mostrar as presas enormes e brancas sob a luz das tochas. Um braço da grossura do tronco de Lucas se estendeu para o rei, e um dedo com uma garra poderosa apontou para o garoto.

— Fique onde está, Majestade. Você pode ter se metido nos meus planos mandando seus Lobos Selvagens para cá, mas esta luta é *minha*. Apesar de não entender o sentido da palavra *honra*, nos envergonhando desse jeito na frente de outros nobres, ainda pretendo defender a minha. O duelo hoje à noite é entre mim e o duque Henrik. Ninguém mais vai derramar sangue aqui. As regras de combate são bem claras: o duque Bergan e a comitiva sturmiana podem ir embora sem sofrer nenhum mal.

Para enfatizar suas palavras, Onyx estendeu um de seus potentes pés, traçando uma linha na lama com o dedo recurvado.

— Peço *encarecidamente* que não cruze esta linha, Majestade.

Lucas não respondeu, limitando-se a soltar um rosnado enquanto se agachava. Um dos Elmos-Dourados se aproximou para oferecer ajuda, e quase teve o braço arrancado quando o petulante Leão lançou uma garra em sua direção. Onyx se virou de novo para Henrik, encontrando-o já transformado. Por fim aparecera um oponente de respeito. O Werebear era alto e imponente como o Werepanther. Em sua forma humana, Onyx era claramente o mais musculoso dos dois, mas como transmorfo ele não tinha nenhuma vantagem física sobre o Bearlord. Os ombros, o pescoço e as costas de Henrik eram puro músculo, e sua pelagem branca ondulava com a brisa.

— Um dia vão escrever baladas sobre esta batalha — comentou Onyx, observando o ursinotrope de forma respeitosa.

— Não vai haver balada nenhuma contando a sua morte, bastian — respondeu Henrik, brandindo o Punho Branco de Icegarden. O Bearlord abriu a mão, e a manopla encantada exibiu suas garras de aço sturmiano com movimentos fluidos. Henrik agitou a pata poderosa para um lado e depois para o outro, à procura da luz da lua.

— Ela está lá em cima — disse Onyx —, mas você não vai ter ajuda da lua para o seu brinquedinho hoje, Henrik. Conheço tudo a respeito do seu aço encantado e o efeito do luar sobre ele. Não adianta pedir auxílio lá de cima; a neblina está bem forte.

— O Punho Branco vai cumprir sua função — disse o Bearlord. — Você não tem um ajudante?

— Não preciso de um — respondeu a Pantera, começando a rodear Henrik. — Nunca fugi de uma luta antes, e não farei isso agora.

— Sem armadura nem espada também? Então é verdade o que dizem sobre você nas batalhas?

— Que não preciso de uma coisa nem outra? Que sou destemido? Que *eu* sou minha própria arma?

— Não — respondeu Henrik, caminhando de um lado para o outro. — Que você é louco.

Onyx deu risada.

— Que seja. E quanto ao prêmio em questão, estamos de acordo? Por Sturmland?

— Pela Lyssia — respondeu o Urso Branco, partindo para cima da Pantera.

Onyx avançou sobre Henrik ao mesmo tempo. As garras pretas do Werepanther seguraram as patas do Werebear. Ele as apertou com todas as suas forças, sem conseguir cravar as unhas no aço do Punho Branco, mas garantindo a pressão na outra pata. Os dois se viraram, afundando os tornozelos na neve, empurrando-se e tentando atingir o rosto um do outro com mordidas. A cada passo que davam, o chão parecia tremer. A comitiva sturmiana e a guarda pessoal de Bast formaram um círculo de espectadores em torno dos combatentes.

A Pantera concentrou seu ataque na mão direita do Urso, direcionando

toda a sua força para as garras e espremendo as juntas de Henrik. Ele sentiu os ossos daquela pata estalar e a espada tremer, quase caindo do punho de Henrik. Sua outra mão se soltou do Punho Branco, desistindo da disputa com o aço, preferindo golpear a manopla e obrigando o oponente a recolher a arma. Onyx então projetou o braço esquerdo, mirando o peito do Werebear. Suas garras fizeram buracos no metal, deixando uma chuva de faíscas em seu rastro ao golpear o queixo de Henrik. As garras entraram fundo na pelagem branca, e Onyx as puxou com força. A pelagem ficou escura ao redor da garganta do Werebear quando a Pantera fez verter seu primeiro jorro de sangue.

Em seguida foi a vez de Henrik atacar, lançando o Punho Branco para a frente como um aríete. A superfície da manopla fechada atingiu Onyx como uma marreta, fazendo suas costelas estalar e obrigando-o a se curvar. As pernas poderosas da Pantera foram arrancadas do chão, e ele aliviou a pressão na pata direita do Urso. Henrik não perdeu tempo, dando um soco na têmpora da Pantera com a mão ferida. A guarda pessoal bastian soltou um suspiro de susto em unísono ao ver seu senhor sofrer mais ferimentos em um simples instante do que comumente aconteceria em uma guerra inteira.

A manopla veio em seguida, de cima para baixo, mas não fez contato com nada além do ar, pois a Pantera contra-atacou com um chute no Urso. Henrik deu um passo para o lado a fim de se esquivar, e seu pescoço já estava todo manchado de vermelho quando desferiu um golpe com as duas mãos contra o ofegante felinotrope. Onyx foi mais rápido, segurando os braços do Urso antes que suas patas pudessem descer. Seus dentes se fecharam no rosto de Henrik, que por sua vez o mordeu no ombro. Enquanto isso, Lucas andava de um lado para o outro, ansioso pela vitória da Pantera.

Em pouco tempo, a lama ficou manchada de sangue. Os corpos dos Werelords estavam feridos e exaustos pela batalha renhida. A armadura de Henrik jazia em pedaços no chão, as alças cortadas. Mesmo diante da possibilidade da morte, Onyx se viu lamentando o fato de a neblina estar tão espessa ao redor, limitando os espectadores do duelo monumental a algumas poucas testemunhas. Quem quer que saísse vencedor seria um líder digno de qualquer exército. Morrendo ou vivendo, o Urso conquistara o respeito da Pantera.

Quando os dois se atracaram em um duelo corpo a corpo, as garras de Onyx rasgaram o braço esquerdo de Henrik, alcançando o ponto onde o

Punho Branco, que tanto estrago havia causado, estava preso ao corpo do Urso. Ele segurou a peça de aço e puxou com força, arrancando a manopla e arremessando-a aos pés de Bergan. O Lord de Brackenhholme a apanhou, procurando uma maneira de devolvê-la ao primo. Henrik baixou a cabeça e acertou a Pantera com seu crânio pesado, deixando Onyx atordado, de joelhos. O Werepanther saltou para a frente, a boca aberta, em uma tentativa desesperada de ataque, mas o Urso Branco se esquivou com um salto para o lado, acertando Onyx no peito com a pata esquerda, agora sem a manopla.

Onyx caiu de quatro, levando uma das garras à barriga. Tentou levantar, respirando fundo, zozzo e atordado. Sua mão era a única coisa que mantinha a carne da barriga unida. Os cortes produzidos pela pata do Bearlord eram bem graves. Ele sorriu com os dentes ensanguentados ao encarar Henrik. O Urso Branco estava de pé a seu lado, a pelagem branca tingida de vermelho. Ele ergueu ambas as patas no ar outra vez, as garras enormes prontas para o ataque.

— Bela luta, Bearlord — murmurou a Fera de Bast, enfim aceitando a derrota. Relaxou, preparando-se para o golpe mortal.

Que não veio. Os sturmianos gritaram, e até mesmo os Elmos-Dourados, quando Lucas deu um passo à frente. Onyx abriu a boca para gritar, para mandar o rei sair dali, mas nesse momento a espada dos Werelions já estava em contato com o pescoço do exausto Werebear. O primeiro golpe rasgou-lhe a pele, fazendo Henrik cair de joelhos ao lado de Onyx. Os olhos do Bearlord estavam abertos, encarando de modo incrédulo a Pantera, quando a segunda espadada arrancou sua cabeça.

Antes que os sturmianos pudessem ao menos pensar em vir em defesa de seu senhor, os Lobos Selvagens surgiram em meio à noite, avançando sobre eles na neblina. Os grotescos licantropos deram o bote, arrancando os cavaleiros das apavoradas montarias. Alguns monstros pularam sobre o cadáver de Henrik, trucidando o corpo do Werelord com um entusiasmo animalesco sob os olhos do Werelion.

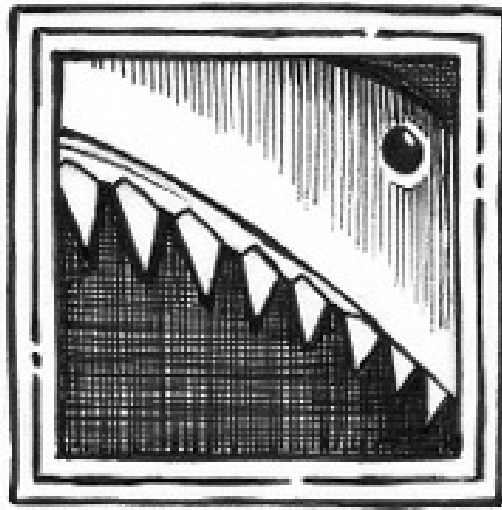
— Traidores! — rugiu o duque Bergan em sua forma transmorfa, com dois sturmianos tentando puxá-lo para longe. — Que Brenn amaldiçoe a todos vocês! — Ele recuou para a neblina, cercado pelos terríveis Lobos Selvagens, que haviam dispersado totalmente sua comitiva.

— Não! — gritou a Fera de Bast, de joelhos na neve, as mãos na

barriga, ignorado pelos Wyldermen transformados. — Não existe honra nenhuma nisso, Lucas! Mande seus Homens-Lobos pararem com isso!

O Leão olhou para Onyx e soltou um grunhido.

— Mais uma vez você esqueceu com quem está falando, tio. É *rei* Lucas. — Ele se agachou junto ao Werepanther ferido, enquanto o massacre continuava logo atrás. — E eu posso fazer o que quiser.



Tentáculos do terror

Enquanto o fogo consumia o ancoradouro, sufocando o céu com nuvens negras, a torre do Kraken começava a desabar. Havia quem dissesse que algum tipo de magia tão poderosa quanto a existente no aço sturmiano fora usada na construção da fortaleza. Mas, fosse isso verdade ou não, encantamento nenhum era capaz de ajudar a torre naquele momento. Uma façanha de engenharia que era fruto da mente ambiciosa do Squidlord, a fortaleza marinha agora cedia. Rachaduras enormes se espalhavam pelas paredes, falhas que se estendiam da base ao topo. Vigas de suporte cuidadosamente projetadas e posicionadas começavam a se retorcer e ranger, ameaçando se desfazer sob o peso do palácio incendiado.

Apoiando o braço esquerdo parcialmente decepado no gradil, Drew se projetou para cima da varanda, aterrissando com um baque pesado na estrutura instável. Uma rápida olhada para dentro do recinto não revelou muita coisa, pois o ambiente estava tomado pela fumaça. Estendendo a mão para trás, fez força para puxar o debilitado Vega para cima. Logo abaixo do conde, Florimo e outros prisioneiros libertados se seguravam uns nos outros, sentindo as passarelas cederem sob os pés. As paredes externas fervilhavam de atividade, com piratas e marujos livres de suas correntes, e o fogo se espalhando pela estrutura. Vega caiu de joelhos, e Drew se inclinou outra vez para baixo a fim de puxar Florimo.

— Não pare, Vega — disse Drew, ofegante. — Precisamos achar um jeito de descer da torre.

Vega cambaleou para dentro do aposento, estreitando os olhos na escuridão. Havia uma ou outra tocha ainda presa ao suporte, mas a luminosidade era incapaz de atravessar a escuridão. Os gritos do combate ecoavam pelas profundezas da torre, alertando o conde sobre o que enfrentaria a seguir. Ele empunhava, nervoso, o sabre de prata de Skerrett,

ainda com as algemas e as correntes cortadas penduradas nos pulsos cobertos de hematomas. O capitão do *Turbilhão* mal conseguia reconhecer a si mesmo. As provações que sofrera na fortaleza marinha, passando fome e sendo torturado pelo Kraken, tinham-no tornado uma mera sombra do príncipe pirata que fora um dia. Seu único desejo era sair daquela torre de horrores o quanto antes.

— Ora, meu velho amigo — uma voz falou na escuridão, deixando o Sharklord paralisado. — Ia embora sem se despedir?

Vega viu um vulto aparecer, materializando-se em meio à fumaça. Muitos Werelords da Lyssia eram capazes de se transformar apenas parcialmente, em diferentes graus. Poucos eram capazes de assumir totalmente a forma da criatura com que a bênção de Brenn os mesclara. Vala, a velha Serpente da Wyrnwood, era uma transmorfa que tinha controle completo sobre a fera. Ghul, o Squidlord das Ilhas Cluster, era outro.

Eliminando rapidamente a distância entre os dois, três tentáculos atacaram o Sharklord. O primeiro o atingiu com força, derrubando-o no chão. O segundo o varreu para longe da varanda. O terceiro o apanhou, prensando-o na parede da sala de guerra com tamanha força que as tábuas de madeira estalaram às suas costas. O sabre de prata rolou pelo piso alguns metros adiante.

— Isso está fácil até demais — rugiu a voz do Kraken, e seu corpanzil se tornou visível, a carne trêmula ondulando em tons de roxo e violeta. Toda e qualquer feição humana tinha desaparecido na transformação. A cabeça e o tronco haviam se fundido no corpo comprido e arredondado do Weresquid, com oito membros monstruosos balançando sob a silhueta oscilante.

Um tentáculo ergueu Vega na parede, esganando e erguendo o conde até sua cabeça bater no teto.

— Solte-o — grunhiu Drew, entrando na varanda. A Moonbrand reluzia em sua mão cinzenta com garras. Ele adentrou o ambiente dominado pela fumaça.

— Nada disso — falou uma voz atrás do Kraken. Uma figura esguia saiu de trás do Squidlord, com um menino se debatendo nos braços. Sua pele era negra como a noite, reluzindo em tons arroxeados e azulados ao ser iluminada pela Moonbrand. Seu braço direito envolvia a garganta de Casper, as garras da mão esquerda à mostra, prontas para atacar o menino.

— Drew Ferran, o Lobo da Westland — ela falou, inclinando a cabeça destituída de cabelos e medindo-o de cima a baixo. — Esta fogueira flutuante era o último lugar onde esperava encontrar você.

— Opal — falou Drew, soltando um grunhido ao reconhecê-la. A Pantera era a segunda felinotropa que conhecia, e tinha uma semelhança impressionante com a primeira. A Weretiger Taboo fora endurecida na arena dos gladiadores da ilha vulcânica de Scoria, e a luta pela sobrevivência por anos a fio destruíra sua capacidade de confiar em quem quer que fosse. Com o tempo, Drew conseguira mudar isso, a ponto de Taboo chegar a considerá-lo um amigo. Cada movimento de Opal parecia calculado e deliberado, como se ela estivesse prestes a atacar a qualquer instante. Taboo também era assim, e sua natureza desconfiada não havia demorado a se transformar em uma agressividade latente e constante. Opal parecia tão mortal quanto ela. Alguns homens da Guarda Kraken tinham se posicionado atrás dela, as espadas com ponta de prata em riste.

— Está se sentindo um idiota agora, não está, Lobo? — falou a mulher, com Casper esperneando em seu braço. — Abaixе essa espada e se renda. Você vai comigo para Highcliff; você e o Tubarão. O rei Lucas quer falar com você.

— E o menino?

Vega grunhiu do local onde estava prensado no alto da parede, chutando o tentáculo do Kraken. Ghul, por sua vez, simplesmente o apertou com mais força, obrigando-o a parar de resistir.

— Este aqui? — questionou Opal, olhando para Casper e beijando carinhosamente sua testa. — Ele é seu queridinho também? Fiquei sabendo que foi camareiro do conde no *Turbilhão*. Não prometo nada, Lobo. Quanto mais você demorar para largar a espada, maior a chance de ele morrer.

Drew hesitou, sentindo a Moonbrand pesar em sua mão. Sentiu o Lobo recuar, escondendo-se sob sua pele. Seu coração gelou. Como se não bastasse Vega estar sob o jugo de Ghul, a vida de Casper também estava em risco.

— Levante essa espada, milorde — uma voz falou atrás dele. — Nem pense em largá-la.

Drew se virou e viu Florimo, as correntes cortadas das algemas ainda penduradas nas mãos. Às suas costas, mais figuras começaram a aparecer na

varanda, um fluxo constante de prisioneiros libertados da fortaleza. Os humanos empunhavam correntes e pedaços de pau como armas, e os transmorfos encontravam-se em plena transformação. Outro Tubarão, uma Arraia, uma Lagosta: todo tipo de Werelords incríveis do mar se materializou ali. O coração de Drew disparou. De repente, passara a estar em vantagem.

— Sobre as suas exigências — falou Drew, rosnando enquanto permitia o retorno do Lobo —, acho que precisamos renegociar.

— Eu ainda estou com o menino, esqueceu? — rebateu Opal, sacudindo bruscamente Casper. — E o Kraken está com o Tubarão!

Drew a ignorou e avançou. Os homens que acompanhavam a Pantera se entreolharam, hesitantes. Mais prisioneiros começavam a entrar na sala de guerra, aderindo à causa do Lobo. A torre oscilou de novo, e outro rangido sinistro ressoou em sua base.

— Se me entregarem os dois, você sai daqui com vida, Opal. Se tocar em um fio de cabelo deles, porém, morre aqui mesmo, agora. Dou minha palavra.

— Então vai ser por cima do meu cadáver! — respondeu a Bela de Bast, sem muita confiança na voz.

O Werewolf voltou sua atenção para a Guarda Kraken.

— Isso vale para os senhores também: larguem as armas. Se forem embora agora, podem ser poupados. Só vou oferecer uma vez. Caso recusem, vamos morrer todos juntos no fogo!

Isso bastou para a maioria deles. As armas foram ao chão quando aqueles que serviam ao Kraken desistiram do compromisso. Enquanto alguns corriam para se salvar, outros voltaram suas lâminas contra Ghul e Opal, em uma medida ainda mais ousada contra os antigos senhores. Apenas um homem da Guarda Kraken se manteve fiel, colocando-se atrás de Opal.

Os presentes se afastaram do Kraken quando seus tentáculos começaram a voar em todas as direções, atacando qualquer um que estivesse ao seu alcance.

— Solte Vega, Ghul! — rugiu Drew, recusando-se a recuar. Quando os tentáculos vinham em sua direção, ele agachava, saltava e bloqueava os golpes.

Opal decidiu que já tinha visto o bastante e tomou o caminho da porta. Florimo atacou com sua corrente, lançando seu guarda-costas pela cabeça. Os elos da corrente envolveram o elmo do soldado. Com um puxão, o guarda foi lançado entre os prisioneiros libertos, tombando em meio aos golpes deles.

Drew se deu conta da fuga de Opal. Ia ser obrigado a escolher entre Vega e Casper. Foi uma decisão fácil.

O Werewolf se afastou do Kraken, agachado, carregando a Moonbrand atrás de si. Mais um salto, e estaria na passagem em arco que levava à escadaria. Opal estava cercada. A Werepanther sibilou e arqueou as costas ao notar que o licantropo ia entrar em seu caminho. Erguendo Casper acima da cabeça, ela o arremessou para Ghul. Um dos tentáculos do Kraken o apanhou em pleno ar. Depois disso, ela se virou e saiu correndo para a entrada da sala de guerra.

O soco que acertou o rosto de Opal foi desferido com a fúria dos justos. O ataque veio do nada, em meio à escuridão, no alto da escadaria em espiral. O punho ursino a acertou bem no meio da cara, deixando a felinotropa inerte no chão.

Um grupo de rostos conhecidos passou sob a arcada, com uma Werebear parcialmente transformada no comando. O manto verde do Reino da Floresta revelava ser Whitley. A seu lado vinha Friggis, o imediato do *Turbilhão*, com uma adaga em uma mão e uma espada curta na outra. A estrutura de madeira rangeu quando uma figura enorme apareceu sob a entrada em arco, preenchendo todo o espaço da abertura.

— Largue os dois agora, Ghul! — berrou a Baleia de Moga, seus pés ameaçando arrebentar as tábuas do piso.

O barão Bosa era inconfundível. Com quase cinco metros de altura, seu corpo era todo marcado por antigas cicatrizes de guerra, a pele branca totalmente esticada sobre o tecido muscular e a gordura. A cabeça e o tronco tinham se unido em uma coisa só. Seu corpo era como uma montanha de músculos e ameaça. Sua boca era como uma fissura em uma pedra, com fileiras de dentes rígidos e graúdos, capazes de esmagar até rocha. Em uma das gigantescas mãos, carregava um tridente negro que brilhava sob a luz fraca das tochas.

— Bosa, seu gordo idiota! — guinchou o Kraken. — Você vem à minha fortaleza pensando que pode mandar em mim?

— Largue os dois agora! — repetiu o outro, avançando para o Weresquid enquanto Drew se mantinha à espreita no meio da fumaça, sem tirar os olhos do garoto preso no tentáculo de Ghul.

Os prisioneiros corriam para a escadaria, cientes de que precisavam sair dali antes que a estrutura desabasse de vez. Nuvens de poeira caíam do teto, dispersando-se em meio à fumaça, quando o Kraken atacou a Baleia. Bosa desviou o tentáculo com o punho fechado, que parecia um tacape.

— Essa escória pendurada em minha parede era um aviso para todos vocês! — gritou o Kraken. — Um aviso para manterem distância, a não ser que quisessem sofrer o mesmo castigo!

— Um aviso? — debochou a Baleia, afastando mais um tentáculo. — Sua Lula imbecil. Isso só ia despertar ainda mais a minha atenção — ele falou, suprimindo uma risada ao erguer o tridente. — Bom, agora você já a tem, Ghul.

— Todos vocês! — gritou o Kraken, levantando Casper e sacudindo-o no ar. — Para trás, ou juro por Sosha que vão receber seu menino de volta aos pedaços! — O monstro mantinha os braços de Casper presos cada um por um tentáculo. O garoto soltou um grito de dor quando o Squidlord esticou ainda mais seus membros, ameaçando cortá-lo ao meio.

Todos hesitaram, com medo do que o enfurecido Kraken pudesse fazer. A Moonbrand desceu como um raio quando Drew atacou o monstro, cortando um tentáculo. A pressão de Ghul sobre o garoto diminuiu imediatamente, e o membro decepado largou Casper, fazendo um sangue negro jorrar no ar. O Kraken grunhiu de raiva e recolheu os tentáculos, arremessando Casper para longe enquanto se debatia. O menino passou por cima da cabeça dos presentes e voou pela varanda, desaparecendo em meio à fumaça preta.

Drew notou que Vega tinha voltado imediatamente à ação. Ele ergueu as mãos, exibindo as garras cinzentas, em plena transformação enquanto agarrava o tentáculo que o prendia ao teto. Escorria sangue de seus pulsos no local onde estavam presas as algemas, mas Vega ignorou os ferimentos. Seus dedos desapareceram na carne do Kraken, e na boca os dentes do Tubarão encontravam-se afiados o suficiente para vir em seu auxílio. O membro violeta do Kraken se partiu com o ataque repentino, determinado e potencialmente suicida do conde.

Vega foi ao chão e saiu rolando. Ele recuperou o sabre do local onde estava, caído sobre o piso. O Kraken voltou toda a sua atenção para o capitão pirata, ignorando o Lobo, mas só teve tempo de ver a lâmina do conde cortando seu corpo na diagonal, de ponta a ponta. A ferida se abriu imediatamente, ameaçando separar o corpo oscilante do Kraken em dois, mas Vega não se deu por satisfeito.

Drew se afastou no momento em que ouviu o sabre cantar, espalhando pedaços de carne de lula no ar, arrancando o sangue negro do corpo da fera. O Kraken não oferecia mais resistência. Tinha se transformado em uma pilha disforme de matéria retorcida, os braços se debatendo nos espasmos da morte.

— Vega! — gritou Drew, tentando arrancar o Sharklord de seu frenesi de vingança. Aos poucos, o conde se virou para encarar o Lobo. Drew percebeu então a profundidade do sofrimento no olhar do capitão, os olhos negros e impassíveis cheios de lágrimas. O sabre desabou no chão, e o conde oscilou sobre os próprios pés.

Drew deu um salto para a frente, segurando Vega antes que este caísse.

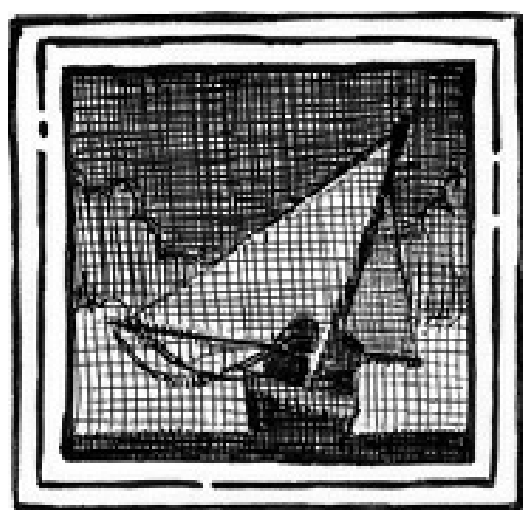
— Precisamos sair daqui, rapaz — disse Bosa com sua voz retumbante quando outra explosão sacudiu a torre. O Whalelord ergueu sua mão gigantesca, segurando a madeira para o teto não desabar. O nível de fumaça começava a ficar insuportável.

— Eu sei — respondeu Drew quando Whitley pôs a mão em seu ombro e ambos olharam para o desolado Vega.

— Meu menino — murmurou o comandante do *Turbilhão*. — Meu pobre Casper.

— Capitão! — gritou Florimo, saltando delirantemente de um pé para o outro enquanto apontava para a varanda. Todos na sala de guerra seguiram seu dedo voltado para o céu escuro mais adiante. Um vulto surgiu em meio a uma nuvem de fumaça. Casper flutuava e oscilava no ar, impulsionado por duas lindas asas de gavião que batiam em suas costas.

— Casper! — repetiu Vega, dessa vez com a voz repleta de alegria, e a nuvem negra que parecia envolver o Tubarão desapareceu imediatamente.



Cruzando o Redwine

De pé na enorme varanda do Salão de Redmire, Gretchen observava a flotilha que atravessava o Redwine. A mansão do Boarlord fervilhava de atividade, com uma multidão de civis abarrotando os jardins, os gramados e o ancoradouro. Em tempos mais felizes, Gretchen passava os verões ali com seus primos Hector e Vincent. Os Werelords das Dalelands sempre tinham sido muito próximos, e Huth tratava a pequena Foxlady como se fosse sua filha. Aqueles jardins já tinham sido seus. No momento, pertenciam ao povo de Redmire.

A multidão se reunia, empilhando ao redor todas as suas posses mundanas — em baús, trouxas e malas —, à espera do transporte para o outro lado do rio. O fluxo constante de animais de fazenda acompanhava as conversas ansiosas das famílias que aguardavam sua vez. Outro fluxo constante, o de embarcações, cruzava o Redwine, transportando o povo da cidade de uma margem a outra. As famosas barcaças do rio, que antes levavam a produção do Jardim da Lyssia, estavam agora ocupadas pelas pessoas que as abasteciam. Um grupo de barracas de romaris já aparecera na margem oposta, um entreposto temporário para os habitantes das Dalelands que haviam escolhido a Dyrewood como o destino mais seguro nesses tempos turbulentos. Os nômades trabalhavam com os Mantos-Verdes, ajudando o povo de Redmire a desembarcar do outro lado. Gretchen se agarrou ao gradil. Era impossível não desejar estar entre eles, atravessando o rio, desaparecendo na floresta encantada e tomando o caminho de Brackenholme.

Da varanda, correu o olhar ao redor, deixando sua mente se transportar para o primeiro encontro com Drew. Ele tinha chegado ali seminu e quase morto de fome depois de escapar da Guarda Leonina ao lado de Hector. Gretchen desenvolvera uma antipatia imediata por ele, e o sentimento era

mútuo, pois os dois viviam em universos totalmente opostos em termos de ideologia e visão de mundo. Aquela era a varanda em que ele a fizera refém, as garras em sua garganta. Assim tinha começado aquela sua grande aventura, com Hector a reboque, quando saíram viajando por rios, bosques e mares da Lyssia até chegarem a Highcliff, onde Drew enfrentou o Leão para reivindicar sua coroa. No entanto, a joia nunca chegou à cabeça do Lobo. Antes da coroação, o universo de ambos — embora tão próximos, tão diferentes — fora virado de cabeça para baixo, e o Lobo e a Raposa acabaram separados. O que poderia ter acontecido se continuassem juntos?

Uma tossidela meio sem jeito a alertou para o fato de que não estava mais sozinha. Ao se virar, deu de cara com Trent parado à porta que levava para fora da mansão. Seu novo manto cinza chegava até abaixo dos joelhos, e o capuz estava nos ombros, deixando à mostra sua cabeleira loira. Uma de suas mãos enluvadas encontrava-se pousada sobre o cabo da Wolfshead, posicionada ostensivamente na bainha, enquanto a outra estava dobrada atrás das costas. Ele fez uma medida. Inexplicavelmente, Gretchen corou, virando-se para o rio.

— Desde quando precisa tossir para atrair minha atenção, Trent? — ela perguntou, com a lembrança de Drew ainda fresca na mente atribulada. — E por que essa formalidade, assim do nada?

— Temos visitas, milady — anunciou Ferran, ao lado de um homem e de uma mulher na varanda.

— Milady — eles disseram em uníssono, fazendo uma medida enquanto Gretchen se virava e sorria, recompondo-se imediatamente.

— Capitão Gerard — ela disse para o primeiro, indo até ele para abraçá-lo. — Que bom ver você totalmente recuperado depois do que passou.

— Nunca me senti melhor — respondeu o velho soldado com um sorriso. — Tudo graças aos seus bravos Rapineiros. Não tinha mais esperanças de salvação quando cheguei ao cadafalso.

— E capitã Quist — continuou Gretchen, abraçando a patrulheira alta de manto verde. — Não tenho palavras para descrever minha alegria em vê-la de novo. Fico muito contente por ter sido você quem veio da Dyrewood para nos ajudar. Temia que nunca mais voltasse a ver alguém de Brackenholme.

A mulher sorriu.

— O mesmo vale para nós, milady. Quando você desapareceu de Brackenholme durante o ataque de Vala, muitos acharam que tivesse sido assassinada. Recebemos a notícia de que estava viva graças ao nosso caro Stirga, que Brenn abençoe sua alma.

— Stirga está morto? — questionou Gretchen com um suspiro de susto e olhou para Trent, cuja expressão ficou imediatamente séria.

— A última vez que o vimos foi quando fugimos da cidade, durante o ataque dos Wyldermen — informou o jovem Manto-Cinza.

— Ele morreu antes da retomada de Brackenholme, infelizmente — respondeu Quist. — Mas não foi em vão, devo acrescentar. Foi o engolidor de espadas que, em seu leito de morte, mandou Drew Ferran à cidade em nosso apoio. Stirga era um companheiro dos mais corajosos e teve um papel muito importante para que os romaris passassem a patrulhar as estradas da Dyrewood junto com os Sentinelas da Floresta. A floresta ancestral é um lugar onde o Leão não vai se aventurar tão cedo.

Gretchen mantinha os olhos fixos em Quist, ciente de que Trent a observava.

— E Drew? Como está o Wolflord? A notícia de que está vivo foi recebida com muita alegria por todos nós.

— Lord Drew ficou pouco tempo conosco em Brackenholme para supervisionar o primeiro estágio de reconstrução da cidade, mas partiu várias semanas atrás, em busca de ajuda na luta contra os Catlords.

— Em busca de ajuda? — questionou Trent. — Para onde ele foi?

Quist estreitou os olhos para Trent.

— Você é o irmão do Lobo, não é? Trent Ferran, é isso? Ouvi falar muito de você. Deve estar muito orgulhoso de Drew.

Trent abriu um sorrisinho sem jeito antes de Quist continuar:

— Ele foi para o Mar Branco. Aparentemente, o único lugar onde a resistência ao Leão vinha surtindo efeito era na água. Drew foi procurar o barão Bosa, a Baleia de Moga. Na opinião dele, a força comandada pelo barão poderia ajudar a mudar o rumo da guerra.

— Sabe se ele teve sucesso? — questionou Gretchen. Era impossível disfarçar o tom de esperança em sua voz. — Ele encontrou a Baleia?

— Não faço ideia, milady. Segundo as notícias que correm pela Dyrewood, a força de Bosa está minguando. Parece que o Kraken arrumou um jeito de derrotar a Baleia. Só nos resta rezar para que Drew esteja bem, assim como Lady Whitley, aliás.

— Whitley foi com ele? — surpreendeu-se Gretchen. — Com certeza era melhor ter ficado em Brackenholme. Estaria muito mais segura por lá, e seu povo precisa dela. Quem foi que permitiu que ela acompanhasse Drew nessa viagem?

— Permitiu? — repetiu Quist, balançando a cabeça. — Acredite em mim. Lord Drew fez de tudo para impedi-la, mas não teve jeito.

— Ela vai acabar se matando! — esbravejou Gretchen. De onde vinha aquela raiva, ela não sabia, mas por algum motivo saber que Whitley e Drew estavam juntos a deixava furiosa.

— Milady, Whitley foi minha companheira nos Sentinelas da Floresta. Ela é tão capaz quanto qualquer outro patrulheiro. Deixou a cidade nas mãos do tio, o barão Redfearn, enquanto a duquesa Rainier se recupera. O general Harker também está lá. Brackenholme está em segurança.

— Então vamos rezar para que os dois estejam bem — concluiu Gretchen. — Enquanto estiver em Redmire supervisionando a evacuação, por favor, sinta-se em casa, capitã.

Quist assentiu com um aceno de cabeça, e Gretchen se virou para Gerard.

— Algum sinal da Guarda Leonina?

— Nada — respondeu o capitão. — Parece que enfiaram o rabo entre as pernas e fugiram depois da morte de Vorhaas. Uma vitória das mais inesperadas para o povo de Redmire.

— Só lamento que a vitória tenha um custo tão alto — comentou Gretchen, e os outros expressaram sua concordância com murmúrios.

Por mais que tivesse sido emocionante ver o povo expulsar os Mantos-Rubros da cidade do Boarlord, sabiam que os Catlords não deixariam a rebelião impune. O rei Lucas certamente mandaria suas tropas assim que a notícia da derrota de Vorhaas chegasse a seus ouvidos. Diante disso, a decisão de evacuar Redmire fora tomada com rapidez, ainda que com certa relutância.

— Não temos escolha a não ser sair da cidade, milady — afirmou Gerard. — É com o coração partido que estou indo embora, pois nasci aqui. Mas ficar seria suicídio. É o primeiro lugar para onde Lucas vai se voltar em busca de vingança.

— Você não vai mesmo comigo para Brackenholme, milady? — perguntou Quist. — Com certeza o lugar mais seguro para você é ao lado de seus amigos na floresta.

— Acredite, capitã, pensei muito sobre isso.

Os Mantos-Verdes tinham aparecido assim que amanhecera, logo que ficaram sabendo da rebelião em Redmire. Dois destacamentos dos Sentinelas da Floresta haviam atravessado o rio de barco, informando ao povo das Dalelands de que a Dyrewood era um bom refúgio e prometendo uma viagem segura pela estrada Dymling.

— Para onde você vai, então? — questionou Quist, seguindo Gretchen até o gradil, de onde ela observava a movimentação no rio.

— Por mais tentadora que possa ser uma retirada para a Dyrewood, não posso deixar o povo do meu reino à mercê dos Catlords. Lucas vai lançar um ataque em retaliação ao que fizemos com seu exército em Redmire. Quando isso acontecer, eu e os Rapineiros vamos precisar estar nas Dalelands, à espera dele. Se pensa que temos medo de seus Mantos-Rubros, ele vai ter uma bela surpresa.

— Pois é — concordou Gerard, estufando o peito de orgulho.

— A cidade de Bray fica um pouco mais acima no rio, do outro lado da Badgerwood — falou Trent. — Talvez o conde Fripp seja simpático à nossa causa. Se os Rapineiros puderem se deslocar até lá com rapidez e discrição, sem deixar rastros, pode ser o lugar perfeito para pedir abrigo antes dos combates.

— Verdade — concordou Gerard. — Fripp é um velho amigo do falecido barão Huth. Ficou do lado do Lobo quando o Leão foi deposto em Highcliff. Pode até ter se ajoelhado diante de Lucas alguns meses atrás, mas desconfio que sua verdadeira lealdade não seja exatamente voltada a ele.

— O Badgerlord também conhecia meu pai — acrescentou Gretchen. — O Texugo é um bom sujeito e adora as Dalelands. Não viraria as costas para nós.

— Muito bem, milady — falou Quist. — Com sua licença, preciso voltar para o rio e acalmar as pessoas.

— Acalmar?

— Sim — respondeu Quist. — Estão todos preocupados com o que vão encontrar na Dyrewood, o que é compreensível.

— E tristes por causa de tudo o que estão deixando para trás — acrescentou Gerard.

Gretchen não pensou duas vezes. Foi até a beirada da varanda e se dirigiu às pessoas reunidas à beira do Redwine.

— Não tenham medo do que está por vir! — ela gritou, e todos os que estavam por lá se viraram para a sacada. — Vocês estão viajando na companhia de nossos amigos da Dyrewood. Os Sentinela da Floresta conhecem a região como ninguém, e os romaris são os mais nobres dos guias. Apenas os inimigos do Reino da Floresta a consideram um lugar assombrado; vocês não têm o que temer.

Ela pigarreou, ciente das reverberações que aquela última frase tinha sobre seu coração. Havia muito o que temer na Dyrewood, de feras espreitando na escuridão aos Wyldermen que ainda habitavam a floresta. Ela e Trent haviam encontrado monstros que os perseguiram sobre duas e quatro pernas, e até mesmo alguns que se movimentavam pelo alto das árvores. Mas os habitantes das Dalelands tinham a vantagem de se deslocar em grupos numerosos, com Mantos-Verdes e romaris a escoltá-los. “Cheguem logo a Brackenholme”, desejou, “e vai ficar tudo bem.”

— Não é o fim para Redmire — continuou Gretchen. — As Dalelands vão ressurgir das ruínas provocadas por Lucas. Não chorem pela vida nem pela terra que estão deixando. Olhem para trás com a confiança de que vão voltar. Este ainda vai ser o lar de vocês outra vez. Eu lhes dou minha palavra.

O povo de Redmire aplaudiu, acenando com mãos, lenços e chapéus para demonstrar sua animação. Sorrisos apareceram nos rostos da multidão. Gretchen sorriu em resposta, apesar do nó em seu estômago.

— Que Brenn os proteja — ela sussurrou.

— Esse é o meu trabalho, milady — falou Quist. A capitã fez mais uma medida e se despediu de Trent e Gerard com apertos de mão. Retirou-se, e o capitão foi atrás, deixando Trent e Gretchen sozinhos.

— Sabe que pode ir com eles, não sabe? — ela falou sem olhar para Trent. — Vai estar em segurança em Brackenholme. Você viu como a cidade é bem protegida. Os Wyldermen só conseguiram entrar uma vez, e ninguém nunca mais repetirá esse feito.

— Não.

— Se for com os Rapineiros para Bray, não há como saber o que nos espera. Lucas já pode ter seus homens por lá, assim como Vorhaas estava aqui e Krupha em Hedgemoor.

O medo invadiu seu coração, ameaçando tomar conta de seu corpo. Era verdade: quem poderia prever o que os esperava em Bray?

— Podemos marchar para um destino ainda mais terrível do que aquele que teríamos aqui. Posso estar indo direto para os braços da morte — ela falou, a voz embargada, presa na garganta.

— Você não vai estar sozinha — disse Trent, inclinando-se para a frente até se aproximar da orelha de Gretchen. Ela sentiu os dedos dele se entrelaçando aos seus para apertar sua mão e reconfortá-la. O rosto dela enrubescceu. — Vou estar ao seu lado.



A cavalgada do Leão

As mãos do magíster Shuriko, em geral firmes e seguras, tremiam ao tocar a carne dilacerada. Ele descendia de uma longa e acidentada linhagem de curandeiros, que serviam às Panteras de Braga. O período de vida dos ancestrais de Shuriko variava — os mais sábios conseguiam chegar à velhice, enquanto os cirurgiões mais imprudentes logo viam abreviada sua estadia no mundo. As Panteras não tinham muita paciência com tolos, e seu temperamento mais cedo ou mais tarde vinha à tona. Isso às vezes representava uma péssima notícia para os magísteres que os serviam. Shuriko levava consigo como exemplo a estranha morte de seu pai, magíster Shappora, afogado em uma vasilha de vinho. Acontecera apenas alguns anos antes, quando o jovem curandeiro fora alçado às pressas ao posto de seu pai, lançado sem aviso na corte de Braga. O fato de o pai de Shuriko ter sido abstêmio durante a vida toda era uma prova relevante de acusação contra o Werelord que ele servia quando tivera seu “acidente”, o mesmo que agora era o senhor de Shuriko: Onyx. A ferida da qual Shuriko tratava no momento ia de um lado a outro do tronco da Fera de Bast.

Onyx estava de pé, os braços estendidos, como se estivesse tirando as medidas com um alfaiate, e não sendo costurado. Os ferimentos que sofrera no combate com o duque Henrik haviam deixado marcas sangrentas por todo o seu corpo, porém a mais grave era aquela que corria em diagonal do ombro direito ao lado esquerdo do quadril. Onyx deveria ter morrido por causa desse corte, pelas mãos do Urso Branco, mas o destino de ambos se invertera pela ação de Lucas.

Uma ponta de agulha mal posicionada fez Onyx se encolher de desconforto, e as enormes panteras negras do Panterlord soltaram um rosnado do local onde estavam. Shuriko ficou paralisado por um momento, temeroso.

— Não tenha medo de Kibwana e Kibibi, Shuriko — falou Onyx. —

Eles são apenas filhotes. Espere até ficarem adultos. Por favor, continue.

— Eu só digo uma coisa — manifestou-se o general Gorgo, despejando bebida em sua taça —, a batalha agora está para nós. Os sturmianos estão em debandada. Mais um empurrão, e os jogamos para fora das montanhas.

— Sem o Urso Branco, o caminho está aberto para marcharmos sobre Icegarden — acrescentou o conde Costa, observando o trabalho de Shuriko. — Assim podemos ter nosso acerto de contas com Mão Negra e os Corvos. Veremos como o Javali e seus amigos vão lidar com os Homens-Lobos do rei.

Esse último comentário provocou uma risadinha nervosa do Hipopótamo. Os dois Werelords estavam sentados em torno da fogueira no centro do acampamento de Onyx, relaxando depois de um dia caótico no campo de batalha. As instalações ali eram bem mais modestas do que as acomodações anteriores da Pantera, que haviam sido reivindicadas pelo Leão em sua chegada. Gorgo e Costa pareciam exaustos, as armaduras imundas, mas sentiam-se aliviados por enfim poderem entrar em ação contra os inimigos.

— Não ficaria tão empolgado com a ação dos nossos novos “aliados”, Costa — falou Onyx enquanto o magíster perfurava a pele de sua barriga com a agulha. — A balança da guerra pode ter começado a pender para o nosso lado, mas a que custo?

— Não temos como negar que eles acabaram com o impasse — falou Gorgo.

— Verdade — concordou o Abutre. — Nossos homens estavam ficando gordos e preguiçosos depois de tanta espera para a batalha começar. Os Lobos Selvagens de Lucas encheram o coração dos sturmianos de medo de um jeito que nunca conseguiríamos.

— Sua natureza imprevisível e selvagem deixou os inimigos apavorados — acrescentou o Hipopótamo. — Demônios como esses não seguem nossas leis nem lutam segundo nossas regras.

— Essa é uma coisa que eles têm em comum com o rei, então — disse Onyx. — Você fala desses Homens-Lobos como se fossem heróis, Gorgo. Eles são abominações, transmorfos bastardos sem a menor noção do poder que têm. Canibalizar os inimigos, que ideia é essa? Eles instilam medo no

coração dos próprios aliados!

— Amados ou odiados, nos colocaram em vantagem — argumentou o general. — Mais uma semana com eles levando o caos em nossa dianteira, e já poderemos pensar em ir para casa. Não vai haver mais ninguém no nosso caminho depois da vitória nas Whitepeaks. Estas montanhas eram a última esperança do Lobo.

— Eles me dão nojo, e isso nunca vai mudar — rebateu Onyx. — Esta vitória vai entrar para os anais como um triunfo vazio, que jamais seria alcançado sem ajuda externa.

— Isso, todo mundo já está dizendo — murmurou Costa. — Afinal, não estamos aqui enfrentando a guerra de Lucas por ele?

— Como eu já disse muitas vezes — grunhiu Onyx —, um ataque a um Catlord é um ataque a Bast. Nossa guerra é justa. Conforme determinado pelo Fórum dos Anciãos, vamos ajudar o rei menino a obter a vitória que seu pai não conseguiu. E depois ensinaremos ao jovem Leão o que significa lealdade.

— Não entendi — disse Gorgo, inclinando-se para a frente na cadeira.

— Eu tomaria cuidado com as palavras agora, milorde — Costa disse a Onyx, apontando com o queixo para o curandeiro, que ainda se ocupava da sutura.

— Não se preocupe com o magíster Shuriko — falou Onyx. — Ele está com a minha família há mais tempo que o jovem Leão. Ele e seus antecessores sempre entenderam bem o conceito de lealdade. Não é mesmo, Shuriko?

O magíster fez que sim com a cabeça, mas não abriu a boca, continuando com os olhos fixos em seu trabalho.

— Lucas precisa de... um pequeno lembrete do que significa ser um Catlord de Bast — continuou Onyx. — Uma liçãozinha sobre lealdade que vou ministrar de bom grado.

— E se um pequeno lembrete não funcionar? — sussurrou Gorgo.

Onyx sorriu. Antes que pudesse responder, o grunhido de suas panteras alertou os Werelords de que alguém se aproximava da barraca. Os dois grandes felinos se levantaram, fazendo Gorgo e Costa se encolherem nas cadeiras. Suas cabeças se viraram para a entrada, cuja lona se abriu de

repente para a passagem do xerife Muller. Não havia tempo para pedir licença, tampouco para requisitar uma audiência. Kibwana, o macho, rosnou para o humano, mas Muller o ignorou e se dirigiu a Onyx:

— Você precisa vir comigo imediatamente!

O magíster Shuriko corria com a maleta ainda aberta, o conteúdo sacolejando lá dentro, enquanto tentava acompanhar as passadas de Onyx, que caminhava à sua frente com Muller logo ao lado, apontando para um ponto adiante. A agulha e a linha ainda estavam penduradas no tronco da Pantera. O trabalho do magíster estava incompleto, e a ferida, aberta. Uma fileira de Mantos-Rubros e bastians havia se formado na extremidade sul do acampamento. Quando Onyx se aproximou, os soldados abriram caminho, permitindo a passagem dos Werelords.

Os outros membros do conselho de guerra já estavam presentes, com o general Skean ao centro e os demais ao redor. Onyx ouviu gritos e relinchos em meio à escuridão, pois uma discussão acalorada acontecia nos estábulos ali perto. Havia um homem caído aos pés de Skean, recebendo os cuidados de um dos cirurgiões de campo da Guarda Leonina. A montaria ao lado dele protestava. O cavalo estava claramente extenuado.

— Major Krupha? — disse Onyx para o ferido. — Que horário mais incomum para uma visita, não?

Apesar da saudação sarcástica, a preocupação no tom de voz de Onyx era perceptível. Krupha era um bom homem de Braga, a cidade natal da Pantera, e um oficial competente no campo de batalha. O fato de ter aparecido sozinho nas Badlands no meio da noite era algo preocupante.

— Milorde — respondeu Krupha, batendo no peito em continência. Seu rosto exibia uma expressão moribunda. — Até mandaria um cavaleiro para avisar sobre a minha chegada, mas não conheço nenhum que seja mais veloz que eu.

O cirurgião da Guarda Leonina rolou Krupha para o lado com cuidado, tentando deixá-lo mais confortável. A pilha de retalhos ensanguentados a seu lado dizia tudo o que era preciso saber, além da flecha que havia sido removida do corpo do oficial. O major sentia muita dor, lutando para permanecer consciente.

— Shuriko — chamou Onyx. — Vá ajudar.

— Mas a sua barriga, milor...

— Vá ajudar agora — ordenou a Pantera. — Quero meu melhor magíster cuidando do meu melhor oficial!

O sorriso de Krupha em meio à agonia se ocultou quando Shuriko se agachou a seu lado.

— O que aconteceu? — questionou Gorgo. — Por que Krupha está aqui? Onde está Vorhaas?

O general Skean se virou para o Pantherlord, ignorando o Hipopótamo.

— Ao que parece, os tais Rapineiros de Hedgemoor são mais determinados do que esperávamos. Redmire caiu, e Vorhaas está morto.

— Esses rebeldes mataram o Ratlord? — questionou o conde Costa, incrédulo. — Quantos eles são?

— Centenas, segundo Krupha — falou Skean, olhando para o major por sobre o nariz comprido. — Por outro lado, não seria a primeira vez que o único sobrevivente de um posto avançado que tombou exagera no relato.

— Não menospreze o major dessa maneira — rebateu Onyx. — Krupha é um bom soldado. Preferiria que ele tivesse ficado e morrido com a Guarda Leonina imprestável que tinha sob seu comando?

Os Mantos-Rubros reunidos ao redor murmuraram seu descontentamento com as palavras de Onyx, mas ninguém ousou retrucar.

— Preferia que ele tivesse ficado ao lado do general Vorhaas — respondeu o Cranelord. — Perdemos um grande general.

— Se ele tivesse ficado ao lado do Ratlord, teria morrido também, como bem sabe — grunhiu Gorgo para seu rival. — Como Vanmorten recebeu a notícia do falecimento do irmão?

— Como você acha? — rebateu Muller, incomodado. — Rangendo os dentes podres e contraindo sua carne queimada. Mas essa é só mais uma encenação dos Ratos: eles odeiam uns aos outros com a mesma intensidade com que odeiam seus inimigos.

— Alguém poderia se dar ao trabalho de contar exatamente o que sabemos? — pediu Onyx.

O Pantherlord ouviu com atenção enquanto o general Skean repassava o relato de Krupha, desde seu primeiro encontro com os Rapineiros na estrada da Várzea Baixa até o ataque bem-sucedido a Redmire. Enquanto os conselheiros discutiam sobre os detalhes da história contada pelo major, Onyx se mantinha atento ao barulho nos estábulos, aos rosnados e aos gritos constantes, que eram o ruído de fundo para os desentendimentos dos Werelords.

— A menina que liderou os ataques — disse Onyx, olhando para os estábulos. — Tem certeza de que era uma Werefox?

Nisso Gorgo e Skean concordavam.

— Sim — confirmou o Canelord. — Ela se transformou e atacou Vorhaas no cadafalso quando ele ia executar um dos líderes dos Rapineiros. Um rapaz loiro com uma espada Wolfshead se encarregou do resto.

— E Lucas está sabendo desse detalhe? — perguntou a Pantera, fazendo uma careta.

— Positivo — respondeu Skean. — Foi direto para os estábulos com seus Wyldermen para...

Onyx saiu correndo pelo acampamento, rumo aos estábulos. Quando chegou, encontrou os ferreiros em uma agitação histérica. Alguns apresentavam ferimentos nos braços e nas pernas, e um estava com o nariz sangrando. Um pobre jovem estava todo encolhido, de joelhos, a mão sobre uma mordida no antebraço. Entre eles estava Vanmorten, que se voltou para Onyx quando o Werepanther se aproximou.

— Tentei argumentar com ele, mas não teve jeito! — estrilou o Lord Chanceler. — Se é para alguém ir até lá, deveria ser *eu*, para vingar a morte do meu irmão!

As bufadas e o tropel de vinte cavalos fizeram os cavaleiros se afastar, deixando apenas Onyx e Vanmorten em seu caminho. O Ratlord deu um passo para trás quando a cavalaria ameaçou atropelá-lo, mas o Werepanther se manteve onde estava, soltando um rugido. Os animais, surpresos, detiveram o passo e empinaram, ameaçando derrubar os cavaleiros das selas, embora os Lobos Selvagens continuassem firmes. Os cavaleiros monstruosos rosnaram, escancarando os dentes para Onyx sobre as inquietas montarias. A Pantera notou que os animais estavam tão assustados com os cavaleiros

quanto com ele, os olhos se revirando nas órbitas.

— Saia da frente, tio — esbravejou Lucas, que cavalgava no centro da fileira de selvagens.

— Não — respondeu simplesmente a Pantera. Sua barriga sangrava de novo. — Precisamos de você aqui, Lucas. De você e de seu grupo de... *Lobos Selvagens*.

— É *rei* Lucas, esqueceu? — gritou o Lionlord, furioso, e sua montaria cinzenta deu alguns passos à frente. — E, como já deve saber, minha futura rainha foi vista nas Dalelands. Minha intenção é trazê-la para casa.

— Precisamos de você aqui, majestade, com seu exército. O comando agora não está mais nas minhas mãos, lembra? Você não pode abandonar essa responsabilidade agora. Suas ações naquela noite, por mais que eu não concordasse, foram decisivas.

— Vou tomar isso como um elogio — falou Lucas.

— Não tome — retrucou Onyx. — Você abriu um precedente para a forma como a guerra vai se desenrolar daqui em diante. As regras a que obedecíamos no passado foram abandonadas. Não temos mais como estabelecer tréguas, diálogos ou acordos com os sturmianos, não depois do que você fez com o senhor deles; não depois do que seus Homens-Lobos fizeram com os companheiros deles!

— Você *precisava* da minha intervenção, Onyx! Se os Lobos Selvagens e eu não tivéssemos aparecido, quem sabe quanto tempo ainda duraria essa guerra?

— A primavera já chegou! — rugiu a Pantera, e uma aglomeração começou a se formar ao redor. — Estávamos prestes a lançar uma ofensiva. Agora é o momento ideal para os meus guerreiros bastians, com um clima ameno, e não diante de um inverno implacável! Eu teria expulsado os sturmianos das Whitepeaks antes do fim da semana.

Gorgo, Costa e os demais membros do conselho de guerra se juntaram a Vanmorten, com um mar de Mantos-Rubros e bastians às suas costas.

— Você ainda pode fazer isso, Onyx — grunhiu Lucas. — Meus Lobos Selvagens facilitaram demais seu trabalho. Abriram caminho para você marchar sobre Icegarden e acabar com o que restou de resistência por lá. Mas infelizmente vou precisar de Coração Negro e seus aliados. Eles não poderão

ajudá-lo como fizeram na outra noite.

Enquanto os Wyldermen espumavam e grunhiam uns para os outros e para os cavalos, Coração Negro era o único que permanecia controlado. O xamã estava impassivelmente sentado na sela de um cavalo preto, os olhos lupinos cravados no Pantherlord.

— Esse é o meu cavalo! — gritou de repente Vanmorten. Coração Negro reagiu mostrando os dentes para o Ratlord.

— Você precisa terminar o que começou aqui, Lucas — argumentou Onyx. — Meus homens de Bast não podem ser responsabilizados pelas atrocidades que seus Lobos Selvagens cometeram. Nem a Guarda Leonina, nem os escaramuçadores de Muller. Foi você quem mandou essas abominações para cima dos sturmianos. Precisa responder pelas ações deles.

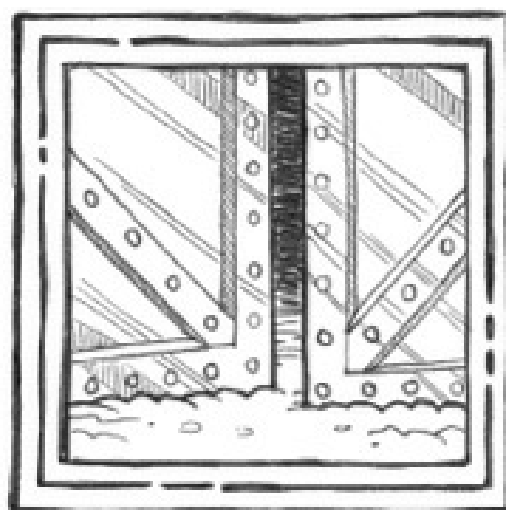
— Pode responder por mim, tio — disse Lucas, dispensando a argumentação de Onyx com um gesto. — Minha prometida me aguarda nas Dalelands. É impossível saber que tipo de baboseiras colocaram na cabeça dela, mas estou confiante de que conseguirei reacender nosso amor.

— Ela odeia você! — riu-se Onyx.

— Você e os outros Catlords sempre invejaram o caráter passional dos Leões, Onyx — esbravejou Lucas. — Nossa força e nossa raiva devem ser difíceis de engolir para os outros felinotropos, já que a sombra de meu pai atravessou o Estreito da Lyssia e chegou até Bast. Ele tinha seus defeitos, mas conquistou os Sete Reinos, assim como eu vou fazer... — Ele se inclinou para a frente na sela. — Assim que estiver com a minha noiva.

Lucas golpeou a montaria com força com os calcanhares, e o grande animal cinzento saiu em disparada, com os Wyldermen em seu encalço. Onyx permaneceu onde estava, os pés cravados no chão, e a fileira de cavalos se abriu para passar a seu redor. Ele se virou lentamente quando a tropa galopou para longe, rumo ao sul.

— Sobre uma coisa ele está certo — comentou o conde Costa, posicionando-se ao lado de Onyx, a cara amarrada em meio à nuvem de poeira. — Esses Leões são mesmo passionais.



Acerto de contas

Hector estava à sombra do Portão de Strakenberg, com fileiras de guerreiros ugri cercando a estrada dos dois lados, escondidos atrás dos bancos de neve. A primavera podia estar quase chegando a Sturmland, mas no alto das Whitepeaks o clima continuava cruel. Atrás dele, mais ao sul, os sons distantes da batalha ecoavam, com o exército do Leão enfim lançando sua ofensiva contra as forças do duque Henrik. O Boarlord havia estado nas muralhas de Icegarden com os Crawlords na noite anterior, observando em meio a uma neblina espessa, ouvindo urros e gritos carregados pelo vento. Lord Flint e seus irmãos ficaram se perguntando que tipo de transmorfos — ou criaturas — Onyx tinha lançado contra os sturmianos. Ninguém tinha certeza, mas todos concordavam que algo havia mudado. Os Catlords haviam jogado uma cartada brutal e inédita, que mudaria para sempre o rumo da guerra.

Para Hector, estar fora dos limites da cidade era uma ocasião rara. Os últimos meses haviam se passado com ele trancafiado dentro das muralhas, questionando prisioneiros nas masmorras ou vasculhando as minas atrás de relíquias mágicas. Nenhuma das duas coisas dera resultado. A duquesa Freya e as Filhas de Icegarden se mantinham caladas sobre o paradeiro do Cajado Wyrn, e as minas eram um labirinto de cavernas e forjas interconectadas. Em suas expedições, Hector fazia questão de, além de ir acompanhado por Ringlin e Ibal, levar consigo um ferreiro ou dois. As minas eram um lugar perigoso por si só para um forasteiro, e o magma e os vapores das profundezas tornavam o risco ainda maior.

A administração de Icegarden fora deixada quase inteiramente nas mãos de Lord Flint, já que a busca de Hector o mantinha a maior parte do tempo fora da sala do trono. Isso vinha preocupando seus colaboradores mais próximos, especialmente Ringlin, incomodado com o fato de os Corvos

dominarem cada vez mais a cidade. Flint começara a dar ordens para os ugri, e o pior era que eles obedeciam. Os Corvos eram tão indignos de confiança quanto os Ratos. Permitir que Flint tomasse decisões em nome do Boarlord significava estar sempre no fio da navalha. Na visão de Ringlin, o lugar de Hector era na sala do trono, sempre de olho naqueles que considerava seus aliados. No entanto, ele estava do lado de fora dos portões de Icegarden — a *sua* cidade —, à espera dos prisioneiros capturados no porto sturmiano de Shannon.

A notícia a respeito dos três prisioneiros atraía toda a atenção de Hector: um homem de idade, uma mulher de cabelos brancos e uma garota, segundo o mensageiro. Viajavam para o leste depois de terem chegado à cidade portuária de Roof, mais ao norte. E o velho não era um homem qualquer. Era um Werelord, que, após se transformar, abatera vários guerreiros ugri antes de ser dominado e cujos grandes chifres deixaram muitas vítimas em seu rastro. “Será possível?”, Hector se perguntou. “Será que eles vieram *mesmo* parar nas minhas mãos?”

A pele de Hector se arrepiou de excitação quando olhou para as próprias mãos. A direita permanecia enluvada, protegida dos elementos pelo couro negro. A esquerda estava exposta, a carne morta estalando em cima dos ossos quando ele a flexionou.

“O que vai fazer, irmão? Como vai recebê-los?”, sussurrou Vincent, o vil, todo animado, enrolando-se em seus ombros como um cachecol espectral.

— Como você acha? — Hector respondeu com um fraco murmúrio.

Ringlin, de pé à sua direita, olhou para o lado ao ouvir as palavras de seu senhor, enquanto Ibal oscilava o peso do corpo entre um pé e outro. À esquerda de Hector estava Dois Machados, o comandante dos ugri de Icegarden. Desde que Hector assumira o controle da cidade, mais ugri haviam se deslocado de sua terra natal, Tuskun, para se juntar ao Boarlord na capital sturmiana.

Uma multidão de guerreiros ugri apareceu em meio à tempestade de neve, a guarda de honra batendo as armas em escudos ao passarem no meio de suas fileiras. Eram liderados por Sinistro, o batedor de olhos de águia que fora um dos primeiros a se juntar a Hector, junto com Dois Machados. Três silhuetas distintas podiam ser vistas entre os guerreiros, de cabeça baixa, quando se aproximaram do Portão de Strakenberg. Hector sentiu uma onda

de emoções invadi-lo: alegria e tristeza, medo e raiva. Aquelas pessoas eram traidores trazidos para o acerto de contas que ele prometera a si mesmo.

O duque Manfred ia à frente das duas ladies, as mãos amarradas com grossas cordas. A rainha Amelie ia à sua esquerda, e Lady Bethwyn, sua dama de companhia, à direita. Bethwyn, a jovem Gata selvagem de Robben, mantinha os olhos fixos no chão, enquanto Manfred erguia a cabeça ao se aproximar. Tinha os olhos apertados por causa da neve que castigava seu rosto, o bigode e a barba grisalha cobertos de gelo. Seus olhos se arregalaram ao verem quem o encarava.

— Por Brenn, não — ele falou, o desânimo aparente na voz.

Hector deu um passo à frente, tentando pensar em algo para falar. O Boarlord levou a mão à cintura, sacando a adaga cravejada de joias do cinto, avançando e esfaqueando o ar em direção ao Staglord Manfred. As esperanças de Hector de ser capaz de proferir um discurso ácido e sofisticado tinham se dissipado, varridas por uma tempestade de fúria. O duque deu um passo incerto para trás quando o magíster chegou mais perto.

— Você me deixou para morrer em Friggia! — rugiu Hector.

Manfred firmou os dois pés no chão e encarou Hector.

— Você é um assassino, Hector. Todos nós sabemos muito bem o que aconteceu com Vega. Como pôde fazer isso?

— Ele era um sanguinário! Não derrame nenhuma lágrima por aquele monstro... Ele não era digno de confiança!

— Ele jurou lealdade ao Lobo, assim como eu e você. Quando isso aconteceu?

— Quando aconteceu o *quê*? — rebateu Hector, sua Guarda Javalina se agitando a seu redor, a tensão no ar diante dos portões de Icegarden ameaçando derreter as muralhas de gelo da cidade.

— Quando esse juramento passou a não significar nada para você?

Hector apertou com força a adaga, resistindo à tentação de rasgar a barriga do velho tolo.

“Esse Cervo pretensioso! Quem ele pensa que é, Hector? Acabe logo com ele! Deixe a neve invadir suas entranhas!”

Hector ignorou o vil, lutando para conter a raiva com todas as forças de

seu ser. Queria mostrar com quem estavam lidando, em que tipo de Werelord havia se transformado. Não podia jogar tudo isso fora com um simples golpe de sua lâmina. Aqueles traidores eram mais importantes vivos do que mortos, em especial a rainha. Ela podia significar o perdão de Lucas, e Hector precisava contar com essa possibilidade caso quisesse que o novo rei aceitasse a existência de um foco de poder nos Sete Reinos, alguém com quem deveria colaborar, e não rivalizar. As peças do jogo distribuíam-se agora nos lugares certos. A vez do Boarlord se aproximava.

— O Conselho Lupino se desfez quando Drew desapareceu, Manfred. Esses juramentos não têm mais sentido.

— Não é verdade, Hector, e você sabe disso — respondeu o duque com desdém. — A notícia chegou até nós em Shannon antes de seus capangas ugri: Drew está vivo, não está?

Hector precisou se esforçar para esconder sua irritação.

— Sim, Drew está vivo. Mas e daí? Ele representou uma esperança quando o Conselho se formou, só que isso não durou muito. Hoje a Lyssia é bem diferente do que quando Drew apareceu. Se ele tiver voltado e estiver disposto a se juntar a mim, pelo bem dos Sete Reinos, será uma boa notícia para todos.

— E se não estiver disposto? — questionou Manfred. — E se ele perceber o que você é? Um traidor?

Hector olhou feio para o Staglord.

— Se Drew não quiser cooperar comigo... então estará contra mim. Se isso acontecer, ninguém vai ficar mais triste que eu, que sempre adorei Drew. Mas que aliados, ou esperanças, Drew ainda tem? Suas bases de sustentação ruíram. Seus amigos estão quase todos mortos. Analisando bem, ele precisa mais de mim do que eu dele, Manfred. Olhe ao redor: onde está o salvador dos Sete Reinos quando seu povo mais necessita?

Hector inclinou a cabeça para o lado ao notar que as pernas de Amelie estavam fraquejando, como se suas palavras a tivessem machucado fisicamente. Ringlin deu um passo adiante e, com a ajuda de Ibal, a segurou antes que caísse.

— Perdão, Majestade — disse Hector. — Lamento muito. Drew foi o melhor amigo que já tive. Mas os tempos mudaram, assim como o equilíbrio

de forças.

— Você é um monstro! — Amelie gritou em meio às lágrimas, amparada pela Guarda Javalina.

— Sou um servo da Lyssia.

— Você é servo de si mesmo — rebateu Manfred.

Hector ignorou o duque.

— Com o desaparecimento do último dos Lobos cinzentos, a Lyssia precisa de alguém para ocupar esse vazio. Existem tronos a ser preenchidos em *todos* os Sete Reinos.

Seus olhos se cravaram em Manfred, e um sorriso malicioso se abriu no rosto magro e pálido de Hector.

— Quais são as notícias de Stormdale? — murmurou Manfred, e seu olhar furioso foi substituído por uma expressão esperançosa por alguns instantes.

Hector se aproximou e ficou cara a cara com aquele que o confrontava. O Boarlord sabia o que tinha acontecido em Stormdale, terra natal do Staglord. A cidade sobrevivera aos ataques incessantes do exército do Leão, e as forças invasoras tinham sido expulsas das Barebones. Mas o duque não tinha ciência disso.

— Sua preciosa cidade tombou, Manfred, assim como todos dentro das muralhas dela. Pelo que ouvi dizer, Corvos e Ratos estavam destruindo tudo, tijolo por tijolo, e arrancando os olhos dos mortos. Seu tempo de glória acabou, Staglord.

Manfred baixou a cabeça, encostando o queixo no peito. Hector se virou para Ringlin e Ibal, que expressaram sua aprovação com um aceno de cabeça, ainda com a rainha nos braços. Quando o magíster se virou de novo para o duque, Manfred erguia a cabeça, os chifres que surgiam em sua testa atingiram o peito do Boarlord, arrancando-o do chão. Hector sentiu algo perfurando seu peito e ficou sem fôlego quando uma ponta afiada atingiu-lhe o pulmão.

Ringlin e Ibal largaram a rainha na neve e, junto com os ugri, cercaram o Staglord que prendia o magíster ferido na ponta da galhada. Hector se debatia, sentindo uma dor profunda e impossível de mensurar. Não conseguia

respirar, e o peso de seu corpo forçava os chifres ainda mais para dentro, enfiando-os entre suas costelas.

O punho de Sinistro atingiu Manfred na altura dos rins, derrubando o exausto Staglord de joelhos no chão. Não foi preciso mais nada. A cabeça dele tombou, e Hector desvencilhhou-se da galhada. O Boarlord caiu na neve, a mão seca apertando o ferimento no peito, os lábios se tingindo de um vermelho líquido.

— Acabem com ele! — Hector ordenou, gorgolejando, o sangue preso na garganta enquanto encarava o Staglord. Dois Machados deu um passo à frente, erguendo as armas.

— Não! — gritou Bethwyn, a jovem lady de Robben, colocando-se na frente do guerreiro ugri. Dois Machados hesitou, sem saber o que fazer, esperando por uma instrução de seu senhor.

Hector estendeu a mão negra, e o vil aproveitou o momento. Rápido como uma cobra, enrolou-se no pescoço de Bethwyn. O ugri deu um passo para trás quando a garota levou a mão à garganta, tentando agarrar o fantasma invisível.

Hector sacudiu a cabeça, sentindo a visão embaçar. O que estava acontecendo? Por que sentia dor? Onde estava? O magíster se ergueu, mas o lado esquerdo de seu corpo cedeu por completo, mandando-o de joelhos na neve. O gosto metálico do sangue invadiu sua boca, subindo pela garganta. Teve que se esforçar para ficar de pé em meio aos ugri, a adaga cravejada de joias na mão.

Bethwyn ficou na ponta dos pés, fazendo uma estranha dança na neve. O espírito maligno de Vincent a atacava sem trégua, diante dos olhos dos guerreiros de Tuskun. Manfred estendeu a mão, tentando ajudá-la, mas dois golpes de tacape o jogaram de volta no chão. Hector conseguia ver o vil e sua ação macabra, uma nuvem estreita de fumaça preta apertando a garganta da menina de quem um dia ele havia gostado. O magíster ergueu a mão para chamá-lo de volta, tentando se concentrar, mas sua mente ainda estava inebriada pela dor, tornando-o incapaz de controlar seu demônio.

Uma movimentação e um grito à sua direita chamaram-lhe a atenção, um vulto invadindo seu campo de visão. Seu instinto mandou atacar, repelir a intrusão, e a mão direita acertou a figura no meio do peito, lançando-a para trás. De repente, a adaga cravejada de joias não estava mais em sua mão.

Virou-se para ver quem havia atingido.

A rainha Amelie cambaleava pela estrada, de costas para ele. A fúria que consumia Hector desapareceu. Sua mente voltou a se concentrar, interrompendo o ataque do vil.

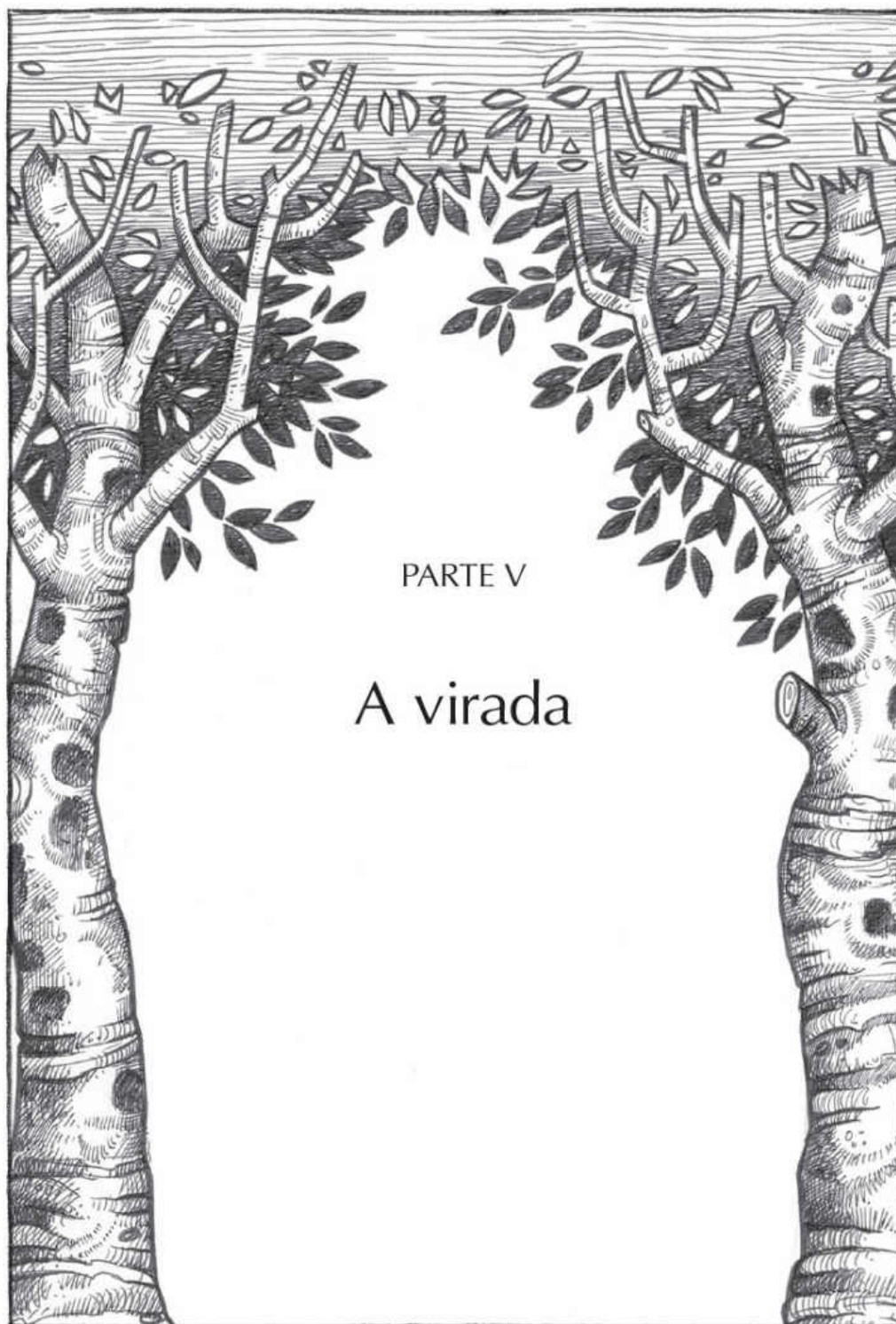
“O que você está fazendo, Hector?”, sibilou seu irmão, irritado por ter perdido seu momento de deleite.

— Silêncio! — gritou o Boarlord, o peito chiando. Deu um passo incerto em direção à rainha. — Majestade... — falou, estendendo as duas mãos para segurá-la pelos ombros e virá-la para si.

A pele de Amelie estava mais pálida que nunca, e seus lábios azulados tremiam enquanto lágrimas congelavam nos olhos quase sem vida. As mãos estavam trêmulas em torno do cabo da adaga, no local onde perfurara seu peito, cravando-se em seu coração. Ela caiu nos braços do magíster, e sua boca roçou a orelha dele quando tentou falar:

— Eu... perdoo você...

Uma sensação de pavor desconhecida se apossou de Hector. A cabeça de Amelie tombou para trás, e os olhos acinzentados assumiram um tom amarelado, vidrados no céu acima. Uma pelagem lupina branca cobriu sua pele, e os dentes se afiaram quando sua boca se abriu para um último grito para a lua. O uivo sofrido que ela emitiu foi o som mais triste que Hector já ouvira, um urro de lamento que se ergueu acima de Strakenberg, ecoando pelas Whitepeaks. Os ugri tamparam os ouvidos e desviaram o olhar, apavorados pelo som. Hector, que a segurava sozinho nos braços, sentiu o corpo todo reverberar. A pelagem branca sumiu, e os caninos voltaram ao tamanho normal assim que a última nota do uivo escapou dos lábios da rainha Amelie, junto com o que lhe restava de vida.



PARTE V

A virada



O *Nêmesis*

Apesar de se tratar de um menino pastor criado na Costa Gélida, com conhecimento náutico bastante limitado, até mesmo os olhos novatos de Drew eram capazes de reconhecer que o *Nêmesis* era algo espetacular. “Encouraçado” era a palavra que o conde Vega usava para descrever esse tipo de embarcação, um navio de guerra gigantesco de quatro mastros que fazia qualquer outra nau do Mar Branco parecer minúscula. Os galeões da marinha da Westland eram impressionantes — com cinquenta e até sessenta metros de comprimento —, mas os encouraçados tinham mais de setenta passos largos de proa a popa. O mais impressionante no *Nêmesis*, porém, era seu armamento: três artilharias de convés, além dos canhões montados no tombadilho superior e no castelo de proa.

De pé na proa, Drew se pegou olhando para um dos canhões, uma estrutura monstruosa de bronze apontada para o horizonte. Havia um baú posicionado logo ao lado, pregado no convés, cheio de bolas de ferro. Em algum lugar no convés inferior sem dúvida estaria a pólvora usada para lançar os projéteis. Ele apenas torcia para que estivesse trancada a sete chaves. Embora muitos navios de guerra no Mar Branco dispusessem de canhões, como Vega fazia questão de ressaltar, os lyssianos ainda não dominavam perfeitamente a técnica de disparos com pólvora. Os acidentes eram frequentes demais. A preocupação do Sharklord era justificada. O fato de os bastians se valerem de forma tão decisiva dos explosivos, carregando três níveis de convés com os malditos canhões, era algo preocupante.

— Sua visão pode ter voltado, mas sua audição não é mais a mesma.

Drew se assustou ao ouvir a voz e, quando se virou, deu de cara com uma sorridente Whitley a seu lado. A Lady de Brackenholme estava claramente se divertindo com a ideia de pegá-lo de surpresa. Ele a abraçou sem pensar duas vezes, feliz pelo reencontro.

— Seu cheiro também está bem melhor agora — ela comentou, aos risos, quando se afastaram.

— Rastejar no esgoto não ajuda em nada a melhorar o cheiro das pessoas — ele respondeu. — Se existisse algum outro jeito de entrar naquela fortaleza marinha, pode acreditar que eu tentaria.

— Você conseguiu reunir um bocado de seguidores, Drew — ela falou, olhando de um lado para o outro do *Nêmesis*. Havia uma frota inteira os acompanhando, com uma dúzia de naus de cada lado. Muitas eram bastians, e o restante, navios piratas, todos tomados do Squidlord Ghul. A fortaleza marinha do Kraken tinha sido destruída. Seus escombros incendiados haviam desabado sobre o Mar Branco, afundando sob as ondas. As centenas de piratas aprisionados por Ghul agora formavam a tripulação da armada leal a Drew. O *Turbilhão* ia a estibordo do *Nêmesis*, com o navio de Bosa, o *Beluga*, a bombordo.

— Nós conseguimos juntar um bocado de seguidores — corrigiu ele. — Esse pessoal não está lutando só pelo Lobo, Whitley. Estão todos lutando pela libertação da Lyssia.

— Estão chamando você — ela avisou.

— Então é melhor não deixá-los esperando, não é? — ele respondeu, e os dois saíram de onde estavam.

Para Drew, era quase impossível deixar de cumprimentar os marujos sorridentes ao passar por eles. Os bastians a bordo do *Nêmesis* tinham sido deixados em uma ilha inabitada entre Hook e Angra do Veleiro, junto com os demais sobreviventes da força de Ghul. Até o fim da guerra, continuariam largados em uma formação rochosa desoladora conhecida como Blackspire. Aqueles que tinham mais valor para Ghul — capitães, transmorfos e afins — haviam sido mantidos no *Nêmesis*, acorrentados na cela do navio. O aliviado Casper estava de volta a bordo de seu adorado *Turbilhão*, junto com o conde. Drew ainda precisava conversar com o conde sobre a revelação do garoto. As asas que tinham brotado em suas costas pareceram pegar a todos de surpresa, menos o Sharklord.

— Não sei por que você a deixou viva — comentou a Lady de Brackenholme enquanto caminhavam pelo navio.

Não era preciso nem perguntar a quem ela se referia: só havia mais uma

mulher a bordo, e Whitley não fazia a menor questão de esconder seu desprezo por Opal. A Pantherlady estava presa na cela do navio junto com seus companheiros bastians.

— Ela é uma prisioneira de guerra. Existem códigos de conduta que precisamos seguir e respeitar.

— Ela não se preocupou com código nenhum quando mandou Lucas matar meu irmão.

Drew fez uma careta ao ouvir aquelas palavras sinceras.

— Lamento muito, Whitley, mas ela pode ser a chave para desfazer o cerco dos bastians à Lyssia. Temos uma vantagem aqui, uma refém imensamente valiosa, tanto para nós quanto para os Catlords. Não consegue enxergar isso?

— Tudo o que consigo enxergar é a mulher que mandou matar meu irmão e um amigo que voltou atrás em sua palavra.

Drew deteve o passo e segurou Whitley pelo ombro, obrigando-a a encará-lo.

— Está me acusando de trair você? — ele questionou, incrédulo.

— Você prometeu que faria justiça quando estávamos no *Golpe de Sorte* — ela respondeu friamente. — Se o Tubarão-Martelo não tivesse matado a capitã Violca, ela seria minha testemunha.

— A justiça será feita, Whitley, de um jeito ou de outro.

— Você sabe exatamente que tipo de justiça eu quero, Drew — ela retrucou com calma. — Opal é um monstro e precisa ter seu fim na ponta de uma espada. Ela tirou Broghan de mim. Na minha opinião, isso não precisaria nem ser discutido. — Desvencilhando-se dele, continuou caminhando para a parte de trás do navio. — Olho por olho! — ela gritou por cima do ombro.

Drew seguiu os passos da garota até a popa, sentindo o peso da responsabilidade sobre suas costas mais uma vez.

Os três comandantes da armada examinavam uma enorme carta náutica aberta diante deles. Havia uma quarta figura ajoelhada ao lado, sua silhueta delgada debruçada sobre o gigantesco pergaminho. Quatro sabres prendiam o enorme mapa ao convés. O conde Vega, o barão Bosa e o capitão Ransome foram os primeiros a erguer os olhos quando Whitley e Drew se

aproximaram.

— Não dava para arrumar um mapa maior, não? — brincou Drew.

— Incrível, não é? — disse Florimo, o excêntrico navegador, agachado no chão. Limpo e trocado depois do encarceramento na fortaleza marinha, ele parecia um dândi. Suas roupas brancas eram adornadas por uma enorme pena cor-de-rosa presa à bandana que usava na cabeça.

— Cobre todo o Estreito da Lyssia — ele continuou —, de Haggard a Port Stallion.

— Que bom ter você a bordo, Lord Florimo — disse Drew para o marujo. — Nunca conheci ninguém da sua espécie antes.

— Um Ternlord? — falou o marujo. — Nós, os Garajaus, somos uma raça orgulhosa e solitária. Viajantes dos oceanos, conhecedores das estrelas, entusiastas da cartografia e coisas do tipo. Assustadoramente divertidos. Houve um tempo em que não existia nenhum governante nos Sete Reinos sem um Ternlord em sua corte, tão fascinantes são os relatos dos nossos feitos. Éramos considerados os maiores exploradores da Lyssia, sabia?

— Há muito, muito tempo, não? — complementou Vega com um sorriso.

— É um adorno e tanto esse que você tem aí, Lord Florimo — comentou Drew, apontando para a pena cor-de-rosa em sua cabeça. — Onde um camarada consegue uma coisa assim a bordo de um navio pirata?

— Agradeço a Bosa por isso, garoto — revelou o Weretern. — Ele tem um baú cheio lá embaixo! E pode parar com essa bobagem de Lord. Nunca me interessei por floreios e títulos.

Drew notou quando Vega abriu um sorriso.

— Esses mapas também oferecem um belo panorama da costa de Bast e tudo no caminho daqui até lá — falou o extravagante barão Bosa, as joias sacudindo nas mãos quando as uniu. — Uma coisa bem impressionante, na verdade.

— É uma revelação e tanto — comentou o capitão Ransome. — Pouco se sabe aqui sobre Bast. Suas águas nunca foram mapeadas pelas embarcações lyssianas.

Drew se ajoelhou ao lado de Florimo e passou a mão no pergaminho.

Era suave e macio ao toque.

— Do que isto é feito?

— Da pele de algum pobre animal — respondeu Bosa. — Ou de alguma pobre alma, talvez. A julgar pela resistência dos pergaminhos, acho que pode ser de algum transmorfo assassinado.

Drew ficou de pé, instintivamente limpando a mão na coxa depois de tocar o mapa.

— Pergaminhos, no plural? Tem mais de um?

— Seis no total — respondeu Ransome. O velho pirata fora recompensado por seus serviços com o posto de capitão do *Nêmesis*. — Um é da Lyssia, um mapa detalhado dos Sete Reinos. O restante parece abranger o continente da selva e outras terras que só Sosha sabe onde ficam.

— E pensar que, quando fizemos o primeiro contato com os Catlords, vinte anos atrás, pensamos que fossem uns selvagens — comentou Vega. — Como estávamos enganados: eles são especialistas em táticas militares, grandes construtores navais e donos de uma força militar capaz de rivalizar com qualquer uma da Lyssia. Além disso, dominam a pólvora e já viajaram até os limites do mundo conhecido.

— E conseguiram voltar — acrescentou Whitley.

— Então, o que descobrimos até agora? — questionou Drew.

Bosa e Ransome se voltaram para Vega, que era claramente o especialista em obter informações dos prisioneiros. O Sharklord sorriu. Apesar de exausto e ferido, aos poucos voltava a ser o que era antes de sua provação.

— Alguns dos ocupantes da cela são mais falantes que outros, principalmente este aqui — disse ele, estalando os dedos quando dois membros da tripulação de Ransome trouxeram um marujo algemado diante de Drew.

— Meu nome é Hobard — falou o prisioneiro. — Capitão do *Madame Colorida*.

— Conheço seu navio — respondeu Drew, lembrando-se da embarcação onde homens se divertiam no ancoradouro de Ghul. — Um de dois mastros?

— Isso mesmo. O pobrezinho foi consumido pelo incêndio.

— Lamentamos muito sua perda, Hobard — falou Vega, a mão junto ao peito. — Diga a Lord Drew o que me contou.

— Certo, conde Vega — respondeu o homem, apreensivo. — Vocês só têm uma fração da frota dos Catlords aqui, entendeu? Só a parte que o marechal Scorpio trouxe consigo. Ele ainda deve ter uns cinquenta navios de guerra em Calico.

— Scorpio? — questionou Whitley.

— O comandante da frota bastian, milorde — explicou Hobard.

— Um verdadeiro demônio — acrescentou Bosa. — Um Werelord do mar, e é esse o nome que usa, mas acho que não foram seus pais que o batizaram assim...

— Então são cinquenta naus de guerra ao sul e dez navios bastians entre nós... e o resto? — perguntou Drew. — Vega, você falou que havia mais de cem embarcações na armada que atacou a Lyssia.

— Acho que voltaram para casa. Estavam transportando o exército bastian, não esqueçam. Nesse sentido, já serviram seu propósito. O restante da força é o grosso da força naval de Onyx, que está ancorada em Calico.

— Temos como atacá-los? — Drew quis saber, esperançoso.

— Somos só duas dúzias, e nem metade é de encouraçados — respondeu Vega. — Seria um suicídio partir para o enfrentamento com os bastians.

Drew olhou para o mastro principal, para a bandeira negra que tremulava lá do alto.

— Mas eles não atacariam uma de suas próprias embarcações, não é mesmo? — falou com um sorriso.

— Está sugerindo que nos infiltremos na marinha de Bast, navegando suas embarcações e levando a bandeira deles? — questionou Bosa, agitando suas joias enquanto arregalava os olhos.

— Isso mesmo.

— Esplêndido! — gritou a Baleia de Moga. — Adoro uma boa trapaça.

— Vamos precisar conhecer os códigos de sinalização se quisermos chegar perto da frota de Scorpio — lembrou Vega.

— Alguns companheiros meus lá embaixo podem ajudar vocês com isso — disse Hobard. — Temos comandantes que serviram a Ghul, mas nunca nos juntamos com os Catlords. Sabemos quais bandeiras hastear e como fazer isso sem levantar suspeitas.

Vega balançou a cabeça.

— Levem-no lá para baixo — ordenou Ransome. — E tragam para cá os que podem ajudar de alguma maneira. Veremos se há alguém disposto a conquistar a liberdade.

Hobard abriu um sorriso enquanto era levado, e suas algemas tilintaram quando ele desapareceu mais abaixo.

— Podemos confiar nele? — questionou Drew.

— O sujeito é um tolo, mas está dizendo a verdade — contou Ransome. — Servimos a Ghul juntos. Enquanto meu *Leviatã* caçava você, Vega, seu *Madame Colorida* transportava contrabando sob o nariz de Lucas, sonegando os impostos do Leão. Ghul podia até trabalhar para Onyx e Opal, mas nunca deixou de ser um pirata e um ladrão.

— Então Hobard e seus amigos podem dar os códigos para uma passagem segura e também nos alertar sobre os truques que os bastians podem ter guardados na manga — falou Bosa.

Gritos repentinos mais abaixo provocaram sobressaltos. Ransome foi o primeiro a correr até lá. Drew foi atrás, descendo os degraus que levavam ao convés onde ficavam as armas. Os marujos trocaram olhares preocupados ao se aproximarem, ouvindo os berros que vinham das entranhas da embarcação, que os levaram diretamente à cela. Quando a porta do recinto escuro foi aberta, ninguém parecia preparado para o cenário que os esperava. Whitley se chocou contra as costas de Drew, soltando um suspiro de susto quando Bosa deu um berro.

O portão de ferro felizmente estava fechado, e um membro sobrevivente da tripulação se encolhia contra a parede, bem distante da barreira de separação. Dentro da cela, seus companheiros tinham sido aniquilados. Além deles, havia os corpos moribundos de oito prisioneiros, incapazes de se mover, sacudidos por leves espasmos enquanto soltavam seus últimos suspiros. Opal estava de pé entre eles, a espada curta de um dos marujos na mão algemada. A seus pés estava o capitão Hobard, com a garganta cortada.

Apesar de a impedirem de se transformar, as algemas não tinham sido suficientes para evitar seu terrível ataque. O queixo dela brilhava no local onde o sangue do capitão do *Madame Colorida* escorria.

— Acho que nenhum dos meus companheiros vai poder ajudar você, Wolflord — ela disse com um risinho de deboche.

Drew sentiu a mão de Whitley em seu antebraço, os dedos quase se transformando em garras, furando sua pele.

— Eu avisei, Drew — ela sussurrou, sufocando o ódio que lhe subia pela garganta. — Olho por olho. É o único jeito.



A Capela de Brenn

No subsolo do palácio dos Ursos Brancos ficava a Capela de Brenn. O mundo gelado lá de cima mandava ventos congelantes pelos corredores, enquanto o fogo de Strakenberg propiciava um calor que vinha de baixo. O recinto sagrado era a estrutura mais antiga de Icegarden, escavada nas grutas pelos primeiros ursinotopos, os fundadores da cidade. Os antigos Dragonlords haviam vivido na montanha de fogo muito tempo antes, mas, com a extinção dos grandes lagartos, os filhos de Brenn tinham herdado o mundo e o moldado às suas necessidades. A partir dali, os Bearlords continuaram construindo, para cima e para fora, emergindo nas Whitepeaks e subindo sua fortaleza colossal rumo aos céus, enquanto a cidade crescia ao redor. Em termos espirituais, a pequena capela dos Bearlords era o coração pulsante de Sturmland, sua primeira pegada na neve.

O teto tinha um domo que chegava a dez metros de altura no ponto mais alto, e as paredes eram cobertas com mosaicos, alguns faltando aqui e ali, além de afrescos desbotados, retratando cenas da saga de Brenn, que tinha moldado a religião dos transmorfos. As velas queimavam e lançavam seu brilho melancólico sobre o recinto, e a cera caía de suas bases até o chão como cachoeiras estáticas. O altar, que servia como peça central da capela, era puramente cerimonial, já que os sacrifícios eram uma tradição de épocas menos civilizadas, abandonada havia tempos. A mesa de granito era o local onde os sacerdotes de Brenn conduziam os sermões e as orações e, quando um lord ou uma lady de Icegarden morria, a tradição ditava que o corpo deveria ficar no altar por uma semana.

A rainha Amelie estava deitada sobre a laje de pedra, envolvida em uma mortalha branca. Um braseiro queimava na lateral do altar, preenchendo o ar com a fumaça do incenso, enquanto as brasas iluminavam o corpo da rainha morta. Hector estava sentado no chão logo ao lado, observando as sombras

que dançavam nas paredes arredondadas. A dor no peito era constante. Os curandeiros tinham feito sua parte, drenando o sangue do pulmão e costurando a ferida, mas só um magíster seria capaz de reparar o estrago produzido pela galhada de Manfred. Ele poderia tentar fazer sua mágica em si mesmo, mas sua mente e seu corpo não estavam em condições de se concentrar em meio ao delírio da febre. Não fosse o murmúrio incessante no ouvido, ele estaria sozinho, mas o espírito de seu irmão estava sempre por perto para atormentá-lo.

“Foi ela que se jogou sobre a sua adaga, caro irmão”, falou Vincent. O tom de júbilo na voz do vil era indisfarçável. “Tente não ficar se culpando por isso.”

— Fui eu que ataquei. Não sabia o que estava fazendo. Não deveria estar com aquela maldita adaga, para começo de conversa!

“Ah, aquela lâmina é traiçoeira, caro irmão, como pude aprender na Torre de Bevan. Você lembra, não?”

Hector fechou os olhos, desejando que o espírito se calasse, mas a imagem estava cristalizada em sua mente: ele e Vincent, atados em um abraço, e a arma incrustada de joias cravada no coração do irmão.

“Essa lâmina já tirou a vida de *dois* transmorfos e não é nem encantada, Hector! Logo mais essa coisa vai virar um objeto lendário, pode escrever.”

— Eu estava confuso. Não queria machucar ninguém.

“Você queria machucar Bethwyn, irmão. Chegou até a pensar em se casar com ela um dia, não foi? Como você muda de opinião depressa.”

O espírito insano do irmão deu uma risadinha. Desde a morte de Amelie, o vil andava mais animado do que nunca, deleitando-se com o sofrimento de Hector.

— Foi você quem fez isso — murmurou o magíster, olhando para o cadáver no altar. — Foram suas palavras venenosas que me trouxeram até aqui.

“É uma afirmação ousada, irmão, considerando que foi sua mão que cravou a adaga no coração dela. Como é fácil se esquivar da responsabilidade. Você nunca é culpado de nada, Hector. Sempre foi assim, desde criancinha.”

— Não estou dizendo que não tenho culpa nenhuma — falou Hector, abafando um soluço. Arrancou a luva esquerda e a atirou no chão. Virando a mão deformada de um lado para o outro, observou-a com desgosto. — Sou um fraco. Deixo você me dizer o que fazer; permiti que a sua raiva falasse mais alto que o bom senso e a racionalidade. Se eu fosse mais forte, teria silenciado você mais cedo.

“Me silenciado?”, repetiu Vincent, o vil, em tom de deboche. “Você ainda acha que pode me controlar? Não sou um geniozinho que você consegue prender em uma lâmpada. Sou sua sombra, Hector, em qualquer lugar onde esteja. Você estaria perdido sem mim!”

— Eu *não* preciso de você, Vincent! — gritou Hector. — É você que precisa de mim, que se alimenta de mim como um parasita. Eu tenho amigos. E você, tem o quê?

“Você não tem ninguém, Hector. É um fracassado solitário de quem ninguém gosta.”

— Eu tenho Ringlin e Ibal — falou Hector.

“Eu ia preferir não ter ninguém”, sussurrou o vil.

— Quietos! — esbravejou Hector, levantando-se do chão para gritar com as sombras, enfim recuperando a voz. — Agora consigo ver claramente os erros que cometi! Percebi quanto fui tolo!

Hector estendeu as mãos, segurando-se no altar com as duas mãos, desolado, o corpo sacudido pelos soluços.

“É tarde demais para essas lágrimas, irmão. Para que serve isso?”

— Esse é o primeiro sentimento sincero que eu expressei desde... desde nem sei quando! — gritou Hector. — E veja só o que precisou acontecer para que eu me desse conta: a mãe do meu melhor amigo morreu! Pelas minhas mãos!

“Trate de se controlar!”, murmurou Vincent, materializando-se diante dos olhos dele. “Que vergonha! Era o que você *queria*! Você conquistou Icegarden e o respeito dos seus inimigos; não jogue tudo isso pela janela por causa de um momento de fraqueza!”

— Não é fraqueza! — berrou Hector, o rosto contorcido de raiva e as veias do pescoço saltadas. Sua boca começou a espumar, e os olhos ficaram

vermelhos. Ele deu um grito quando a dor no peito voltou a se intensificar. O pulmão atingido limitava tremendamente seus movimentos. Ele agitou a mão enegrecida no ar, apontando para o vil, que o rodeava.

— É assim que eu me sinto! — gemeu Hector, batendo no peito com a outra mão. — E era assim que deveria me sentir sempre, mas você e seu ódio arrancaram isso de mim. Eu já tive amor no coração, pelos meus amigos, pela minha família, e você arruinou e acabou com tudo isso. Você sugou a bondade que existia na minha alma, Vincent, da mesma forma que uma sanguessuga se alimenta de sangue!

“Eu tornei você mais forte, seu ingrato! Dei um objetivo e um propósito para sua vida, coisas que você nunca teve. Eu arruinei você? Foi você que me matou, lembra?”

— Eu preferia nunca ter me tornado um magíster — disse Hector, em meio a soluços. — Pensei que poderia ajudar as pessoas com a magia, servi-las, curá-las, mas isso só me trouxe sofrimento! Seria melhor ter desperdiçado minha juventude como você, sendo imprudente e egoísta. Quando você fez alguma coisa por alguém sem se beneficiar disso, irmão?

“Como ousa me perguntar isso? Você tirou minha vida e continuou me usando depois disso, Hector. Como seu cão de caça, seu escravo!”

— Eu não preciso de você! — Hector esbravejou de repente, um sorriso aparecendo no rosto enlouquecido. Ele balançou a cabeça febrilmente, sentindo-se inspirado. — Sim, é isso. Você me serviu pela última vez, Vincent. Está liberado de seu vínculo. Pode ir, irmão. Durma seu sono eterno. Ou encontre outra alma para atormentar, eu não ligo. Mas comigo sua relação está encerrada.

“Você não pode me libertar, Hector. Não foi você que me invocou, esqueceu disso? Eu nasci na noite em que morri. Sou parte de você. Vou estar sempre a seu lado, dentro de você...”

— Vá embora! — gritou Hector, com a adaga cravejada de joias na mão.

“Todo esse poder na ponta dos dedos, e você querendo desperdiçar. Quando está no limiar da grandeza, quer virar as costas e se afastar...”

— Fora! — gritou Hector, tentando em vão atingir o vil com a lâmina.

“Que desperdício...”

O vil estava aos risos, zombando da tentativa de Hector de afastá-lo, regozijando-se com o sofrimento dele.

Hector piscou algumas vezes, tentando enxergar em meio às lágrimas e ao suor que o cegavam, a adaga ainda na mão cansada, em meio à galhofa do vil. Hector olhou para a outra mão. Seus dedos pretos se contorceram, como se tivessem vida própria, formando uma garra no ar diante dele. Aproveitando o momento, Hector enfiou o membro necrosado no braseiro aceso, afundando a carne morta nas cinzas e deixando o fogo consumi-la. A pele escura estalou e se desfez sob o calor, revelando a carne cinzenta e apodrecida por baixo, fazendo Hector sentir dor naquela parte do corpo pela primeira vez em muito tempo. Seu grito ecoou pela capela, e o pranto de Vincent se misturou ao seu quando o fantasma começou a se desfazer, sua forma sendo levada pela brisa.

“Que desperdício...”, o vil sussurrou pela última vez, antes de deixar de existir.

Hector arrastou a mão fumegante para fora do braseiro e desabou sobre o altar, o corpo sacudido por soluços. Não sabia por quanto tempo ficara ajoelhado ali, com as palavras de seu irmão amaldiçoado ainda ressoando nos ouvidos, a pulsação latejando nas têmporas. Apesar de saber que o vil não estava mais lá, seus olhos esquadrinharam o recinto em busca de algum sinal de sua presença.

— Hector.

Seu nome foi repetido mais algumas vezes, e enfim ele saiu de seu estupor. Olhando ao redor, seus olhos encontraram Ringlin, parado junto à porta aberta da capela. O capitão da Guarda Javalina o encarava com uma expressão assustada.

— Está tudo bem?

— Ele... ele se foi — respondeu o jovem magíster, ofegante, desabando no chão. A adaga saiu deslizando pelo piso de pedra.

— Vincent se foi? — perguntou Ringlin, aproximando-se e pondo uma das mãos no ombro de Hector, em um gesto cauteloso. Ele olhou para a mão deformada no colo do Boarlord, a pele queimada ainda estalando, exalando um odor insuportável.

— Sim — fungou Hector. — As trevas... estão se afastando. Eu sou...

eu mesmo de novo.

O garoto de Redmire aos poucos foi se levantando, e Ringlin o ajudou a ficar de pé. Hector olhou para o membro necrosado com um olhar renovado e horrorizado. O buraco na palma da mão, os dedos esqueléticos, a carne corrompida... ele era um monstro.

— Como foi que me transformei nisto? — falou, mais para si mesmo que para Ringlin. Em uma fração de segundo, sua mente reviu os eventos do passado recente, cada escolha equivocada, cada atitude lamentável. — Tomei tantas decisões, todas inteiramente erradas. E você, Ringlin. Você e Ibal me ajudaram. Por que não me impediram?

Ringlin deu de ombros.

— Não era nosso papel. Trabalhávamos para você, lembra? Ainda trabalhamos, aliás. O que você mandar, nós fazemos. Estamos aqui para obedecer às suas ordens.

— Mas vocês deviam *saber* que algumas dessas coisas eram malignas.

O capitão balançou a cabeça, sem mostrar nenhum remorso.

— Lamento, mas você sabia melhor que ninguém que eu e Ibal não éramos anjos. Com um bom pagamento e uma promessa de muito ouro, as pessoas fazem qualquer coisa.

Aqueles homens tinham matado por Hector, cometido assassinatos sem pensar duas vezes. Poderiam mesmo ser considerados seus amigos?

— Com ou sem epifania, milorde, você ainda pode contar conosco. Eu não gostava muito do seu irmão quando estava vivo, e muito menos depois de morto. Mas você foi bom para nós, e podemos continuar sendo bons para você. O que quer que a gente faça?

Hector olhou para o corpo de Amelie com uma expressão de desamparo, balançando a cabeça em arrependimento. Seu rosto ainda estava banhado de lágrimas, sua tristeza sendo um mar que ameaçava afogá-lo. Em suas visitas a Highcliff quando crianças, Hector e Vincent sempre ficavam aos cuidados das amas-secas reais. A esposa de Leopold, tão séria e formal com todos os que visitavam a corte, sempre abria um sorriso para os jovens Javalis quando estava sozinha na companhia deles, nos raros momentos de afeto de uma mulher destinada a lamentar para sempre a perda de Wergar, o Lobo que realmente amava.

— Preciso começar a corrigir o que fiz de errado — murmurou Hector, percebendo a gravidade de sua situação. — Flint já voltou de suas rondas?

— Não. O Crowlord e seus irmãos ainda estão no ar, disputando as montanhas com os Canelords de Bast. Não faço ideia de quando ele vai voltar. Por quê?

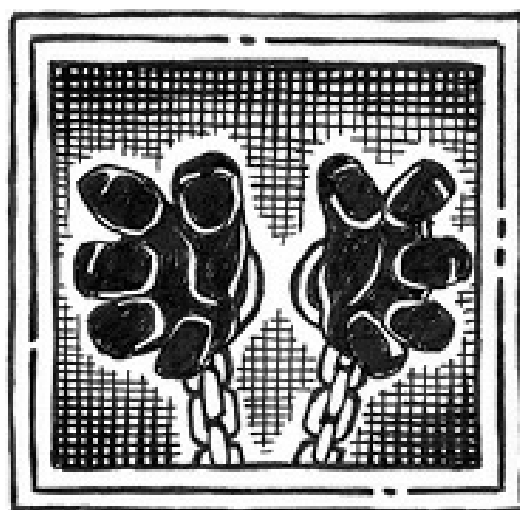
— Precisamos agir depressa, e sem o conhecimento dele — falou Hector, com a mente cheia de ideias. — Icegarden não é mais um lugar seguro para nenhum de nós. Precisamos ir embora.

Hector pôs a mão na mortalha que cobria Amelie, acariciando de leve sua testa.

— E os prisioneiros? — questionou Ringlin. — Freya e as Filhas de Icegarden? Carver e Manfred? E todos os outros?

Hector se virou para seu capanga e sorriu.

— Eles vão conosco, Ringlin.



Amor de mãe

Apoiado na amurada do tombadilho superior, Drew observava a tripulação do *Nêmesis* espalhada em grupinhos pelo convés, comendo, bebendo e conversando baixinho. Florimo tinha puxado uma série de cantos durante todo o dia, para desviar os pensamentos de todos dos horrores ocorridos na cela do navio. A cantoria parou ao pôr do sol, e um clima melancólico se estabeleceu na embarcação. Quanto mais navegavam para o sul, mais se aproximavam do Estreito da Lyssia e da armada bastian à sua espera. Cientes de como as forças do Catlord eram bem treinadas, muitos temiam estar navegando para os braços da morte.

Drew se virou, surpreso ao ver Vega se aproximando, vindo da popa.

— Você ainda está aqui? Daqui a pouco vão esquecer que você existe lá no *Turbilhão*.

— Não por muito tempo — respondeu o Sharklord. — Eu precisava consultar as cartas náuticas dos bastians uma última vez. Para ver se existe alguma alternativa para um ataque às escuras no meio da noite.

Drew ergueu as sobrancelhas, e Vega balançou a cabeça.

— E Whitley? Já voltou a falar com você?

— Não — respondeu Drew. — E nem sei se isso vai acontecer algum dia.

— Pelo menos não até você entregar a ela a cabeça de Opal, não é?

— Fico me perguntando se não é uma boa ideia deixar que Whitley faça justiça com as próprias mãos. Que utilidade Opal tem para nós? Ela não vai abrir a boca.

Drew estava contente por poder contar com os conselhos de Vega. Sabia que o Tubarão não hesitaria em pôr uma lâmina de prata na mão de Whitley

para executar sua vingança contra a Pantherlady. Mas Vega o conhecia bem demais e desconfiava, com toda a razão, que o jovem Wolflord não permitiria uma atitude como essa.

— Já faz vários dias que fugimos da fortaleza marinha de Ghul, como você sabe — comentou Drew.

— Sim? — perguntou Vega, ficando todo tenso, ciente do questionamento que viria.

— Casper. Ele é um Hawklord. Há quanto tempo você sabe?

Vega abriu um sorriso sem jeito.

— Que ele é um Werelord? Desde que era um bebezinho nos meus braços. Que é um aviatropo? Isso foi uma surpresa até para mim — ele falou, balançando a cabeça.

— Perguntei a Casper como ele acabou trabalhando com você — revelou Drew. — Ele contou que seus pais morreram e que você o adotou e o criou a bordo do *Turbilhão*. Não contou a ele o que aconteceu de verdade, não é?

— E o que eu deveria ter contado? — questionou Vega.

— Que a mãe dele é Lady Shah, de Windfell, e o pai, o conde Vega das Ilhas Cluster. E que os dois estão vivos.

Vega pegou Drew pelo braço e o afastou do restante da tripulação. Puxou-o até as sombras e o segurou pelos ombros junto à amurada, aos sussurros.

— Onde ela está?

— Shah? Na última vez que nos vimos estava em Azra, como hóspede do rei Faisal.

— E como é que você conhece minha Shah?

— Ela foi forçada a trabalhar para o mercador de escravos Kessler, o Goatlord, até vencermos seus amigos Lizardlords de Scoria.

Drew relatou rapidamente suas experiências com o barão Griffyn, o velho Hawklord, e sua linda e recatada filha sem poupar nem um detalhe, contando a Vega que conseguira fugir da ilha vulcânica de Scoria com seus amigos de Bast, Werelords obrigados a lutar como gladiadores para entreter

os Lizardlords. Apesar de estar escuro, Drew conseguiu ver que os olhos de Vega ficaram marejados ao ouvir a respeito de tudo o que acontecera com Shah.

— Eu já tinha perdido a esperança de reencontrá-la. Casper é tudo que me resta e me foi entregue muitas luas atrás por um mercador do leste. Era um sujeito muito leal a Griffyn, para levar o menino até as Ilhas Cluster. Não fazia ideia do paradeiro dela.

— Onde vocês se conheceram? — perguntou Drew, animado com o fato de o Sharklord estar lhe revelando seus segredos.

— Ro-Shann, em Omir. Eu era um convidado de Lady Hayfa, a Hiena. Na verdade, estava cortejando-a. Minha fortuna nas Ilhas Cluster tinha sido roubada por Ghul e Leopold. Minha ideia era ganhar a vida em outro lugar, e Hayfa se interessou por mim. Eu era um sujeito charmoso na época, Drew...

Vega abriu um sorriso. O jovem Lobo pigarreou.

— E Shah?

— Shah trabalhava para Kessler já nessa época. O Goatlord tinha muitos negócios com os Werelords de Omir. Shah devia ter menos de vinte anos na época. Uma mocinha delicada de olhos cinzentos. — Ele balançou a cabeça, mas o sorriso ainda estava estampado em seu rosto. — Por mais linda que fosse Hayfa, Shah era de tirar o fôlego. Assim que pus os olhos nela, soube que nunca mais amaria outra mulher. Ela e eu nos cortejamos pelas costas de Hayfa e Kessler durante semanas. Vou dizer uma coisa a você, Drew: nunca tente ter um caso quando é o convidado de um caninotrope. Os espiões de Hayfa contaram a ela sobre a minha escapada, e eu tive que ir embora. Shah foi embarcada às pressas com Kessler, só Sosha sabe para onde. Nunca mais nos vimos.

— Você ainda a ama?

— Eu me “apaixonei” uma vez ou outra... Afinal, que lady da Lyssia é capaz de resistir a um partido como eu? — comentou Vega. — O sentimento nunca dura muito, sempre acaba levado pela correnteza. Mas Shah? Acho que nunca deixei de amá-la.

Drew mal podia acreditar no que ouvia. Achava que conhecia Vega, mas de repente viu surgir um lado mais gentil e sensível do Sharklord. Drew achou melhor não mencionar a existência de Djogo, o antigo feitor de

escravos que também amava Shah. Se esse sentimento era correspondido ou não, ele não sabia.

— O menino puxou à mãe — falou Vega. — Isso é bem raro. Quem diria que Shah passaria a perna em minha linhagem transmorfa bem diante do meu nariz, dando ao Tubarão um filho Gavião? Vou virar motivo de piada quando a notícia se espalhar.

— Um Gavião do Mar — comentou Drew. — Ele vai ser o primeiro da espécie?

Vega fez que sim com a cabeça.

— E você viu a mãe dele pela última vez em Azra, foi isso?

— Sim, mas, quando fui embora, a cidade se preparava para um cerco dos Cães e Felinos. Por quê? Quer levar Casper para lá?

— Não posso permitir que os bastians ponham as mãos em Shah.

— E como pretende chegar lá, Vega? Estamos navegando para a morte no Estreito da Lyssia, não? Nunca vai conseguir pôr Casper de volta nos braços da mãe.

Vega ficou em silêncio, as mãos nos ombros de Drew, olhando para o *Turbilhão* às costas do jovem licantropo. Ele ficou imóvel como uma estátua no balanço do navio, enquanto o vento sacudia sua cabeleira negra.

— Que foi? — murmurou Drew.

— Uma coisa que você falou me despertou uma lembrança. Opal deixou escapar uma informação enquanto me torturava na torre de Ghul, algo que agora podemos usar contra ela.

Drew observou Vega se afastar às pressas, tomando a direção da porta que levava à cela do navio.

— A que devo esta visita tão tarde da noite, Vega? — perguntou Opal, levantando-se do chão da cela. — Está tentando usar seu charme comigo de novo? Eu achava você muito mais atraente pendurado na parede da fortaleza de Ghul.

— Você diz muitas coisas, Opal, mas só o que consigo escutar é sua arrogância — disse Vega ao entrar na cela, fechando a porta atrás de si. —

Isso é típico dos Catlords. Leopold era arrogante também, e veja só o que aconteceu com ele: foi morto por Bergan em Highcliff.

Opal deu risada.

— É isso que acha? Que Tubarão mais tolo. Foi Lucas quem matou Leopold!

— Lucas matou o próprio pai? Por quê?

— O que você acha? — rebateu Opal. — O mesmo vale para Wergar e Leopold: um novo líder apareceu e tomou o poder. Se é um Lobo ou um Leão, uma alcateia ou um bando, não faz diferença. É assim que se conquista o lugar de seu predecessor.

— E Lucas é assim tão cruel?

— Ele é sugestionável, e não precisou de muito para ser persuadido.

— E por que me contar isso agora? O fato de o chamado “monarca da Westland” ser um parricida pode ser devastador para os Sete Reinos.

Opal soltou um risinho de deboche.

— E para quem você vai contar, Tubarão? E quem vai lhe dar ouvidos? Suas forças estão minguando cada vez mais, enquanto o exército do Leão cresce a cada dia. Os Sete Reinos pertencem ao meu sobrinho agora.

— Isso é verdade.

— Posso sugerir uma coisa a você, Sharklord? — ela murmurou.

— Fique à vontade — respondeu Vega com um sorriso.

— Leve-me ao porto mais próximo e me liberte. Depois disso, corra para o mais longe que puder, porque eu e meu irmão vamos pegar você, pode acreditar.

— Nunca fui muito de correr — retrucou Vega. — Prefiro nadar.

— Então nade. Ou, melhor ainda, caia em cima de sua lâmina. Tire a própria vida antes de colocarmos as mãos em você, porque sua morte não vai ser rápida.

Vega parou de andar de um lado para o outro.

— Ah, não?

— Você vai sofrer uma sessão de tortura inimaginável. Suas unhas, seus

dentes, sua pele... vamos arrancar tudo. Só não vai sofrer com o toque da prata ou da garra da Pantera. Quero que suas feridas fechem, que sua carne se regenere, para eu poder começar tudo de novo. Você vai morrer uma centena de vezes antes de eu me dar por satisfeita.

— Terminou?

— Mal comecei, Sharklord. Você não vai vencer guerra nenhuma. Seus Chacais e Gaviões tombaram. Ursos e Cervos estão morrendo agora mesmo, enquanto conversamos. Pode continuar navegando para o Estreito da Lyssia com sua frota de navios roubados. Você vai ser bombardeado, queimado e mandado para o fundo do mar pelo marechal Scorpio.

Vega juntou as mãos como se rezasse e se aproximou da grade de ferro, um sorriso no rosto.

— É hora de bravatear? Ótimo, então é minha vez. Escute bem, Pantera. Você vai me passar os códigos da frota de Scorpio, o nome de todas as embarcações que navegam sob a bandeira negra do seu irmão, além de todas as ordens que o *Nêmesis* tem autorização para emitir, e vai fazer isso agora.

— Já esgotamos esse assunto, Tubarão — suspirou Opal. Ela se sentou de novo e ficou se mexendo até conseguir encontrar uma posição confortável para deitar. Apoiando a cabeça nas mãos algemadas, fechou os olhos ao continuar com uma voz quase sonolenta: — Você não é capaz nem de arrancar um pelo do próprio queixo, o que dizer de uma informação da boca de um prisioneiro.

— Você vai me contar, Opal, caso contrário vou viajar para o seu palácio ancestral nos arredores de Braga, encontrar seus filhos e matá-los.

Os olhos verdes de Opal se abriram imediatamente, as pupilas dilatadas, encarando o Sharklord.

— É uma ameaça ousada, porém nada mais que isso — ela falou com um tom de desprezo.

— Quero que saiba, Opal, que, quando decido alguma coisa, não sossego enquanto não a fizer. Você duvida que eu consiga chegar até eles? Talvez esteja pensando que estão seguros atrás de suas muralhas douradas. Mas preste atenção em mim. Estou disposto a derrubar essas muralhas tijolo por tijolo e cobrir o piso daquele palácio com sangue bastian para encontrar essas crianças, nem que eu precise morrer por isso.

— Você está blefando — disse Opal, a voz embargada.

— Quer mesmo pagar para ver?

Opal levantou de um salto, agarrando-se às grades com as mãos algemadas. Seu rosto se contorceu, e a pelagem preta surgiu em sua pele cor de ébano quando ela rosnou e mostrou os dentes.

— Meus filhos são só crianças!

Vega se aproximou da grade, ficando a poucos centímetros de Opal, em uma postura impassível.

— Meu amigo lá em cima é um bom homem, um sujeito honesto, com uma convicção muito forte sobre o que é certo e errado. Mas eu não sou assim, Opal, garanto a você. Seus filhos podem ser simples gatinhos, mas foram você e seus irmãos Catlords que determinaram como essa guerra seria travada. Não vou acompanhar o restante da frota no ataque à sua armada. O *Turbilhão* vai ficar longe da batalha e tomar o rumo de Bast para ir atrás dos seus filhos se você nos trair.

— Você nunca vai conseguir chegar a Bast — disse a Werepanther em tom de desdém. — O Estreito da Lyssia está dominado pelos navios de Scorpio. Você vai ser localizado e caçado.

— Quando isso acontecer, pulo no mar e completo a viagem nadando, mulher — respondeu Vega com frieza. — Não esqueça que Brenn e Sosha nos deram vários tipos de habilidades especiais.

Opal soltou um rosnado, e Vega continuou:

— Depois dos horrores que você praticou, tanto em Bast como na Lyssia, tanto com meus amigos quanto com desconhecidos, não conte com nem um pinga de compaixão do meu coração maltratado e endurecido. Você é uma assassina e se orgulha e se gaba disso. Fala dos seus filhos como se fossem pedras preciosas em meio à lama, melhores que qualquer outra criança. Seus filhos não são os únicos no mundo, nem você é a única mãe que existe. Você subestima o que um pai é capaz de fazer por seus filhos. Estamos combinados?

Ela assentiu com um gesto demorado de cabeça, cravando os olhos no capitão do mar enquanto sibilava.

— Muito bem — falou Vega, batendo palmas alegremente, assumindo

um tom bem-humorado de um instante para o outro. — Fique à vontade. Vou buscar um pergaminho e uma pena. Acho que vai ser uma longa noite.



O afastamento das trevas

— Se eu acreditasse em você, Hector, e não estou dizendo que acredito, seria obrigado a perguntar: de onde veio essa epifania tão repentina? — questionou o duque Manfred, encarando o jovem Boarlord, cheio de desconfiança. — O que foi que mudou?

— Cometi erros terríveis, Alteza, e fiz coisas inimagináveis com aqueles que considerava meus inimigos — respondeu Hector com sinceridade. — Em minha defesa, não estava raciocinando direito... mas sei que isso não justifica as minhas atitudes.

— Eu falei — disse Bo Carver, acorrentado junto à parede ao lado de Manfred. — O garoto se aliou aos demônios. Foi esse tipo de feitiçaria que o trouxe até aqui. Se estivéssemos em um julgamento, diria que quem provocou tudo isso foi você, Mão Negra. Deveria ser condenado do mesmo jeito.

Ringlin e Ibal saíram de trás de Hector. As palavras do Lord dos ladrões tinham incomodado os dois capangas. Hector afastou seus homens, segurando-os pelos ombros e puxando-os para trás.

— Ele tem razão — admitiu o magíster. — Fui envolvido pelas trevas desde que fiz a primeira comunhão, muito tempo atrás. — Hector soltou seus homens quando eles recuaram.

— Nós avisamos, Hector — disse o Staglord, cauteloso. — Lá em Highcliff, quando a notícia da necromancia chegou aos ouvidos do Conselho Lupino, eu disse que isso não traria nada de bom, mas você não quis escutar.

— Não foi por não querer; eu não conseguia escutar, Alteza. Passei tempo demais buscando conselhos nas trevas, e não encontrei mais o caminho da luz.

Os olhos de Hector brilharam, um vestígio de sua antiga loucura.

— Elas cravaram suas garras em mim, tomaram conta de mim. Sentir só um gostinho desse conhecimento não foi suficiente. Nunca é. Quis descobrir os segredos de tudo o que se relaciona a essa sabedoria ancestral.

Ele olhou para os dois prisioneiros acorrentados à parede.

— Mergulhei de cabeça. Eu me aprofundei na arte da comunhão; não queria desperdiçar sequer uma chance que fosse de praticar a necromancia. Tentei absorver o pensamento dos grandes magísteres da Lyssia, inclusive dos mortos, para dominar a magia negra. E o que ganhei com isso? Só me afastei de quem mais importava, traindo e matando aqueles que amava. Vocês não confiam mais em mim... e eu entendo. Eu também não confiaria em mim.

Seu discurso era proferido aos sussurros, em meio às lágrimas. Não imaginava ser possível chorar tanto, passando cada momento acordado lamentando suas ações, revivendo os próprios horrores.

— Amelie está morta...

A voz de Hector sumiu. Sua boca era incapaz de pronunciar mais uma palavra. A cela ficou em silêncio, com Carver e Manfred encarando-o. O jovem Boarlord ficou imóvel, como se estivesse catatônico. Ibal passou por ele, aproximou-se dos prisioneiros, ajoelhou-se e, apanhando o chaveiro no cinto, começou a revirar as chaves com os dedos gordos.

— O que é isso? — questionou Manfred quando Ibal pôs a chave no fecho de suas algemas.

— Vocês estão sendo libertados — revelou Ringlin. — O barão Hector quer todo mundo fora de Icegarden o quanto antes.

— Vamos sair da cidade do Urso Branco só para vocês cravarem uma flecha nas nossas costas? — perguntou Carver. — É assim que você costuma agir, não é, Ringlin?

— Acredite em mim, Carver, seria bem mais fácil para Sua Senhoria, e também para mim e Ibal, fazer isso às escondidas. Libertar todos os prisioneiros das masmorras de Icegarden vai fazer tremer as bases das Whitepeaks.

— Vocês vão libertar todo mundo? — questionou Manfred quando suas algemas foram abertas e Ibal se dirigia ao Lord dos ladrões.

Hector saiu repentinamente de seu transe, virando-se para os homens. Enxugou o rosto na manga da roupa, fungando. Manfred ficou de pé diante dele.

— Todas as pobres almas que encarcerei estupidamente — respondeu o Boarlord. — Magísteres e mineiros, cidadãos e comerciantes. Não vou deixar nenhum homem, mulher ou criança para trás.

— E o que os Crowlords acham disso?

Ringlin e Ibal lançaram um olhar preocupado para seu senhor. Hector fez uma careta de preocupação.

— Eles não sabem que você está fazendo isso? — perguntou Manfred. — Garoto, com os Corvos de Riven não se brinca. Se agiu em conluio com eles, não poderia ter escolhido aliados piores. Foram eles que destruíram Stormdale, em nome de Lucas.

Hector ficou todo sem graça, erguendo a mão boa para interromper o Staglord.

— Alteza, o que falei antes não é exatamente verdade. Stormdale ainda está de pé. As forças de Riven e Vermire foram repelidas pelos Cervos... com a ajuda de Drew.

O rosto de Manfred se contorceu, e ele balançou a cabeça.

— Mais mentiras, Hector...

— Quem mentia era o *antigo* eu, Manfred — interrompeu o magíster, ficando vermelho. — Estou me redimindo agora, antes que seja tarde demais.

— E por que os Corvos ainda não tomaram Icegarden só para eles? — questionou o duque. — O que os impede? Você e seus guerreiros da neve de Tuskun?

— Não duvido de que queiram Sturmland para si. Sei que podem me atacar a qualquer momento. Acredite em mim, não entrei nessa aliança com os Crowlords de bom grado. E acho que é só por medo que eles estão se mantendo na linha.

— Medo? — sussurrou o Staglord.

— Os ugri são guerreiros formidáveis, mas não é do meu exército que eles têm medo — disse Hector, todo sem jeito. — É de mim.

— De você? — questionou Manfred, incrédulo. — Eu vi seu truquezinho em ação, quando tentou estrangular a pobre Bethwyn no Portão de Strakenberg. É disso que eles têm medo?

— Não só disso, Alteza. Lord Flint testemunhou em primeira mão meu domínio sobre os mortos. Me viu fazer a comunhão e comandar os ressuscitados. E tem interesse em saber se esse poder pode ser usado como arma. Já mencionou a ideia de usar minha necromancia no campo de batalha.

— No campo de batalha? — questionou Carver, levantando com a ajuda de Ibal enquanto lançava um olhar enviesado ao carcereiro.

— Os mortos — interferiu Ringlin, apreensivo. — Flint acha que os corpos além da muralha podem servir para outros fins contra aqueles que tentarem invadir Icegarden. O barão Hector dizia que o Cajado Wyrms poderia ajudá-lo a fazer isso, tamanho é seu poder.

Manfred pareceu confuso ao ouvir a menção ao cajado, mas Carver explicou:

— É uma relíquia dos tempos antigos, esse Cajado Wyrms. Isso se ainda existir. Dizem que multiplica a força dos magísteres, canalizando todo o seu poder. — Ele sorriu para Hector enquanto esfregava os pulsos. — Viu só? Estava prestando atenção ao seu papo furado, Mão Negra.

— Eu não lembro, nem quero lembrar, as bravatas que fiz você escutar, Carver — disse Hector, envergonhado. — Só espero que minhas ações futuras possam provar que ainda existe uma boa alma aqui dentro. — Hector bateu no peito com os dedos da mão maculada, olhando para a carne enegrecida e cheia de bolhas. A dor no peito no local onde levantara a galhada do Staglord era difícil de ignorar, mas ele tentou não se prender a isso. As feridas podiam ser tratadas depois de resolver aquela situação.

— Os Corvos não vão hesitar em atacar quando você estiver por baixo — alertou Carver, ignorando as promessas do Boarlord. — Durante os últimos meses vi você definhar, Mão Negra, fechando-se em si mesmo, obcecado com esse maldito cajado. Eles também perceberam, e estão só à espera de uma oportunidade. Vendo você assim agora, diante de nós, sou obrigado a concluir que é só uma questão de tempo.

— Como pode garantir que os Corvos não vão atacar agora? — perguntou Manfred.

— Eles não estão aqui no momento, mas é o exército de Riven que está protegendo as muralhas — falou Ringlin. — Os Corvos estão em uma disputa com os Cranelords de Bast há vários dias. E vão querer você quando voltarem, duque Manfred — o capanga acrescentou com um sorriso torto. — Flint vem falando sobre sua captura há meses. Ao que parece, Corvos não gostam muito de Cervos.

— Você confia na sua Guarda Javalina? — perguntou Manfred, lançando um olhar desconfiado para Ringlin.

— Plenamente — respondeu Hector. — Os ugri fizeram um juramento de sangue a mim depois que matei a antiga senhora deles, a rainha Slotha.

— Se for assim — argumentou Carver —, se alguém matar o líder dos ugri, imediatamente se tornará o chefe de um exército?

Carver deixou a pergunta no ar, mas as implicações eram óbvias para todos. Se Flint matasse Hector, teria o comando da cidade e da nação ugri.

— E onde está esse exército agora? — o Lord dos ladrões quis saber.

Hector coçou o queixo.

— Em sua maior parte, fora das muralhas. Os ugri são bem supersticiosos em relação à cidade do Urso Branco; preferem acampar nas montanhas. Alguns deles, como Dois Machados e Sinistro, ficam no palácio, sempre às ordens para o caso de eu precisar. Mas a cidade é patrulhada pelos soldados de Riven.

— E o Cajado Wyrn? — interrogou Manfred. — Onde está?

Hector respirou fundo.

— Desisti de procurar, Alteza. Que continue escondido, como querem as Filhas de Icegarden. Obviamente, é perigoso demais que saia de Strakenberg.

— Então, qual é seu plano? — perguntou Carver. — Como libertar os prisioneiros sem levantar suspeitas entre os soldados de Riven? São eles que estão nas muralhas, não? Duvido que fiquem só olhando quando você sair com os prisioneiros pelo Portão de Strakenberg.

— Existe outro jeito de sair da cidade — contou Ringlin. — Os mineiros e ferreiros conhecem muito bem; uma estrada que passa por baixo da montanha e termina mais à frente, nas Whitepeaks. Não é usada há muito tempo, mas ainda está em boas condições.

Enquanto Ringlin e Carver punham as diferenças de lado para discutir o plano de fuga, Manfred deu um passo à frente e pôs uma mão firme no ombro de Hector.

— É um novo começo para você, Hector. É possível, sim, retomar tudo do zero, deixar a loucura e o caos para trás.

— E a magia também, Alteza. Não quero nem chegar perto disso. Nunca mais.

— Não vamos nos precipitar, garoto. Suas habilidades ainda podem ter um bom uso...

— Não como magíster — retrucou Hector, balançando a cabeça. — A tentação é grande demais. Não posso nem pensar nessa ideia. Vou curar com ervas e bandagens de agora em diante, sem usar a magia. De jeito nenhum.

Manfred balançou a cabeça.

— Só você sabe quanto isso o prejudicou.

— Fui seduzido, Manfred. Totalmente. Assombrado pelo fantasma do meu próprio irmão, deixei-me arrastar para as trevas. Consigo ver e ouvir o espírito dos mortos, mas as boas almas seguem adiante; só as piores continuam por perto na forma dos vis, espectros malignos que são a sombra dos magísteres da obscuridade. Vincent era um monstro desses.

— Você tem medo de que ele volte, de que seu tormento ainda não tenha acabado?

— Não. — Hector abriu um sorriso cauteloso. — Ele se foi. Mas não posso nunca mais me deixar seduzir pelas artes das trevas.

— Bom, você tem seus amigos de volta, Hector. E, com sua permissão, vou manter os olhos cravados em você como um Hawklord daqui em diante. Se ouvir falar qualquer coisa sobre magia, arrebento sua cabeça, combinado? — O sorriso de Manfred se desfez, e um olhar sincero de preocupação apareceu em seu rosto. — Nada de ruim vai acontecer com você enquanto estiver comigo, Hector, Brenn é testemunha.

Os dois se abraçaram, selando o reencontro. Viraram-se para os capangas a tempo de ver Ringlin entregando a Carver uma de suas facas, com Ibal soltando uma risadinha nervosa ao seu lado.

— Tente não enfiá-la nas minhas costas — falou o guarda do Boarlord

por entre os dentes cerrados.

— Como você fez comigo não muito tempo atrás no Portão Sul? Relaxe, Ringlin — falou Carver, estreitando os olhos. — Isso é página virada.

— Vamos partir agora mesmo? — perguntou Manfred.

— Preciso que vocês ajudem Ringlin e Ibal a libertar os outros prisioneiros — avisou Hector. — Lady Bethwyn está com as Filhas de Icegarden aqui perto. Dois Machados é quem cuida da duquesa Freya. Vou buscá-la pessoalmente. Devo muitas desculpas a ela. Mas não temos motivos para ficar mais tempo aqui. Assim que as pessoas estiverem prontas para ir, vocês devem acompanhá-las, milordas. Quem pode saber que perigos existem na estrada sob a montanha?

— E você? — questionou Manfred. — Você não vai?

— Vou, sim — respondeu Hector. — Preciso juntar meus pertences e depois sigo com Ringlin e Ibal. Tenho que passar na Capela de Brenn, para pegar o corpo da rainha...

Ele suspirou. Em vez de Vincent, o vil, agora a vergonha e o sofrimento o acompanhavam a cada passo.

— Não vou deixá-la aqui sozinha. Ringlin e Ibal podem me ajudar a carregá-la e talvez devolvê-la a Drew algum dia.

— Talvez — disse Manfred com amargura, coçando o bigode.

— Tem certeza de que deixou a magia das trevas para trás, Mão Negra? — questionou o Lord dos ladrões, virando o cabo da faca na mão. — Como podemos saber que não é uma armadilha?

— Essa parte de mim está morta. Juro pela vida de todos que eu amo, e não são muitos. Por falar nisso, Carver — ele acrescentou, olhando com repulsa para a mão deformada —, meu nome é Hector.



A escolha

— Ah, Vega, você merece um beijo! — gritou o barão Bosa, erguendo a taça no ar diante do Sharklord.

— Um brinde já basta, velho amigo — disse educadamente o conde, pondo a mão no ombro do Whalelord. Ele pegou um cálice da bandeja que passeava pelo castelo de proa do *Nêmesis*, trazida pelo cozinheiro do navio. Os outros capitães da frota também estavam por lá, vinte no total, celebrando as boas-novas.

— Um brinde, então, à boa sorte com que Sosha nos agraciou! — Bosa ergueu a taça, e os outros fizeram o mesmo.

— Ao Lobo! — gritou o capitão Ransome, e seus companheiros o imitaram.

Drew sorriu para os animados capitães do mar, o espírito de todos otimista após tanto tempo de provação. Whitley apareceu diante dele e abriu um sorrisinho, erguendo a taça. Ele respondeu com um aceno de cabeça.

— Não sei como você finalmente conseguiu convencer Opal a entregar seus segredos, Vega — comentou Drew, olhando por cima do ombro para um grupo de capitães reunidos em torno de alguns rolos de pergaminho. Estavam todos ocupados em decifrar a caligrafia do Sharklord, com nomes de embarcações, rascunhos de mapas e códigos de bandeiras. Era tudo de que os navios precisavam para chegar em segurança até a frota de Scorpio.

— Pois é, Vega — disse Whitley. — Conte para nós: como foi que fez isso?

— Descobri uma coisa que para ela é valiosíssima, milady — ele contou. — Algo capaz de nos deixar em posição de vantagem. Estes pergaminhos que estão aqui: pode acreditar que a mensagem deles é verdadeira. Não tem como ser mentira.

— Como pode ter tanta certeza? — questionou Ransome.

— Pode acreditar em mim. Seria arriscado demais para ela mentir para nós. Temos tudo de que precisamos aqui.

— Então Opal não tem mais serventia — falou Bosa. — Uma pena. Gostava das ameaças charmosas dela.

— Com certeza ela ainda tem informações que podem ser úteis para nós — argumentou Vega. — Seu conhecimento da armada do Catlord é só a ponta do iceberg. Existem mais segredos a serem extraídos da linda cabecinha da Bela de Bast.

— Não gosto da ideia de mantê-la prisioneira — disse Ransome. — Os homens a bordo do *Nêmesis* têm medo dela, mesmo trancafiada.

— Não se preocupe. Tenho espaço no *Turbilhão* para a Catlady, se isso o deixar mais tranquilo. Como é comigo que ela tem esse... digamos, acordo, é justo que fique sob minha custódia. Vamos transferi-la assim que possível.

Os capitães fizeram mais uma rodada de brindes, e copos e jarros foram reabastecidos. Ruídos similares vieram das demais embarcações quando a notícia de que os códigos dos bastians tinham sido descobertos se espalhou. Drew se aproximou de Vega enquanto o Sharklord entornava sua bebida.

— O que você fez, Vega, para conseguir os segredos dela?

— Meu caro Drew, se não se importa, preferiria que você não soubesse.

— Só não quero correr o risco de cair em um truque, Vega — murmurou Drew, falando baixo para que os companheiros não ouvissem. — E se ela estiver enganando você? E se estivermos navegando para uma armadilha?

— Ela jamais sonharia em mentir para mim, garoto. Não com tudo o que está em jogo.

Drew estremeceu, tentando imaginar que tipo de entendimento se estabeleceria entre o Tubarão e a Pantera.

— Não se preocupe — continuou Vega. — Se eu fosse você, trataria de reatar relações com a bela Whitley.

— Ela não quer me escutar, Vega.

— É uma situação complicada. Ela o tem em uma posição bastante elevada, se é que me entende.

Drew olhou para Vega com uma expressão de interrogação. O Sharklord deu risada.

— Puxa, sei que você foi criado na Costa Gélida, mas *algum* contato com o sexo oposto você deve ter tido. Não é possível que só houvesse ovelhas e neve na fazenda do seu pai!

A boca de Drew ficou seca, e seu coração disparou. Desde que os dois tinham viajado para o sul pelas Longridings, Drew sabia quanto aquela garota significava para ele. Depois de terem passado por tanta coisa juntos, agora estavam distantes. O tempo com a Bearlady era precioso, mas sentia que sua preocupação com o mundo ao redor era maior. A guerra, a política, o povo da Lyssia: tudo isso acabava vindo na frente de sua relação com Whitley.

— Se sente alguma coisa por ela, fale de uma vez, rapaz — murmurou Vega. — Não fique adiando o momento, porque ele pode nunca chegar. Não passe a vida se lamentando por um amor perdido, como eu.

Drew assentiu com um gesto de cabeça.

— Vou falar com ela agora mesmo.

— Bom garoto. E não esqueça: ela ainda está chateada, então vá com calma.

O jovem Wolflord percorreu com os olhos o convés lotado à procura de sua amiga, sem encontrar sinal dela.

— Onde ela está?

— Estava aqui agora mesmo — respondeu Vega, voltando-se para o local que Whitley tinha deixado vago.

Drew saiu às pressas rumo à porta que levava aos conveses inferiores. Ao se aproximar da passagem, apertou o passo. Quando chegou à escada, começou a correr.

Opal se inquietou. Seu sono, quando enfim chegou, foi leve e intranquilo, pois sua mente estava perturbada pelos segredos que havia revelado ao Sharklord. Não fora uma decisão fácil, de maneira nenhuma, mas — como já acontecera antes no passado — fora necessário pôr a família em primeiro lugar. As consequências seriam terríveis para Bast. O código das bandeiras e as formações da armada estavam nas mãos de Vega e sua frota. Homens de

valor de sua terra natal seriam abatidos às centenas, e essas mortes iminentes pesavam na consciência da Pantera, embora ela fizesse tudo de novo se fosse preciso. Não havia nada que não fizesse pelos filhos.

Piscou, ajustando rapidamente os olhos à escuridão, ouvindo as correntes tilintarem enquanto se levantava de onde estava deitada. Ransome podia até ter lavado o chão, mas ela ainda sentia o cheiro do sangue daqueles que aniquilara dentro da cela. Estava impregnado na madeira. Desejou que um deles tivesse sido Vega. O Sharklord era o adversário mais baixo que já encontrara. E a pior parte era que ele tinha razão. No momento em que as Panteras, os Leões e os Tigres haviam assumido o poder em Bast, seu destino fora selado.

— Quem está aí? — Opal perguntou, ficando de joelhos. Passou um dedo em torno da coleira presa no pescoço. Os cortes que tinha sofrido em sua transformação parcial, enfurecida pelas palavras de Vega, já estavam curados. A porta estava fechada, mas a Pantera tinha certeza de tê-la ouvido se abrir. Uma cadeira fora colocada encostada na fechadura, impedindo sua abertura, as pernas do móvel bem presas nas tábuas do chão. Ela deixou que a felina tomasse conta de si, mas só o suficiente para aguçar seus sentidos enquanto esquadrihava a cela escura. Seus olhos se transformaram, e ela identificou de imediato um vulto entre a porta e a grade.

— Se veio aqui me interrogar, chegou tarde demais — disse Opal. — Já entreguei tudo o que sabia para o Tubarão.

— Não vim aqui atrás dos seus segredos — respondeu Whitley com um grunhido.

— Então veio me humilhar e zombar de mim por ter traído meu povo? Nada do que disser vai me fazer sentir pior do que já me sinto, menina, portanto fique à vontade.

— Também não é isso. O que quero é outra coisa, Pantera.

— E o que é? — perguntou Opal, soltando um suspiro.

— O que fizeram na Lyssia foi um feito notável — comentou Whitley. — Seu exército bastian varreu os Sete Reinos como uma onda, matando qualquer um que aparecesse em seu caminho.

— É assim que os territórios são conquistados, menina. É assim que o mundo funciona.

— E foi assim que tomaram o controle de Bast? Ouvi dizer que o continente era governado por vários tipos de Werelords. Agora está tudo nas mãos dos felinotropos.

— Meu pai e seus primos se mostraram implacáveis quando tomaram Bast das mãos de seus vizinhos. Tinham uma opinião inabalável de que os Catlords deveriam ser os senhores de tudo. Um feito digno de admiração, na verdade.

— Aposto que aqueles que sucumbiram não pensam assim.

— Os que sucumbiram se limitam a fazer o que mandamos.

— Caso contrário? — perguntou Whitley.

— Caso contrário, matamos os filhos deles.

— Como assim?

— Pelo jeito, vocês não sabem nada sobre governar, não é mesmo? O primogênito de cada linhagem de Werelords é mandado para Leos, onde fica o trono de Bast. Lá, sob a orientação e a tutela dos três altos Lords do Fórum dos Anciãos, aprendem o que significa ser um verdadeiro Werelord de Bast. Quando voltam para casa, depois de adultos, estão mais do que cientes do lugar de seu povo e permanecem absolutamente leais aos Catlords. E assim garantem que seus pais também sigam a ordem das coisas...

Opal deixou suas palavras no ar, em tom de ameaça.

— E vocês pretendem usar esse mesmo sistema para controlar os Werelords dos Sete Reinos? — esbravejou Whitley.

Opal a encarou, estreitando os olhos e estalando os dedos em um gesto súbito.

— Você é a irmã do Bearlord. Lord Broghan era o nome dele, não é?

— Que bom que se lembrou do nome dele — respondeu Whitley. — Afinal de contas, foi você quem o matou.

Opal arqueou uma das sobrancelhas.

— Acho que você não sabe, mas foi Lucas quem matou seu irmão, minha cara.

— Por ordem *sua*!

— O que posso dizer? Ele desejava experimentar sua força.

— Meu irmão pediu misericórdia?

— Eu... não lembro — disse Opal olhando para a porta, preocupada com as intenções da Bearlady quando a garota começou a se aproximar na penumbra.

Opal notou a transformação da menina de Brackenholme. Seu tronco se converteu em uma massa de músculos ursinos que ameaçavam rasgar-lhe as roupas ao primeiro rugido. Seus membros se alongaram, e as mãos viraram patas. Ela balançou a cabeça de um lado para o outro, e o focinho da Ursa ficava mais evidente a cada movimento, mostrando os dentes brancos em meio a rosnados.

Opal olhou para as correntes e algemas que restringiam seus movimentos, sentindo-se terrivelmente vulnerável. Ela recuou para longe da grade da cela quando a Werebear se aproximou.

— O que pretende fazer? — perguntou a Pantherlady, ofegante e assustada.

Whitley se agarrou às barras da grade. Seus músculos incharam com a pressão empreendida, e a fechadura começou a ceder. O mecanismo de ferro era incapaz de conter a força da Bearlady transformada.

— Você já disse tudo o que precisamos saber — disse a garota quando a fechadura enfim arrebentou, a grade abrindo-se com um rangido. — Agora é a minha vez de ter o que preciso: um pagamento em sangue pela vida do meu irmão.

Uma pancada na porta chamou sua atenção, e os gritos de Drew detiveram momentaneamente o avanço de Whitley. A cadeira estremeceu em seu lugar, mas a porta permaneceu fechada.

— Whitley! — ele gritou. — O que quer que esteja pensando em fazer, por favor, não faça! Não faça nada de mal contra ela! Não é assim que agimos! E ela ainda pode ser útil.

A Pantherlady aproveitou o momento para fugir da Bearlady, sua única alternativa, levando em conta o pescoço e os punhos presos por correntes. Opal era rápida, mas Whitley estava atenta. Sua garra segurou a mulher pela coleira. Os pés da Pantera bastian foram arrancados do chão, e suas costas se chocaram contra a parede.

— A utilidade dela para nós acabou! — gritou Whitley, a mão transformada em torno do colar de ferro, arranhando o pescoço de Opal com suas garras. — Agora ela vai pagar pelos crimes que cometeu!

A porta da cela despencou para dentro do recinto, esmigalhando a cadeira que a bloqueava. O Werewolf apareceu, ficando paralisado ao observar a situação que se desenrolava diante de si.

— Solte-a, Whitley — grunhiu. — Não faça isso. Você vai se arrepender eternamente!

— A única coisa de que vou me arrepender é de não ter vingado o assassinato do meu irmão! Você disse que ia me ajudar, mas pelo jeito estou sozinha nessa.

— Ela já pagou o preço, Whitley — disse Drew, chegando mais perto para tentar estabelecer contato visual com a amiga. — Ela traiu os compatriotas quando entregou seus segredos! E isso é só o começo. Podemos *usá-la*, Whitley, como arma nesta guerra.

Vega, Bosa, Ransome e os demais apareceram na porta, atrás do licantropo.

— Ela mentiu para Vega — rosnou Whitley. — Tratou Vega como um idiota!

— Tudo o que eu falei... era verdade! — falou Opal com dificuldade, sentindo a pata de Whitley esmagar sua garganta. — Não era mentira... misericórdia... por favor!

A Lady de Brackenholme soltou o pescoço da Pantherlady e saiu pela grade arrombada da cela.

— Ela é toda sua — disse Whitley, a transformação se retraindo a cada passo. — Acho que agora dá para ter certeza de que ela estava dizendo a verdade.

— Sua bruxa! — sibilou Opal. — Você é louca!

— É melhor prevenir que remediar — Whitley falou para os companheiros, ignorando a manifestação de raiva da Pantera.

— Desculpe — disse Drew, a mão de volta à forma humana ao segurar Whitley pelo antebraço. — Eu pensei que... que você quisesse matá-la.

— Não me entenda mal, Drew — ela respondeu. — Preferia que ela

estivesse morta, mas, se você acha que é melhor mantê-la viva, que seja. Não gosto da ideia, mas tudo bem. — Whitley olhou por cima do ombro, observando a prisioneira exausta ajoelhada no chão, as mãos na garganta. — Só que não vou tirar os olhos dela nem por um minuto.

Três dos melhores marujos de Ransome entraram na cela e se aproximaram da exaurida Pantherlady. Drew se virou para o Sharklord.

— Leve-a para o *Turbilhão*. Vou para o seu navio também, Vega. Não viajaremos com o restante da frota. Nosso destino não será Calico.

— E qual será? — perguntou Vega enquanto Drew colocava o braço nos ombros de Whitley.

— Bast, Vega — respondeu o Wolflord. — É lá que está a raiz de todos os problemas. É lá que precisamos atacar.



Pescaria

Era um som bem singelo, mas, aos ouvidos de Gretchen, extraordinário. O coro de vozes infantis, com suas belas músicas, escapava pelos telhados, erguendo-se sobre a sonolenta cidade de Bray. Ela interrompeu sua caminhada pelo jardim do conde Fripp e fechou os olhos, parando para apreciar os acordes de alegria. Gretchen quase tinha se esquecido de como era ser feliz e despreocupada. No gramado frontal do palácio do Badgerlord, cercada pelos ruídos provenientes da primavera, sentiu-se de volta a Hedgemoor. As passadas irregulares de seu acompanhante a fizeram abrir os olhos e se virar.

— Uma escola? — perguntou Gretchen quando o conde Fripp a alcançou.

— Não exatamente, minha cara — respondeu o velho Texugo, apoiando-se pesadamente na bengala. — Um orfanato, na verdade. Não existem crianças de rua nem mendigos em Bray, milady. Não enquanto eu for o senhor destas terras.

Gretchen estendeu o braço, e Fripp se apoiou nela enquanto os dois continuavam a caminhada à beira do rio.

— É muita bondade sua nos abrigar, milorde — ela falou. — Acho que não existem muitos Werelords na Lyssia dispostos a receber fugitivos dos Catlords a essa altura.

— Os Rapineiros de Hedgemoor têm muitos bons amigos pelas Dalelands, minha cara — disse Fripp. — Mas vocês precisam ser cautelosos. Se quiserem ficar com minha família, você e seus amigos precisam permanecer sob o meu teto.

— Não precisa se preocupar, conde Fripp. Não pretendemos circular pelas ruas de Bray tão cedo. E também não queremos abusar da sua

hospitalidade. Alguns dos meus homens estão feridos, mas, assim que estiverem todos em boas condições, vamos seguir nosso caminho.

— Não gostaria que você se arriscasse pelas matas outra vez, Lady Gretchen — falou o Texugo, bem sério. — Meu palácio está de portas abertas por quanto tempo for preciso.

— É uma oferta muito generosa, mas sinto que cada dia que os Rapineiros passam aqui é mais um dia que nos arriscamos a ser descobertos pelos inimigos. Não quero colocar Bray em perigo.

— Seu amigo está levando um baile — comentou Fripp, mudando de assunto e apontando para a frente com a bengala. — Acho que ainda não pegou nada. Talvez você possa mostrar ao rapaz da Westland como fazemos para fisgar um peixe aqui nas Dalelands, minha cara.

Fripp abriu um sorriso quando Gretchen o beijou no rosto e saiu correndo pelo gramado, dirigindo-se à margem do rio.

— Nada ainda? — ela perguntou, aproximando-se do velho píer sobre o ensolarado Redwine. Trent estava sentado em uma das extremidades, a barra da calça levantada e um dos pés mergulhado na água fria. A outra perna estava dobrada, com o joelho servindo de apoio para o queixo. A vara de pescar estava imóvel em sua mão. O garoto da Costa Gélida ergueu a cabeça, revirando os olhos quando Gretchen se aproximou.

— Se veio aqui para zombar de mim como o Badgerlord, por favor, não faça isso — ele retrucou. — O velhinho se divertiu um bocado me mostrando a diferença entre as duas pontas da vara.

Gretchen foi chegando mais perto, pisando nas tábuas rangentes do píer na ponta dos pés.

— Pronto — ela murmurou. — Vou ficar bem quietinha, para não espantar os peixes. Pelo jeito, você precisa de toda a ajuda possível!

— Não tem nada de errado com minha técnica — garantiu o jovem Manto-Cinza. — Se os peixes não estão mordendo a isca, é por causa dessa porcaria de vara. Olha só essa coisa. Nem molinete tem! — Trent a sacudiu no ar para enfatizar o que dizia, e a linha se enroscou toda em seus dedos.

— Um mau trabalhador...

— ... sempre culpa suas ferramentas, pois é — ele falou, concluindo o

provérbio com uma risada. — Então vá em frente, pode se sentar. Só não jogue nada na água. Estou determinado a tirar alguma coisa deste maldito rio antes do fim do dia.

— Tem uns bichos bem grandes aí, já vou avisando — ela falou, lembrando-se da criatura que confundira com uma rocha algumas semanas antes. — Eu, no seu lugar, tomaria cuidado, Ferran. Um deles pode pegar você!

Gretchen se posicionou ao lado dele, lançando as pernas borda abaixo. Viu quando Trent lançou a linha de novo no rio, permitindo que corresse por cima de sua mão esquerda mutilada. Ele havia perdido os dois dedos menores na luta contra os Wyldermen na Dyrewood.

— Dói? — ela perguntou.

— O quê?

— Seus dedos — ela respondeu. — Ou melhor, a falta deles.

— Tenho uma dorzinha chata de vez em quando, principalmente quando está frio, mas fora isso não me incomoda em nada. Na verdade, não é bem assim: eu era um ótimo pescador antes de perder esses dedos. Pronto, essa é a minha desculpa, e vou insistir com ela até o fim.

Os dois deram risada. A determinação de ambos foi o que os conduziu para fora da Dyrewood, e, na bolha de segurança representada por Bray, tinham se tornado ainda mais próximos.

— Você sabe por que fiquei irritada, não sabe? — ela perguntou quando pararam de rir. — Aquela sua atitude protetora e cheia de preocupação comigo. Agora você entende?

— Entendo — disse Trent enquanto a linha afundava lentamente na água, com o anzol e a isca na ponta. — E faria tudo de novo, porque você é mais importante que qualquer outro transmorfo dos Sete Reinos. Você é a esperança do povo livre da Lyssia.

— Mais importante do que Drew? — questionou ela.

Trent deu de ombros.

— Não sabemos nem se Drew está vivo.

— Você *vai* vê-lo de novo, Trent — ela garantiu, estendendo o braço e fechando os dedos em torno da mão mutilada dele.

— É o que espero — ele respondeu. — Quero poder pedir desculpas por ter acreditado que ele faria alguma coisa contra a nossa mãe, por ter vestido o manto rubro e lutado ao lado dos inimigos. Rezo a Brenn para que esse dia ainda chegue.

— Vai chegar — ela falou, encostando a cabeça no ombro dele. — Tenha fé.

Trent ficou em silêncio por um instante, até conseguir recuperar a voz.

— Ele é um tolo, se quer saber, indo atrás de um exército que pode nem existir. Se tivesse algum juízo, viria atrás de você.

— Existem coisas mais importantes para Drew levar em conta além de mim, Trent. Ele é o verdadeiro rei da Westland. Precisa pensar no povo de seu reino. Seria um tolo se viesse atrás de mim.

— Então eu sou um tolo — rebateu Trent. — Porque é o que eu faria no lugar dele.

— Você sabe como agradar uma garota, Manto-Cinza — ela respondeu, tentando um tom de ironia, mas ciente de que seu rosto ficara vermelho.

— Manto-Cinza? Gostei! Muito melhor que Manto-Rubro. Mas é verdade. Eu jamais sairia de perto de você. Meu irmão é um sujeito de sorte por ter seu afeto.

Ela segurou com força a mão dele.

— Tenho muito carinho por Drew, Trent. Ele é um bom amigo e a razão de estarmos nessa guerra. Mas não é a única alma preciosa para mim neste mundo.

Quando ele se virou, ela se inclinou em sua direção, beijando-lhe a boca com ternura. Um tranco repentino na linha puxou Trent para a frente. A primeira fígada do dia o pegou totalmente de surpresa. Gretchen se afastou quando Trent caiu, ainda segurando a vara enquanto era arrancado do píer. Ele desabou no rio, arrancando urros e gargalhadas da Lady de Hedgemoor.

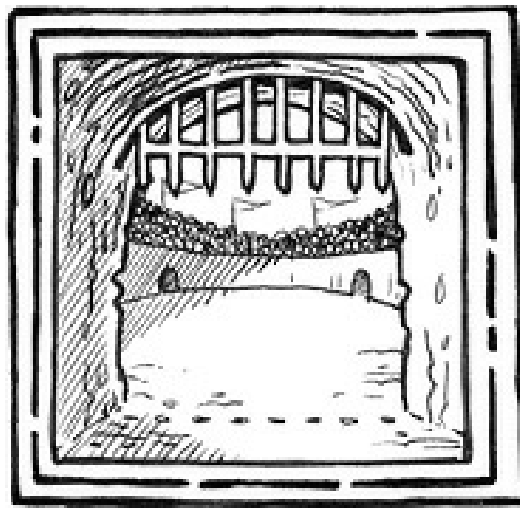
Ressurgindo na superfície do rio, Trent cuspiu água na direção de Gretchen, os cabelos caídos no rosto, encobrendo sua visão.

— Você está parecendo um cão-d'água, Ferran — disse ela, rindo. — Não é para sacudir os pelos em cima de mim quando sair daí, está bem?

Ele estendeu os braços e a puxou pelos tornozelos. Ela caiu no rio com

um grito, desaparecendo sob a água antes de ressurgir nos braços dele. Trent sorriu enquanto ela gargalhava em seu colo. A risada desapareceu quando ela ergueu a mão para afastar os cabelos dele para o lado. Lá estavam os olhos azuis que apareciam o tempo todo em seus sonhos.

— Viu, milady? — disse o rapaz da Costa Gélida, batendo os dentes de frio. — Falei que não ia sair daqui de mãos vazias.



A história da Tigresa

— Pelos meus cálculos, estamos a cinquenta léguas da Ilha de Claw — disse Florimo, passando um dedo magro pela carta náutica.

— Cinquenta léguas por águas bastians? — falou Vega. — Tão tranquilo quanto um dia de sol no Lago Robben.

Drew e Whitley sorriram diante da demonstração de humor negro do conde. Enquanto o restante da frota improvisada do Lobo permanecera em águas lyssianas, dirigindo-se à baía de Calico sob o comando do barão Bosa, o *Turbilhão* havia se desgarrado dos demais, tomando o caminho de Bast. Nem todos os códigos da marinha dos Catlords serviriam para que o navio de Vega chegasse despercebido ao continente da selva. O *Turbilhão* era conhecido pelos viajantes de todos os mares. Qualquer marujo digno do nome reconheceria se tratar de uma embarcação leal ao Lobo, com ou sem a bandeira de Onyx tremulando no mastro. A rota que tinham tomado era terrivelmente perigosa, e a sorte deles estava inteiramente nas mãos do velho navegador.

— Fico grato por ter se juntado a nós no *Turbilhão*, Florimo — disse Drew. — Sem os seus olhos e suas asas, acho que os bastians já teriam nos encontrado.

— Fico grato por ter sido convidado pelo conde — respondeu o homem. — Estava com medo de que ele já estivesse cansado de ouvir minha cantoria a essa altura.

— De jeito nenhum, velho camarada. — Vega sorriu. — Ouviria suas doces melodias até o fim dos meus dias, mas acho que isso pode acabar atraindo a atenção dos Catlords daqui até Felos.

— A sua visão é mesmo assim tão boa? — perguntou Whitley, fascinada com a percepção espacial de Florimo.

— Digamos que eu seja capaz de ver daqui o que o Leão comeu no café da manhã em Highcliff, milady — murmurou o Ternlord, batendo no nariz curvo com o dedo.

— E quanto à navegação? — questionou Drew. — Vi você consultar os mapas, mas existem outros instrumentos também, não?

— Vega pode ficar com seus sextantes e astrolábios — disse Florimo, fazendo um gesto de desdém com a mão. — As estrelas são os mapas e a bússola dos Ternlords. Tudo se resume à posição da lua, jovem Lobo, como você bem sabe, sendo a fera lendária que é. Saiba que ela está lá no céu de dia também. Só é preciso procurar um pouco mais por sua luz. Já ouviu falar no sol escuro, milorde?

Drew fez que sim com a cabeça, e Florimo continuou:

— Nós, navegadores, chamamos isso de eclipse. É a lua que faz isso, lançando sua sombra pelo mundo todo. E que poder isso tem... um Lobo poderia até se embriagar à sombra do sol escuro. Quando se entende os ciclos da lua, é possível ver seu efeito sobre a terra, o mar e os licantropos. Um bom navegador é capaz de prever o tempo, o clima e as marés olhando para o céu. Se observar por tempo suficiente, dá para ver o futuro escrito ali.

— Florimo, então você pode antecipar o que teremos pela frente? — perguntou Whitley. — Pode prever as coisas antes que aconteçam?

— Com certeza, jovem Ursa. — Ele lhe deu uma piscadela e fez uma mesura, inclinando sua pena cor-de-rosa para a frente. — Com sua licença, milordes e milady, é melhor que eu volte ao trabalho. Quanto antes descobrir o que nos espera, melhor.

Florimo estreitou os olhos para o céu, lambeu um dedo e o levantou para o vento. Olhando ao redor, foi até a amurada de estibordo, tirou a camisa e a arremessou para Casper, que sorria a seu lado.

— Olhe e aprenda, jovem Gavião do Mar — disse Florimo com uma piscadela. — Olhe e aprenda.

Asas brancas e compridas apareceram nas costas ossudas do navegador. Seus pés descalços se estreitaram e se abriram, sua pele ficou vermelha e suas juntas se afastaram. Seu nariz tomou uma forma mais afiada e alongada, e o maxilar se ajustou à estrutura para formar um bico preto e fino. As asas bateram, ruflando as penas quando o aviatropo ergueu um dos pés da

amurada. Agitando as velas mais atrás, o vento soprou, proveniente das asas de Florimo, erguendo o Weretern do convés enquanto ele alçava um voo elegante sobre o mar. Em questão de momentos, já se elevava nas alturas rumo ao sol, desaparecendo do campo de visão.

— Venha — disse Whitley, acariciando a cabeça de Casper. — Vamos voltar a trabalhar nas cordas. Vou mostrar a você como o pessoal da terra firme sabe fazer nós *de verdade*, em vez dessas emboleiras que os piratas fazem.

Enquanto o camareiro e a Bearlady voltavam para o convés principal, Drew e Vega se dirigiram para a popa.

— Casper parece gostar muito dela — Drew comentou com um sorriso.

— Ele não está acostumado com companhia feminina — respondeu o Sharklord. — Isso é novidade para ele.

Friggis se mantinha no leme, as mãos no timão, observando o horizonte. Opal estava logo atrás, os pulsos algemados e os tornozelos acorrentados ao convés como garantia, com o imediato bem longe de seu alcance. De tempos em tempos, Friggis olhava por cima do ombro, para verificar se a Werepanther estava onde deveria.

— Por falar em influência feminina, você já contou a Casper? — questionou Drew.

— Nós tivemos uma conversa — respondeu Vega quando passaram pelo imediato. — O menino agora sabe que eu sou pai dele. Estamos nos preparando para conversar sobre sua mãe. Nesse meio-tempo, Florimo vai servir como modelo de aviatropo para ele. Só Sosha sabe como se controla a transformação em um Gavião!

— Acham mesmo que esse pássaro velho pode nos levar até Bast sem sermos vistos? — gritou Opal quando os dois se aproximaram. Ela se virou para Drew. — Vega contou a você como arrancou as informações de mim, jovem Lobo? Que ele ameaçou matar meus filhos?

Drew olhou para ela, acorrentada ao convés, a Werepanther com um sorriso doentio no rosto. Ela achava que esse comentário o afetaria.

— Foi exatamente isso que ele me contou, Opal.

O sorriso de Opal desapareceu no mesmo instante, no momento em que

despontava no rosto de Vega. Se ela esperava provocar algum tipo de choque, não tinha conseguido. Drew pressionara Vega para descobrir como havia obtido aqueles resultados, e o conde, com relutância, revelara suas táticas.

— Um velho Gavião me falou, não muito tempo atrás, que é preciso estar preparado para tomar medidas drásticas a fim de vencer uma guerra — continuou Drew. — Agora entendo melhor suas palavras. Não toleraria ver alguém de minhas fileiras maltratar uma criança na minha frente, nem mesmo o Sharklord. Mas não posso ficar o tempo todo ao lado do conde. Se tem uma coisa que sei sobre o meu comandante dos mares, é que ele é impossível de controlar.

— Você devia ter deixado que a Bearlady fizesse o que queria naquela noite — respondeu Opal. — Estou praticamente morta agora. — Ela cravou as unhas compridas em forma de garra no convés, deixando marcas profundas na madeira. — O exílio seria uma bênção na minha situação, mas é minha cabeça que os anciãos vão querer por ajudar vocês.

— Então, ao que parece, você precisa de nós da mesma forma que nós de você — argumentou Drew. — Não entregue sua vida assim de graça, Opal. Ainda podemos proporcionar uma nova chance a você. E a seus filhos.

— Temo pela vida deles — ela confessou.

— Tente não pensar nisso — falou Vega. — Se o que disse for verdade, não tem por que temer.

— Não é de você que eu tenho medo — retrucou Opal. — Quando os proeminentes Lords de Bast ficarem sabendo da minha traição, vão atrás dos meus filhos. Os Catlords jamais hesitam em punir um dos seus.

— Como fizeram com Taboo? — perguntou Drew, lembrando-se de tudo pelo que a amiga havia passado quando fora escravizada pelos Lizardlords. — Que crime ela cometeu para ser aprisionada em Scoria, disputando combates na Fornalha? Como uma Catlady de Bast acabou tendo que lutar pela própria vida em um fosso, para o divertimento de outros?

A expressão de Opal, sempre tão dura e feroz, amenizou-se ao ouvir o nome da brava Weretiger que havia lutado ao lado de Drew na arena. Uma das Oito Maravilhas do Lizardlord, Taboo era durona como nenhum outro transmorfo que Drew conheceria, e ele tinha orgulho de considerá-la uma amiga.

— É uma longa história, lobinho — Opal falou com um suspiro.

— Não tenho nenhum lugar para ir — ele respondeu, encorajando-a a continuar a conversa. — Além disso, qualquer coisa que puder nos contar sobre os Catlords pode ser útil. Taboo é minha amiga. Se eu conseguir convencer os Lords de que lyssianos e bastians podem trabalhar juntos, talvez exista uma maneira de encerrar essa guerra de uma vez por todas.

— Primeiro eu preciso de uma garantia — ela disse, olhando para cima. Vega se aproximou, parando atrás de Drew, as mãos na cintura.

— Sim? — quis saber o Sharklord.

— Prometam que vão me ajudar a resgatar meus filhos em Braga.

— Isso, nós podemos fazer — respondeu o conde. — Vou tentar tudo o que estiver ao meu alcance para devolvê-los em segurança aos seus braços.

— Que estranho, Sharklord. Dias atrás você ameaçou matar meus filhos se eu não cumprisse suas exigências e agora está prometendo que vai salvá-los.

— Você nos ajudou, Pantherlady — rebateu Vega com um sorriso. — Me dê a chance de retribuir o favor. Diga, o que sabe sobre essa tal Taboo?

— Como vocês já sabem — começou ela —, as três principais famílias dos Catlords, as três dinastias, vêm governando Bast há sessenta anos.

— Os Leões, as Panteras e os Tigres — disse Drew.

— Bom menino, tem prestado bastante atenção — brincou Vega, dando tapinhas na cabeça de Drew como se ele fosse um cachorrinho. Opal olhou feio para ele e o silenciou.

— Trabalhamos juntos, unindo nossas forças e apoiando uns aos outros depois de transformar Bast de uma porção de reinos insignificantes em uma potência respeitada no mundo inteiro. Vocês experimentaram essa força em primeira mão, claro.

Drew e Vega assentiram com um gesto de cabeça, contrariados.

— O centro de poder de Bast é Leos, a capital dos Lionlords — ela prosseguiu. — Depois vêm Braga, minha terra natal, e Felos, a terra dos Tigerlords. O Fórum dos Anciãos, comandado pelos proeminentes Lords das três principais famílias, bem como por representantes de outras linhagens de felinotropos de menor importância, Onças, Guepardos e afins, se reúne em

Leos.

— E as outras famílias nobres, aquelas cujos filhos são feitos reféns? — questionou Drew.

— Alguns chegaram a posições de poder, como Gorgo, o Hipopótamo general, e o conde Costa, o Abutre. Mas a maioria permanece onde os Catlords querem, debaixo de nossas patas.

Ela falou essa última frase com um tom triunfal.

— Taboo era só uma menina quando se juntou a seu avô, o proeminente Lord Tigara, em Leos. Imediatamente, chamou a atenção de todos na corte, por seu temperamento passional e difícil, mesmo para um felinotrope. Já ouviram falar na fúria dos Leões, claro, mas Taboo tinha uma espécie de fúria peculiar, criando um pandemônio quando as coisas não saíam do seu jeito. Se para alguns Taboo era complicada e rebelde demais, para outros seu comportamento indomável e sua natureza imprevisível eram uma lufada de ar fresco no ambiente limitado da capital. A jovem felina atraiu a atenção de uma figura em particular: Chang, o Guepardo, filho de Lord Chollo, o Cheetahlord das Ilhas Dentes. A atração era mútua, e os dois começaram a se cortejar. A personalidade de ambos era bem parecida, e, quando não estavam de mãos dadas, estavam tentando estrangular um ao outro. Mas nós somos Catlords. Somos passionais por natureza.

Opal respirou fundo antes de continuar. A fachada durona da Bela de Bast desmoronava diante de todos.

— Mas havia outro que também amava Taboo, um jovem Catlord que vinha ganhando destaque e poder. De fala mais mansa, ele era um homem de ação, e não um jovem sedutor e comunicativo como Chang. Enfim... esse felinotrope mais tímido, apesar de ter muito pouco em comum com a jovem Tigerlady, abordou Taboo uma noite e se declarou para ela. A garota, ainda quase uma criança, debochou do Catlord que a pedira em casamento, rejeitando seu amor.

Os olhos de Opal encheram-se de lágrimas quando ela olhou para o vazio, recordando o terrível incidente.

— Ele partiu para cima dela, transtornado com a rejeição. Ela revidou, cravando as garras em seu peito. Ele devolveu o golpe, e ela foi ao chão, justamente no momento em que Lord Chang apareceu em seus aposentos. O

rapaz foi em defesa da garota, mas não era páreo para o rival, que havia acabado de voltar de uma campanha militar, endurecido pela batalha. Alguns socos do guerreiro bastaram para esmagar o corpo magro do Guepardo. Enfurecida, Taboo pulou nas costas do Catlord, cravando as garras em seu tronco e seu rosto, mordendo-o e arranhando-o furiosamente. Ele conseguiu contê-la e a espancou, até deixá-la inconsciente. Em seguida, foi atrás da irmã dele.

Drew sabia o que viria a seguir. Estremeceu ao pensar no papel desempenhado por Opal no destino de Taboo.

— Eu ajudei Onyx a armar toda a cena. De acordo com nossa versão, estávamos juntos quando ouvimos os gritos. Enquanto fui atrás dos guardas do palácio, Onyx foi investigar o que acontecia. Encontrara os dois amantes brigando e resolvera intervir, tentando corajosamente tirar a Tigresa de cima do Guepardo, mas o rapaz já soltava seu último suspiro. A garota voltara então seus golpes mortais para meu irmão. Quando cheguei com os guardas e os outros membros da corte, contamos essa história, e ela foi levada para uma cela. Lord Oba, meu pai, pediu sua execução, por considerar que ela estava doente da cabeça e que era um perigo para todos, inclusive para si mesma. Ela pediu clemência, alegando não se lembrar do acontecido. Provavelmente era verdade; não duvido que Taboo tenha sofrido um grande trauma nas mãos do meu irmão, tanto em termos emocionais quanto mentais. Ela negou que fosse capaz de machucar Chang, jurou que o amava, mas em quem os anciãos iriam acreditar? Em uma garota enlouquecida com histórico de mau comportamento e brigas, ou em um jovem e condecorado herói de guerra? Lord Tigara pediu leniência, implorou para que a vida de sua neta fosse poupada. O voto de desempate ficou para o Leão, o proeminente Lord Leon, pai de Leopold, o mais velho entre os Werelords de Bast. Já nessa época, ele gostava muito do meu irmão. Aconselhado por Onyx e por meu pai, Leon concordou que Taboo deveria perder seus títulos e ser dada como um presente aos Lizardlords de Scoria, para lutar pela própria vida na Fornalha. Ela foi banida, e todas as raças de felinotrops deram-lhe as costas. A vergonha que recaiu sobre os Tigres foi imensa, uma mácula impossível de ser esquecida.

Opal se inclinou para a frente, olhando para Vega e depois para Drew. Ergueu os punhos, esticando as correntes diante de si. A Pantherlady tinha os olhos cheios de lágrimas.

— Essa é a triste história de Taboo.



Talento desperdiçado

— Está na hora, milorde.

Hector ergueu os olhos do livro. Ringlin estava na entrada da biblioteca, mais tenso do que nunca. O Boarlord fez uma careta ao fechar a capa pesada do tomo, levantando uma nuvem de poeira. A dor em seu peito era um lembrete constante dos malfeitos que havia cometido e de quanto se afastara do caminho certo. Ele podia administrar remédios e magia a si mesmo para se curar, mas tinha resolvido abandonar de vez o ofício de magíster. Talvez a duquesa Freya pudesse perdoá-lo depois de ser libertada e ajudá-lo com isso.

— Todos já foram embora? — ele perguntou, ficando de pé e cambaleando até a porta.

— Deixei Ibal conduzindo os últimos prisioneiros para fora das celas — relatou o capitão da Guarda Javalina. — Quando perceberam que estavam sendo mesmo libertados, os mineiros e os ferreiros se mostraram mais que dispostos a pegar a estrada sob a montanha. Vão mostrar o caminho de bom grado. Carver e Manfred vão liderar a expedição, acompanhados da sua Lady Bethwyn. — Sobre os ombros ele carregava sua bolsa, e o manto de lã que usava era bem grosso. Estava vestido para viajar. — Se quiser fazer isso, precisa ser agora.

— Você é um bom homem, Ringlin — falou Hector, tocando-o no antebraço com a mão esquerda enluvada. — Pensei que fosse um assassino impiedoso quando o conheci.

— Ah, isso eu ainda sou, milorde. Mas existem tempo e lugar para tudo, sabe?

— Você entende que essa é a coisa certa a fazer, não entende? — murmurou Hector, detendo o passo junto à porta.

— Isso é você quem decide, Hector — respondeu Ringlin, deixando as

formalidades de lado por um momento. — Sou um membro da Guarda Javalina. Seguirei suas ordens em qualquer situação.

— Enquanto eu pagar, terei sua lealdade — comentou o Boarlord com um suspiro.

— Não necessariamente. Seu irmão nos pagava, mas não posso dizer que era leal àquele bêbado estúpido. No seu caso, gosto de você. Nunca pude dizer isso de um patrão. E você está tomando uma atitude jamais vista, em um momento em que tudo está desabando ao seu redor. Pode ser a grande virada de sua vida.

— Você está me bajulando, Ringlin — respondeu Hector, saindo para o corredor. — Deve estar querendo um aumento.

— Acha mesmo que tudo isso é só por dinheiro? — questionou o outro, bufando, quando desceram para as profundezas do palácio. — Mostre-me algum lugar por aqui em que eu possa gastar meu ouro, então.

— Tenho uma última coisa a resolver antes de irmos, Ringlin — disse Hector enquanto caminhavam. — Preciso liberar os ugri da obrigação deles; permitir que voltem à sua terra natal. Dois Machados está vigiando a duquesa Freya. Vou dar a notícia a ele quando pegarmos o corpo da rainha, e depois poderemos seguir com os outros.

— Nunca se sabe — respondeu Ringlin, segurando Hector pelo ombro quando ele cambaleou pelo corredor íngreme. — Dois Machados pode querer tomar Icegarden para si.

— Não — rebateu Hector. — Ele e seu povo podem matar quantos homens do Corvo quiserem quando estiverem de saída, mas esta cidade pertence aos Ursos Brancos. Minha intenção é devolvê-la a eles.

Cada vez mais os dois se aprofundavam nas entranhas do palácio, seguindo os corredores serpenteantes e as escadas que conduziam aos subterrâneos. Hector deteve o passo de repente, batendo na testa com a palma da mão.

— Que foi, milorde? — perguntou Ringlin.

— Que tolice — ele murmurou, sacudindo a cabeça. — Estava com tanta pressa que acabei deixando uma coisa para trás.

— O quê?

— Uma coisa que meu pai me deu há muito tempo. — Hector suspirou. — É um broche, para prender o meu manto: um javali de latão em posição de ataque. A única coisa dele que ainda tenho. Maldição.

— Eu posso voltar para buscar — ofereceu-se o homem.

— Não dá tempo!

— Eu não demoro. Deixe-me fazer isso por você.

— Está no meu criado-mudo, Ringlin. Vá depressa, e nos encontraremos na capela.

O homem da Guarda Javalina saiu em disparada, retornando pelo caminho de onde tinham vindo. Hector o observou se retirar, cada vez mais impressionado com a reabilitação do capanga e com a nova trilha rumo à redenção que ambos tomavam. Virou-se e seguiu em frente.

Quando se aproximou da capela, Hector voltou a suar frio, empapando a túnica, e seu estômago revirou. Imediatamente a mão subiu para o peito, tocando o ferimento que sofrera na ponta da galhada de Manfred. Ainda era possível sentir as costelas separadas, e seu pulmão chiava sem parar. Uma onda de tontura o dominou, ficando mais forte a cada passo inseguro, como se o mundo tivesse sido virado de cabeça para baixo e o corredor se transformado na espiral de um saca-rolha. Piscou algumas vezes, tentando resistir à vertigem.

— Vamos, Hector — ele murmurou, tentando retomar sua frágil confiança. — Controle-se.

Desde sua epifania na companhia de Manfred e Carver, Hector se sentia espiritualmente renascido, e sua mente havia quase voltado ao normal. Sabia que ainda estava em débito, que seus crimes eram graves e numerosos, mas seu coração estava determinado a repará-los. Sua maior alegria vinha do fato de ter se livrado de Vincent. Não havia mais sinal do vil desde o confronto entre os dois, para imenso alívio de Hector.

Segurando-se à parede, continuou andando pelo corredor ligeiramente curvo. Logo à frente estava a porta, a tocha acesa no suporte ao lado. Enquanto com uma das mãos ele carregava a maleta de magíster, com a outra se apoiava à parede do corredor enquanto se recompunha, sentindo a tontura ceder aos poucos.

Hector ainda esperou um momento para abrir a porta, apanhando a tocha

e entrando na Capela de Brenn.

Depois de caminhar até o altar, pôs a bolsa de remédios sobre a superfície de pedra e se dirigiu à extremidade da mesa. Segurando o tecido com os dedos trêmulos, puxou suavemente a mortalha, revelando o rosto pacífico de Amelie. Hector havia cuidado bem dela depois de sua morte, garantindo que recebesse todas as atenções funerárias dignas de um monarca. A ferida em seu peito fora costurada pelo próprio magíster, e ervas e tinturas tinham sido aplicadas para preservar o cadáver e retardar sua decomposição.

— Lamento muito, Majestade. — Hector fungou, acariciando o rosto frio da rainha com a mão trêmula. — Prometo que vou devolvê-la a Drew, ou morrerei tentando fazer isso.

Mais uma onda de tontura o invadiu. Ele cambaleou, estendendo a mão para se segurar na extremidade do altar. Sacudiu a cabeça, tentando se livrar da vertigem antes que a situação ficasse ainda pior. A sensibilidade do lado esquerdo de seu corpo se perdera de repente, e ele caiu sobre a maleta de magíster. Seus conteúdos se quebraram, espalhando-se pelo piso da capela.

Hector largou a tocha no chão e levou a mão à cabeça, forçando a palma contra o olho para aliviar a náusea debilitante. Seu crânio parecia estar sendo partido em dois.

— Alguém faça isso parar! — ele gritou quando a dor se intensificou. O ataque seguinte veio forte, bem mais intenso que o anterior, dominando os sentidos de Hector. Era como se facas estivessem sendo enfiadas em seus ouvidos. Seus olhos pareciam estar sendo atacados por ferros em brasa, e o odor do enxofre invadiu seu nariz. Ele tentou gritar, mas sua voz foi abafada, como se um monstro terrível a forçasse de volta garganta abaixo, sufocando seus pulmões em convulsão. Na boca, sentia gosto de sangue, bile, sal e fel. Hector não sabia mais onde estava. Só conseguia experimentar aquela dor avassaladora e agonizante.

“Queria me banir, irmão? Eu vou embora quando estiver pronto e disposto a isso. Tanto conhecimento nessa sua cabecinha patética...”

As pernas de Hector fraquejaram, e ele caiu de joelhos, batendo a cabeça na beirada do altar antes de tombar ao chão. Quando a escuridão começou a encobrir sua vista, a última coisa que ele ouviu foi a voz de Vincent.

“... desperdiçado com você...”

— Milorde?

Ringlin ia caminhando com passos cautelosos pelo corredor escuro rumo à Capela de Brenn. A essa altura, os prisioneiros libertados atravessavam a estrada sob a montanha, saindo de Icegarden para ganhar as Whitepeaks. Ibal estava entre eles, certamente ansioso para que os dois os alcançassem logo. Seu amigo risonho não costumava ir a lugar nenhum sem Ringlin. Aquele era o maior tempo que passavam distantes um do outro em muitos anos. Ringlin tinha suas dúvidas sobre o plano de Hector, mas entendia que não havia alternativa. As coisas em Sturmland tinham dado uma guinada, mudando para pior. Era melhor sair das montanhas imediatamente enquanto ainda estavam vivos e, talvez, voltar para as Dalelands.

— Lord Hector?

Ele correu o mais depressa que pôde até seu senhor, ciente de quanto Hector podia ser impulsivo. Olhou para o broche de latão em sua mão, com o símbolo heráldico tão valorizado pelo Boarlord. Cerrando o punho, gritou outra vez ao se aproximar da porta aberta da capela.

— Hector? — ele chamou quando a abriu.

O lugar estava uma bagunça. Ringlin foi andando com passos inseguros em meio aos destroços, fazendo um pote de vidro rolar, tilintando pelo piso. A tocha estava caída no chão, lançando um brilho pálido sobre o altar mais atrás. O conteúdo da maleta de Hector estava espalhado por toda parte. Agachando-se, Ringlin estendeu a mão e apanhou a tocha. Quando a posicionou acima da cabeça, pôde observar melhor o espaço ao redor. Prendeu a respiração.

As marcas inconfundíveis da atuação de Hector estavam lá para quem quisesse ver: um círculo de enxofre desenhado em torno do altar. A vela preta, que seu senhor usava quando comungava com os mortos, estava logo ao lado, a cera derretida acumulada ao redor do corpo ainda quente. Ringlin ficou de pé, erguendo a tocha diante de si, com medo do que veria.

A rainha não estava muito diferente de algumas noites antes, quando fora deixada na capela. Seus cabelos longos e brancos continuavam presos em um coque no topo da cabeça. A pele cor de marfim brilhava sob a luz do fogo. Os lábios cor de rubi estavam entreabertos, como se ela respirasse pela boca. Era loucura, Ringlin sabia muito bem: ela estava morta. Os olhos de Amelie se abriram, com duas chamas azuis se acendendo dentro deles ao se

voltarem para o capanga.

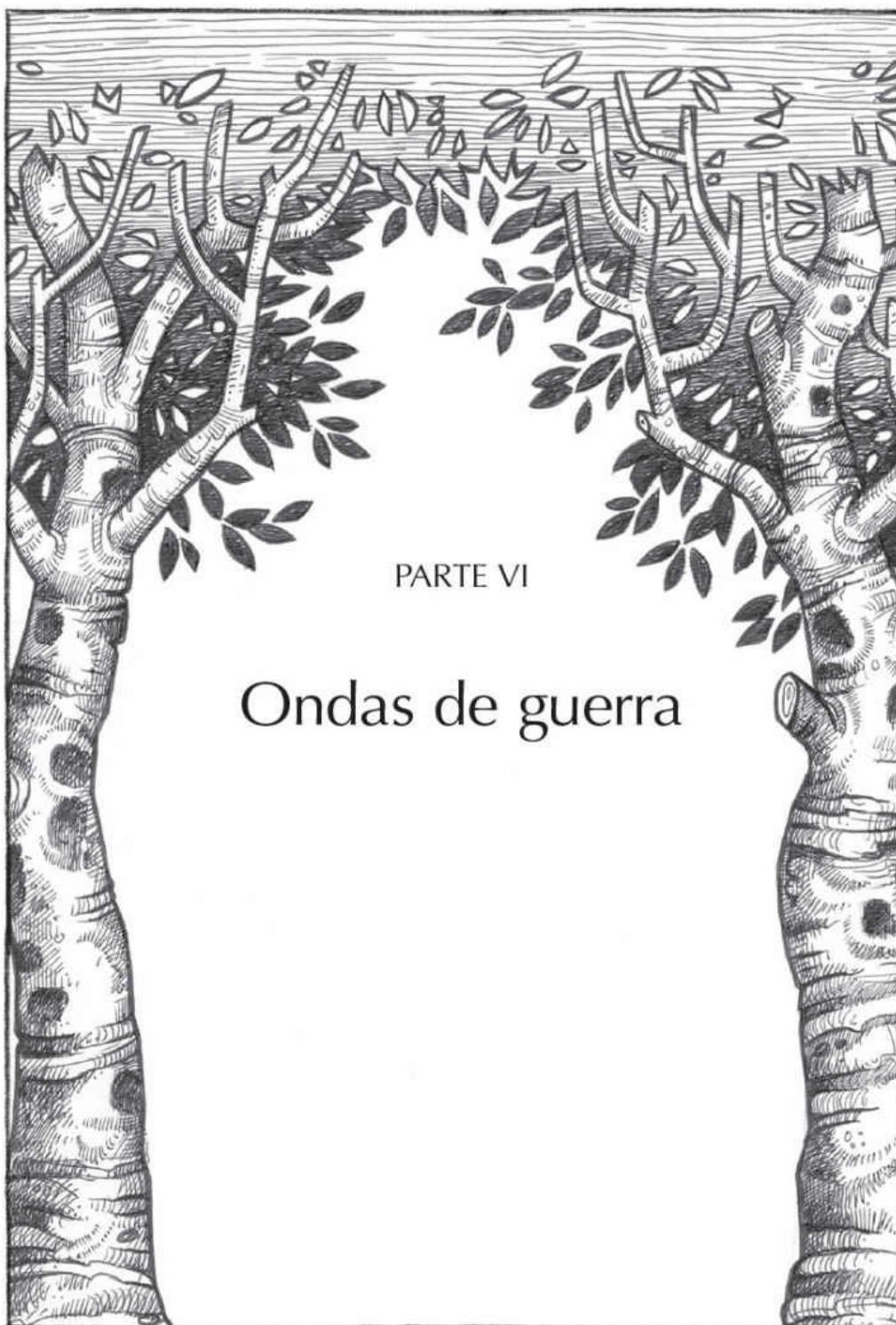
Ringlin a encarou com uma expressão de nojo, boquiaberto, incapaz de dizer uma palavra que fosse. Ouviu um barulho atrás de si, quando um vulto saiu da escuridão. Era Hector. Quando se aproximou, o Boarlord pôs a mão no ombro de Ringlin e o puxou para mais perto. A adaga cravejada de joias penetrou fundo nas entranhas do soldado. Hector ainda torceu a lâmina quando agarrou o homem pela gola da túnica, arrastando-o para junto de si a fim de poder murmurar em seu ouvido:

— Um bêbado estúpido, não é? — ele sussurrou venenosamente, dando outra torcida violenta na faca. — Quem é o tolo agora, Ringlin?

— Por quê, Hector? — gorgolejou Ringlin, os olhos arregalados de pavor.

Arrancando o broche de latão de sua mão, o magíster o empurrou para trás, para os braços da criatura que o aguardava. Dois braços finos e pálidos envolveram o antigo capanga, e a rainha morta-viva cravou os dentes no ombro de Ringlin.

— Acho que Hector se foi para sempre, meu velho amigo — disse o Boarlord, prendendo o broche no manto e tirando a luva de couro da mão esquerda, atirando-a no chão e flexionando o punho enegrecido com uma expressão de fascínio e deslumbramento no rosto doentio. Deu as costas para a monarca ressurgida dos mortos quando os gritos de Ringlin assumiram um tom agudo de desespero. — É com Vincent que você está falando agora.





A floresta esmeralda

Entre os dez piratas do *Turbilhão* que se ofereceram para fazer parte da expedição de reconhecimento do terreno, não havia um que tivesse posto os pés em solo bastian antes. O calor opressivo, bem como a vasta extensão da floresta tropical e os gritos e chamados dos animais selvagens, era um lembrete constante de que estavam em um mundo desconhecido. O fato de usarem o inconfundível fardamento da guarda de honra de Opal — armaduras douradas e apertadas, além de elmos desconfortáveis — só tornava o sofrimento deles ainda maior. Apesar disso, pareciam de fato um batalhão de guerreiros destemidos, os escudos presos às costas e as espadas guardadas na bainha à cintura.

Outros três viajantes completavam o grupo, que se deslocava em fila indiana pela floresta úmida cor de esmeralda. Entre os piratas marchava Whitley, enquanto Drew ia à frente dos homens de Vega, ambos com as mesmas armaduras e os elmos dourados dos demais companheiros. O conde permaneceu em seu navio, tomando o caminho de Braga, lar dos Pantherlords, a fim de resgatar os filhos de Opal. Florimo, o Ternlord, era o encarregado de colocá-los na rota certa. A velha ave tinha feito um trabalho notável guiando a embarcação de Vega até Bast sem que fosse notada, mas a missão de chegar incógnito a Braga era bem mais complicada, pois viajariam por águas movimentadas.

A expedição de Drew tinha como destino Leos, a capital dos bastians. Enquanto marchava na frente dos demais, era inevitável para Drew não pensar na época em que era um escravo a bordo do *Banshee*, com destino à ilha de Scoria. Havia tentado fugir dos captores em uma mata como aquela — só Brenn sabia onde — e quase fora morto por um crocodilo. Dessa vez seguiria com mais cautela, na trilha que sua guia abria para eles.

A Werepanther ia à frente da fila, liderando o grupo pelas profundezas

da mata. Enquanto os piratas de tempos em tempos empacavam no caminho, tropeçando e se enroscando em cipós, raízes e pedras, Opal era a própria representação de elegância e equilíbrio. Muitas vezes precisava parar para esperar seus acompanhantes. No momento estava no alto de um barranco coberto de samambaias, olhando feio para os lyssianos. A transformação de Opal nos últimos tempos era visível para todos. Desde que fora convencida a contar o que sabia, seu comportamento agressivo dera lugar à tranquilidade. E, depois de descer na praia, seus pés pareciam impulsionados por molas. A Catlady estava quase feliz, o que deixou Drew preocupado. Quando fechava os olhos, ainda podia ver a pilha de corpos mutilados no porão do *Nêmesis* e o sorriso ensanguentado da Pantherlady.

— Quanto ainda falta para acamparmos? — perguntou Whitley de seu lugar mais atrás na fila. — Está anoitecendo. Não vamos querer abrir caminho por esta mata na escuridão, não é? Só Brenn sabe que tipo de feras estranhas vive neste lugar!

— Ora, milady — respondeu Drew —, uma batedora dos Sentinelas da Floresta preocupada com a selva? Pensei que se sentisse em casa no meio das árvores!

Ele olhou para trás e, aliviado, constatou que ela sorria. Os piratas também deram risada. Desde que Whitley tinha aceitado o fato de que Opal era mais útil viva do que morta, o relacionamento entre os dois havia se revigorado. A frieza de Whitley fora substituída por um tratamento caloroso que Drew temera nunca mais ver de novo. Fiel à sua palavra, ela os acompanhara na missão a Leos, apesar dos protestos de Drew. Whitley não estava disposta a deixar seu amigo nas mãos da Pantera. A Lady de Brackenholme não confiava em Opal, o que era compreensível depois de tudo o que a mulher a fizera passar. Drew se voltou para a trilha, mas então deteve o passo. Havia perdido Opal de vista.

— Falem baixo — disse Drew, virando-se rapidamente para seus homens. — Não se esqueçam de onde estamos.

Segundo a Catlady, estavam a mais ou menos três léguas de Leos. Normalmente, Drew insistiria que seguissem em frente, por se tratar de uma distância que podia ser percorrida em questão de horas, mas ali não era a Lyssia. Cercados pela mata, abrindo caminho por uma floresta tropical inóspita, viajar à noite seria loucura. As sombras ficavam mais densas,

mergulhando grandes porções da selva na escuridão.

— Opal! — ele sussurrou, correndo na frente, seguindo o rastro dela até o barranco onde a vira pela última vez. Afastou as samambaias e usou a mão para se impulsionar na terra úmida. Quando chegou ao topo ele esperava vê-la do outro lado, mas não havia sinal da mulher.

— Maldita seja você, Opal — resmungou, arrancando o elmo. Seus cabelos escuros estavam colados ao rosto, e rios de suor escorriam por seu corpo sob a armadura dourada. Não acreditava que ela seria capaz de fazer algo assim. Opal precisava deles, assim como eles dela. Vega viajava para encontrar os filhos da Pantera. Se alguma coisa acontecesse com Drew e a tripulação do *Turbilhão*, as chances de Opal rever os filhos estariam acabadas. Ela era uma fora da lei em Bast, apesar de ninguém em sua terra natal saber disso ainda. Como fora capaz de virar as costas para Drew e para os próprios filhos? Whitley estava certa desde o início. Temeroso, virou-se para dar a notícia aos companheiros.

A mata estava em silêncio.

O único som audível era o produzido pelos tripulantes do *Turbilhão*, que caminhavam ruidosamente entre as folhagens. De seu ponto de observação mais alto, Drew conseguia ver toda a extensão das samambaias que se espalhavam pela mata, chegando à altura dos ombros e cobrindo todo o solo da floresta. Quando começou a descer pelo barranco, viu um vulto escuro se movendo em meio à vegetação, a mais ou menos vinte metros do grupo. Ele fez um aceno com a mão, pedindo que seus companheiros ficassem quietos, mas ninguém o notou. Podiam ser corajosos e leais, mas não eram nada disciplinados nem obedientes.

Drew saltou sobre o tronco de uma árvore caída para observar melhor. Lá estava ela, agachada no meio do mato, cercado a presa. Era enorme quando transformada, do tamanho de um cavalo. Estava apoiada sobre as mãos e os pés, com o tronco junto ao chão, agora a pouco menos de dez metros dos homens.

— Ei! — gritou Drew. — A Pantera está no meio do mato! Defendam-se!

Imediatamente, os soldados sacaram suas armas, e alguns ergueram os escudos. A movimentação súbita atijou a fera, e a floresta mergulhou no caos quando a predadora atacou. Drew começou a correr.

Com quase seis metros de comprimento, a gigantesca felina negra era maior do que qualquer fera da mesma espécie que Drew já tinha visto. Sua pelagem cor de ébano reluzia, garras e dentes sendo exibidos. A tripulação do *Turbilhão* se dispersou assim que o monstro surgiu entre eles. Um elmo voou pelos ares, e a cabeça que o sustentava quase foi junto. Grunhidos e rosnados ensurdecedores da pantera só faziam crescer o pânico entre os piratas.

Drew foi se transformando à medida que corria, enquanto os dedos com garras tentavam afrouxar as fivelas da armadura para permitir que seu tronco se expandisse. Ele confiara a vida de todos a Opal, em uma crença absurda de que ela iria guiá-los em segurança pela selva, pelo menos até chegarem a Leos. Em vez disso, ela os traíra na primeira oportunidade, esperando que estivessem em um local escuro e afastado antes de dar seu bote. Drew sacou a Moonbrand e percorreu os últimos cinco metros com um salto. Dessa forma, o Werewolf poderia pegar a grande fera negra pelas costas.

Quando o licantropo começou a trajetória de descida, a espada brilhando acima da cabeça, a pantera rolou para ficar com as costas no solo, ignorando a fuga dos membros da tripulação de piratas. Quatro patas enormes se ergueram acima de sua barriga para se defender do ataque de Drew. Uma perna gigantesca o atingiu, lançando-o pelos ares. Depois de bater em uma árvore, Drew foi ao chão, zozzo e ofegante. Ele levou a mão à armadura, já avariada pelo impacto com a pata da pantera, e rasgou as tiras de couro com as garras para arrancá-la. O jovem Lobo estava ofegante e cambaleante.

Olhou ao redor, à procura da Moonbrand, mas não viu nenhum sinal da lâmina encantada. Colocando-se de pé, foi andando com dificuldade em meio às samambaias em direção à luta, onde os tripulantes tentavam bravamente enfrentar a fera. Drew não podia acreditar em seu tamanho quando transformada, e no controle que exibia sobre suas habilidades de transmorfa. Ela assumira plenamente a forma da criatura, abandonando qualquer resquício de humanidade. Os únicos dois outros Werelords com esse poder que Drew já vira eram Vala e o Kraken, e a Catlady parecia ser tão capaz disso quanto os dois.

— Venha lutar comigo, Opal! — Drew gritou depois de cambalear até o local da batalha, a mão aberta e as mandíbulas retesadas, pronto para a briga. Ele grunhiu, tentando desviar a atenção da Werepanther dos marujos assustados e dispersos. Lentamente, a cabeça do monstro foi se virando para o Lobo, com um rosnado grave emanando de seu peito.

O coração de Drew disparou. Whitley estava caída no chão da floresta, debatendo-se, as patas dianteiras e imensas da fera apoiadas em seu peito. A armadura e o elmo que a Bearlady usava para se disfarçar como bastian caso fossem vistos impediam que assumisse sua forma de Ursa: Whitley estava presa em uma armadilha. A peça de metal começou a se envergar sob o peso da pantera.

Antes que Drew pudesse sair em defesa da garota, um vulto surgiu da folhagem, saltando nas costas da criatura e segurando-a pela garganta. Em questão de instantes, a pantera gigante não estava mais sobre Whitley. Os guinchos e os grunhidos da fera se misturaram aos da criatura que a atacava. Drew agora podia ver quem era: uma enorme felina negra. Opal, a Bela de Bast, a Werepanther de Braga, era quem atacava o pescoço da pantera, determinada a arrancar a vida de seu corpo. As pernas de Opal envolviam a garganta do animal enquanto suas garras seguravam as mandíbulas do bicho, a vestimenta fina oscilando como uma camada de fumaça a seu redor.

A fera lançou a cabeça para trás, tentando desesperadamente morder alguma coisa, enquanto a felinotropa a puxava com força. O estalo que se seguiu era tudo o que Drew e a atordoada tripulação do *Turbilhão* queriam ouvir. Quando o animal foi ao chão, Opal levantou-se imediatamente. Perplexo, Drew viu a Werepanther se erguer sobre os pés, com quase dois metros e meio de altura, coberta de músculos da cabeça aos pés. Seus olhos felinos e gigantescos se estreitaram quando ela encarou o Werewolf com uma expressão desafiadora.

Ela avançou na direção de Drew, que ergueu a garra para se defender. Opal passou direto por ele. Estendendo o braço para o meio das samambaias, ela apanhou a Moonbrand e virou-a de um lado e de outro, observando suas características.

— Ainda quer lutar comigo? — perguntou a Werepanther, jogando a espada de volta para o Werewolf, que a apanhou e a guardou na bainha.

— Não nos próximos instantes — respondeu Drew, a transformação se retraindo.

Opal caminhou até a fera abatida e se agachou ao lado do corpo. Colou sua testa à do animal e murmurou uma prece. Drew ficou parado a seu lado, os braços unidos e a cabeça respeitosamente baixa. Quando a cerimônia acabou, a Lady de Braga voltou a ficar de pé. Reassumia a forma humana, e a

pelagem começava a desaparecer de seu corpo.

— Você está bem, Whitley? — Drew perguntou ao se ajoelhar ao lado da garota, ajudando a amiga ofegante a se levantar, a preocupação evidente em sua voz.

Whitley o ignorou, dirigindo-se a Opal, as bochechas bem vermelhas.

— Obrigada.

— Eu só fiz o que era preciso — ela grunhiu. — Se querem que eu vá até o Fórum dos Anciãos sem despertar suspeitas, o mínimo que posso fazer é me apresentar com uma guarda pessoal completa.

Drew balançou a cabeça, virando-se para os homens, que começavam a recolher escudos, elmos e armas.

— Me desculpe — ele falou, coçando a cabeça. — A pantera, pensei que fosse...

— ... que fosse eu. Pois é. Mas o que você viu era uma pantera-negra gigante, um dos muitos animais das selvas de Bast. Meu irmão tem duas criaturas dessas como animais de estimação. Não precisa ter medo, não vou trair vocês. Até o Tubarão trazer meus filhos, somos aliados, jovem Lobo.

— É uma fera e tanto — comentou Drew, observando o animal abatido. — O que você sentiu fazendo isso com ela?

— Podemos falar sobre isso, Drew Ferran — ela respondeu —, no dia em que você for obrigado a matar um lobo.



Sangue ruim

Onyx esquadrinhou o campo de batalha com os olhos em busca de sinais de vida. A lua minguante se erguia sobre Strakenberg ao leste, perto da meia-noite. No alto da elevação, estava acampado o restante das forças do Urso Branco, guardando a entrada do caminho para Icegarden. Às suas costas estava a famosa cidade, os portões trancados para eles. Quando os sturmianos estivessem liquidados, o exército de Onyx poderia marchar sobre a cidade congelada. Já mandara o recado para sua irmã em Highcliff. Queria canhões, e em grande quantidade. O domínio dos bastians sobre a pólvora ajudaria a abrir as muralhas de Icegarden. Havia coisas demais em jogo para deixar Strakenberg nas mãos perversas de Mão Negra. A riqueza da Lyssia residia naquela montanha e seria da Pantera muito em breve.

O número de sturmianos tinha diminuído drasticamente na última semana, desde a morte de Henrik e o ataque dos Lobos Selvagens. Onyx imaginava que o duque Bergan tivesse assumido o comando do que restara do exército de Sturmland. “Mais um Bearlord que vou ter que enfrentar, talvez”, pensou consigo mesmo, estreitando os olhos em direção ao horizonte.

Afastando-se do campo de batalha coberto pelos corpos congelados dos sturmianos mortos, Onyx voltou para o acampamento, ladeado pelas enormes panteras-negras. Quando se aproximou, o xerife Muller veio correndo para seu lado.

— Uma palavrinha, milorde? — pediu Muller, agitando as mãos. As panteras rosnaram para o Lord das Badlands.

— Só se for bem rápida — grunhiu o Catlord, pisando duro rumo à sua barraca.

— É sobre os Wyldermen!

Onyx deteve o passo, virando a cabeça para ouvir o que Muller tinha a dizer.

— É melhor que você veja com os próprios olhos, milorde — ele disse, incapaz de se expressar.

Onyx e Muller atravessaram o acampamento às pressas, com os grandes felinos no encalço deles, rumo às barracas compridas que serviam de enfermaria. Gritos podiam ser ouvidos por sob a lona. O grupo de curandeiros da Guarda Leonina, uma equipe de cirurgiões treinados pelos olhos vigilantes dos magísteres de Highcliff, cuidava dos feridos. Valiam-se apenas de remédios tradicionais e naturais, além das bênçãos de um sacerdote de Brenn. Quando os combates começaram a se intensificar, na semana anterior, viram-se mais ocupados do que nunca.

— É o rapaz dos estábulos, aquele que o Lobo Selvagem atacou na semana passada — contou Muller.

— Fiquem aqui — Onyx falou para as panteras-negras, e as duas criaturas imediatamente se deitaram do lado de fora da barraca. Um dos soldados puxou a abertura de lona para o lado, e o Pantherlord se abaixou para entrar, com Muller logo atrás.

A primeira coisa que chamou a atenção de Onyx foi a ausência de outros leitos. Havia apenas um, no centro da enfermaria. Quem quer que antes dividisse a barraca com o infeliz cavaliço tinha sido removido. O paciente, aos urros e berros, estava escondido dos olhos de Onyx por uma multidão de espectadores, e a maca em que se encontrava deitado se sacudia sem parar.

Onyx abriu caminho para se aproximar. Um curandeiro com olhar de tristeza coçava a barba, inquieto, enquanto uma sacerdotisa de Brenn murmurava preces sobre seu ombro. Todos os membros do conselho de guerra estavam presentes, expressões preocupadas e rostos franzidos.

— Que bela reunião de nobres e notáveis pessoas — grunhiu Onyx ao se aproximar do inquieto paciente. — Se não conhecesse tão bem todos vocês, poderia desconfiar de que há um golpe em andamento.

— Não vamos nos precipitar — avisou Skeep, dando um passo para o lado e desobstruindo a visão do cavaliço.

A figura retesada e amarrada ao leito tinha pouquíssima semelhança com o rapaz com cara de menino que fora mordido no início da semana. Seus

membros contorcidos lutavam contra as amarras, o couro comprimindo sua carne. O tronco do jovem tinha o dobro do tamanho normal, distendido em proporções monstruosas. Uma camada de pelos cobria cada centímetro de seu corpo deformado, ficando mais espessa na garganta.

— Agora eu sei por que ela está rezando — comentou Onyx, olhando para a sacerdotisa.

A cabeça do garoto parecia ter sido destruída e reconstruída como uma espécie de caricatura grotesca do Lobo. As mandíbulas estavam alargadas, abrigando caninos monstruosos, grandes demais para o espaço disponível dentro da boca. Os lábios estavam crispados, e o cavaliço rosnava, espumando pelos lábios franzidos. Seu nariz estava mais fino, porém virado para cima, a ponta escurecida. Os olhos se reviravam nas órbitas, amarelados e injetados.

— Há quanto tempo ele está assim?

— O ferimento, inacreditavelmente, sarou no mesmo dia, mas a febre só piorou — contou o curandeiro. — Meus colegas e eu suspeitamos de envenenamento sanguíneo, de tanto que o corpo se deteriorou. Ele recebeu os últimos sacramentos nesta tarde — acrescentou, apontando com o queixo na direção da religiosa.

— E a transformação? — questionou Onyx, estendendo a mão para o garoto.

— Começou ao pôr do sol, milorde — disse o curandeiro. — Eu não tocara nele se fosse o senhor!

A horrorosa cabeça do cavaliço parou de repente, e a boca coberta de saliva espumosa se fechou na direção da mão do Pantherlord. Onyx a deixou onde estava, a um fio de cabelo do rosto raivoso do pobre rapaz.

— Algum de vocês já ouviu falar nisso antes? — perguntou a Fera de Bast, olhando no fundo dos olhos insanos do antigo ajudante de estábulo.

— Bom, nós vimos os Wyldermen... — começou o general Gorgo.

— Os Wyldermen não contam, seu Hipopótamo tolo! — esbravejou Onyx. — Foi a magia Wyrms de Coração Negro que transformou os selvagens em Homens-Lobos. Eles participaram do processo por vontade própria, com a ajuda da pata do Lobo. Estou falando sobre *isto*... — ele disse, apontando para o rapaz deformado.

— A transmissão dos poderes transmorfos por mordida não passa de um mito — resmungou o Hippolord, claramente ofendido.

Onyx o encarou por um momento, apontando com o polegar por cima do ombro.

— Não *passava* de um mito. Acho que podemos dizer que este rapaz não está simplesmente passando de menino a homem. Ele está sofrendo de... licantria.

— *Sofrendo* é uma descrição bem adequada — concordou o general Skean, rodeando a maca e atraindo a atenção do menino-lobo. — Ele está ensandecido; tornou-se um selvagem. A lua deve ter sido a responsável pelo início do processo. A pele dele está ardendo em febre.

— Mordido há menos de uma semana, e agora é um simulacro de Werelord — grunhiu Onyx. — Tudo graças à bruxaria daquele xamã que Lucas adotou. Desde que o rei começou a dar ouvidos aos feitiços de Coração Negro, estamos caminhando para isso — ele continuou, apontando para a criatura amarrada ao leito. — Essa... abominação vai contra tudo o que existe de mais sagrado e precioso para nós.

— Precioso? Uma impressionante demonstração de empatia para com essa caricatura de Lobo — comentou o conde Costa.

— Por mais que seja nosso inimigo, o Lobo, por ser um Werelord como nós, merece respeito, Costa. O dom da transformação é o que nos separa dos mortais. Além disso, onde vai acabar o que Lucas e os Lobos Selvagens começaram? A cada ferimento infligido pelos monstros de Lucas, essa doença vai se espalhar mais e mais. Precisamos cortar o mal pela raiz, caso contrário Drew Ferran não vai ser o único Lobo com que precisaremos nos preocupar.

— E como podemos fazer isso? — perguntou Gorgo.

— Vá ver como estão nossos prisioneiros, Muller, os sobreviventes feridos pelos Lobos Selvagens. Se tivermos sorte, eles ainda não começaram a se transformar. Tire-os das celas e se livre deles.

O xerife bateu os calcanhares e assentiu com um gesto de cabeça.

— Generais Gorgo e Skean: vocês têm um trabalho a fazer. Os selvagens atacaram indiscriminadamente naquela primeira noite. Mandem seus oficiais investigarem com discrição as próprias fileiras. Se alguém tiver

sido ferido pelos Homens-Lobos no campo de batalha, deve ser afastado dos demais.

— E depois? — questionou o Hippolord, fazendo Skeep resmungar a seu lado.

— Ele precisa mesmo dizer, Gorgo? — debochou o Grou antes de se virar de novo para a Pantera. — Pode considerar a missão cumprida, milorde.

— E você, conde Costa — disse Onyx, virando-se de novo para o jovem condenado. — Você precisa encontrar o paradeiro de Lucas e seus Lobos Selvagens. Acho que o Leão está precisando de rédeas mais curtas.

— Farei isso com todo o prazer, milorde — respondeu o Vulturelord. — Mas e se ele não aceitar as rédeas?

— Existem outras maneiras de resolver o problema — garantiu Onyx. — Quando entra uma farpa na minha pata, eu simplesmente a arranco.

Alguns membros do conselho de guerra arfaram quando se deram conta do que Onyx estava dizendo. Ele ignorou os murmúrios de preocupação e arrancou uma adaga da cintura de Gorgo. Um instante depois, a lâmina estava cravada no peito do horrendo Homem-Lobo, pondo um fim a seu sofrimento.

— Pelo que entendi, estamos falando de remover o rei de seu trono, milorde — comentou Muller.

— Não seja tão alarmista, caro xerife!

O grupo se virou para Vanmorten, que surgiu das sombras com sua túnica preta. O Ratlord encapuzado se posicionou entre eles, colocando-se ao lado de Onyx como um soldado leal. O Werepanther deu uma espiada por baixo do tecido que escondia a cabeça de Vanmorten, torcendo o nariz por causa do cheiro que emanava do Lord Chanceler. Não dava para ter certeza, mas acreditava ter visto um esboço de sorriso nos lábios desfigurados do Wererat.

— Vamos rezar a Brenn para que o rei esteja disposto a escutar — disse Vanmorten.



O incêndio de Bray

Entre os assentamentos das Dalelands, quase nenhum dormia com tanta tranquilidade quanto o de Bray. Poucos Werelords nos Sete Reinos desfrutavam de tamanha adoração de seu povo como o justo e generoso conde Fripp. As cidades e os vilarejos vizinhos o tinham em alta estima, e Bray permanecera intocada por conflitos e invasões. As muralhas externas em péssimo estado, cobertas de trepadeiras e ninhos de pássaros, eram uma prova da pouca importância que o Badgerlord dedicava à defesa da cidade.

Enquanto Bray repousava sob o luar, o rei Lucas cavalgava rumo à entrada principal da cidade. Mais adiante, as ruas estavam em silêncio, enquanto às suas costas os rosnados famintos dos Lobos Selvagens podiam ser claramente ouvidos conforme despachavam os guardas nas guaritas. Em determinados momentos, Lucas pensou que fosse perder a trilha de Redmire, mas o instinto de caça dos Lobos Selvagens logo os colocara de volta no caminho certo. A rua parecia atravessar a cidade, indo direto para a propriedade de Fripp à beira do Redwine. Vuelas menores começavam e terminavam na avenida principal, ladeadas por árvores que revelavam os primeiros sinais da primavera. Casinhas pitorescas se enfileiravam uma ao lado da outra, diferentes entre si, mas todas cheias de charme e personalidade. Devia ser o lugar mais simpático que o Werelion já vira.

Lucas se virou quando Coração Negro apareceu a seu lado, montado no garanhão preto de Vanmorten. O xamã era o único Homem-Lobo que ainda tinha um cavalo. Os demais haviam abatido e devorado as montarias depois de partir do acampamento de Onyx rumo ao norte. Era um desperdício de criaturas tão úteis, Lucas havia comentado, mas seus Lobos Selvagens eram monstros insaciáveis. Sob a luz do luar, a transformação se intensificava, tornando-os ainda mais horrendos que antes. Sua égua cinzenta, Inveja, sacudiu a cabeça e bufou.

O Leão se inclinou na sela para falar diretamente com o xamã.

— Vá encontrá-la.

Gretchen avançava pelo corredor, abrindo caminho em meio à multidão que ia no sentido contrário. A propriedade do conde Fripp tinha sido aberta para o povo da cidade assim que chegara a notícia de que Bray estava sob ataque. Os pais saíram em disparada com os filhos aos gritos, no colo. Idosos eram empurrados e derrubados enquanto a população em pânico entrava no palácio. Para onde estavam indo, Gretchen não fazia ideia. Talvez houvesse barcos à espera para uma fuga pela água. Sentindo um frio na barriga, lembrou-se de que não havia visto nenhum.

— Volte, milady — disse um velho que era carregado na direção oposta.
— Os monstros estão vindo!

Gretchen o ignorou, entrando em um aposento lateral. As janelas altas davam para o caminho de cascalho do jardim, esmagado pelas botas dos soldados que marchavam apressados. Soltando o ferrolho, Gretchen abriu uma delas, escapando do palácio na calada da noite. Rapidamente entrou em formação com os soldados, seguindo a correria de armas e escudos rumo ao portão da propriedade. Procurou por algum rosto conhecido, algum dos Rapineiros, mas estava perdida em um mar de estranhos.

Os portões de ferro da residência ancestral do conde Fripp estavam fechados com barras horizontais para mantê-los no lugar. O metal ornamentado servia mais para dar a impressão de segurança, pois aquelas grades não ofereceriam muita resistência contra um ataque coordenado. Enquanto alguns soldados tentavam segurar a estrutura com os ombros, outros atacavam desesperadamente com espadas e lanças por entre as grades. Formas terríveis espreitavam a escuridão do outro lado, e vez ou outra uma criatura tentava escalar o portão de ferro antes de ser derrubada por um golpe certo de alguma arma. O número de inimigos crescia a cada momento, e os gritos da população iam arrefecendo à medida que os que ficavam para trás eram mortos.

— Trent! — ela gritou, na esperança de ser ouvida em meio ao clamor da batalha. Tudo o que queria era reencontrá-lo e em seguida localizar o restante dos Rapineiros. Talvez tivessem chances se unissem suas forças contra os inimigos. As feras do lado de fora começaram a atacar os portões

simultaneamente, lançando-se contra a estrutura, uivando enquanto tentavam abri-los à força. A guarda do palácio encontrava-se em dificuldade, pois as barras já começavam a ceder sob as pancadas incessantes, ameaçando se arrebentar a qualquer momento.

— Deixem comigo! — rugiu o conde Fripp, aparecendo de repente no meio da confusão. O idoso Badgerlord estava em transformação, arrancando a túnica para revelar sua pelagem branca e negra. A cabeça larga se alongou, e um focinho coberto de bigodes grisalhos revelou dentes poderosos. Erguendo a espada acima da cabeça, ele se posicionou na linha de frente, projetando a espada por entre as grades e acertando um dos monstros.

— Gretchen!

Ela ouviu o grito de Trent e imediatamente se virou, tentando localizá-lo, mas a voz dele se perdeu em meio ao tumulto e ao caos. Os soldados estavam inclinados sobre o portão, segurando as barras com as mãos, tentando conter os inimigos. Garras e dentes apareciam por entre as grades, fraturando clavículas e arrancando pedaços de antebraços. Com um estalo violento, os portões enfim se soltaram das dobradiças. As grades de ferro vieram abaixo, caindo sobre os defensores que as mantinham fechadas. Membros se quebraram quando corpos foram esmagados, e uma horda de demônios de pelagem negra passou por cima do metal retorcido.

Gretchen deu uma boa olhada naquelas caricaturas monstruosas de Werewolves. Tudo neles era uma réplica horrenda de um licantropo. Os membros poderosos eram carregados de músculos retorcidos. No lugar da majestosa cabeça lupina, que tantas vezes chamara sua atenção nas transformações de Drew, havia uma massa disforme com olhos amarelados, dentes afiados e orelhas demoníacas brotando de cabeleiras negras. Não havia nada de gracioso ou grandioso naquelas criaturas que pulavam sobre as costas dos inimigos, cravando presas em pescoços, arrancando carne de ossos. Alguns corriam como humanos, outros como cães, em sua perseguição aos homens de Fripp.

O conde lutava para sair de debaixo do portão, atacando com sua espada as criaturas grotescas que passavam pisoteando seus guardas. Uma montaria de batalha se empinou sobre as patas traseiras e baixou sobre o portão, forçando a estrutura pesada de metal para cima do Badgerlord ferido. A espada caiu da garra do Texugo quando os cascos do animal o esmagaram

repetidas vezes. Quando o velho transmorfo parou de resistir, a espada do cavaleiro avançou contra o conde.

Um grito escapou da boca de Gretchen ao testemunhar, com horror, a morte de Fripp e também ao reconhecer seu assassino. Lucas se fez visível quando sua égua se virou, pisoteando os portões quebrados e os soldados caídos. Seus olhos enlouquecidos encontraram Gretchen, e a garota de Hedgemoor fugiu em disparada.

Enquanto ela corria pelo gramado, os Homens-Lobos passavam rapidamente a seu lado. Nenhum fez dela seu alvo, preferindo perseguir os soldados que usavam armaduras. Ela notou as penas, as tangas e os adereços de osso que adornavam os invasores bestiais. Alguns carregavam adagas de pedra no cinto. Eram Wyldermen. Como tinham mudado de forma, ela nem sequer imaginava.

Alguns invasores já tomavam o palácio, obrigando-a a procurar outro caminho para o rio. Um muro de dois metros e meio separava o jardim privativo do pátio, e alguns soldados procuravam um modo de saltá-lo. Escudos estavam largados no chão, assim como armaduras arrancadas, enquanto os homens tentavam se desincumbir de seu papel de militares. Gretchen se transformava à medida que corria, permitindo que a Raposa viesse em seu socorro, as pernas se alongando e fazendo, assim, aumentar sua velocidade. Garras apareceram nas mãos e nos pés já cobertos com uma pelagem avermelhada. Ela deu um salto ao se aproximar do muro, aterrissando em cima dele e se equilibrando na beirada. Só então olhou para trás.

Lucas a seguia, esporeando a égua em meio à luta entre soldados e Homens-Lobos. Mesmo a distância, ela podia ver que ele gritava com os horrendos Wyldermen, apontando a espada em sua direção.

Gretchen estendeu o braço para baixo, alçando alguns guardas para cima do muro diante da aproximação dos inimigos. Quando estava prestes a pular para o outro lado, sentiu uma dor aguda na panturrilha. Olhando para baixo, viu um dos Homens-Lobos com as garras cravadas em sua perna, prestes a atacá-la com a outra mão. Ela projetou os dedos em sua direção, deixando marcas profundas no rosto do monstro. Com um urro, ele a largou, e Gretchen se lançou de cima do muro.

Depois de aterrissar nos arbustos do outro lado, a Werefox logo ficou de

pé e saiu mancando pelo gramado adiante. O corte em sua perna era profundo. Um fluxo intenso de líquido escuro encharcava seus pelos. O palácio estava em chamas, e não só ele. Os assassinos de Lucas submetiam Bray ao fogo e às presas, transformando o assentamento pacato em um inferno.

— Encontrem a Raposa! — rugiu Lucas do outro lado do muro.

Vários habitantes da cidade fugiam pelos fundos do palácio, pisoteando uns aos outros em sua tentativa de chegar ao rio. Gritos assustadores de jovens e velhos assumiam proporções ensurdecedoras ao chegarem à água. Havia alguns barcos à espera, amarrados em píeres particulares, mas em pouco tempo ficaram superlotados de gente em pânico e acabaram virando na água. Alguns poucos conseguiram zarpar, seguidos por pessoas desesperadas que tentavam embarcar a nado.

Um grupo cada vez maior de almas mais sensatas se dirigia para o norte, margeando o rio, à procura de um caminho para fora das muralhas. De lá, poderiam continuar seguindo o curso do Redwine e abrir uma distância maior em relação aos monstros. Gretchen estava entre essas pessoas. Uma mulher gritou e se afastou ao descobrir uma transmorfa entre eles.

— Silêncio, por favor! — pediu Gretchen, estendendo uma das patas. Seus dedos estavam cobertos de sangue, tanto dela como do Homem-Lobo ferido. Isso só assustou ainda mais a mulher, cujo grito se transformou em um urro de pavor.

Foi o que bastou. O primeiro Homem-Lobo a saltar o muro avançou direto para a Werefox e as pessoas que fugiam pelo jardim, atraído pelos gritos da mulher. Praguejando, Gretchen se desgarrou dos humanos em fuga, agitando os braços enquanto rosnava e berrava. Rapidamente um dos Homens-Lobos mudou a trajetória de seu avanço, partindo para cima da vulpinotropa. Gretchen foi mancando até a beira do rio e chegou a um píer de pescadores. Tropeçando e cambaleando, caiu de joelhos na estrutura instável. A Raposa olhou para trás quando escutou o grunhido da fera.

Antes que o monstro pudesse chegar ao atracadouro, uma figura apareceu do nada e o derrubou. Os dois foram ao chão, e o Homem-Lobo fechou a boca para morder quem o atacava. No lugar da carne, porém, seus dentes se cravaram na Wolfshead, o que o fez jogar a cabeça para trás. O Homem-Lobo atacou com as garras, mas Trent se esquivou, rolando para o

lado. Os dois se levantaram, e o soldado foi um pouco mais rápido. A espada de seu pai entrou em ação, cortando o Wyldermen mutante bem na barriga. O golpe não foi suficiente para detê-lo. A fera ignorou a ferida e pulou em cima do rapaz, a boca aberta. Mas Trent já estava em movimento, desferindo mais uma espadada. O topo da cabeça do Homem-Lobo foi arrancado, e o monstro semidecapitado desabou no chão.

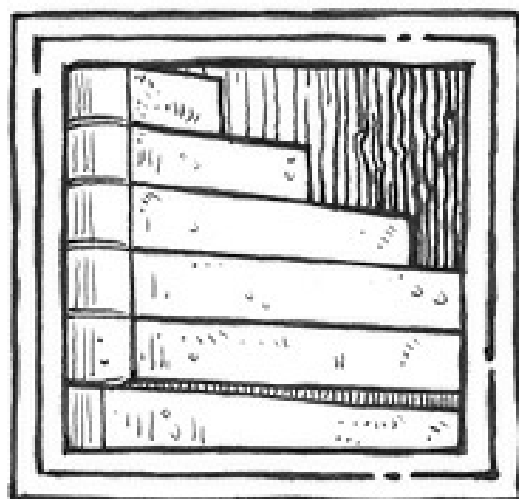
Trent olhou para Gretchen, agachada na beirada do atracadouro. Acenando com a mão de três dedos, Trent a chamou, o palácio em chamas às costas. Mas não havia acabado, Gretchen percebeu. Ela gritou o nome dele quando vultos escuros apareceram às costas do rapaz.

O Manto-Cinza se virou a tempo de ver um Homem-Lobo em pleno voo, saltando no ar em sua direção, com mais dois em seu encalço. A Wolfshead não subiu a tempo, e a fera caiu sobre seu ombro, envolvendo-o com pernas e braços. As mandíbulas se fecharam, e os dentes se cravaram na garganta de Trent. Por fim, a espada encontrou seu alvo, perfurando o estômago da criatura e saindo pelas costas, mas o estrago já estava feito. O Wylderman caiu na água, e Trent levou a mão à garganta, tentando conter o jorro de sangue. Sua espada se ergueu quando o outro Homem-Lobo atacou, mas ele se perdeu em meio a golpes impiedosos.

Gretchen tentou gritar mais uma vez, mas sua voz não saiu. Os joelhos fraquejaram, e ela se inclinou sobre o atracadouro, vendo a lua refletida na superfície do Redwine. Fora ali que Trent a pegara no colo. E aquilo nunca mais aconteceria. O sangue continuava escorrendo da ferida em sua perna. Seus olhos estavam pesados quando mais um Homem-Lobo apareceu no píer, aproximando-se. Carregava uma adaga de pedra longa e serrilhada em cada mão, e um cocar de penas se equilibrava na cabeça deformada.

— Você deve se lembrar de mim como Rolff — rosnou o monstro, rangendo os dentes assustadores, as garras imundas estendidas. — Mas sou Coração Negro, e seu rei quer vê-la agora.

Gretchen fechou os olhos e deixou seu corpo cair no Redwine. O choque térmico da correnteza gelada era surpreendentemente revigorante, e a dor cessou de imediato, substituída por uma tranquilidade entorpecedora. Seus pensamentos logo se deixaram levar pelo abraço frio e envolvente do rio.



O Fórum dos Anciãos

Drew mantinha a cabeça baixa enquanto caminhava pela ponte gigantesca que dava acesso à Torre dos Anciãos. Não era uma tarefa fácil. Ao chegarem às muralhas de Leos, ele e seus companheiros do *Turbilhão* haviam encontrado uma maravilha de tirar o fôlego atrás da outra. Janelas e canhões pontilhavam as enormes muralhas protegidas por numerosas guarnições. Por toda a sua extensão, Leos esbanjava opulência. Entre residências com torres de mármore e jardins suspensos, além de fontes elaboradas que apareciam a cada esquina, ficava claro que o povo da cidade do Leão estava acostumado com o luxo. Dois rios enormes desciam das montanhas cobertas pela mata, atravessando as muralhas em uma série de cachoeiras. Pontes cada vez mais bonitas e imponentes atravessavam as quedas-d'água, e os rios ainda contornavam a Torre dos Anciãos antes de desaguar no mar.

Drew olhou para cima, para a torre que bloqueava o sol e oferecia um breve alívio do calor. A fortaleza era coroada por um imenso domo dourado, que parecia reluzir como um farol. Com o sol se pondo mais atrás, a luz emergia do alto da torre, refletindo os raios solares sobre a selva além das muralhas.

Opal caminhava entre Drew e Whitley. A Pantherlady havia reunido uma multidão quando chegaram aos portões. Com o restante dos tripulantes do *Turbilhão* em formação ao redor, escondidos sob as armaduras douradas da elite de Bast, pareciam de fato a guarda pessoal de Opal. Mais atrás, vinha uma procissão de curiosos, gritando palavras de agradecimento pelo retorno em segurança da Bela de Bast. A indiferente Opal não demonstrou nenhuma reação ao atravessar a cidade.

— Onde ficam os pobres daqui? — perguntou Drew sob o elmo. — Só estou vendo ricos em Leos.

— Não temos pobres em nossas cidades, jovem Lobo — ela respondeu,

orgulhosa. — Os cidadãos dos Catlords se beneficiam plenamente de nossa riqueza. Essa é uma lição que vocês, lyssianos, deveriam aprender.

— Ah, é? — questionou Whitley, impressionada com a demonstração de igualdade. — Então as cidades dos Rinocerontes, dos Búfalos e dos Crocodilos estão todas prosperando?

— Eu disse as *nossas* cidades. As cidades dos felinotropos. São os dízimos e os tributos das raças inferiores que mantêm nosso conforto.

Uma vez dentro da fortaleza vertical, Opal os conduziu por uma série de escadarias interconectadas, atravessando salões e corredores imponentes. Ela caminhava com mais pressa agora, notou Drew, quase ameaçando deixá-lo para trás. A Werepanther os levaria mesmo até seu pai? Ou ainda havia o risco de traí-los? A movimentação era cada vez maior, com gritos e aplausos esperando-os a cada passo. Quanto mais alto chegavam, aproximando-se do topo dourado da torre, mais temeroso Drew ficava. Estavam entrando no coração pulsante das forças inimigas, em minoria numérica massacrante e confiando que a Pantherlord cumpriria sua palavra. Ele arriscou uma olhadela para Whitley e viu que ela fazia o mesmo. Seus olhos grandes e castanhos estavam quase ocultos pelo elmo dourado, as crinas pretas de cavalo pairando logo acima. Ela piscou algumas vezes, diretamente para ele. O significado do gesto não passou despercebido a Drew.

Quando a comitiva entrou no Fórum dos Anciãos, Drew sentiu seu coração disparar. O gigantesco teto em forma de domo tinha duas aberturas em lados opostos, permitindo que raios de sol entrassem no recinto circular, acompanhados de uma agradável brisa. Drew estimou que houvesse entre sessenta e setenta Werelords de túnicas brancas reunidos em pequenos grupos. Quando Opal entrou no Fórum, as conversas cessaram de repente.

— Altezas, Lords e Ladies — veio o anúncio do arauto, que se perdeu em meio aos presentes. — Apresento a Bela de Bast, Filha de Braga e Alta Comandante do Exército Bastian: Opal.

Os conselheiros aplaudiram e deram um passo para trás, deixando Drew e seus companheiros no centro do Fórum, com Opal à frente. Havia três enormes tronos de mármore ao redor do recinto, a distâncias equidistantes, cada um com seu ocupante. Os anciãos que estavam de pé se dividiram em grupos, gravitando em torno dessas áreas específicas.

Com a dispersão dos Lords transmorfos em túnicas brancas, Drew pôde

ver os guardas posicionados dentro do recinto, usando diferentes uniformes. Imediatamente notou mais Elmos-Dourados com fardamento igual ao seu. Um desses guerreiros acenou para ele, balançando a crina de cavalo no alto do elmo. Drew se apressou em devolver a saudação. Uma tropa de homens usando couraças presas com tiras de couro se posicionava ao lado de outro trono, com bainhas idênticas na cintura. Mas a maior parte dos homens usava os mantos rubros que Drew já conhecia muito bem: a Guarda Leonina.

— Estou bem aqui, não esqueça — murmurou Drew.

— Que informação reconfortante, jovem Lobo — disse Opal, dando um passo à frente na direção dos tronos.

— Proeminente Lord Oba, aqui estou eu, de volta para o senhor — ela falou, apoiando-se em um dos joelhos e fazendo uma medida.

— De pé, filha, deixe-me vê-la melhor — respondeu do trono o Werelord de pele cor de ébano.

Opal ficou de pé na frente do pai, erguendo o queixo, os olhos fixos na velha Pantera. Não havia nenhum indício de afeto entre os dois, mas Drew precisava se manter alerta. Estava na capital dos Catlords, no trono do governo bastian. Muita coisa estava em risco naquela conversa de Opal com os anciãos. Uma palavra em falso, e sua missão — bem como sua vida — estaria encerrada.

— De volta assim tão cedo, filha, e com tanta guerra ainda a vencer — falou Lord Oba. — Alguma razão para voltar a Bast sem aviso, deixando seu irmão no continente gelado?

— Pergunte por que ela voltou a Bast enquanto meu neto ainda está em guerra — repetiu o proeminente Lord Leon, o mais antigo dos Lionlords, que pelo jeito não tinha ouvido a conversa. Ele parecia agitado com a mudança súbita no rumo das coisas.

— Eu me preocupo especialmente com o destino do *Nêmesis* — acrescentou Oba. — Aquele é meu navio, menina. É melhor que esteja intacto.

Drew deu uma olhada para os demais tripulantes do *Turbilhão*. Alguns se remexiam, inquietos. “Cabeça no lugar, rapazes.”

— Meu irmão continua no comando dos exércitos no norte, obviamente sob a direção do rei Lucas. — Opal fez questão de dizer a última parte em um

tom mais alto, para que o velho Leon pudesse ouvir. O Leão se inclinou para a frente no trono, como se tivesse despertado de repente.

— Você disse rei? Ele é um bom menino. Espero que consiga seguir os passos do pai.

— Sim — concordou Opal. — Que nossos ancestrais abençoem a memória de Leopold.

Drew era capaz de sentir a tensão pairando no ar. “Oba fora cúmplice da morte de Leopold? Ou não sabia que isso já estava *planejado* quando viajaram para a Lyssia?”

— Temos sorte por um Leão ter continuado no trono — prosseguiu Leon em um tom entusiasmado, dirigindo-se a todo o Fórum. — Esse povo da Westland é um bando de primitivos arruaceiros. Não à toa o reinado de Leopold foi tão conturbado. Foi somente graças à intervenção de vocês, meus irmãos bastians, que conseguimos retomar o controle dos Sete Reinos do usurpador e seus aliados. Um Lobo jamais vai reinar na Lyssia enquanto eu ainda for capaz de respirar.

Um rugido teria reforçado seu discurso, mas Leon foi acometido por um acesso de tosse e se sentou de volta no trono. “Um Leão decadente”, pensou Drew, observando os três líderes, um de cada vez. Oba parecia em ótimas condições, com o mesmo porte atlético dos filhos. Quanto ao Tigerlord Tigara, ainda não tinha aberto a boca.

— Por que está aqui, filha? — Oba voltou a perguntar, com impaciência na voz.

— Para pedir ao Fórum dos Anciãos que reconsidere nossa campanha na Lyssia. Chamem de volta nossas tropas, e acabaremos com essa guerra.

As tossidelas de Lord Leon transformaram-se em gargalhadas, acompanhadas pelos homens que cercavam seu trono. O riso logo se espalhou pelo recinto, primeiro discretamente, depois como uma grande onda. O proeminente Lord Oba permaneceu impassível, encarando a filha sem piscar. Lord Tigara, de Felos, inclinou-se para a frente no assento.

— Está pedindo que ordenemos o recuo do exército e da marinha bastian, Opal? — perguntou o Tigerlord, sem a mesma convicção dos outros dois na voz. Era um homem pálido, de peito largo, com enormes e quase cômicas costeletas ruivas cobrindo-lhe as bochechas e a mandíbula. — Por

que retiraríamos nossas forças agora, tão perto da vitória? Skean, o Cranelord, vem trazendo notícias para Bast com frequência, informando a respeito de seus triunfos. Westland está sob seu controle, não? Nosso exército no leste está quase tomando Omir, e Lord Onyx está prestes a esmagar os sturmianos. Seria loucura desistir agora.

— Sua Alteza — ela disse diretamente para Tigara, com um tom de voz calmo e comedido, quase inaudível em meio às risadas —, peço aos anciãos que reconsiderem essa decisão à luz da informação que trago. Essa informação é absolutamente relevante para definir como vamos proceder, e não só como um exército de Catlords, mas também como nações autônomas de felinotropos.

O proeminente Lord Leon recuperou a voz.

— E que notícia nova é essa trazida da Lyssia que pode nos tirar de nosso rumo? Meu neto precisa do que tivermos de melhor para superar aqueles cães do norte. Nada vai ser capaz de me convencer do contrário, Opal!

— Você desertou de seu posto, filha — disse Oba, olhando feio para ela.

Drew não tinha como saber se o homem sempre falava daquela maneira. Se fosse esse o caso, certamente explicaria por que Opal era como era. No entanto, quanto mais observava o Lord de Braga, mais Drew suspeitava de que o Werepanther não confiava na filha. A volta dela a Bast sem aviso fora um movimento sem precedentes. Ele logo entendeu que Opal estava prestes a despejar uma bomba sobre o Fórum dos Anciãos.

— Nunca um filho meu fugiu da luta — continuou Oba, sem disfarçar o tom de ameaça na voz. — Essa sua atitude só traz vergonha para a nossa família. Aconselho que modere sua língua, para nos poupar de mais vexames, filha.

Opal baixou a cabeça. O poder do pai sobre ela era imenso. “Isso não deveria estar acontecendo.” Drew sentiu o suor escorrer por baixo do elmo pesado. “Fale logo, Opal, diga ao Tigerlord o que ele precisa saber!” Os homens do *Turbilhão* estavam cada vez mais agitados, com uma postura que revelava instabilidade e insegurança, enquanto todos os demais soldados no recinto permaneciam em posição de sentido. Alguns dos anciãos de túnica branca ao redor de Oba notaram a inquietação na guarda pessoal de Opal, e um deles chegou a apontar para os companheiros. A garganta de Drew estava

seca, e seu coração, tomado pelo medo.

— O senhor disse “notícia *nova*”, Lord Leon — disse Opal por fim, erguendo de novo o queixo. — Não trago nenhuma notícia nova. É uma história antiga, e não da Lyssia, mas de Bast.

— Retire-se daqui, filha — disse Oba. O Lionlord pareceu confuso, e as risadas começaram a arrefecer. — O Fórum dos Anciãos não é lugar para vir limpar a consciência. Se tem uma queixa a fazer, traga-a até mim, seu pai.

— O Fórum é o lugar perfeito para o que quero dizer — ela grunhiu. — Já fiquei em silêncio por tempo demais.

Oba arregalou os olhos quando se deu conta do que ia acontecer. Ele sabia exatamente do que a filha falava, e se levantou para dar um passo à frente.

— Silêncio, Opal!

— Do que ela está falando? — perguntou Tigara, quando a balbúrdia no recinto cresceu e os anciãos de túnica branca passaram a gritar uns com os outros.

— Sua Alteza — falou Oba, virando-se para o Tigerlord —, o fato de minha filha estar aqui e não na Lyssia já é motivo suficiente para duvidarmos de sua sanidade.

— É sobre Onyx...

Opal não conseguiu terminar a frase. O proeminente Lord Oba foi até ela e a segurou pela garganta com sua mão enorme. Ele a manteve à distância de um braço enquanto ela o unhava freneticamente.

— Ainda tem ciúme de seu irmão mais velho, filha? — grunhiu o Pantherlord, e o Fórum ficou em silêncio. — Está sempre querendo manchar o caráter dele. Você está falando de um herói de guerra, menina. Um defensor de Bast! A reputação dele está fora de questão, e você fica tentando jogar lama em seu nome? A Lyssia despertou o que há de pior em você.

— Você está errado, Oba — disse Drew, encostando a Moonbrand na nuca do Lord. — A Lyssia despertou o que existe de *melhor* nela. Agora solte-a.

Um coro de suspiros de espanto ressoou pelo Fórum dos Anciãos à visão do guerreiro que ameaçava o Pantherlord com sua espada. Oba manteve a

mão na garganta de Opal, mas a pressão imediatamente cedeu. Vários soldados presentes no recinto avançaram, mas a tripulação do *Turbilhão* cercou o trio de Werelords, as armas em riste. Whitley arrancou o elmo e tirou o peitoral da armadura, que arremessou no chão impecavelmente polido. Suas garras começaram a aparecer, os membros engrossaram, e a pelagem surgiu em sua carne em transformação. Ela não era a única. Em todo o Fórum, Lords transmorfos começaram a assumir a forma de uma imensa variedade de feras sob as túnicas brancas.

— Todos vocês, para trás! — berrou Drew, arrancando o elmo com o braço sem mão. A proteção reluzente de cabeça saiu rolando pelo chão, refletindo os raios dourados até enfim se deter. O rosto de Drew já estava em transformação, os olhos cor de âmbar brilhando como dois sóis no rosto escuro do licantropo.

As testemunhas da cena soltaram um rugido quando se deram conta da identidade do falso soldado, mas ficaram onde estavam, mantendo distância da guarda de Opal. A maioria dos presentes era de Catlords, de pelagem clara ou escura, rajada ou manchada. Mas havia outros Werelords do continente bastian também — Aves, Répteis, Primatas e Rinocerontes, entre outros.

— Solte-a, Pantherlord — grunhiu Drew, lançando seu hálito lupino no ouvido de Oba.

Oba abriu a mão e Opal caiu, encolhendo-se toda no chão em meio a um acesso de tosse. Whitley foi correndo até ela, grunhindo para qualquer um que ousasse se aproximar. O antebraço de Drew envolveu a garganta do Lord de Braga, a Moonbrand encostada na base de suas costas largas.

— Um empurrão na lâmina e sua vida chega ao fim, Alteza, então é melhor deixá-la falar.

Drew olhou para Opal, de quatro no chão, tossindo sangue no piso de mármore aos pés de Whitley. O proeminente Lord Tigara havia descido do trono e se colocara diante deles, olhando feio para o Lobo, a Ursa e os homens do *Turbilhão*, que lhe apontavam espadas.

— É melhor rezarem ao seu deus lyssiano para essas lâminas serem temperadas com prata — disse o Weretiger enquanto se transformava. As listras negras começaram a cruzar sua pele, e uma pelagem alaranjada tomou conta de seu corpo enquanto ele crescia na frente dos piratas assustados.

— Fiquem onde estão, rapazes — falou Drew. — Ele não vai fazer nada. Não ainda.

— Tem razão, Lobo — respondeu Tigara. — A morte de vocês pode esperar até que eu ouça o que Opal tem a dizer. Estou intrigado para descobrir que tipo de loucura é capaz de levar uma alma a percorrer incontáveis léguas pelo oceano com seu inimigo mortal apenas para encontrar a morte. Estamos lutando contra seus amigos faz um ano, tentando descobrir onde você estava entocado. E você aparece aqui em Leos, entregando sua cabeça de bandeja.

Tigara olhou para Oba, que rosnava.

— Está tudo bem, Alteza? — prosseguiu ele. — Prometo que o Lobo vai ser seu quando acabarmos com isso.

— Não dê ouvidos a ela — disse o Pantherlord.

Drew pressionou a Moonbrand contra as costas de Oba, que se debateu em seus braços.

— Você parece mais preocupado com o que sua filha tem a dizer do que com sua segurança — o Lobo esbravejou com Oba antes de se voltar para o Tigerlord. — Isso não parece estranho, Lord Tigara?

— Silêncio, filho de Wergar — grunhiu Tigara, observando enquanto Whitley ajudava Opal a ficar de pé.

A Pantherlady ergueu a cabeça, a mão no pescoço ferido.

— Quero ouvir o que a Bela de Bast tem a dizer.



Aprisionado

Hector nunca tinha se sentido tão impotente. Avistou o corpo caído sobre o chão de pedra diante do trono de Icegarden. Havia o círculo de pó amarelo espalhado às pressas em torno do cadáver, com os símbolos desenhados a dedo. Horrorizado, viu o próprio punho coberto de cera se erguer no ar. As palavras de magia saíram rápidas e incontroláveis de seus lábios quando a mão bateu no chão.

A morte na Capela de Brenn teria sido bem melhor que o inferno por que Hector passava agora. Sua consciência foi voltando aos poucos, a princípio de forma etérea, como um sono semiconsciente. A situação foi se tornando mais familiar à medida que reconhecia os sintomas: era um sonâmbulo de novo. Em seus pesadelos anteriores, seu corpo se deslocava pelo palácio de Icegarden por vontade própria. A sensação era a de estar aprisionado no próprio corpo, incapaz de se comunicar com sua manifestação física. Achou que fosse acordar a qualquer momento, mas esse momento nunca veio. Foi só quando viu a si mesmo dando ordens para Dois Machados e os demais membros da Guarda Javalina que se deu conta de que era um pesadelo do qual não conseguiria acordar. Seu corpo não era mais seu.

Em todas aquelas ocasiões, não havia verdadeiramente sido vítima de sonambulismo. Vincent estava treinando, à espera do momento de assumir o controle. Agora Vincent estava no comando do corpo de Hector, sem nenhuma intenção de devolvê-lo. O magíster estava preso atrás dos próprios olhos, observando a trilha de atrocidades deixadas pelo irmão. Amelie e Ringlin, seu guarda-costas assassinado, tinham sido as primeiras almas que Vincent perturbara. Depois de observar o ritual inúmeras vezes em sua forma de vil, ele sabia exatamente o que fazer. A única coisa a ser comemorada era o fato de que os prisioneiros — Carver, Manfred e centenas de inocentes — tinham fugido pela estrada sob a montanha. Apenas uma alma ficara para

trás, e agora estava à mercê do terrível Vincent.

No passado, Hector obtinha o que queria dos mortos e depois os deixava em paz, libertando-os do tormento de ficarem presos a um corpo frio em decomposição. Vincent, porém, não tinha esse cuidado com os cadáveres reanimados. Ringlin encontrava-se totalmente subjugado, dominado por um feitiço poderoso que o envolvera por completo. Vincent deu uma risadinha de triunfo quando os cadáveres vieram cambaleando atrás dele, obedecendo a seus comandos. Apesar de Amelie e Ringlin serem seus primeiros experimentos, certamente não seriam os últimos. O irmão de Hector tinha muitos planos.

“Pare com isso, Vincent”, disse Hector, cujas palavras eram destinadas unicamente aos ouvidos do irmão. “Eu imploro.”

— Erga-se, criatura, e responda aos comandos de seu mestre!

O corpo se ergueu desajeitadamente do local onde estava caído, virando a cabeça em um movimento lento para o Boarlord. As familiares chamas azuis brilhavam nos olhos da criatura quando o cadáver que costumava ser a duquesa Freya, a Bearlady de Icegarden, ficou de pé. A falecida nobre olhou ao redor do recinto, observando o teto alto e os pilares imponentes de sua antiga sala do trono.

— Eu estou... em casa? — murmurou ela.

— Em certo sentido, sim, Alteza — respondeu Vincent, levantando-se com gestos hesitantes de onde estava ajoelhado. O Boarlord fez uma pausa, apertando o peito no local onde levava uma galhada de Manfred.

“Que ótimo”, pensou Hector. “Você ainda não cuidou do meu ferimento. Espero que uma infecção se espalhe por toda a sua caixa torácica.”

— Quer que este corpo morra, irmão? — perguntou Vincent, enfim se dirigindo a Hector. — Isso significa que já o cedeu a mim em caráter definitivo?

“Você me ouve?”, questionou Hector.

— Claro, mas preferi ignorar. Só Brenn sabe o quanto você é choramingão. Eu era assim tão irritante quando assombrava você?

“Pare com essa loucura agora mesmo, Vincent, antes que seja tarde demais!”

Vincent bateu com o dedo no queixo, fingindo pensar a respeito.

— Acho que esse apelo me é familiar, sabia? Com certeza já ouvi isso antes. Talvez todo pobre coitado que cruzou seu caminho tenha dito essas mesmas palavras a você, não?

“Mas no fim eu vi a loucura que estava cometendo”, argumentou Hector. “Por favor, pelo amor de tudo o que existe de bom no mundo, pare com essa insanidade.”

— Você não pode me dizer o que fazer. Não é minha consciência. E com certeza também não é nenhuma referência moral, a julgar pela maneira como agia quando meu corpo era seu. Só que não é mais, certo? E nunca mais será.

O vil só estava no comando do corpo de Hector fazia poucas horas, e já se sentia em casa. Estava claramente apreciando poder se mexer livremente outra vez.

— E duvido que consiga escapar de sua pequena prisão, Hector — disse Vincent, virando-se para a Bearlady reanimada, que ainda oscilava diante dele, e batendo na têmpora com o dedo preto e esquelético. — Esta é sua casa de agora em diante.

— Por que estou aqui? — murmurou a duquesa assassinada. — O que aconteceu?

— Você está morta — respondeu Vincent, sem rodeios. — Eu a matei. Você passou seus últimos meses demonstrando a meu irmão seu comportamento pomposo, arrogante e cheio de si, típico dos Bearlords. Mas meu irmão se recusava a admitir que precisava ser mais direto se quisesse obter uma resposta. Então, agora eu vou *comandá-la*.

A figura espectral permanecia com a boca aberta, como se estivesse gritando. A terrível careta de morte de Freya estava marcada para sempre em sua expressão. Vincent bateu uma mão na outra.

— O Cajado Wyrn, milady — ele rosnou. — Onde está?

— A comunhão... não é desconhecida das Filhas — disse o cadáver. — Você não está sozinho nessa prática, magíster. Eu já fiz a comunhão uma vez, com minha finada avó, em seu último suspiro. Lembro-me da sensação até hoje, ao segurar a mão da morte...

Hector ouviu a voz frágil de Freya e sentiu uma empatia imediata com ela. Vincent se aproximou do círculo de enxofre e estapeou o rosto da figura espectral.

— Não tenho tempo para bobagens. Flint vai estar aqui em breve. O Cajado Wyrn, Alteza... ordeno que me diga onde está.

As chamas azuis se agitaram dentro dos olhos da duquesa quando ela falou, com uma voz mais firme:

— Outros também procuraram. Até as Filhas de Icegarden já foram atrás da relíquia, por curiosidade ou ganância da alma desencaminhada. Devemos agradecer a uma ancestral minha por mantê-lo em segurança, uma lady cuja linhagem chega até mim. A verdade sobre o paradeiro do Cajado Wyrn passou de matriarca para filha, de cada mãe morta para aquela que tomou seu lugar. Esse segredo eu deveria passar para Lady Greta, mas esse dia nunca vai chegar.

— Então não é um mito? O cajado existe?

— Você deve subir até o topo da Torre do Osso. Lá em cima, vai encontrar um para-raios enegrecido preso à estrutura. Esse, magíster, é o cajado dos Dragonlords.

— Está ouvindo, Hector? — vibrou Vincent, ensaiando uma dancinha desajeitada. — Estava debaixo do seu nariz o tempo todo!

Hector sabia que para-raios era esse, um pedaço retorcido de metal queimado, incapaz de atrair um segundo olhar de quem quer que fosse. Estivera ao lado dele inúmeras vezes quando subia na Torre do Osso para arejar os pensamentos. E entendia a necessidade de manter o cajado longe do alcance de qualquer um. À vista de todos no alto da Torre do Osso? Havia melhor local para esconder um objeto aparentemente inofensivo, com tamanho poder?

— Em nome de Brenn, o que está acontecendo aqui?

Era Flint. Os pés do Crowlord pisoteavam com força o chão de pedra enquanto se aproximava às pressas.

— Mão Negra! — gritou Flint, diminuindo o passo ao chegar perto da oscilante Bearlady reanimada. — O que você fez? O assassinato da rainha Amelie, eu acredito que tenha sido um acidente. Quando mandou trazê-la para cá, suas intenções pareciam boas... mas isto?

O Crowlord caminhou em torno do círculo de enxofre, olhando para a Filha da Chama Azul, que até poucos dias antes era a Lady de Icegarden. Vincent não lhe deu atenção, preferindo murmurar animadamente para si mesmo a respeito de sua próxima empreitada. Os olhos de Flint passearam pela sala do trono às escuras quando um coro de gemidos surgiu em meio às sombras.

— Quantas dessas criaturas amaldiçoadas estão escondidas na escuridão? Fizemos um acordo, Mão Negra, e você se comprometeu a não cometer nenhum ato hediondo sem me consultar. Pensei que sua magia pudesse ser uma arma para nós, uma força capaz de transformar os Sete Reinos no mundo que desejamos, mas agora está claro para mim que você enlouqueceu! Usar a necromancia no campo de batalha é uma coisa, mas *matar* a duquesa Freya só para *revivê-la*?

— Eu tinha perguntas a fazer — disse Vincent, demonstrando sua irritação com Flint ao fazer um gesto com a mão maculada. — E ela enfim respondeu.

— Você é doente! Isso é uma perversidade! E se eu tivesse uma informação que você desejasse? E se não colaborasse com seus interrogatórios? O que aconteceria, Mão Negra?

Hector sentiu uma pequena esperança se elevar em seu espírito. O Crowlord podia ser seu salvador, no fim das contas? A única alma capaz de deter Vincent? Flint agiu rápido, sacando a cimitarra do cinto, as asas negras emergindo das costas. As expectativas de Hector se elevaram, pois ele sabia que a morte, o alívio final, estava a caminho.

A alegria de Hector, porém, não passou despercebida a Vincent. Quando a cimitarra se elevou, o Boarlord já se transformava, apontando as presas da parte inferior da mandíbula na direção do Werecrow. Sua cabeça acertou a barriga negra de Flint, lançando o aviatropo para trás. O Corvo se chocou contra um dos pilares imponentes da sala do trono, e suas asas bateram com força quando ele tentou levantar voo. No entanto, ele não viu a figura que saía da penumbra, de trás da coluna de mármore. Só se deu conta da presença dela quando foi agarrado pelos calcanhares e puxado para o chão, os dentes cravados na panturrilha.

Flint golpeou com a cimitarra, e sua lâmina cortou a carne do ombro do homem, que mesmo assim não o largava. Olhos azulados e fulgurantes se

voltaram para o Corvo, que reconheceu o morto como sendo Ringlin. Outros Filhos da Chama Azul saíram cambaleando da escuridão, atacando o horrorizado Lord de Riven. A duquesa renascida se juntou a eles, libertada do círculo de enxofre. Enquanto os demais puxavam Flint para baixo, ela agarrou a outra perna do Corvo, que desferia golpes inúteis com sua cimitarra enquanto a própria carne era feita em pedaços.

“Pelo amor de Brenn, o que você está fazendo, Vincent? Quando essa loucura vai parar?”

— Silêncio, irmão — disse Vincent. — Você sempre foi do tipo que se preocupa demais. Minha obra está só começando. Vou mostrar a você o que significa o verdadeiro poder.

O espírito de Hector se retraiu ao se dar conta de todos os desdobramentos daquele horror. Os Catlords e Lucas eram os menores dos problemas da Lyssia. Era um filho dos Sete Reinos que devia ser temido acima de todos os outros. Hector havia criado um monstro.

— Agora — falou o novo Lord de Icegarden, esfregando a mão preta na branca — está na hora de subir.



O triângulo partido

Todos os olhares estavam voltados para Tigara. Já os olhos do proeminente Lord de Felos estavam vidrados na elegante Pantherlord diante dele. Depois de contar o que queria, Opal se preparou para o que estava por vir. Seu orgulho havia sido restaurado, assim como sua confiança. Ela examinava o rosto de Tigara à procura de uma pista sobre seu estado de espírito. O temperamento volátil dos Weretigers era lendário, e ainda mais no caso de Taboo, cuja triste história enfim fora revelada. A atmosfera no Fórum dos Anciões exalava tensão.

— Não pode ser verdade — disse Tigara em um murmúrio rouco.

— O senhor sabe que é — rebateu Opal. — Eu não minto, Alteza. Só lamento que tenha sido o Lobo a provocar esse meu impulso de sinceridade.

— Não dê ouvidos a ela! — gritou Lord Oba. — Ela se aliou aos lyssianos e trouxe o Lobo, nosso maior inimigo, ao coração do nosso reino.

— Foi você que me tornou seu inimigo, Oba — rosnou Drew. — Foi quando os da sua espécie invadiram a Lyssia, na época de Wergar, roubando a Westland do meu pai, que as batalhas começaram.

— Ouça, Tigara — grunhiu Oba, ignorando o Lobo e a lâmina em suas costas. — Você e eu nos conhecemos há muitos anos, velho amigo. Por acaso já nos desentendemos? Já houve alguma disputa entre nós?

— Eu mandei minha própria neta para o exílio, Oba — disse Tigara, incrédulo, lançando um olhar enviesado para a Pantera. — Permiti que ela fosse banida, entregando-a aos Lagartos de Scoria. Tudo isso por um crime que ela não cometeu?

— Ela era *culpada*, Tigara! — berrou o proeminente Lord Leon, levantando do trono, acompanhado de seus vassalos e de seus Mantos-Rubros. — Você conhecia muito bem o temperamento dela, assim como

todos nós. A fúria dos Leões parecia uma demonstração pacífica perto da maneira como ela se portava!

— Mas nem por isso ela era um monstro! — argumentou Drew, virando-se para o Lionlord, com a Pantera ainda na ponta de sua espada. — Eu conheci Taboo em Scoria. É verdade, sua fúria é inigualável, mas ela é uma alma leal e honesta. Eu confiaria minha vida a ela.

— Ela ainda está viva?

— Está, sim — respondeu Drew. — E tenho orgulho de considerá-la minha amiga.

— Você disse tudo agora, Lobo. — Leon soltou uma risadinha de deboche, apontando um dedo retorcido para o licanthropo. — Viva ou morta, Taboo é uma figura de confiança dessa fera da Lyssia, um *notório inimigo* dos Catlords de Bast, assim como Opal, a Pantera traidora.

— Ele era meu filho.

Essas palavras saíram baixas, mas mesmo assim se fizeram audíveis em meio ao burburinho e aos gritos. Os proeminentes Lords, Drew, Whitley, Opal e os demais voltaram-se para o Catlord, que dava um passo à frente.

— Chang era uma boa alma e tinha a vida toda pela frente — disse Lord Chollo, o Cheetahlord das Ilhas Dentes. Enquanto os outros felinotropos se transformavam, ele permaneceu em sua forma humana, a pele morena lisa e impecável. Para Drew, o homem transmitia um aspecto de fragilidade.

— E ele foi tirado de nós por Taboo — falou Oba, com a concordância de Leon.

— Não! — esbravejou Opal. — A Tigresa era inocente. Foi Onyx quem matou seu filho, Lord Chollo, e conspirou para que Taboo fosse mandada ao exílio em Scoria. E, que os ancestrais me perdoem, eu o ajudei a cometer esses crimes. Fui sua cúmplice, assim como eles.

Opal apontou para o pai e depois para o Werelion. Lord Leon deu um passo para trás, como se o dedo da Bela de Bast o tivesse atingido fisicamente.

— Mentira! — gritou o velho Leão. Os olhos de Oba faiscavam de raiva.

— Eu não seria tão contundente ao defender as Panteras se fosse o

senhor, Leon — rebateu Opal. — Principalmente depois do que aconteceu em Highcliff!

— Como assim, menina? — perguntou o ancião, ofegante, o peito em expansão e a juba crescendo ao redor da garganta.

— Quer saber realmente como se deu a morte de Leopold? Pergunte ao meu pai. Onyx ordenou que Lucas o matasse. Eis o fato: seu neto matou seu filho.

Por mais forte que ele fosse em sua forma de Werewolf, Drew sentiu que seu braço corria o risco de ser arrancado do ombro quando o Pantherlord teve uma explosão de raiva. O tronco de Oba se expandiu, as costas se curvaram, batendo no focinho de Drew. Oba saltou sobre a filha, mas Opal já estava em movimento, rolando no chão e levantando, transformada. Os dois enormes Werepanthers se encararam.

Drew ergueu a cabeça e se viu diante de uma multidão de Werelords bastians e soldados com mantos rubros e armaduras douradas. Ele brandiu a Moonbrand, obrigando-os a recuar. Os homens do *Turbilhão* se colocaram a seu lado, alguns arrancando o elmo, que restringia seus movimentos. Whitley também estava lá, os dentes ursinos à mostra e os olhos concentrados no inimigo.

— Sempre pensei que fosse morrer em Brackenholme, de velhice. Que iria para os braços de Brenn no conforto do Grande Carvalho.

— Essa hora ainda não chegou, Whitley — grunhiu Drew, antes de rugir para os piratas: — Fiquem a meu lado, rapazes!

Os inimigos vinham de todas as direções. Os Mantos-Rubros do Leão de um lado, os Elmos-Dourados da Pantera de outro. Entre eles, Drew viu presas de marfim, chifres, garras e cascos. Dois de seus piratas foram arrancados do grupo ao mesmo tempo por um gigantesco Wereape que os agarrou, um em cada mão. Eles foram jogados por cima dos ombros largos do Macaco, caindo em meio aos homens posicionados às suas costas. Whitley avançou, desferindo golpes com suas patas, acertando um soco no queixo de um Rinoceronte e o mandando para cima dos Mantos-Rubros. Piratas e bastians trocavam golpes em um ruidoso encontro de prata e aço.

Opal avançou sobre o pai, acertando um chute em seu estômago, mas o enorme Pantherlord ignorou o golpe. Segurou-a pelo tornozelo e o torceu.

Um estalo se fez ouvir, e Opal gritou. Oba levantou a outra mão, pronto para atacá-la, mas então soltou um rugido de dor.

Lord Leon, transformado, tinha saltado sobre ele e cravara os dentes no antebraço da Pantera. Imediatamente, Oba largou a filha, erguendo o punho para socar o grande Leão, mas a fera não aliviou a força da mordida. Os dentes cravaram fundo, partindo ossos; o Werelion sacudia a cabeça de um lado para o outro, balançando a juba. Os dentes de Oba entraram em ação, fechando-se sobre o rosto do Leão. Os dois saíram rolando, atacando-se com os membros gigantescos, lutando para alcançar a garganta um do outro.

A disputa entre os dois proeminentes Lords fez o caos se intensificar dentro do Fórum. Os soldados leais às Panteras e aos Leões se viraram uns contra os outros, e de repente três facções estavam em guerra dentro do recinto. Whitley se viu separada de seu grupo, bloqueada por lanças e espadas dos Elmos-Dourados. O chifre de um Búfalo, aliado de Oba, acertou inesperadamente sua cintura, levantando-a no ar. Antes que ela caísse de volta no chão, o Apelord grandalhão quebrou o pescoço do Búfalo e a segurou pela perna. O ar foi expulso de seus pulmões, e sua vista escureceu quando a jovem Bearlady foi suspensa sobre o mar de lâminas e garras, na direção das mandíbulas do Macaco. Sua trajetória foi cessada por um golpe da Moonbrand, que arrancou o braço do Wereape e permitiu que a Werebear fosse ao chão. Drew se viu de repente no meio da refrega, distribuindo chutes, espadadas e mordidas para afastar os inimigos de Whitley.

Um rugido ainda mais alto que os da Pantera e do Leão juntos se elevou no Fórum, interrompendo a batalha. As mandíbulas do Lord de Felos estavam escancaradas, e gotas de saliva voaram longe quando ele esvaziou os pulmões em direção aos Catlords em disputa. Drew ajudou Whitley a se levantar, abraçando a Werebear e recuando, com a Moonbrand em riste, aproximando-se dos homens do *Turbilhão*. Apenas alguns ainda estavam de pé. O piso de mármore do Fórum estava manchado pelo sangue de humanos e transmorfos, que tinham se voltado, todos, para o Weretiger.

— Já chega de brigas. Pelo menos aqui, no Fórum dos Anciãos! — gritou Tigara. — Se alguém derramar mais uma gota que seja de sangue em Leos, vai ter que enfrentar minha ira. Digo isso com o coração cheio de desejo de vingança e ansiando pelo sangue de Panteras e Leões. Vocês vão pagar pela traição, mas não hoje.

— Quê? Está nos mandando embora? — questionou Oba, o rosto desfigurado pelo ataque de Leon.

O Leão estava igualmente ferido, os ossos do crânio visíveis onde os dentes da Pantera haviam dilacerado sua pele.

— Esta é a minha cidade! — gritou o Leão, gorgolejante, a garganta cheia de sangue. — Você não pode me dar ordens!

— Estamos no Fórum dos Anciãos, Alteza — interveio Lord Chollo, demonstrando um autocontrole impressionante ao lado do Tigre. — Sendo assim, vamos votar a questão. As Panteras podem ir embora, e Lord Tigara recebe permissão para voltar a Felos. O cessar-fogo vai durar até o nascer do sol de amanhã. Quem for a favor, que diga “sim”...

Um coro ansioso de aprovação se elevou no Fórum. Os Werelords de Bast concordaram com a solução temporária.

— E os exércitos bastians que estão lutando na Lyssia? — esbravejou Oba, olhando feio para a filha, que se levantava lentamente ao lado do Tigerlord. Chollo estendeu o braço, e Opal aceitou a ajuda.

Tigara balançou a cabeça.

— Tudo aquilo pelo que trabalhamos para conseguir juntos, pela glória de Bast, foi construído em cima de suas mentiras, Oba.

— Foi graças às Panteras que Bast obteve sua glória — falou Oba, endireitando o corpo com dificuldade. Seus companheiros Werelords foram correndo até ele, que os repeliu, mantendo-se de pé com as próprias forças, antes de continuar: — Foi a minha visão que nos uniu, que permitiu que conquistássemos o continente. — Ele cuspiu sangue no chão, aos pés de Tigara. — Nosso exército na Lyssia é obra *minha*. Está lá porque eu o mandei. — Ele encarou Leon. — Eles lutam pelo meu filho, a Fera de Bast, e não por um menino que está brincando de ser rei.

— Vamos chamar o exército de volta — disse Tigara.

— Eles vão ficar lá e lutar pelo meu neto, o rei Lucas — rebateu o Werelion.

— O garoto que matou o próprio pai? — ironizou Oba.

— Eles vão manter um Leão no trono — grunhiu Leon. — A Lyssia pertence aos Leões!

Oba rasgou a túnica branca ensanguentada e a atirou no chão entre os dois outros Lords.

— A união entre os Catlords se desfez. Agora é cada felinotrope por si. Nós nos veremos em breve. Tigara, Leon.

Ele fez uma mesura antes de se virar e sair andando, pisoteando os corpos de feridos, mortos e moribundos. Muitos dos Werelords que estavam a seu lado ficaram no mesmo lugar: um Rinoceronte, um Mamute, um Íbex, dois Grous e diversos outros tipos de transmorfs do continente da selva. Enquanto saía, Oba rosnou para os que tinham se virado contra ele. Fez uma pausa diante do jovem Lobo, que permanecia cercado pelos sobreviventes do *Turbilhão*.

— Meus parabéns, Lobo, por sua vitória aqui hoje, mas foi só uma batalha. A guerra ainda está sendo disputada. Pegue sua Bearlady e seus humanos e vá confortar minha filha e seus novos amigos, os Tigres. Mas não demore. A Lyssia ainda vai precisar de você.

Com essa ameaça final, o Lord de Braga se retirou, junto com sua comitiva de Panteras e Elmos-Dourados. Drew estremeceu ao vê-lo se afastar. Aos poucos, foi se permitindo voltar à forma humana, enquanto os homens do *Turbilhão* se abraçavam e se cumprimentavam com tapinhas nas costas. Do outro lado do recinto, Leon reunia seus leais servidores. Leões e Mantos-Rubros o cercaram, e os magísteres começaram a trabalhar em seus ferimentos. Assim como Oba, o proeminente Lord ferido ainda tinha aliados poderosos. Lançando-lhes olhadelas constantes, ele viu quando Drew e seus homens se aproximaram do trono de Tigara.

— Proeminente Lord Tigara — disse Drew, fazendo um breve aceno de cabeça ao interromper a conversa do Tigre com Chollo e Opal.

— A maioria dos humanos e transmorfs costuma fazer uma mesura ao se dirigir a mim, Wolflord — ele esbravejou. — E me chame de “Alteza”.

— Se é assim — rebateu Drew, coçando o queixo cinzento —, já que a etiqueta deve ser seguida, talvez seja o caso de me chamar de “Majestade”.

Tigara deu uma risadinha.

— O Lobo é uma figura engraçada.

— Ele é muitas outras coisas além disso — comentou Opal, estreitando os olhos para ele.

— Você precisa libertar os transmorfos que tem como reféns, Tigara — disse Drew, com um tom apaixonado na voz. — Acabe com a tirania e devolva a liberdade aos Werelords de Bast. O sequestro de crianças transmorfas foi o que provocou toda essa situação — complementou, fazendo um gesto para o piso ensanguentado do Fórum.

— Você não entende, Lobo — disse Chollo. — Os reféns são o que mantém as raças de transmorfos de Bast sob controle.

— Por que eles precisam ser controlados? — rebateu Whitley, ansiosa para se juntar à argumentação de Drew. — Rompa de uma vez esses grilhões. É melhor ter aliados em uma luta por escolha própria do que por medo.

— E se eles decidirem não lutar ao nosso lado, Bearlady? — questionou Tigara, medindo a ferida Whitley de cima a baixo.

— Isso é decisão deles — respondeu Drew. — Mas aqueles que *escolherem* pegar em armas a seu lado vão lutar com dez vezes mais orgulho e paixão que antes.

Drew olhou para os Lords transmorfos que ainda permaneciam no recinto, aqueles que não eram Catlords e tinham preferido não continuar vinculados a Oba e Leon. Havia talvez duas dezenas deles, de todas as formas e tamanhos. Ele se aproximou do Rinoceronte.

— Existe um de sua espécie que se chama Krieg, não?

— Meu primo, que acreditamos estar morto — respondeu o transmorfo.

— Ele está vivo e com boa saúde, combatendo em Omir pelo bem do povo da Lyssia. E você — ele falou, batendo no ombro do Mamute. — Beemote está lutando ao lado de Krieg. Jurei a meus companheiros de fuga de Scoria que ajudaria a libertar seu povo em Bast. Estou aqui para cumprir essa promessa.

Ele se virou para Tigara e Chollo.

— Sua neta é uma combatente da causa do povo livre dos Sete Reinos, Tigara. Está enfrentando o exército de Onyx e os Doglords no deserto, junto com Krieg e Beemote.

— Ela está mesmo viva? Não é só um truque de vocês, lyssianos, para jogar a Pantera e o Leão um contra o outro?

— Se for, pelo visto funcionou — acrescentou Lord Chollo.

— Ela é aliada do Lobo — confirmou Opal.

Drew sorriu e estendeu a mão para o Tigerlord.

— Acima de tudo, é minha amiga.

Tigara aceitou o cumprimento de Drew, levando as duas mãos a seu antebraço.

— Eles estão livres, com os antepassados como testemunhas — murmurou o proeminente Lord de Felos.

Opal e Chollo deram um passo à frente, pondo as mãos sobre as do Lobo e do Tigre. Whitley fez o mesmo, com sua pata ainda transformada. Em seguida vieram as mãos do Rinoceronte, do Mamute e do Íbex. Aos poucos os outros transmorfos foram se juntando, ansiosos para fazer o juramento de uma nova aliança.

— Você disse que ela está combatendo no deserto? — perguntou Tigara, assumindo um tom mais sério.

— Sim, em Omir — contou Drew. — Taboo foi em auxílio do rei Faisal, o Chacal, junto com os Hawklords. No momento estão cercados na Falha de Bana pelas forças de Felinos e Caninos.

Tigara e Opal trocaram olhares preocupados.

— O exército que luta em nome de Lucas em Omir, aquele que cercou Taboo e seus amigos em Bana — disse Opal —, é liderado pelo nosso comandante mais temido. Ele pode não ser tão brutal quanto meu irmão no campo de batalha, mas é duas vezes mais ardiloso. Se está fazendo o cerco a seus aliados, eles estão condenados. Só vai parar quando matar a todos, seja com o aço, a prata ou a fome.

— E quem é ele?

— O marechal de campo Tiaz — respondeu Opal. — O Tigerlord.

— Ele é meu filho — acrescentou Tigara, ficando pálido. — E Taboo é filha dele.



O sono eterno pode esperar

Ele não tinha muita certeza do que o havia trazido de volta. Podia ter sido a água congelante do Redwine em torno de suas pernas e cintura, ameaçando desalojá-lo da margem, onde estava deitado. Podia ter sido o sol no rosto, um calor vital que o tirou do sono eterno. Talvez tivesse sido o cheiro das construções ainda queimando ao redor, a fumaça pungente abalando seus sentidos. O corvo em seu peito, bicando-lhe o corpo, certamente dera sua contribuição, fugindo para longe assim que ele acordou.

Mas Trent Ferran achava que a verdadeira razão para ter voltado dos braços da morte era o amor.

Ergueu a cabeça da lama e olhou para seu corpo. Estava afundado na água da cintura para baixo, as pernas imóveis e sem sensibilidade. Não queria nem pensar em quanto tempo ficara jogado ali. Dores terríveis tomaram seu ombro esquerdo quando se moveu, fazendo-o gritar. Era como se um ferro em brasa tivesse sido cravado e torcido em sua clavícula. Rangendo os dentes, ele rolou para o lado. Levantando uma das mãos e depois a outra, enterrou-as na margem do rio e começou a escalar. A subida foi árdua, e o jovem da Costa Gélida escorregou várias vezes de volta para o rio. Suas pernas permaneciam paralisadas, um peso morto.

Quando enfim chegou ao alto da margem, Trent rolou para a grama e ficou deitado lá por um tempo, para recuperar o fôlego. Estendendo os braços, começou a cutucar as coxas com a ponta dos dedos, batendo e beliscando os músculos, até a sensibilidade começar a voltar, aos poucos. Sua pele anestesiada lentamente voltou à vida, aquecendo-se sob os raios do sol.

Ao recuperar os movimentos, pelo menos o suficiente para se deslocar, levantou-se e olhou ao redor. A fumaça ainda subia dos jardins do conde Fripp, com grande parte do palácio ainda em chamas. A bela estrutura estava reduzida a madeira carbonizada e paredes em ruínas, com labaredas

ocasionais lambendo os escombros. A mente de Trent se voltou para a noite terrível em que tudo acontecera.

Podiam mesmo ter sido Werewolves? Relutava em aceitar o fato de que os monstros sanguinários que tinham espalhado o caos pudessem ser criaturas semelhantes a seu irmão. Ele vira Werelords transformados em diversas ocasiões — eles continuavam no controle, retendo a natureza humana que separava homens e animais. Os monstros que haviam matado tantos inocentes e incendiado Bray não tinham demonstrado nada além de uma sede frenética por sangue. Não havia nem um pinga de humanidade em suas formas grotescas.

A imagem que insistia em voltar à sua mente, vez por outra, era a da figura majestática da égua cinzenta, esmagando soldados sob os cascos. Fora Lucas quem comandara o arrombamento dos portões, assassinando o conde Fripp enquanto seus Werewolves passavam. Trent não tinha dúvida nenhuma: o Werelion fora atrás de Gretchen, a noiva que deixara escapar de suas garras. A Raposa de Hedgemoor preferia morrer a casar com Lucas. Onde estaria ela? Os fatos daquela noite estavam confusos na memória de Trent, aparecendo em uma sucessão de imagens isoladas. O que teria acontecido com ela?

Lembrava-se claramente do píer — do píer *deles* — como o último lugar onde vira Gretchen. Com passos trêmulos, caminhou pelo gramado em meio à fumaça, seguindo o curso do rio de volta ao palácio. Havia vultos em meio à névoa, deitados no chão, corpos abertos e desmembrados, largados para os corvos. Reconheceu duas figuras imediatamente: um homem e um menino, lado a lado. O braço do sujeito envolvia protetoramente o garoto. O homem assassinado era o capitão Gerard, amigo de Drew e dos Rapineiros, cujo resgate do cadafalso em Redmire dera início ao levante das Dalelands. Tom, o cavaliário de cabelos loiros que fazia parte do grupo de Trent desde o início, estava com a cabeça afundada na lama logo ao lado. Trent espantou as aves de cima dos cadáveres e murmurou uma prece a Brenn. Em seguida levantou-se e continuou andando, reconhecendo mais corpos, antigos companheiros com quem lutara ao lado de Gretchen em nome de seu irmão. Enquanto isso os corvos o acompanhavam, e seus grasnados eram o novo som predominante em Bray, substituindo a cantoria de crianças e passarinhos.

— Gretchen? — ele gritou quando o contorno do píer surgiu em meio à

fumaça, desaparecendo dentro do Redwine. Caminhando por cima das tábuas, viu uma poça de sangue seco no lugar onde caíra ao ser atacado por uma criatura. Moscas sobrevoavam a mancha vermelha, e seus passos as espantaram. As memórias foram voltando. Sua Wolfshead se afundara no abdome da fera pouco antes de Trent perder a consciência. Sua espada, ainda suja, estava caída ao lado da poça. Fez uma careta ao apanhar a lâmina, a ferida do ombro ardendo como se estivesse em chamas.

Cambaleou então sobre o píer de madeira, seguindo uma trilha vermelha. Lembrava-se de tudo agora. Gretchen estava ferida. Ela mancava sobre o atracadouro. Ele acelerou os passos. Se os ferimentos dela fossem tão graves quanto os dele, ainda estaria viva?

— Gretchen! — berrou ao chegar à beira do cais.

Não havia ninguém por lá. Mais uma poça de sangue manchava a madeira, porém a garota de Hedgemoor não estava ali. Trent desabou, sufocando as lágrimas. Se tivesse caído na água, ela estaria morta. Apesar de ser uma transmorfa, não teria como sobreviver ao frio, principalmente depois de perder tanto sangue. Seu corpo já teria sido carregado até Redmire àquela altura. Trent balançou a cabeça. Recusava-se a acreditar que aquele tinha sido o destino de Gretchen. Não, Lucas e seus Werewolves deviam tê-la capturado. Era isso: o Leão estava com a noiva. Rangendo os dentes, Trent voltou a ficar de pé.

A dor no ombro o atingiu com força de novo, fazendo-o gritar enquanto cambaleava para fora do píer. Os sons de cavalos bufando e armaduras rangendo o fizeram parar. Não estava mais sozinho. Vozes graves vinham carregadas pelo vento do palácio queimado. Numerosos passos se aproximavam do atracadouro pelo gramado, e o ruído pesado e metalizado informava Trent de que eram homens totalmente paramentados para a batalha. Segurando a Wolfshead com a mão trêmula, ele estreitou os olhos em meio à fumaça.

Um a um, os soldados de armadura foram aparecendo como fantasmas na plataforma de madeira. Havia três deles, e o do meio era pelo menos trinta centímetros mais baixo que os companheiros. Ele tomou a frente, pisoteando a madeira do cais com seus passos pesados. Os cavaleiros usavam mantos cinza-chumbo que chegavam até o chão e, nas mãos, carregavam espadas longas e escudos.

— Largue a arma — disse o soldado mais baixo, aproximando-se lentamente de Trent. Sua voz era suave, quase feminina.

— Em nome de quem? — questionou Trent, pronto para se atirar no rio a qualquer momento. Era melhor se arriscar no abraço gelado do Redwine a encarar a justiça do Leão.

— Em nome dos Cavaleiros de Stormdale — respondeu o guerreiro, orgulhoso. Trent viu o símbolo heráldico no peito da armadura do homem, um cervo empinado, símbolo dos Staglords.

— Para trás, Milo — disse uma voz atrás dos cavaleiros, do alto de um cavalo. O soldado menor imediatamente recuou, abrindo passagem para o homem na montaria. Ele não usava elmo, e seu rosto comprido estava franzido em uma careta ao encarar o garoto da Costa Gélida. O manto cinza que usava tinha um barrado de pele branca em torno dos ombros, o que tornava claro que se tratava do líder dos cavaleiros. Sua montaria pisoteava o chão bufando, inquieta, talvez apreensiva com a proximidade da água corrente.

— Milorde — disse Trent, esboçando uma medida desajeitada.

— Ah, é assim que vai me chamar? — rebateu o cavaleiro, encarando-o com desconfiança. — Encontramos Bray destruída e seu povo assassinado e desaparecido. Todos menos você. Qual é seu nome, garoto, e a quem você serve?

— Sou Trent Ferran, irmão do legítimo rei da Westland. Luto ao lado dos Rapineiros de Hedgemoor para Lady Gretchen.

O cavaleiro abriu um sorriso.

— Então nós somos amigos, Trent Ferran. Meu nome é Reinhardt e, na ausência de meu pai, Lord de Stormdale. Venha, deixe o magíster Wilhelm dar uma olhada em seus ferimentos.

— Fui mordido — murmurou Trent, afastando a manga da camisa para que o ferimento fosse examinado. Uma casca espessa saiu junto com o tecido, revelando uma cicatriz rosada mais abaixo. A pele estava sensível ao toque, e o músculo ardia mais embaixo. “A ferida já está cicatrizando. Como é possível?”

— O que você disse, garoto? — perguntou Reinhardt.

— Nada — respondeu Trent, recolocando a camisa ensanguentada de volta sobre a ferida. — Em quantos vocês estão? Estou ouvindo cavalos.

— Somos quinhentos Cavaleiros de Stormdale — ele revelou. — Podemos até ter uma montaria sobressalente para você, irmão do Lobo. Quer se juntar à nossa cavalgada?

— Cavalgada? — perguntou Trent, aproximando-se do Staglord. O cavalo bufou de novo, aparentemente incomodado com a presença do jovem Manto-Cinza.

— Sim — falou Reinhardt, e nesse momento vários outros cavaleiros começaram a se materializar na fumaça às suas costas. — Estamos indo para a guerra.

Sobre o autor



Crédito da foto: Curtis Jobling

O escritor e ilustrador Curtis Jobling nasceu em Blackpool, na Inglaterra, em 1972. Criador das séries de animação infantil *Bob, o construtor* e *O gato Frankenstein*, que lhe renderam os prêmios Bafta e Pulcinella, Jobling tem outro amor: histórias de horror e fantasia. “Wereworld” é sua primeira série para jovens. Saiba mais sobre seu trabalho em www.curtisjobling.com.

Table of Contents

PARTE I - PASSAGEM PERIGOSA

1. Lacaios e serviçais
2. Emissário da morte
3. Agraciado
4. À mesa da capitã
5. Foras da lei
6. Conspiradores

PARTE II - SEM DEFESA

1. Os tentáculos do Kraken
2. A Mãe de Icegarden
3. Olhos mortos
4. O emissário
5. Cortejo
6. Pesca acidental

PARTE III - MARES ESCARLATE

1. Sob a superfície
2. O Piloto
3. O Tubarão, as algemas e uma canção
4. Estranho conselho
5. Banquete para a noiva
6. Grito de Lobo
7. O enfrentamento
8. A justiça do rei

PARTE IV - REVIDE

1. A fortaleza marinha do Kraken
2. Sangue do Lobo
3. Laços rompidos
4. Balada do massacre
5. Tentáculos do terror
6. Cruzando o Redwine
7. A cavalgada do Leão
8. Acerto de contas

PARTE V - A VIRADA

1. O Nêmesis

- [2. A Capela de Brenn](#)
- [3. Amor de mãe](#)
- [4. O afastamento das trevas](#)
- [5. A escolha](#)
- [6. Pescaria](#)
- [7. A história da Tigresa](#)
- [8. Talento desperdiçado](#)

[PARTE VI - ONDAS DE GUERRA](#)

- [1. A floresta esmeralda](#)
- [2. Sangue ruim](#)
- [3. O incêndio de Bray](#)
- [4. O Fórum dos Anciãos](#)
- [5. Aprisionado](#)
- [6. O triângulo partido](#)
- [7. O sono eterno pode esperar](#)

[Sobre o autor](#)